

Daniela Maria Maciel Ribeiro

**A vinda dos portugueses das ex-colónias para
Portugal – contributos da educação social para
compreender a cidadania usando narrativas
biográficas**



**Universidade do Algarve
Escola Superior de Educação e Comunicação
2016**

Daniela Maria Maciel Ribeiro

**A vinda dos portugueses das ex-colónias para
Portugal – contributos da educação social para
compreender a cidadania usando narrativas
biográficas**

**Dissertação
Mestrado em Educação Social**

Trabalho efetuado sobre a orientação de:

Professora Doutora Rosanna Barros



**Universidade do Algarve
Escola Superior de Educação e Comunicação
2016**

A VINDA DOS PORTUGUESES DAS EX-COLÓNIAS PARA PORTUGAL – CONTRIBUTOS DA EDUCAÇÃO SOCIAL PARA COMPREENDER A CIDADANIA USANDO NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Daniela Maria Maciel Ribeiro

©2016, Daniela Maria Maciel Ribeiro

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos”.

RESUMO

Foi há quarenta anos que os portugueses residentes em Angola viram-se obrigados a deixar tudo para trás e virem para Portugal, uma pátria que não lhes era conhecida. Alguns tinham nascido em Portugal e emigrado muito novos para Angola, e outros já tinham nascido em Angola, nunca conhecendo Portugal.

A vinda dos portugueses das ex-colónias fez com que acontecessem várias mudanças na sociedade portuguesa e provocou um súbito aumento da população no país, o que levou a que fossem criadas novas medidas de ajuda social para colmatar as necessidades sentidas.

A presente dissertação procura demonstrar como é que foi a vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal e qual foi a sua relação com a cidadania social. Foram realizadas seis entrevistas biográficas, e através do cruzamento da teoria estudada e da análise e discussão dos dados obtidos pode-se ter um maior aprofundamento do que aconteceu na trajetória de vida dos portugueses que vieram das ex-colónias e o impacto nas suas vidas da vinda para Portugal.

Palavras-chave: Colonialismo; Angola; Cidadania; Narrativas Biográficas; Educação Social; Transições

ABSTRACT

It was forty years ago that the Portuguese residents in Angola saw themselves forced to leave everything behind and come to Portugal, to a homeland that was unknown to them. Some were born in Portugal and émigré to Angola very young, and others, already born in Angola, had never known Portugal.

The arrival of the Portuguese from the ex-colonies unleashed many changes in the Portuguese society, prompting new measures of social help to bridge the felted needs.

The present dissertation pursuits to show how the arrival of the Portuguese from the ex-colonies to Portugal was and what was their relationship with the social citizenship. Six biographical interviews were performed and through the crossing with the theory studied and the analysis and discussion of the data obtained, it was possible to have a bigger deepening of what happened in the trajectory of life of the Portuguese that came from the ex-colonies and the impact of the arrival to Portugal in their lives.

Key-words: Colonialism; Angola; Citizenship; Biographical Narratives; Social Education; Transitions

À minha família, que desde que me lembro sempre me contou histórias sobre Angola e a Índia.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha orientadora, Rosanna Barros, por todo o empenho, dedicação e disponibilidade que teve ao longo da elaboração da dissertação.

Em segundo lugar às pessoas que aceitaram ser entrevistadas. Sem o contributo delas o resultado não seria o mesmo.

Gostaria de agradecer também à Helena Saiote, Marcelo Ataíde e Sara Batista de Ataíde, que estiveram sempre disponíveis para ajudar no que fosse possível, nem que fosse para me ouvirem.

Por fim gostaria de agradecer à minha família e ao Luís Sousa pelo apoio dado durante a semana em que andei a realizar entrevistas e a transcrevê-las. Sem o vosso amor nada disto teria sido possível.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAAD - Comissão Administrativa e de Assistência aos Desalojados

CATU - Centro de Apoio aos Trabalhadores Ultramarinos

EFTA - European Free Trade Association – Associação Europeia de Comércio Livre

FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola

GADU - Grupo de Apoio aos Desalojados do Ultramar

IARN - Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais

MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola

UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola

UPA - União das Populações de Angola

ÍNDICE

Introdução	3
1 Enquadramento Teórico	6
1.1 Características sócio históricas de Portugal enquanto país semiperiférico.....	6
1.2 Características sócio históricas do Império Colonial português.....	9
1.3 Identidade, fluxos migratórios e cidadania	14
1.4 A importância das narrativas biográficas e percepções para a educação social	20
2 Metodologia	24
2.1 Paradigma interpretativo	27
2.2 Modo de investigação	29
2.3 Método	32
2.4 Técnica utilizada	35
2.5 Análise de Conteúdo	39
2.6 Desenho metodológico desta investigação	42
3 Apresentação, análise e discussão dos dados	44
3.1 Apresentação dos entrevistados	45
3.1.1 Entrevista nº 1: Catarina	45
3.1.2 Entrevista nº 2: Miguel	46
3.1.3 Entrevista nº 3: Carlos	46
3.1.4 Entrevista nº 4: Gisela	47
3.1.5 Entrevista nº 5: Leonor	48
3.1.6 Entrevista nº 6: Matilde	49
3.2 Análise e discussão dos dados	50
3.2.1 Trajetória de vida.....	50
3.2.2 Caracterização demográfica	57
3.2.3 Império colonial.....	60
3.2.4 Retorno	67
3.2.5 Medidas de política social	73
3.2.6 Integração	75
4 Reflexões finais	79
5 Referências Bibliográficas	82
Anexos.....	90
Categorias e Sub-categorias utilizadas nas entrevistas	90
Análise Categorical da entrevista nº 1 – Catarina	92
Análise Categorical da entrevista nº 2 – Miguel	112

Análise Categorial da entrevista nº 3 – Carlos.....	131
Análise Categorial da entrevista nº 4 – Gisela.....	164
Análise Categorial da entrevista nº 5 – Leonor	186
Análise Categorial da entrevista nº 6 – Matilde.....	213
Transcrição das entrevistas	223
Transcrição da entrevista nº 1 – Catarina.....	223
Transcrição da entrevista nº 2 – Miguel.....	251
Transcrição da entrevista nº3 – Carlos	277
Transcrição da entrevista nº4 – Gisela	311
Transcrição da entrevista nº 5 – Leonor.....	333
Transcrição da entrevista nº 6 - Matilde.....	359

INTRODUÇÃO

O tema da presente dissertação é “A vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal e a sua relação com a cidadania social”.

A escolha deste tema prende-se com o facto de a minha família ter vindo das ex-colónias para Portugal, tendo ido viver para um bairro social, o Bairro do Fundo Fomento, localizado no Vale da Amoreira, freguesia do concelho da Moita, distrito de Setúbal, região de Lisboa. Foi nesse bairro que se instalaram nos finais de 1975 alguns milhares de pessoas que vieram das ex-colónias portuguesas.

Os familiares do meu pai vieram da Índia para Angola, e depois de Angola para Portugal após o 25 de abril de 1974. O mesmo aconteceu com os familiares da minha mãe, que viviam em Angola e vieram para Portugal. Vieram juntos no mesmo barco para Portugal mas só se conheceram no bairro de Fundo Fomento. Desde pequena que eles me contam histórias de como foi a integração deles em Portugal e como é que se sentiram discriminados em algumas situações. Sempre tive vontade de um dia contar parte da história de vida dos meus pais, avós, tios e vizinhos que estão no bairro. A minha família continua toda lá, só os meus pais vieram para o Algarve. O bairro é um bairro com muitos problemas sociais, está melhor do que era nos anos 80, mas continua com alguns problemas. O bairro de Fundo Fomento situa-se no Vale da Amoreira. O Vale da Amoreira é considerado a maior comunidade cabo-verdiana da área metropolitana de Lisboa. Existe multiculturalidade, o que transmite um carácter muito próprio de vivência e a alegria contagiante dos povos de África.

A problemática que eu investiguei foi os aspetos da vida deles, primeiro em Angola e, depois, em Portugal. Interessaram-me, especialmente, as diferenças sentidas e as perceções sobre as mudanças que a vida deles sofreu em termos de inclusão/exclusão social. Propus-me investigar a hipótese de ter existido uma perda da raiz cultural e/ou alterações significativas em termos das dinâmicas de cidadania e integração social, cultural e económica. Procurei também efetuar um processo de autoformação para assim conhecer um pouco mais sobre a história da época em que estas transições aconteceram. Procurei saber não só o que foi o 25 de abril de 1974 mas também o que levou a que esse golpe militar acontecesse, quais foram as consequências do mesmo e como é que a vida desses portugueses nas ex-colónias acabou por ser afetada.

Neste sentido, os objetivos da minha investigação são os seguintes:

1 – Aprofundar os conhecimentos sobre o Império Colonial português e a sua posição no sistema mundo durante o século XX.

2 – Aprofundar os conhecimentos sobre a descolonização e o processo de retorno das ex-colónias.

3 – Compreender quais eram as medidas de política social existentes na época para a integração dos ex-colonos no Portugal democrático.

4 – Compreender como é que foi a integração das pessoas que vieram das ex-colónias em Portugal e averiguar relações com a (re) construção da cidadania e da identidade.

5 – Explorar a abordagem biográfica como dispositivo chave para auxiliar o papel da educação social.

A presente dissertação estrutura-se em três partes principais: o enquadramento teórico, a metodologia e a apresentação, análise e discussão dos dados. O enquadramento teórico encontra-se dividido em quatro subpontos: Características sócio históricas de Portugal enquanto país semiperiférico; Características sócio históricas do Império Colonial; Identidade, fluxos migratórios e cidadania; A importância das narrativas biográficas para a educação social. Este capítulo teve como objetivo principal a explicitação e aprofundamento do conhecimento existente na literatura sobre o tema da dissertação, considerando-se importante abordar alguns conceitos a ele subjacentes e que foram utilizados ao longo da interpretação dos dados obtidos.

Na parte da metodologia abordei a metodologia utilizada e quais os métodos e técnicas utilizados e dividi o mesmo em cinco subpontos: Paradigma interpretativo; Modo de investigação; Método; Técnica utilizada; Análise de conteúdo.

Na parte da apresentação, análise e discussão dos dados encontram-se a interpretação dos dados obtidos durante a realização das seis entrevistas biográficas. As entrevistas foram realizadas a pessoas que vivem no bairro, sendo que uma delas atualmente já não vive lá. Na apresentação dos dados encontra-se um resumo da história de vida de cada entrevistado. Seguidamente foi realizada a interpretação dos dados, e dividiram-se as seis entrevistas em tabelas de análise categorial, sendo que as mesmas se encontram nos anexos. Seguidamente foi feita a análise e a discussão dos dados, onde foram analisadas cada categoria e subcategoria, tendo presente os autores e os conceitos

adquiridos no enquadramento teórico, e procurar relacionar os mesmos com os dados obtidos nas entrevistas.

1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 CARACTERÍSTICAS SÓCIO HISTÓRICAS DE PORTUGAL ENQUANTO PAÍS SEMIPERIFÉRICO

A partir do século XVIII, e principalmente durante o período colonial, Portugal era visto no sistema mundial como um país semiperiférico. Segundo Santos, (1985, p. 870) o conceito de semiperiferia foi criado (mas nunca foi aprofundado) por J. Wallerstein, como categoria de relação entre os países periféricos e os países centrais. Porém, o conceito não passa de um conceito descritivo, é bastante vago, é pouco consistente, e negativo. (1985, p.870)

É descritivo porque o conteúdo teórico é bastante reduzido. É considerado vago pois “...são múltiplos e dificilmente quantificáveis os critérios de que decorre a atribuição da posição semiperiférica, ou seja, é difícil saber onde começa e onde acaba o que é intermédio entre os dois pólos (eles próprios pouco definidos)” (1985, p. 870). Assim sendo, o conceito torna-se teoricamente pouco consistente. Por último, é negativo porque as características atribuídas às sociedades semiperiféricas não possuem uma lógica evolutiva específica, sendo que são “...uma mistura das características atribuíveis aos Estados ou sociedades centrais e periféricas”. (1985, p. 870)

Portugal é assim visto pelo autor como “...uma sociedade semiperiférica da região europeia do sistema mundial”, (Santos, 1993, p. 20) e esse conceito foi dado ao longo dos anos a Portugal devido à sua dimensão imperial na altura e das relações atuais com as suas ex-colónias. Portugal é assim visto como “...mediador entre o centro e a periferia”. (Santos, 1993, p. 51)

Ora, no início do século XX, Portugal era um país eminentemente rural, com altas taxas de analfabetismo (Maia, 1985), e vigorava no país o constitucionalismo monárquico, que acabou em 1910 com a implantação da república, contudo, a mesma durou poucos anos. A ditadura foi instalada em Portugal com o golpe militar de 28 de Maio de 1926, tendo o seu apogeu com o regime de António de Oliveira Salazar, denominado de Estado Novo. (Silva, s/d, p. 3110) O Estado Novo deu “...corpo político, social e económico ao movimento de regresso a um universo português ruralista e socialmente arcaico”, (Ribeiro, 2004, p. 20) sendo que o regime foi visto como um regime tradicionalista, nacionalista, conservador e corporativista, tendo

inspirações fascistas. Foi também classificado como um regime ligado à igreja católica, de cariz antiliberal, anticomunista e colonialista.

Através de Salazar dá-se uma afirmação da “...aventura imperial portuguesa”. (Ribeiro, 2004, p. 120) Os manuais escolares criados na época divulgavam a imagem de Portugal como uma potência colonial. Mas não foi só através dos manuais escolares que foi divulgado Portugal como uma potência colonial: existiram também iniciativas de divulgação através de filmes, da rádio, de documentários, sendo que Salazar fazia essas divulgações e demonstrações para mostrar o que era “...ser português”. (Ribeiro, 2004, p. 127) Um dos lemas mais conhecidos do Estado Novo foi “Deus, Pátria e Família”. A partir de 1926, “...as crianças frequentando as escolas do Estado Novo ficaram simultaneamente sujeitas a uma ideologia que lhes era estranha e a um sistema claro de doutrinação política”. (Mónica, 1978, p. 38) A escola primária teve, assim, o papel de “...tentar apagar as lealdades culturais originárias e o de oferecer a nova ideologia oficial”. (Mónica, 1978, p. 38) Salazar chegou a acabar, em 1936, com a formação dos professores primários. (Stoer & Dale, 1999)

Anteriormente ao Estado Novo as despesas do país eram muitas. Antes de 1926 existiram várias desordens sociais, pois o desenvolvimento do capitalismo no nosso país levou a com que começassem a existir problemas no controlo das classes trabalhadoras, com a classe operária a exigir a sua integração social. (Mónica, 1978) O facto de Salazar ter começado a governar o país “...representou o resultado de uma crise hegemónica que levou a uma aliança de classes da grande burguesia rural e industrial, apoiada por sectores significativos da pequena burguesia rural e urbana”. (Mónica, 1978, p. 37) A economia portuguesa estava entre as mais atrasadas a nível europeu. Salazar efetuou então muitas reformas económico-financeiras, reorganizando Portugal de forma a obter a estabilidade nacional. Conseguiu então equilibrar as finanças, aumentando o valor da moeda (o escudo) e combateu a inflação regulando os salários e o preço dos produtos.

Durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), Salazar conseguiu que Portugal se mantivesse neutro, e aproveitou o facto de não conseguir realizar importações para aumentar a produção nacional, aumentando as exportações e começando a exportar mais do que importar, fazendo com que a balança comercial fosse positiva para o nosso país.

Como Salazar queria que Portugal entrasse na EFTA (European Free Trade Association – Associação Europeia de Comércio Livre), a partir dos anos 50 focou-se

mais nalguns dos indicadores valorizados por essa instância, nomeadamente com a educação de adultos. Pretendeu então diminuir o analfabetismo da população, criando em 1952 um Plano de Educação Popular, e entre 1953 e 1959 foi criada uma Campanha Nacional de Educação de Adultos, para ensinar todos os portugueses a saber ler, escrever e contar. Na parte do escrever ensinavam a escrever o nome, sendo considerados alfabetos funcionais. Entretanto “...com a eclosão da guerra colonial em 1961, o Estado aprofundaria, necessariamente, as relações com a economia europeia, iniciadas formalmente em 1959”. (Barros, 2013, p. 99)

Em 1968, Salazar sofre um acidente, sendo substituído por Marcelo das Neves Alves Caetano, que ficou a governar até ao fim do Estado Novo. Em 25 de abril de 1974, inicia-se então

“...uma fase curta, mas intensa, de ruturas profundas na sociedade portuguesa, que ficaria conhecida na história político-social recente de Portugal como o período revolucionário, que termina oficialmente em 27 de julho de 1976, data em que se dá o começo do novo regime constitucional”. (Barros, 2013, p. 101 e 102)

Durante esse período existiram vários governos provisórios. Destaco então a Junta de Salvação Nacional (JSN), que foi constituída por um grupo de militares que foram designados para sustentar o governo de Portugal após o derrube do Estado Novo. Esta Junta de Salvação Nacional esteve em funcionamento entre 26 de abril de 1974 até 1975 para governar um país em processo de transição com uma população de 8,754 milhões de habitantes em 1974 e de 9,903 milhões em 1975. (INE, 1975)

1.2 CARACTERÍSTICAS SÓCIO HISTÓRICAS DO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

O império colonial português foi o primeiro império global da história e é considerado o império mais antigo da história europeia, sendo que teve quase seis séculos de existência, começando com a conquista de Ceuta (em 1415), e terminando com a devolução da soberania de Macau à China (em 1999). Atualmente, 53 países fizeram parte do império português. (Haag, 2012)

A costa de África começou a ser explorada em 1419. Em 1488 Bartolomeu Dias dobrou o Cabo das Tormentas (sendo que depois começou a chamar-se Cabo da Boa-Esperança), em 1498 Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia e em 1500 o Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. (Haag, 2012) Goa tornou-se a capital do Estado da Índia e conseqüentemente passou a ser o "...centro de difusão da notícia às restantes cidades e fortalezas" do Estado da Índia. (Ferreira, 2011)

O primeiro português a chegar a Angola foi o navegador Diogo Cão, que em 1480 fez uma viagem para explorar a África ocidental e entre 1482 e 1484 atingiu Angola. Apesar de a presença portuguesa no país ter começado nessa altura, o território só foi delimitado no início do século XX. O nome Angola surgiu no século XVI e vem do termo Ngola¹.

Em 1822, com a independência do Brasil, o comércio triangular entre Portugal, Brasil e Angola ficou complicado, sendo que "A influência política brasileira sobre Angola ficou praticamente extinta após o acordo firmado entre o Brasil e Portugal, que colocava a Colônia africana integralmente sobre o domínio português". (Filomena & Cheron, 2008, p. 8)

A "...história colonial portuguesa entre os séculos XVII e XIX é dominada pelo tráfico de escravos ultramarino", (Dias, 1991, p. 129) sendo que o mesmo autor refere que apesar da escravatura ter sido abolida legalmente em África em 1850, existiu "...persistência da escravidão nas colônias portuguesas". (1991, p. 132)

Em 1930, existiam em Portugal 7 milhões de habitantes, sendo que 80% viviam no campo. (Mónica, 1978) O nível cultural dos portugueses era bastante baixo, e em "...muitas povoações quase só existiam analfabetos". (Mónica, 1978, p. 71) A pobreza e o desemprego levaram a que existisse uma elevada taxa de emigração. (Mónica, 1978)

¹ Vem do termo Ngola, que era o título de um dos potentados Ambundos que existia no Antigo Reino do Ndongo.

Após a II Guerra Mundial (1939-1945), as décadas de 50 e 60 ficaram na história como sendo "...um marco em termos de descolonização da África, com mais de cinquenta colônias se tornando nações independentes, porém o rigor do Governo de Salazar em Portugal debelou todas as tentativas de independência empreendidas pelas colônias da África". (Souza, Silva, Dilman, Guedes & Leite, 2011, p. 6) Existiram colônias francesas, como o Congo e a Argélia, que conquistaram a sua independência entre a segunda metade dos anos 50 e princípio dos anos 60, mas as províncias ultramarinas, que iniciaram a luta pela independência também nessa altura, só conquistaram a sua independência após anos de luta com Portugal. (Filomena & Cheron, 2008, p. 2)

A dependência da Índia ocorreu em 1947 e Portugal manteve os seus territórios: Dradá e Nagar-Aveli, Goa, Damão, Diu e a ilha de Anjediva. Em 1954 Dradá e Nagar-Aveli deixaram de pertencer a Portugal, em dezembro de 1961 as cidades de Goa, Damão e Diu também deixaram de pertencer a Portugal, e por último a ilha de Anjediva, em 1962. (Moço, 2012) As "...primeiras informações que chegaram a Lisboa sobre a queda do Estado Português da Índia eram confusas", (Moço, 2012, p. 56) sendo que nas "...principais cidades da metrópole e da África portuguesa, surgiram vigílias e manifestações", (Moço, 2012, p. 56) e o Salazar recusou-se a reconhecer a soberania da Índia sobre os territórios outrora portugueses.

Em 1968, com a doença de António de Oliveira Salazar, Marcelo Caetano assume o lugar de Presidente do Conselho, e continua a seguir "...as ideias de Salazar, apenas tenta-lhes dar um conteúdo de modernidade, mas as convicções autoritárias e anti partidárias permaneciam, bem como a guerra colonial", (Silva, s/d, p. 3111) sendo que "...a guerra colonial foi a causa directa da sublevação militar que, no dia 25 de Abril de 1974, aconteceu em Portugal e instaurou um regime democrático". (Silva, s/d, p. 3111) O que tinha acontecido no antigo Estado Português da Índia levou a que existisse um "...crescente processo de descontentamento de um conjunto de militares...", (Moço, 2012, p. 178) resultando num "...pronunciamento militar de 25 de abril de 1974 que derrubou o Estado Novo e com a posterior entrega das províncias ultramarinas ao movimentos nacionalistas". (p. 178 e 179)

A partir desta altura Portugal finalmente reconheceu a ocupação indiana nos seus territórios anteriormente designados por Estado Português da Índia e conseguiu restabelecer as relações diplomáticas com a Índia.

O golpe militar do dia 25 de abril de 1974, levado a cabo pelas forças armadas portuguesas, teve como principal objetivo o derrube da ditadura e acabar com a guerra colonial (1961-1974), pois a guerra colonial começou numa altura em que as outras grandes potências europeias já tinham finalizado o seu processo de descolonização, o que fez com que Portugal ficasse na história como o país europeu que mais tempo demorou a realizar o processo de descolonização no território africano. (Vieira, 2013).

A descolonização “...permitiu em 1974-75 um acesso pleno à independência política das ex-colónias, mas, ao mesmo tempo, deixou pesados obstáculos à passagem dessa realidade política a correspondente realidade económica”. (Murteira, 1986, p. 895)

O conflito armado levou à saída - com destino a Portugal, mas também à África do Sul e ao Brasil - da maior parte dos cerca de 350 000 portugueses que na altura estavam radicados em Angola (Bender & Yoder, 1974). Este ciclo conturbado e revolucionário veio transformar a sociedade portuguesa e, tal como Gonçalves (2000) afirma,

A ausência do neo-colonialismo hegemónico português provocou uma luta aberta entre vários neo-colonialismos que levou Angola e Moçambique a uma guerra longa e devastadora. (...) A independência dos cinco países de língua oficial portuguesa teve lugar no decurso das grandes transformações da sociedade portuguesa com a revolução do 25 de abril. (p.10)

Como afirma o autor, isto foi decisivo para a “eclosão da revolução e para a transição democrática”. (p.10)

Inicialmente as autoridades portuguesas não previram essa saída massiva das ex-colónias e pensavam que depois da independência de Angola a maior parte dos portugueses que lá residia fossem ficar lá a residir, mas a insegurança e o medo começaram a apoderar-se das pessoas que lá viviam devido aos confrontos entre os movimentos de libertação que começaram a aumentar, sendo que “...as antigas rivalidades entre os três movimentos independentistas transformam-se num conflito aberto e o país mergulha na guerra civil”, (Salvadori, 2004, p. 601) pois “...o momento do acesso à independência política (...) coincide, aproximadamente, com o deflagrar da aguda crise mundial, que (...) teve consequências particularmente desfavoráveis em

África. A jovem África lusófona emerge do estatuto colonial quando o meio económico envolvente assume características fortemente recessivas”. (Murteira, 1986, p. 895)

O colonialismo português não teve as necessárias condições para “...preparar a metamorfose neocolonial. Por outro lado, as descolonizações de rutura não podem deixar de criar traumatismos violentos nas ex-colónias, tanto mais que, mesmo quando, de parte a parte, houve condições para estabelecer relações de cooperação de interesse mútuo, Portugal não manifestou vontade e capacidade política suficiente nesse domínio”. (Murteira, 1986, p. 896)

Isso levou a que existissem vários movimentos de libertação em Angola, que começaram a surgir nas décadas de 50 e 60. Segundo Souza, Silva, Dilman, Guedes e Leite (2011), podem destacar-se os seguintes três movimentos que tiveram mais protagonismo no antes e depois da independência de Angola: a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

A Frente Nacional de Libertação de Angola surge em 1962, “...em virtude da União das Populações de Angola (UPA) ter-se aliado ao Partido Democrático de Angola. A FNLA tinha o apoio da República Democrática do Congo, na época Zaire, da China e de mercenários portugueses e ingleses”. (Souza, Silva, Dilman, Guedes & Leite, 2011, p. 6)

O Movimento Popular de Libertação de Angola foi fundado em 10 de Dezembro de 1956, e atualmente o presidente é o José Eduardo dos Santos. (Souza, Silva, Dilman, Guedes & Leite, 2011)

Já a União Nacional para a Independência Total de Angola foi fundada em 1966, por Jonas Malheiro Sidónio Savimbi, e contava com o apoio da África do Sul (Souza, Silva, Dilman, Guedes & Leite, 2011)

Angola pagou pela guerra civil um preço que extrapolou os interesses nacionais, por interferência da “guerra fria”, o que causou muitas vítimas diretas e indiretas, oportunidades desperdiçadas de crescimento e de avanços sociais (Souza, Silva, Dilman, Guedes & Leite, 2011, p. 8) e acabou por passar “...por um período de 26 anos em conflito interno (1975 - 2002)”. (Souza, Silva, Dilman, Guedes & Leite, 2011, p. 1)

Coincidindo com a conquista da independência das ex-colónias portuguesas em África, “...a economia mundial em 1974-75 encontrava-se num período de profunda crise, cujas manifestações mais evidentes se prolongaram durante uma década e penalizaram (...) ainda duramente os países do Terceiro Mundo, em particular os mais

pobres”. (Murteira, 1986, p. 891) O contexto da guerra fria dividia o mundo entre zonas de influência das duas potências mundiais: Estados Unidos e União Soviética,

a“...sendo que a guerra fria teve um impacto decisivo nos desdobramentos ocorridos na década de 70 do século passado, pois aliada à defesa dos interesses econômicos americanos, a questão política sempre perpassava na mente dos formuladores governamentais que precisavam visualizar o mundo de acordo com as interligações entre capitalistas e comunistas, além disso, era fundamental analisar sempre os interesses da URSS”. (Marinho, 2010, p. 2)

Assim sendo, esta foi uma época em que ocorreram várias mudanças políticas e sociais, existindo uma luta pelo poder entre as duas grandes potências da época, sendo que os anos 70 acabaram por ser fundamentais na “...reestruturação do poder global americano”, (Marinho, 2010, p. 8) e levando à decadência da URSS.

1.3 IDENTIDADE, FLUXOS MIGRATÓRIOS E CIDADANIA

Devido ao processo de descolonização e ao facto de terem começado as revoltas em Angola, os portugueses residentes em Angola viram-se obrigados a deixar tudo para trás e a saírem do país, sendo que a independência de Angola aconteceu a 11 de novembro de 1975.

A “...integração dos retornados na sociedade portuguesa, é geralmente apresentada como tendo sido relativamente fácil e rápida ainda que se verifiquem inúmeros casos dramáticos de não-integração”. (Faria & Pinto, 1996, p. 8)

Chegados ao nosso país foram chamados de retornados pois estavam a retornar a um país que era deles. Devido ao facto do conceito “retornados” ser frequentemente utilizado com um sentido pejorativo optei pela não utilização do mesmo ao longo desta dissertação.

Para além do retorno de portugueses que moravam em Portugal e tinham ido na altura do regime ditatorial do Estado Novo para Angola, também existiam os filhos dos portugueses que nunca tinham conhecido Portugal e a chamada pátria era-lhes desconhecida. Tal como Pires (2003) afirma,

Os elementos estatísticos disponíveis permitem concluir que a maioria dos portugueses radicados nas colónias tinha emigrado para África nos anos 50 e 60 [...]. Esta intensificação da emigração para as colónias coincidiu com uma profunda reorientação do sistema colonial português. [...] Como suporte privilegiado destas novas orientações políticas, foi incrementada por diversas formas a emigração para as colónias [...]. A intensificação e configuração da emigração para as colónias nos anos 50 e 60 permitem explicar algumas das características centrais posteriormente observáveis na população repatriada – predomínio dos (anteriores) emigrantes de primeira geração e dos grupos etários mais jovens, bem como uma qualificação média mais elevada que na restante população portuguesa. (p.194)

A vinda dos portugueses das ex-colónias provocou mudanças na sociedade portuguesa, sendo que “...a inclusão na sociedade portuguesa de um grande número de indivíduos com trajetórias muito distintas das que caracterizavam a grande maioria dos

portugueses e naturalmente veio induzir novos saberes, estilos de vida e valores”. (Faria & Pinto, 1996, p. 14-15)

A integração na sociedade portuguesa foi complicada para muitas das pessoas que vieram das ex-colónias. Como afirmam Faria & Pinto, (1996)

Nos primeiros anos após o retorno o sentimento que mais persiste na população é o sentimento de revolta e de desespero. As tentativas de integração na sociedade portuguesa foram muitas vezes malogradas pelo facto de pertencerem a um grupo estigmatizado onde a média das idades não ajudava a sua integração profissional. Mais do que a integração profissional, a integração cultural foi em certos aspectos traumática. Se por um lado assistiram à queda do seu estatuto socio-económico, por outro lado desesperaram com as profundas diferenças sociais. (p.87-88)

A população portuguesa foi vista como “...um grupo que dificultou o processo de integração”. (Faria & Pinto, 1996, p. 86) Ainda segundo estes autores,

Assim que chegaram a Portugal, os retornados depararam-se com uma série de manifestações contra o seu regresso. Acusados de serem racistas e de virem ocupar os empregos dos residentes, é criada uma relação de hostilidade e de afastamento entre os dois grupos sociais. (p.87)

Devido ao súbito aumento da população portuguesa, tiveram que ser criadas novas medidas para ajudar as pessoas que vieram das ex-colónias e, assim sendo, o Ministério do Ultramar criou em 1974 dois núcleos de apoio a desalojados. O primeiro foi a Comissão Administrativa e de Assistência aos Desalojados (CAAD) criada para resolver problemas das pessoas que provinham da Índia Portuguesa e o outro foi o Centro de Apoio aos Trabalhadores Ultramarinos (CATU) que apoiava os trabalhadores cabo-verdianos (Leandro, s/d, s/p.). Foi então criado, em agosto de 1974, o Grupo de Apoio aos Desalojados do Ultramar (GADU) que procurou conceder subsídios de alimentação, alojamento, emergência, entre outros.

Apesar de tudo este organismo veio revelar-se insuficiente pois era cada vez maior o número de pessoas que vinham das ex-colónias e que se dirigiam até este organismo a pedir auxílio.

Foi então criado pelo governo, a partir do Decreto-Lei N.º 169/75 de 31 de Março, o Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN). O IARN

...assumiu responsabilidades em todas as áreas, Funcionava como se existisse nele uma Administração Pública só para retornados. E assim era porque os serviços normais do Estado afastaram os problemas ajudando, ainda por cima, a aumentar a carga negativa da palavra retorno. Os retornados eram seres indesejáveis, talvez porque vinham reduzir ou eliminar a supremacia das influências dos que pretendiam instaurar em Portugal um regime autoritário de esquerda marxista. (Leandro, s/d, s/p.)

O IARN teve que montar estruturas e serviços para responder às solicitações. Recebia os regressados, fornecia alojamentos, subsídios de família, bolsas de estudo, entre outros. O IARN acabou por ser extinto no ano de 1981, pelo Decreto-Lei n.º 97/81, de 2 de maio.

Os resultados oficiais do último recenseamento dos desalojados, apurados em 31 de dezembro de 1977 e confirmados em 30 de junho de 1978, permitiram registrar a chegada a Portugal de 463 315 cidadãos vindos das ex-colónias num curto espaço de tempo, a maior parte em 1975, destacando-se os meses de setembro e outubro. (Ribeiro, 2002)

A questão do alojamento foi, talvez, a questão mais complicada a ser resolvida, pois pensava-se que os portugueses que vinham das ex-colónias teriam familiares em Portugal ou uma casa, o que na maior parte dos casos não acontecia. No distrito de Setúbal

...o INATEL da Costa da Caparica foi cedido em maio de 1975 e só em outubro/novembro foram disponibilizadas novas unidades, como a Caritas e mais dois estabelecimentos do Inatel e os I.O.S47. O INATEL da Costa da Caparica destinava-se, numa primeira fase, a funcionar como local de triagem médico-social, traduzindo, assim, características de permanência limitada. Contudo, dadas as condições do momento, a falta de recursos económicos dos que chegavam e o agravamento do problema habitacional, depressa se transformou em alojamento permanente. As

cerca de 2 000 pessoas ali alojadas e o agravamento da situação determinaram que no mês de agosto fosse destacada para o local uma equipa de técnicos de Serviço Social. (Vieira, 2013, p. 45)

A solução encontrada para esse problema foi espalharem as pessoas por Portugal, separando-as pois não queriam que elas ficassem todas juntas. Havia o receio que todos os ex-colonos se juntassem, que não se quisessem integrar e que começassem uma revolta.

Entretanto o Bairro do Fundo Fomento, localizado no Vale da Amoreira, estava a ser construído para a PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), mas foi ocupado pelas pessoas que vieram das ex-colónias, sendo que algumas ocuparam por livre vontade e outras foram avisadas pelos militares. A solução encontrada foi mudarem as fechaduras e depois de os deixarem ficar lá tiveram a ajuda dos militares nos primeiros tempos para o fornecimento de água e alimentos.

É nesse bairro que reside a população-alvo deste estudo. No bairro existe muita diversidade cultural sendo que a mesma pode ser vista como algo que

...caracteriza as sociedades europeias contemporâneas não é recente nem foi trazida pela imigração, se pensarmos nas minorias já presentes ao tempo da formação dos Estados-nação no século XIX (...), mas é inegável que a intensificação das migrações internacionais desde o fim da segunda guerra mundial contribuiu decisivamente para tornar a diversidade cultural mais notória... (Jerónimo, 2015, p. 11)

Estes fenómenos traduzem-se no panorama multicultural deste contexto, pois segundo os censos de 2011, no Vale da Amoreira residiam 9864 pessoas. (INE, 2011), sendo que apesar de os cidadãos de nacionalidade portuguesa estarem em maioria (55%), estão presentes pessoas de nacionalidade cabo-verdiana (15%), angolanos (10,3%), guineenses (10%), são-tomenses (3,4%), moçambicanos (2,9%), entre outras, o que justifica a pertinência de um dos objetivos que tinha enquanto investigadora, que era o de tentar compreender como é que foi a integração das pessoas que vieram das ex-colónias em Portugal e averiguar relações com a (re) construção da cidadania e da

identidade. Assim sendo, considero importante definir melhor o que é a cidadania e a identidade.

A cidadania está ligada à vida em sociedade, uma condição de igualdade política e civil. (Filho & Neto, s/d) Carvalho (2008) afirma que a cidadania consiste em coexistir dentro de uma sociedade três direitos: sociais, civis e políticos.

Os direitos sociais incluem o direito a um salário justo, à educação, à saúde, ao trabalho e reforma. (Carvalho, 2008)

Os direitos civis são os direitos fundamentais para que uma pessoa tenha direito à sua liberdade, à igualdade perante a lei, à vida e à propriedade. (Carvalho, 2008)

Os direitos civis só existem se existirem direitos políticos, sendo que estes se referem à "...participação do cidadão no governo da sociedade". (Carvalho, 2008:9)

Pode então afirmar-se que a cidadania é participar na vida da comunidade, respeitando as outras pessoas e o meio onde vivem. Ou seja, cada cidadão pode exigir que os outros o respeitem mas também tem que respeitar os outros, deve existir uma relação recíproca entre deveres e direitos.

Se considerarmos que a identidade nacional é, "...um conjunto de crenças e representações simbólicas que dão sentido ao conceito individual de cidadania", (Medeiros, 2002, p. 98) sendo que a "...cidadania não deixa de estar associada à ideia de nação, como comunidade histórica de cultura, e de pátria..." (Silva, 2004, p. 21), e é vista como "...um estatuto jurídico que liga indivíduos...", (Jerónimo, 2015, p. 3) então percebe-se que o conceito de cidadania é bastante importante para os indivíduos, principalmente para aqueles que são migrantes, sendo que a cidadania pode ser interpretada a partir do direito à nacionalidade.

Por outro lado, segundo Jerónimo (2015), a cidadania implica sempre que exista exclusão, sendo que essa exclusão é "...um correlato necessário do papel que a cidadania ainda assume como alicerce identitário – mais ou menos forte, mas indelével – dos indivíduos e das comunidades políticas a que estes pertencem e representará uma maior ou menor injustiça consoante os critérios usados para o acesso ao estatuto e o leque de direitos reservados para os cidadãos". (p. 6) A cidadania acaba por ter um papel importante para a integração dos migrantes na sociedade que os acolhe. As identidades coletivas que os indivíduos partilham são "...necessárias para assegurar a solidariedade cívica por sobre as diferenças étnicas..." (Jerónimo, 2015, p. 15)

O aparecimento do conceito de direitos "...sugere que a própria ideia de direitos, e, portanto, a própria cidadania, é um fenómeno histórico". (Carvalho, 2008, p. 11) Foi nos países onde a cidadania mais rapidamente se desenvolveu que surgiu a educação popular. A mesma permitiu que as pessoas tivessem consciência dos seus direitos e que se organizassem para conquistarem os mesmos. Nos países onde existe a ausência de educação popular não existe a construção da cidadania política e civil. (Carvalho, 2008)

No que respeita à educação popular, o tema irá ser desenvolvido no próximo ponto, através da abordagem à importância das narrativas biográficas e percepções para a educação social, que está intimamente ligada com a educação social e a educação de adultos.

1.4 A IMPORTÂNCIA DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E PERCEÇÕES PARA A EDUCAÇÃO SOCIAL

A história de vida pode ser definida como a história que uma pessoa decide contar sobre a sua vida, aquilo que ela recorda sobre a mesma e quer que os outros saibam acerca dela (Atkinson, 2002), não esquecendo que cada história de vida é sempre única e individual, ou seja, pertence à pessoa que a conta e que vê os acontecimentos da época através da sua vivência. Assim sendo, pode-se afirmar as histórias de vida não são a vida real, elas são representações reconstruídas de experiências que o indivíduo vivenciou. Elas podem ser vistas como um contraste entre outras histórias de outros indivíduos que viveram acontecimentos semelhantes. A individualidade e a identidade são construídas socialmente no decorrer da vida de cada indivíduo e estão em constante mudança. (Rabelo, 2011). As histórias de vida são interacionistas, construtivas, contextuais e narrativas.

As narrativas biográficas costumam ser utilizadas em pesquisas sobre a educação (Gussi, s/d) e ajudam a compreender a complexidade das histórias contadas pelas pessoas acerca da sua vida. Ao narrar a sua história a pessoa pode omitir, voluntariamente ou não, aspetos que o investigador poderia considerar relevante no ponto de vista sociológico. As narrativas são "...reveladoras de contextos sócio-históricos em que elas se inserem, como processos de constituição dos sujeitos, bem como o resultado do encontro entre o biografado e o pesquisador". (Gussi, s/d, p. 1) Elas são um conjunto de experiências ditas pelo indivíduo, sendo que é importante analisar o contexto social onde ele está inserido. Cabe ao investigador compreender não só "...o que é narrado ou quem faz a narrativa, mas também é necessário compreender como se constrói a narrativa no momento do encontro do pesquisador com sujeitos". (Gussi, s/d, p.7)

O objetivo das narrativas biográficas é compreender a vida conforme é relatada pelo sujeito e a forma como o próprio interpreta o que vivenciou. O investigador procura então ter assim acesso a uma realidade sociopolítica mediada pelos acontecimentos da vida de um indivíduo. Por isso, o investigador deve procurar fazer emergir os sentidos que cada pessoa pode encontrar nas relações existentes ao longo da sua vida. O investigador tem que ter em atenção que as histórias de vida não são a vida real, e sim representações construídas sobre a experiência das pessoas. Assim sendo, a

análise das narrativas biográficas inserem-se “...nos campos de investigação educacional com grande força, por possibilitar a compreensão das práticas, motivações e escolhas que são amplamente calcadas na experiência humana”. (Rabelo, 2011, p. 14)

No âmbito da investigação social as narrativas biográficas estão inseridas nas metodologias qualitativas, sendo um método essencial na recolha de dados sobre uma determinada época, sendo que

O relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que ele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (Queiroz, 1987, p. 275, citado em Holzmann, 2002, p. 46)

O investigador deve ter em atenção o processo da investigação narrativa: deve fazer a transcrição dos dados, a análise das entrevistas e a escrita da narrativa.

Este método torna-se então importante no trabalho desenvolvido pelo educador social, pois o campo da educação social é muito amplo e engloba o campo “...escolar e o não-escolar, o formal, o informal e o não-formal”. (Gadotti, s/d, p. 11) Sobre o campo escolar é importante salientar que deve procurar-se que os alunos troquem ideias, em vez de o professor as ditar, que se debatam e se discutam temas em vez de o professor apenas discursar durante a aula. (Freire, 1967) É importante que a escola seja assim desde o ensino primário ao ensino secundário, pois só assim é possível formar “...homens que se integrassem neste impulso de democratização”. (Freire, 1967, p. 97) Também é importante a educação popular, que é vista como o “...desenvolvimento de dimensões educativas das práticas sociais, privilegiando as condições e os recursos para a capacitação, para aquisição de competências para agir, nas oportunidades e virtualidades formativas e comunitárias dos momentos e práticas lúdicas”. (Melo, 1998, p.35) Esta promove a cidadania democrática e leva a que os indivíduos deem valor e percebam o que é a liberdade e igualdade, promovendo a mudança social.

A educação social é “...uma forma de ofertar ao sujeito uma formação diferenciada da escola, é uma alternativa educativa que pode promover o entendimento social, político e cultural de uma realidade que é ligada, mas diferente da realidade escolar”. (Souza e Müller, 2009, p. 4) Tem como objetivo que exista um

desenvolvimento social do indivíduo, sendo que o principal grupo-alvo desta profissão são indivíduos que se encontram em grupos vulneráveis ou de risco social. A educação durante a vida inteira de um indivíduo leva a que o indivíduo esteja sempre a ser moldado e a ter um pensamento autocrítico, levando a que conteste e que aja quando algo menos positivo acontece. Ela consiste na construção contínua do indivíduo, de ele ser capaz de saber quais são as suas aptidões e de distinguir o que quer e forma de atingir determinado objetivo. A educação social é vista como uma educação não formal.

O trabalho realizado pelo educador social é em alguns aspetos semelhante ao do assistente social. Porém, sendo eu assistente social, noto algumas diferenças quer no trabalho realizado pelos dois profissionais quer nos conteúdos aprendidos durante a licenciatura e mestrado.

O assistente social atua na resolução de problemas do ser humano, promovendo a mudança social e tenta trabalhar na transformação da sociedade juntamente com as pessoas e grupos na comunidade em que está inserido, de forma a obter o bem estar social. O trabalho do assistente social segue muitas vezes a seguinte lógica: primeiro dá um peixe, depois ensina a pescar, e no fim realiza um piquenique comunitário.

O educador social concebe, implementa e avalia programas sociais e educacionais para pessoas em situação de exclusão social, idosos, população em situação de risco e pessoas com deficiência. O educador social deve portanto procurar fomentar o diálogo intercultural para conseguir dessa forma que exista inclusão social. A educação realizada pelo educador social tem como objetivo o desenvolvimento social do indivíduo, criando condições de bem estar junto ao mesmo. O educador procura promover a vida e desenvolvimento da comunidade e tem que estar atento à dinâmica cultural da mesma. O educador social depara-se atualmente

...com um duplo desafio: por um lado, encetar uma compreensão racional dos conflitos, uma vez que a intervenção do educador se situa, como reflexão crítica, nestas tensões sociais que se inscrevem na fronteira entre a ética e a antropologia; e, por outro lado, redefinir o seu papel e o enquadramento teórico-prático da sua intervenção, mediada pela dimensão cultural, neste contexto pluralista actual. (Gonçalves, 2006:113)

A educação social é também definida como um caminho, que junto com outros, pode compor um cenário mais viável para a inclusão de pessoas e categorias consideradas excluídas na atual conformação da sociedade, pois faz com que o sujeito esteja em "...diálogo constante com o outro". (Freire, 1967, p. 90) Por meio da educação, mas não só por ela, pode contribuir-se para que haja garantia de direitos e justiça social. (Souza e Müller, 2009) Assim, pode afirmar-se que a educação das massas oprimidas é vista como algo fundamental para o homem, pois a educação leva a que exista uma força de libertação e de mudança, (Freire, 1967) e procura possibilitar o homem de pensamento autocrítico para que haja uma "...educação para o desenvolvimento e para a democracia...". (Freire, 1967, p. 89)

Ainda seguindo a linha de pensamento de Freire, podemos constatar que é importante que a educação possibilite ao homem ferramentas para que o mesmo possa discutir uma determinada problemática, e inserir-se na mesma. Procura-se que o homem ganhe "...a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio "eu", submetido às prescrições alheias". (Freire, 1967, p. 90)

Analisando agora o caso português, entre 1974 e 1976, as "pedagogias de Freire foram a norma e não a alternativa", (Stoer & Dale, 1999, p.68) sendo que após a revolução de abril procurou alterar-se a cultura política do país. Assim sendo, foram apresentados programas de educação que tiveram como objetivos: expansão da cultura e educação a todos os cidadãos; solidariedade entre os sectores urbanos e rurais; criação de uma lógica de educação baseada em toda a comunidade. Dado que é neste período que se dá a vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal, procurei averiguar até que ponto as narrativas biográficas recolhidas se traduzem, ou não, esta abertura, solidariedade e espírito de inclusão e comunidade.

Para estes objetivos serem concretizados ter-se-iam de realizar campanhas de alfabetização, de dinamização cultural, ocupação de escolas desde o ensino primário ao secundário, ocupação de casas desabitadas e o movimento dos trabalhadores sociais.

Assim levava-se a que existisse mais alfabetização e ao mesmo tempo verificasse um aumento do poder popular. (Stoer & Dale, 1999) Em Portugal isso só começou a se verificar a partir do 25 de abril. Ainda assim é necessário desenvolver-se mais a área da educação, como por exemplo a educação de adultos e redefinir-se o papel do educador social e do assistente social.

2 METODOLOGIA

O conceito de metodologia pode-se definir como “...um conjunto de operações ou actividades que, dentro de um processo pré-estabelecido, se realizam de uma maneira sistemática para conhecer e transformar a realidade”. (Ander-Egg, 1995, p. 32)

Procurou-se romper com o senso comum pois, como Santos (1989) afirma,

...a ciência constrói-se, pois, contra o senso comum e, para isso, dispõe de três actos epistemológicos fundamentais: a ruptura, a construção e a constatação. Porque essenciais a qualquer prática científica, esses actos aplicam-se por igual nas ciências naturais e nas ciências sociais. São, contudo, de aplicação mais difícil nestas últimas. Por um lado, porque as ciências sociais têm por objecto real um objecto que fala, que usa a mesma linguagem de base de que se socorre a ciência e que tem uma opinião e julga conhecer o que a ciência se propõe conhecer. (p.33)

A metodologia utilizada para a elaboração desta dissertação combinou uma análise e pesquisa documental e bibliográfica, com o método das histórias de vida e narrativas biográficas.

A pesquisa e análise documental “...apresenta-se como um método de recolha e de verificação de dados...” (Saint-Georges, 1997, p. 30), através da qual se tem acesso a fontes escritas ou não e podem analisar-se dados e utilizar-se apenas fontes escritas, (ou não), nomeadamente, publicações periódicas, livros e registos diversos. Como “...o social é um fenómeno cuja natureza dinâmica e complexa supera largamente todas as modelizações por muito ricas que se apresentem”, (Aires, 2015, p.7), procurou utilizar a investigação qualitativa, sendo que na mesma “...as decisões são tomadas à medida que este avança” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 85) A investigação qualitativa faz parte de um campo transdisciplinar e interdisciplinar, faz parte tanto das ciências humanas como físicas e não “...possui um conjunto de metodologias próprias...”, (Aires, 2015:13) ou seja os investigadores é que escolhem qual o método e as técnicas que querem utilizar na sua investigação. Sendo assim existe um leque imenso de técnicas que podem escolher, no meu caso escolhi o método da entrevista, focando-me nas narrativas de

cada entrevistado sobre a sua história de vida, desde que nasceu até ir para Angola (ou já ter nascido lá) e ter vindo depois para Portugal.

A procura das fontes iniciou-se numa lógica de bola de neve em que se foi pedindo registos a pessoas que tinham livros e documentos sobre o tema e também foi feita pesquisa nas bases de dados de bibliotecas e na *b-on*².

O investigador deve combinar as suas próprias observações com as observações dadas pelo entrevistado, procurando obter os significados que os entrevistados atribuem às suas experiências vividas. (Aires, 2015)

Assim sendo, o investigador tem que fazer a sua pesquisa no terreno se quer obter informações, “...orientando-se por duas persuasões básicas: persuasão científica que define e descreve a natureza da realidade social, e persuasão epistemológica que determina e orienta o modo de captar e compreender a realidade”. (Aires, 2015, p. 16)

Neste capítulo irei abordar o conceito de paradigma interpretativo, o modo de investigação utilizado, o método e a técnica utilizada, finalizando o mesmo com a definição do que é a análise de conteúdo e a apresentação do desenho concreto adotado para esta investigação.

Na parte do paradigma interpretativo explico não só esse paradigma como também explico brevemente o paradigma positivista e sociocrítico. Tal revelou-se necessário para melhor se conseguir compreender o que era o paradigma interpretativo e como era diferente dos outros dois.

Na parte do modo de investigação utilizado explico o que é a investigação qualitativa, quando é que se começou a falar mais sobre a mesma, em que consiste e como é que a utilizei durante a minha investigação.

No método falo sobre as histórias de vida consideradas adequadas para estudar as transições.

Na técnica utilizada é abordado o conceito de entrevista, quantas pessoas foram entrevistadas, quais são os passos corretos a serem dados, e depois explicito o que são as narrativas e qual é o papel do investigador no decorrer das entrevistas biográficas/narrativas.

² Biblioteca on-line

Na análise de conteúdo procurei explicitar o que é a mesma, fazendo depois uma ponte para o próximo capítulo da "Apresentação, análise e discussão dos dados".

Por fim, no desenho concreto adotado para a investigação falo sobre todos os passos que dei ao longo desta dissertação, desde a escolha do tema à análise dos dados.

2.1 PARADIGMA INTERPRETATIVO

Um paradigma é definido como “um conjunto aberto de asserções, conceitos ou proposições logicamente relacionados e que orientam o pensamento e a investigação”, (Bogdan & Biklen, 1994, p. 52) e procura representar uma forma de interpretar a realidade vista do ponto de vista do indivíduo, defendendo a singularidade da investigação posta em curso.

No início da sua investigação o investigador deverá escolher o paradigma que mais se adequa ao seu estudo, para que depois de o escolher possa orientar melhor todo o seu processo de pesquisa. (Aires, 2015)

Procurei então fazer isso durante a elaboração desta dissertação, e pude constatar que na investigação educacional existem três paradigmas: o paradigma positivista, o paradigma sócio crítico e o paradigma interpretativo.

O paradigma positivista está ligado ao empirismo e positivismo lógico. (Mira & Ramos, 2013) É visto como uma teoria fundamentada, dedutiva e lógico-dedutiva. (Aires, 2015) É de natureza quantitativa e é utilizado em medição de testes e análise de questionários e de dados recolhidos, sendo que “...interessa-se essencialmente por controlar e prever os fenómenos”. (Coutinho, 2005, p.3)

O paradigma sócio crítico está interligado com o criticar e identificar formas potenciais de mudança, com uma relação entre teoria e a prática, sendo que a prática é vista como a teoria em ação. (Coutinho, 2005) Interessa-se por intervir no contexto ou na situação. Os indivíduos tornam-se ativos na construção da realidade, e ao fazerem isso tornam-se eles próprios investigadores. (Coutinho, 2005)

O paradigma interpretativo está relacionado com a capacidade que os indivíduos têm de compreender o local em que vivem e compreenderem as suas experiências de vida e quais os significados das mesmas. Interessa-se essencialmente por compreender. (Coutinho, 2005)

Optei então por utilizar o paradigma interpretativo.

Segundo Coutinho (2005), “...o paradigma interpretativo pretende substituir as noções científicas da explicação, previsão e controlo do paradigma positivista pelas compreensão, significado e acção” (p.77) Assim, “...quando se pretende definir pautas rígidas de actuação dentro deste paradigma, é possível delinear os aspectos teóricos e

metodológicos básicos que dão consistência aos estudos desenvolvidos no âmbito deste paradigma de investigação”. (Aires, 2015, p. 14) Procura demonstrar que o social é um fenómeno, estreitando a relação existente entre a pesquisa, método de recolha e análise da informação e apresentação dos resultados obtidos. (Aires, 2015) O paradigma interpretativo é também definido como “um conjunto de crenças que orientam a acção”. (Guba, 1990, p. 17 citado em Aires, 2015 p.18)

Assim sendo, pode-se afirmar que o investigador, depois de pesquisar, tirar notas de campo, realizar entrevistas e transcrever as mesmas ele acaba por interpretar todos os dados obtidos, utilizando portanto o paradigma interpretativo. Aliás, esse paradigma só começa a ser utilizado quando o investigador começa por recolher e pesquisar material que seja necessário para a sua investigação, e desenvolve-se "...ao longo de um novo processo de recolha, análise e exposição". (Aires, 2015:52)

Ao utilizar este paradigma procurei entender os significados que os acontecimentos tiveram para as pessoas que entrevistei, sendo que assim percebi vários significados ao longo de várias situações da vida deles.

2.2 MODO DE INVESTIGAÇÃO

O modo de investigação utilizado foi a pesquisa qualitativa, sendo que a mesma “...preocupa-se com os indivíduos e seus ambientes em suas complexidades, não havendo limites ou controle impostos pelo pesquisador” (Spíndola & Santos, 2003, p. 2) e baseia-se em recolha biográfica. (Tinoco, 2004) Bardin (1994) define este modo de investigação como “...a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração”. (p. 21)

A maioria dos estudos são conduzidos com pequenas amostras, e os dados recolhidos pelo investigador “...são designados por qualitativos, o que significa que são ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas...”. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 16) No campo da educação a investigação qualitativa é muitas vezes designada por “naturalista”, pois o investigador procura frequentar os lugares onde se verificam os fenómenos que lhe interessam. Ao longo das décadas os métodos qualitativos melhoraram e desenvolveram-se, sendo que nos anos 60 levaram a que houvesse um aumento da conscientização nacional “...para os problemas educativos, reavivaram o interesse pela investigação qualitativa e tornaram os investigadores educacionais mais sensíveis a este tipo de abordagem”, (Bogdan & Biklen, 1994, p. 36) o que levou a que a investigação qualitativa começasse a ser muito utilizada no âmbito educacional.

É ainda de salientar que “...a investigação qualitativa é uma perspectiva multimetódica que envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do sujeito de análise”. (Denzin & Lincoln, 1994, p.2)

Retomando Bogdan & Biklen, (1994) eles afirmam que a investigação qualitativa possui cinco características:

1 - A investigação qualitativa tem como fonte direta de dados o ambiente natural, sendo que o investigador é visto como o instrumento principal, pois o mesmo introduz-se no ambiente que investiga e despende o seu tempo no local da sua investigação. Alguns investigadores limitam-se a “...utilizar um bloco de apontamentos e um lápis”, (Bogdan & Biklen, 1994, p. 47) sendo que outros preferem utilizar equipamentos de áudio ou vídeo. Ao longo da realização das entrevistas que fiz, procurei tirar

apontamentos e gravei-as, pois na minha opinião é uma forma eficaz para preservar as mesmas e lembrar-me de tudo aquando da sua transcrição;

2 - Os dados recolhidos na investigação qualitativa não são em forma de imagens ou números e sim de palavras, portanto pode afirmar-se que este género de investigação é descritiva, pois o investigador procura abordar o mundo de uma forma muito minuciosa.

3 - As pessoas que realizam investigação qualitativa "...interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos". (Bogdan & Biklen, 1994, p. 49)

4 - A análise dos dados é feita de forma indutiva, sendo que os investigadores não "...recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando". (Bogdan & Biklen, 1994, p. 50) À medida que o investigador vai realizando a sua investigação e começa a analisar os dados

5 - Os investigadores qualitativos procuram sempre saber o significado de tudo o que esteja relacionado com a investigação. No ramo da educação os investigadores qualitativos "...estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação...", (Bogdan & Biklen, 1994, p. 51) de modo a perceberem como é que o sujeito interpreta as experiências que tem, como é que é o meio social onde está inserido, entre outras informações.

Ainda segundo os dois autores, existem várias características da abordagem qualitativa que utilizei na minha dissertação. Realizei previamente o trabalho de campo e utilizei o método histórias de vida. Durante o processo de investigação qualitativa os dados que obtive foram dados descritivos e tirei notas de campo à medida que os entrevistados iam falando. Utilizei a técnica da observação e fiz a pesquisa documental em vários livros e em documentos disponíveis online. Como instrumento utilizei o gravador e fiz a transcrição das entrevistas. A investigação qualitativa é vista como se fosse uma trajetória, ou seja, começa com a pesquisa no terreno, depois as informações obtidas são transcritas, criando assim, a pouco e pouco, o seu documento final. (Aires, 2015)

A investigação qualitativa é intensiva e demorada, portanto deve-se escolher um tema que estimule e seja importante para o investigador. (Bogdan & Biklen, 1994) Também costuma acontecer as hipóteses inicialmente formuladas serem influenciadas ao longo da análise realizada pelo investigador.

Ao realizar uma investigação é também essencial que exista uma triangulação de várias fontes de pesquisa, sobretudo quando se pretende ter uma abordagem objetiva, ampla, correta e justa. Nas histórias de vida não é diferente, pois “nem a escrita do pesquisador, nem o gravador registram o local onde se passa o colóquio, ou o local onde o informante habita, amputando o material de uma preciosa messe que pode encerrar detalhes primordiais”. (Queiroz 1987, p. 278 citado em Holzmann, 2002, p. 47)

O investigador, depois de escolher o tema de investigação é que pode

...decidir qual a forma de narrativa preferível como fonte de dados – se a narrativa biográfica integral, da entrevista narrativa, se o relato de pormenores das situações, das entrevistas de episódio. Esta decisão não pode ser tomada com base na força comparativa de um método de colecta de dados, que é, no fundo, pressuposta, ao contrário do que por vezes se propõe nos debates programáticos sobre a entrevista narrativa. (Flick, 2002, p. 112)

Ao perspetivar uma abordagem a partir de indivíduos que têm as suas crenças, intenções, valores e forma de ver o mundo, e focando a investigação na perspetiva desses indivíduos, a entrevista apresentou-se como um instrumento primordial, na medida em que se constituiu como uma técnica de investigação que permite ao pesquisador um “grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos”. (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 195)

Pode portanto afirmar-se que “O processo de investigação qualitativa parte, assim, de um conjunto de postulados teóricos e gera formas de fazer investigação diferentes dos modelos de investigação educativa clássica”. (Aires, 2015, p. 17)

2.3 MÉTODO

Ao realizar uma história de vida o investigador tem como objetivo obter a narrativa do percurso de vida do sujeito, onde o mesmo fornece informações sobre a sua história de vida. O investigador tem que procurar focar-se numa parte da vida do sujeito em estudo. No caso da minha dissertação o foco foi as transições que seis pessoas tiveram ao longo das suas vidas.

O conceito de transição sofreu, nos últimos anos, várias alterações no âmbito das ciências sociais, sendo que a “...definição de transição varia de acordo com o contexto em que o termo é utilizado”. (Magalhães, 2011, p. 13) A transição não é apenas um evento, pois pressupõe que exista uma auto-redefinição e uma reorganização na vida da pessoa, de forma a incorporar as mudanças que acontecem na sua vida. (Magalhães, 2011) A mesma pode ser desencadeada por um evento, e requer que a pessoa seja capaz de aceitar as mudanças que aconteçam na sua vida, alterando comportamentos que tinha e redefinindo a sua identidade, pois as transições podem ser exigentes e as mudanças na vida das pessoas podem não ser fáceis. Portanto é necessário que as mesmas tenham apoio para assim o processo ser mais facilitado. (Magalhães, 2011)

A definição mais comum de transição é que a mesma é vista como uma

...passagem de uma fase da vida, condição, ou status para outra (...) refere-se tanto ao processo como aos resultados da complexa interacção entre pessoa e ambiente. Pode envolver mais do que uma pessoa e está inserido num determinado contexto e situação. As características da transição incluem o processo, a percepção da alteração e os padrões de resposta. (Chick e Meleis 1986, p.239-240, citado por Magalhães, 2011, p. 16)

O conceito de transição pode ser definido através de duas perspetivas teóricas, sendo que a primeira é acerca do desenvolvimento do indivíduo ao longo da vida, e a segunda é sobre os eventos de vida ocorridos que podem produzir desequilíbrio entre dois períodos de tempo estáveis. A transição pode ser desencadeada por um evento e

requer que o indivíduo seja capaz de incorporar as mudanças que acontecem na sua vida. (Magalhães, 2011)

Assim sendo, pode afirmar-se que a transição é o movimento de adaptação para a mudança, levando a que o indivíduo deixe para trás comportamentos antigos que tinha. As transições possibilitam que o indivíduo construa a sua própria biografia, (Arco & Fragoso, 2015) sendo que a identidade de cada indivíduo é construída através das experiências vividas e está sempre em "...constante construção e reconstrução". (Arco & Fragoso, 2015, p. 67) A "...identidade é concebida como a história do desenvolvimento de uma pessoa que inclui vários acontecimentos, fases, transições, problemas, períodos críticos que permitem ao indivíduo, sujeito histórico e protagonista, reelaborar a sua biografia. (Alheit, 2007, citado em Arco & Fragoso, 2015, p. 67).

Através da perspectiva de outros dois autores pode afirmar-se que "...as transições também implicam ser-se bem recebido, compreendido e respeitado. Devem incluir o direito de começar de novo, desde o início, se tivermos vontade de o fazer". (Guzman, & Lund, s/d, p. 2)

Segundo Pena Pires, (2003) "As circunstâncias que conduziram ao êxodo e as condições em que este se processou constituíram um momento crítico na vida dos retornados, com forte sedimentação nas memórias destes". (p.197)

O indivíduo através das transições vivencia novas experiências de vida, tendo sempre a oportunidade de "...começar uma e outra vez de princípio, ou seja, iniciar novas funções em novos contextos". (Arco & Fragoso, 2015, p. 68) Ao realizar transições biográficas os indivíduos assimilam novas mudanças e as transições nas suas vidas serão encaradas de forma positiva se "...forem capazes de abandonar alguns contatos existentes, e construir um novo grupo de pares com quem criem um relacionamento forte que permita aceder e compreender diversas informações, desenvolver habilidades interpessoais, construir saberes, criar sentido de pertença, segurança e confiança". (Arco & Fragoso, 2015, p. 69)

Assim, pode-se concluir que a "...transição biográfica é um processo para o qual concorrem múltiplas situações às quais a pessoa confere diferentes significados e pontos de vista". (Arco & Fragoso, 2015, p. 75) Ao longo da realização das narrativas biográficas pude constatar que a vida das pessoas entrevistadas sofreram várias transições. Primeiro existiram três entrevistados que foram em pequenos de Portugal para Angola. Outra entrevistada foi da Índia para Angola. Depois ao longo da vida

tiveram transições pequenas, mas a maior de todas foi quando tiveram que vir de Angola para Portugal, sendo que foi uma "...transição para uma realidade totalmente nova". (Arco & Fragoso, 2015, p. 72) Essa foi uma grande transição e ao longo das entrevistas pude constatar que nem todos os entrevistados acabaram por a aceitar bem, sendo que a transição ainda está a ser aceite por alguns dos entrevistados.

2.4 TÉCNICA UTILIZADA

Dado que nesta investigação a entrevista é de cariz biográfico, gostava de salientar que após uma escolha criteriosa e antes mesmo de decidir realizar a entrevista, decidi estabelecer um primeiro contato com os futuros entrevistados no sentido de explicar-lhe os objetivos do projeto e proceder à marcação da entrevista. Das seis pessoas que entrevistei, conhecia metade. Com as que conhecia passei "...logo à entrevista...", (Bogdan & Biklen, 1994, p. 135) e com as que não conhecia tive que "...quebrar o gelo inicial, o que, nalguns casos, demora o seu tempo". (Bogdan & Biklen, 1994, p. 135) As entrevistas biográficas devem ter a duração entre 60 a 90 minutos até a 2 horas. (Monteagudo, 2010) A entrevista é vista como "...un instrumento de investigación y de intervención, dentro del contexto del interés de las sociedades contemporáneas sobre el pasado reciente, la identidad y la memoria histórica, en el marco de sociedades marcadas por la violencia, la guerra y el autoritarismo". (Monteagudo, 2010, p. 2)

Ao enumerar os objetivos da entrevista, podemos avançar com algumas ideias sobre temáticas a serem abordadas, contudo não devemos nunca condicionar o entrevistado a questões fechadas e que induzam ao uso de bibliografia, pois isso pode colocar em causa a espontaneidade e originalidade da entrevista. (Holzmann, 2002)

A realização da entrevista depende sobretudo da disponibilidade do entrevistado, sendo deste a decisão final relativamente à data, à hora e ao local da realização da mesma. Devem ser salvaguardas algumas condições essenciais para a realização da mesma, tais como, tratar-se de um local silencioso e onde não existam interferências, quer internas quer externas. Em suma, um local onde o entrevistado se sinta perfeitamente à vontade. As entrevistas que realizei foram todas na casa do entrevistado.

É relevante, para a garantia de sucesso do investigador, que este adquira conhecimento prévio relativamente ao entrevistado, nomeadamente, a sua experiência de vida, o seu percurso profissional, a sua obra, podendo ser uma mais-valia para aprofundar alguma temática mais pertinente, para direcionar a narrativa para um determinado conteúdo ou simplesmente para reavivar a memória do entrevistado. (Holzmann, 2002)

No início da entrevista deve-se "...informar com brevidade o sujeito do objectivo e garanti-lhe (se necessário) que aquilo que será dito na entrevista será tratado confidencialmente". (Bogdan & Biklen, 1994, p. 135) O entrevistador deve ter em

atenção se o entrevistado fica ou não apreensivo, pois existem entrevistados que negam "...a existência de alguma coisa importante para dizer". (Bogdan & Biklen, 1994, p. 135) Caso isso aconteça o entrevistador deve apoiar e encorajar a pessoa.

O desenvolvimento da entrevista é visto "...como uma estratégia central de investigação qualitativa". (Bogdan & Biklen, 1994, p. 36) A mesma pode variar consoante o seu grau de estruturação. As "...entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos". (Bogdan & Biklen, 1994, p. 135) O entrevistador deve procurar explorar durante a entrevista os tópicos que lhe interessam.

Existem assim, ao longo do desenvolvimento da entrevista, princípios elementares que potenciam a criação de um ambiente onde se estabeleça um clima de confiança mútua, de informalidade, espontaneidade e liberdade, sem contudo perder de vista a objetividade e integridade da narrativa.

Ao longo da entrevista deve procurar-se manter a confiança do entrevistado no entrevistador, colocando-o à vontade, facilitando assim a espontaneidade. Deve ouvir-se o entrevistado e interromper só quando for necessário e dar todo o tempo necessário ao entrevistado para falar. Deve também ter-se em atenção que é necessário fazer apenas uma pergunta de cada vez e tentar manter o controlo da entrevista.

Relativamente aos dados apurados, é importante que a transcrição da entrevista transponha o discurso narrado de uma forma fiel. A "...entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, (...), dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra". (Bogdan & Biklen, 1991, p. 134)

Os autores afirmam também que é necessário que o entrevistador tenha paciência durante uma entrevista, pois os entrevistados não respondem logo tudo, só ao fim de algumas perguntas é que se compreende a perspetiva pessoal do sujeito que está a ser entrevistado. (p.139)

Segundo Moraes (2004),

A narrativa tem sido utilizada, na pesquisa qualitativa, como um instrumento de coleta de dados, com o mérito de ser considerado também um trabalho formativo, porque pode permitir a organização das experiências humanas: ao mesmo tempo em que o sujeito organiza as suas ideias para o relato - quer escrito, quer oral - também reconstrói sua

experiência de forma reflexiva e, com isso, acaba fazendo uma autoanálise que lhe pode proporcionar novas bases de compreensão de sua própria prática. (p.168)

Na entrevista biográfica/narrativa é importante utilizar uma pergunta generativa, sendo que a pergunta tem mesmo que estar relacionada com o tema em estudo (Flick, 2002).

Segundo Nóvoa e Finger, (1988) os materiais utilizados podem dividir-se em biográficos primários e secundários. Os biográficos primários são as narrativas recolhidas diretamente e resultantes da interação entre o investigador e entrevistado, (frente-a-frente) onde “ toda a entrevista biográfica é uma interação social completa, um sistema de papéis de expectativas, de injunções, de normas e de valores implícitos, e por vezes de sanções (...)”. (p.25) Já os biográficos secundários são toda a quantidade de materiais que não dependem diretamente da interação investigador-entrevistado, como por exemplo documentos, jornais, entre outros.

A narrativa biográfica pode ser definida, segundo Laville e Dionne (1999), como “...a narração, por uma pessoa, de sua experiência de vida”. (p.158)

Assim sendo, trata-se de uma narração autobiográfica, no sentido em que é o próprio narrador que dá uma interpretação pessoal sobre os factos da sua vida, hierarquizando, reforçando e valorizando a sua visão pessoal e subjetiva, segundo a sua categoria de valores e códigos temporais. (Dias & Santos, 2005) O narrador tem assim espaço para falar livremente sobre a sua experiência pessoal em relação ao que está sendo indagado pelo investigador.

Importa salientar então que ao longo deste processo a intervenção do investigador deve ser mínima, visto que “...quem detém a condução da entrevista é o narrador, pois, é ele quem decide o que é relevante narrar”. (Holzmann, 2002, p. 46)

Para o entrevistador obter uma “...narrativa relevante para a investigação, tem de se colocar a pergunta generativa de uma forma ampla, mas ao mesmo tempo suficientemente específica, para que o domínio da experiência que interessa, se torne o tema central”. (Flick, 2002, p. 100)

O relato de vida narrado respeita a individualidade da pessoa que narra, sendo que o importante é o ponto de vista do mesmo. Os autores Dias & Santos (2005) ressaltam a subjetividade presente neste processo de investigação, no sentido em que,

O investigador não é um observador neutro e deve estar consciente de que em todos os momentos do processo de investigação sua subjetividade está presente. Portanto, por mais que procure captar dados reais e objetivos, o resultado é uma interpretação, uma versão dos fatos que poderá ser confrontada com outras. (p. 280)

Assim sendo, durante a realização das entrevistas procurei estar sempre atenta e a observar o entrevistado, para conseguir interpretar todos os dados que obtive durante a realização das entrevistas.

2.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Como a fase da recolha de dados era fundamental para o concebimento deste trabalho, decidi utilizar a análise de conteúdo, que é um método muito utilizado na investigação qualitativa. Este método começou a ser mais desenvolvido nos últimos sessenta anos, apesar de as primeiras referências em relação ao mesmo terem aparecido ainda durante o século XIX.

Segundo Bardin, pode definir-se a análise de conteúdo como “Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção destas mensagens”. (1994, p. 42) A análise de conteúdo tem como objetivo definir indicadores para o investigador conseguir chegar a conclusões sobre a sua investigação, e é então utilizada pelo mesmo para conseguir interpretar e descrever o conteúdo de todo o seu material de pesquisa.

Seguindo este raciocínio, segundo o autor Gonçalves (2010), existem três etapas importantes na análise de conteúdo: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A pré-análise, é onde é realizada “a escolha dos documentos a serem analisados, a retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa em relação ao material coletado e a elaboração de indicadores que orientarão a interpretação final” (Gonçalves, 2010, p. 102).

A fase de exploração do material, “envolve procedimentos de recorte, contagem, classificação, desconto ou enumeração em função de regras previamente formuladas”. (Gonçalves, 2010, p. 102) A codificação, classificação e a categorização adquirem uma importância acrescida nesta fase, visto facilitar o desenvolvimento das interpretações.

A terceira, e última etapa, diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é destinada ao tratamento dos resultados; ocorre a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin, 2013).

Para se realizar este método é necessário criar-se categorias que estejam relacionadas com o estudo realizado. Assim sendo, após realizar as entrevistas e de

transcrever as mesmas, procurei realizar a análise categorial de cada uma, sendo que elaborei uma tabela (ver anexo, página 102) para cada entrevista. Nessa tabela meti as "Categorias", "Subcategorias", "Unidades de registo (significados)" e "Unidades e contexto (citações)".

A categorização é quando se classificam as categorias, ou seja, é uma "...operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto...". (Bardin, 1994, p.117) As categorias elaboradas devem ter as seguintes qualidades: homogeneidade, pertinência, exclusão mútua, produtividade e a objetividade e fidelidade. (Bardin, 1994) As categorias podem, ou não, serem escolhidas à priori. No caso das entrevistas que realizei, quando elaborei o guião escolhi logo as categorias que queria ter para obter informação relevante sobre as mesmas.

As subcategorias servem para se entender melhor cada categoria, dividindo-a em subtemas. Ao elaborar o guião da entrevista também escolhi as subcategorias, sendo que algumas foram exploradas durante a entrevista e novas foram criadas, sendo que no próximo ponto "Desenho metodológico desta investigação" irei explicar mais detalhadamente este ponto.

A unidade de registo é "...a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização...". (Bardin, 1994, p. 104) As unidades de registo numa análise categorial de uma entrevista podem variar de uma entrevista para a outra, sendo que segundo Bardin (1994), as unidades de registo mais utilizadas são: o tema, palavras do texto, entrevistado, documento, objetos e acontecimentos.

A unidade de contexto "...serve de compreensão para codificar a unidade de registo e corresponde ao segmento da mensagem...", (p. 107) sendo que essa mensagem é bastante superior às unidades de registo. As unidades de contexto servem para se perceber o significado das unidades de registo. As unidades de contexto que utilizei foram todas retiradas do discurso do entrevistado durante a realização da entrevista.

Este método tem como finalidade produzir inferências, ou seja, procura conferir "...ao método relevância teórica, implicando pelo menos uma comparação onde a informação puramente descritiva sobre o conteúdo é de pouco valor. Um dado sobre conteúdo de uma comunicação é sem valor até que seja vinculado a outro e esse vínculo é representado por alguma forma de teoria". (Campos, 2004, p.613) É importante que o investigador não descreva só durante a análise dos dados, mas que procure também

interpretar toda a informação que foi obtida, no meu caso, através das entrevistas realizadas.

Assim sendo, através deste método, depois de fazer cada uma das seis entrevistas e transcrever as mesmas, procurei fazer a análise dos dados, para depois fazer o ponto desta presente dissertação: "Apresentação, análise e discussão dos dados". Para realizar essa análise categorial, cada entrevista foi inserida numa tabela, sendo que as tabelas se encontram em anexo.

2.6 DESENHO METODOLÓGICO DESTA INVESTIGAÇÃO

Em qualquer pesquisa feita, é fundamental definir previamente o desenho da investigação, com o intuito claro de orientação para as diversas fases do trabalho, designadamente, na preparação do investigador, na seleção do entrevistado e nas entrevistas e análise de dados.

Comecei a realizar o desenho metodológico desta dissertação quando escolhi o tema. Tal como foi referido na introdução, escolhi este tema porque a minha família veio das ex-colónias para Portugal, tendo ido viver para um bairro social.

Primeiro comecei por fazer bastante pesquisa sobre o tema e tentar quebrar com o senso comum e com as crenças que eu tinha acerca do tema. E assim o capítulo teórico começou a ganhar forma.

De forma a atingir os objetivos propostos no início nesta dissertação, decidi realizar entrevistas biográficas a pessoas que vieram das ex-colónias. E então comecei a realizar os guiões das entrevistas. Como as "...pessoas intimamente envolvidas num ambiente têm dificuldade em distanciar-se, quer de preocupações pessoais, quer do conhecimento prévio que possuem das situações", (Bogdan & Biklen, 1994, p.86) procurei não só realizar entrevistas a pessoas que conhecia como também a pessoas que não conhecia. Assim, seguindo a sugestão da minha orientadora procurei realizar seis entrevistas: três a pessoas que não conhecia e três a pessoas que conhecia. Então em fevereiro dirigi-me ao bairro social, o Bairro do Fundo Fomento, e falei com alguns familiares. Acabei por fazer a entrevista a dois familiares que ainda vivem no bairro e uma terceira que já não vive no bairro. Sobre as três pessoas desconhecidas elas vivem todas no bairro e ao falar com várias pessoas acabei por escolher estas três. Como me desloquei ao bairro só durante alguns dias, não fiz mais do que seis entrevistas, mas existiram muitas pessoas que mais tarde disseram que gostariam de ser entrevistadas mas eu já não estava lá, tive que voltar devido ao meu trabalho. Segundo Bogdan & Biklen, (1994) se decidirmos enquanto investigadores realizar uma investigação com pessoas que conhecemos pode ser embaraçoso e confuso. Isso aconteceu com uma das entrevistas, eu conhecia a entrevistada e então a entrevista não fluiu tão bem. Existia muita coisa sobre a sua vida que eu conhecia mas ela decidiu não contar.

Ao realizar as entrevistas mudei bastante de opinião sobre diversos acontecimentos, que eu ouvi desde pequena mas nunca os tinha aprofundado.

Após a realização das entrevistas procurei transcrever as mesmas. Depois de as transcrever ordenei os dados em tabelas de análise categorial, sendo que cada entrevistado tem a sua tabela. Nessas tabelas usei as categorias e subcategorias que já tinham sido definidas anteriormente na elaboração do guião de entrevista, mas ao mesmo tempo criei novas subcategorias dependendo de cada entrevistado. Essas subcategorias apareceram ao longo da realização das entrevistas. Procurei comparar as narrativas, os factos e as representações sobre as vivências que traduzem transições de vida.

Entretanto o capítulo da metodologia foi aumentando com base na bibliografia que estudei.

Na parte da análise, apresentação e discussão dos dados, ponto que será abordado a seguir, procurei primeiramente apresentar os entrevistados e depois a seguir fazer a análise e a discussão dos dados.

3 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Através da análise de conteúdo apercebemo-nos da consistência das entrevistas, do significado e da importância das mesmas.

Estas entrevistas foram realizadas no intuito de conseguir perceber-se o que aconteceu na época em estudo. Assim, após a transcrição da entrevista realizou-se a análise categorial de cada uma. A categorização pode-se definir como "...uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia) com os critérios previamente definidos.

A análise de dados "...é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, (...) com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou". (Bogdan & Biklen, 1994, p. 205) Estes dois autores definem também o processo de análise de dados como um funil, pois "...as coisas estão abertas de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo". (Bogdan & Biklen, 1994, p. 50)

Decidi portanto, enquanto investigadora, começar por apresentar os entrevistados, seguida da análise e discussão dos dados obtidos em cada categoria e subcategoria.

3.1 APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Antes de realizar a análise e discussão dos dados considerei importante apresentar os entrevistados e resumir aspetos da história de vida de cada um. Para salvaguardar a identidade de cada entrevistado os nomes das pessoas são fictícios.

3.1.1 ENTREVISTA Nº 1: CATARINA

Nasceu em Portugal, Vila Flor, e atualmente tem 67 anos. É a sétima de oito irmãos. Vinda de uma família católica, quando era pequena os pais emigraram para Angola com o objetivo de melhorar a situação financeira da família. Sobre a vida em Portugal não se lembra de quase nada porque era muito nova quando emigrou. Sobre a vida em Angola destaca as grandes amizades que fez durante o tempo que lá viveu. Primeiro viveu numa zona rural, mas com o rebentar do terrorismo os pais decidiram ir viver para o Lobito.

Era uma criança estudiosa, e então com 10 anos os pais decidiram enviá-la para a casa de um casal de médicos que prometeram financiar os estudos dela. Mas ela foi enganada e ficou três anos a fazer tarefas de empregada doméstica. Até que um dia o irmão, ao passar com a tropa lá perto, vê a irmã e leva-a de volta para a casa dos pais, que durante todos esses anos não tinham tido notícias da filha.

Até que o tempo foi passando, Catarina cresceu, tornou-se uma mulher, casou e teve três filhos em Angola. Sempre foi muito empreendedora e arranjou sempre trabalho por conta própria. Quando finalmente estava bem de vida houve o 25 de abril em Portugal, seguido da independência de Angola. Foi então que teve que largar tudo e vir para Portugal, uma pátria que lhe era desconhecida com o marido e os filhos. Foi bem acolhida no aeroporto, mas mal acolhida na aldeia. Ficou espantada por ver que Portugal estava muito mais atrasado em relação a Angola.

Mais tarde conseguiu reencontrar os irmãos e pais. Foram eles que lhe falaram que estavam a oferecer casas num bairro, oferta essa que ela aproveitou com sucesso. Depois do seu quarto filho nascer, ela continuou uma mulher empreendedora, juntamente com o marido. Alguns anos depois, o marido adoeceu, acabando por falecer e ela com o desgosto fechou o negócio que tinha e emigrou para vários países da

europa. Voltou passado uns anos a Portugal, recomeçou a trabalhar e conheceu o atual marido. Acabou por se reformar e vive ainda no bairro. Afirmo que está farta de lá viver e espera encontrar outra casa, com melhores condições e vizinhança. Continua com saudades de morar em Angola e nunca se habituou verdadeiramente a Portugal.

3.1.2 ENTREVISTA Nº 2: MIGUEL

Miguel tem 75 anos. Nasceu em Angola, mais propriamente em Luanda. Filho de pais portugueses, é o mais velho de dois irmãos, o pai trabalhava como funcionário público e a mãe era doméstica. Nunca conheceu a parte da família paterna, apenas a parte da família materna, que era bastante influente em Angola.

Estudou na escola comercial e começou a trabalhar cedo em várias áreas do seu interesse. Entretanto conheceu a sua futura esposa, com a qual teve dois filhos. Mais tarde começou a trabalhar como bancário. Adorava a vida que tinha em Angola, desde o trabalho à família e amigos. Quando houve o 25 de abril, seguido da independência de Angola ele foi obrigado a deixar a vida que tinha. Tal como muitas famílias, a esposa e os filhos foram primeiro para Portugal e ele foi uns meses mais tarde. Foi viver para o bairro, arranjou trabalho em Lisboa como bancário novamente. Agora já reformado continua a viver no bairro. Não gostou da mudança para Portugal e vive eternamente com lembranças de uma terra que ainda considera sua.

3.1.3 ENTREVISTA Nº 3: CARLOS

Carlos nasceu em Portugal, em Guimarães e tem 82 anos. Quando era pequeno o pai emigrou para Angola, Luanda, e mais tarde quando ele tinha 12 anos foi juntamente com a mãe e os irmãos. Andou na escola comercial e depois começou a trabalhar. Conheceu a sua futura mulher, casaram e teve uma filha. Quando tinha 42 anos teve que se ir embora de Angola devido ao 25 de abril. De todos os entrevistados é o único que defende Salazar e tem uma visão diferente dos acontecimentos.

Quando voltou para Portugal afirma que foi muito mal recebido. Ficou a viver com a mulher e a filha mas ficou separado do resto da família. Passado algum tempo reencontrou os pais e os irmãos. Os pais faleceram em 1976, segundo ele, devido ao choque brutal da mudança e atualmente só ele e mais um irmão é que são vivos, os outros quatro faleceram. Só passado alguns anos é que foi viver para o bairro, sendo que a casa foi-lhe entregue por militares. Fez parte da comissão de retornados do bairro e lutou para que as condições melhorassem.

Em Portugal teve sempre dificuldade em arranjar trabalho, mas nunca baixou os braços e lutou sempre para arranjar trabalho e ganhar dinheiro.

Atualmente continua a viver no bairro com a esposa. A filha já cresceu, casou e tem um filho. Entretanto o neto já foi pai. Vive constantemente rodeado de lembranças de uma terra que considera sua.

3.1.4 ENTREVISTA Nº 4: GISELA

Tem 75 anos e nasceu em Lisboa, na zona do bairro alto. Tinha cinco anos quando foi com os pais para Angola. É a mais velha de onze irmãos, sendo que atualmente só tem seis irmãos vivos.

Viveu em Luanda durante o resto da infância. Só estudou até à 4ª classe porque sendo a mais velha teve sempre que ajudar a mãe a tomar conta dos irmãos. O pai tentou que ela trabalhasse como tipógrafa no sítio onde ele trabalhava. Ele era linotipista. Ficou lá pouco tempo porque entretanto a mãe, doméstica, precisava de ajuda em casa e ela não teve oportunidade de continuar. Havia uma senhora que lhe queria ensinar costura mas o pai não deixou. Isso tudo levou a que ela nunca tivesse tido uma amiga, só colegas de escola, pois vivia o tempo todo a tomar conta dos irmãos.

E assim foi a vida dela até encontrar o seu futuro marido. Teve dois filhos, um rapaz e uma rapariga.

Entretanto, com o 25 de abril teve que vir para Portugal. Depois de chegar e de ficar em casa de familiares, soube das casas desocupadas no bairro que seria para a PIDE e então foi ocupar uma das casas, mudando mais tarde a fechadura.

Atualmente vive no bairro. Os filhos cresceram e já tem netos. Continua com saudades de morar em Angola mas ao mesmo tempo habituou-se a viver em Portugal. Preferia viver no Algarve perto da filha, mas até gosta de viver no bairro.

3.1.5 ENTREVISTA Nº 5: LEONOR

Tem 91 anos e nasceu em Goa, Índia. Filha de pai português e mãe goense, era a irmã do meio, a única menina. Tinha quatro irmãos, dois mais velhos e dois mais novos. Ainda era pequena quando a mãe faleceu. O pai decidiu voltar a casar para conseguir tomar conta dos filhos e casou com a sua cunhada. Tiveram mais quatro filhos, dois rapazes e duas raparigas.

A sua infância e juventude foi marcada pela morte da mãe e da distinção que a madrasta fazia dos seus filhos e dos filhos da irmã. Apesar disso adorou a sua infância e juventude e a relação com o resto dos membros da família e os amigos.

Quando tinha 25 anos, casou com o primo. Teve no total sete filhos, sendo que um morreu à nascença, dois antes de nascerem e um em criança.

Devido à conjuntura sociopolítica na Índia na altura, decidiram emigrar para Portugal e foram para Lisboa, onde ficaram cerca de três meses. Entretanto ouviram falar de Angola e foram para lá em 1970. Ela arrepende-se de terem ido para Angola porque o marido faleceu lá, era asmático e a zona onde estavam a viver piorou o seu estado de saúde. Após o marido, faleceu o filho mais novo de meningite. A família começou a passar muitas dificuldades económicas apesar de ela trabalhar e quem a ajudou imenso foi o filho mais velho, que deixou a escola com 13 anos e começou a trabalhar.

Após o 25 de abril veio com os seus três filhos para Portugal. Ficaram em Lisboa e pouco tempo depois os militares falaram-lhe que havia casas no bairro e deram-lhe uma. Entretanto o filho continuou a trabalhar e ela também arranjou um trabalho. Enquanto os anos passaram, a situação económica da família foi melhorando e atualmente vivem bem. O filho mais velho casou e tem duas raparigas, a filha do meio casou e tem dois rapazes e o filho mais novo trabalha fora do país e ganha bastante bem.

Continua a viver no bairro, sendo que no final do verão irá mudar-se para uma vivenda com a filha, o genro e os netos. Gosta de viver em Portugal, principalmente de estar próxima da sua família.

3.1.6 ENTREVISTA Nº 6: MATILDE

É a mais nova das pessoas entrevistadas. Tem 52 anos e nasceu em Luanda. Tem um irmão mais velho. Fez lá a escola primária e começou o ensino básico quando aconteceu o 25 de abril e tiveram que vir para Portugal. Tem boas memórias da sua infância passada em Angola tendo muita pena na altura de se ir embora. Detestou ir morar para o bairro, local onde viveu até aos 23 anos, altura em que casou e foi morar para o Algarve. Tem duas filhas e continua a vir ao bairro com o marido e as filhas para visitar os familiares.

3.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Uma vez que os entrevistados foram apresentados no ponto anterior, neste ponto serão apresentadas as categorias e subcategorias, bem como a análise e discussão dos dados obtidos nas mesmas.

3.2.1 TRAJETÓRIA DE VIDA

Nesta categoria procurou-se obter informação sobre: a família do entrevistado, a ida para Portugal, para Angola, como é que foi a sua infância, vida escolar e juventude.

3.2.1.1 Família (antes de casar)

Cinco entrevistados provinham de famílias humildes. Só uma entrevistada, a Leonor, é que vinha de uma família com posses económicas. Todos tinham irmãos e a mãe era doméstica e o pai trabalhava, o que era bastante comum na época. Aliás, sendo que todos os entrevistados, exceto a Matilde, têm mais de 65 anos, nessa altura as mulheres ficavam em casa a tomar conta dos filhos e a tratar da lide doméstica. Mesmo assim a Matilde, com 52 anos, tem uma mãe que também era doméstica.

Todas as famílias eram católicas. “Católicos todos (...) eu frequentei a catequese e a missa sempre na altura dos meus pais não podíamos falhar a nada, (...) o meu pai não se deitava sem os filhos rezarem o terço com ele, ali primeiro. Depois de rezar o terço, então quem quisesse ir dormir tinha que pedir a bênção aos pais e depois é que se iam deitar”. (Catarina) Seguiam assim a terminologia de Salazar “Deus, Pátria e Família”. (Carlos) Sendo Portugal um país católico, com o Estado Novo a ser visto como um regime estritamente ligado à igreja católica, era natural que as colónias seguissem a mesma religião.

A Leonor, que nasceu na Índia, Goa, provinha de uma família com origens portuguesas e então a religião praticada pela família também era o cristianismo e Goa foi também uma colónia portuguesa até 1961, altura em que os restantes territórios do

Estado Português da Índia foram tomados pelo exército indiano e passaram para o domínio indiano.

3.2.1.2 Ida para Portugal

A Leonor foi a única entrevistada que foi primeiro para Portugal e só depois para Angola. Segundo a Leonor, "...viemos para Portugal, como o meu pai era de cá conseguiu o visto para vir para Portugal. Porque aquilo estava muito mau, não havia emprego, passávamos mal... (...) Foi assim, viemos de Portugal, ficámos cá uns mezinhos, o meu marido não tinha muita saúde, era asmático... fomos para Angola". As coisas estavam mal porque o Salazar não queria dar a independência a Goa e afirmava que a "...resistência devia estar à altura da longa presença portuguesa na Índia". (Moço, 2012, p. 48)

3.2.1.3 Ida para Angola

A Catarina, o Carlos e a Gisela foram para Angola muito novos. O pai da Gisela foi primeiro do que a mulher e os filhos, sendo que "...ele teve sempre aquela ideia de ir pra, pra Angola, porque gostava muito de...de Angola. E então foi e depois antigamente chamavam as pessoas por carta de chamada e então depois mandou ir a mulher e os três filhos que ela tinha". A Catarina afirma que "A dificuldade cá era um pouco maior e o meu pai foi à procura de vida melhor. (...) Eles foram para Angola, mandados pelo Salazar, como colonos. A trabalharem lá como colonos. Na agricultura. E pronto, um bocado difícil a vida da gente". Já o Carlos afirma que "...o meu pai tinha sido cá comerciante. (...) Entretanto as coisas correram mal, foi no pós-guerra. (...) Então ele foi para Angola".

Durante o Estado Novo era normal as pessoas irem para Angola. Salazar tinha interesse em manter as colónias sobre o seu domínio e então enviava famílias para lá. No meu ponto de vista não estava só a mandar portugueses para desenvolver as colónias como também estava a fazer com que eles tivessem uma vida melhor já que nessa altura passava-se bastante miséria em Portugal devido ao pós-guerra.

O Miguel e a Matilde nasceram em Angola. “Nasci na cidade de São Paulo da Assunção de Luanda... descoberta por Diogo Cão e reconquistada aos holandeses por Salvador Correia de Saibravides. Nasci no hospital Maria Pia em Luanda”. (Miguel) E a Leonor nasceu "...em Luanda".

A Leonor foi para Angola já em adulta. “...fomos depois para Angola. (...) Em 70”.

3.2.1.4 Infância

Relativamente à infância, a Leonor gostou muito, tinha muitas amigas e um bom relacionamento com os familiares, mas marcou-lhe muito a morte da mãe. “Quando a minha mãe faleceu nós éramos pequeninos, o meu irmãozinho tinha (...) dez meses”. Sendo que logo a seguir "...o meu pai voltou a casar. No ano seguinte". Naquela altura era complicado um homem ficar sozinho a tomar conta de filhos pequenos. Segundo o que Leonor me explicou após a entrevista é que o pai achou que eles deviam ter uma mãe e então casou com a sua cunhada, que não tinha uma boa relação com ela: “...boa relação com os irmãos, meu pai, só a minha madrasta já sabe como é, não é? (...) Não era a mesma coisa. Às vezes fazia diferença dos filhos dela, connosco. Havia festas que ela fazia roupa nova prá, prá filhas e para mim não fazia. Então olhe foi assim, mas tive uma infância muito boa, muito boa mesmo”. (Leonor)

A Matilde recorda os bons momentos: “...tive muitos bons momentos. Muitos, não sei dizer o melhor de todos, mas tive muitos bons momentos. Brincadeiras, que eu me lembre mais na casa da minha avó, porque nos juntávamos lá todos e ela tinha um quintal grande e juntava-se lá a família toda, os primos e os vizinhos, tudo”.

A Gisela refere que durante a infância ela teve "...poucos amigos. Não tive quase amigos nenhuns. Porque eu não saía. Era sempre em casa que estava, sempre a tomar conta dos meus irmãos e o meu pai não deixava...(...) sair, e quando saía, (...) ia sempre acompanhada pelos meus irmãos todos. (...) ...tive duas amigas mas elas, também não se sentiam bem de estar sempre ali, (...) e então procuravam outras amigas...e eu nunca tive assim amigos. (...) Eu às vezes revoltava-me assim mais, ficava coiso porque...como era mais velha tive que tomar conta dos meus irmãos e sempre vivia a tomar conta deles e eu... (...) Às vezes aborrecia-me”.

O Miguel recorda:

O melhor momento da minha infância talvez tenha sido...não digo infância porque na infância há vários momentos bons e vários momentos maus, eu digo a adolescência, foi ter ido para Luanda. Eu estava no Lobito, vim para Luanda, deixei os meus pais... deixei os meus pais e vim trabalhar... para Luanda porque a minha avó arranjou-me um emprego no Estado.

A Catarina foi sem dúvida das que gostou mais da sua infância: "...os momentos da minha infância foram lindos, (...) foi uma infância muito simples, muito humilde, muito acarinhada, muito querida...".

3.2.1.5 Vida escolar

Todos os entrevistados andaram na escola. E quase todos em Angola, a exceção foi da Leonor, que andou na escola na Índia. Recordam com saudades as brincadeiras que tinham com os colegas e os amigos no recreio: "...era o jogo do ringue..."; (Catarina) "Era a bota. (...) ...era a cabra cega"; (Miguel) "Era jogos, aqueles antigos, que fazíamos...". (Leonor)

Sobre continuarem os estudos, os entrevistados Miguel e Carlos foram para a escola comercial. A Leonor fez até à 4^o classe pois "antigamente era assim, as raparigas só tinham até à 4^o classe e os rapazes iam para o liceu". Então para se tornar numa boa esposa foi aprender inglês, costura e bordados. Ela aprendia inglês porque "...antigamente os casamentos eram mais com os rapazes que viviam na Índia, na União Indiana, e tínhamos que saber inglês (...) se casássemos com os rapazes de lá e tal". (Leonor)

A Gisela afirma: "Não pude porque os meus pais não tinham dinheiro...". A Matilde frequentou o "...5^o ano mas depois com a guerra vim-me embora e ficou por fazer".

A Catarina ia ter a oportunidade de seguir os estudos. Quando terminou a 4ª classe os pais falaram com um amigo, que conheciam um casal de médicos que procuravam uma rapariga da idade da filha deles para fazer companhia e estudarem juntas. E então ela foi: "...quando lá cheguei, apresentaram-me (...) a doutora e o médico e a filha e se eu estava contente de ir para ali estudar para ao pé da filha. E eu, feliz da vida porque o que eu queria fazer era o primeiro ano, chamava-se o primeiro ano naquele tempo. (...) jantei no outro dia a doutora veio ter comigo e perguntou-me: "Sabe cozinhar?" E eu sabia, porque nós na aldeia aprendíamos logo cedo. (...) E eu disse que sim, que sabia. Olha, pôs-me um avental à frente, e fiquei foi a criada de servir. Em vez de estudar, fiquei ama da menina, ia, levava a menina à escola, trazia a menina, ia buscar a menina, e cozinhava...". Isso durou cerca de três anos, até que por mero acaso o irmão passou perto da casa desse casal, viu a irmã e depois levou-a de volta para casa e ela nunca prosseguiu os estudos.

É interessante constatar que na altura os manuais escolares eram iguais nas colónias portuguesas, sendo que Salazar, como já referi anteriormente no capítulo 1.1 (Características Sócio históricas de Portugal enquanto país semiperiférico), tentava através da escola primária "...apagar as lealdades culturais originárias e o de oferecer a nova ideologia oficial". (Mónica, 1978, p. 38)

3.2.1.6 Juventude

Quase todos os entrevistados passaram a juventude em Angola, mas a Leonor passou na Índia e a Matilde em Portugal. Todos conheceram as futuras esposas/maridos durante a juventude. A Catarina afirma:

...tive o homem com quem casei, esse foi o meu verdadeiro amor, mas tive muitos pretendentes e ainda namorei alguns. Então, juventude o que a gente fazia! Que bonita, toca a andar (risos). Tive muitos namorados, isso é o que eu tive mais. Mas não era doida.

Ela tinha 14 anos quando conheceu o marido e casou com 18.

O Miguel refere que não tinha tempo para namorar: "...então entrava às sete da manhã e saía à uma, ia namorar a que horas?" Mas quando conheceu a esposa foi amor à primeira vista. "...uma rapariga, olha... que foi na minha conversa e olha, hoje ainda estamos juntos passados cinquenta e...e...cinco anos".

O Carlos só namorou com a esposa:

...um amigo meu, era quase um irmão... (...) Tinha um estabelecimento de fotografia e a minha mulher era lá empregada. (...) Um belo dia, liguei lá para o estabelecimento para falar com ele. Foi ela que me atendeu. Parece que a partir daí ela deve ter gostado da minha voz, não sei. (...) Até que passado pouco tempo conhecemo-nos (...) ...pedi lhe em namoro.

A Gisela namorou antes de conhecer o marido, tinha 15 anos, mas "...era de brincadeira. A gente chamava de namorados mas não éramos namorados, era mais de brincadeira". Até que conheceu o futuro marido, quando tinha 17 anos.

E então (...) ele...foi lá visitar, quem ainda era primo, 1º, 2º grau e isso, (...) e eu tava no quintal, tínhamos muitas roseiras e muitas flores e eu tava a varrer o quintal e ele olhou para mim, nós olhamos e...pronto. Foi assim e ele não me largou e foi assim que nós começámos a namorar.

A Leonor namorou "...quase sete anos por cartas, nunca tivemos contato nenhum, mas depois, depois eu fui para a União Indiana, e uma cunhada minha que estava lá também escreveu-me a dizer que ele andava com outras raparigas. E eu logo mandei uma carta descartando tudo, acabei com tudo". Depois entretanto casou com o primo quando tinha 24 anos.

A Matilde conheceu o marido já em Portugal: "...era amigo do meu irmão, (...) ...morávamos no mesmo bairro...pronto, depois ele frequentava a casa. E foi assim que a gente se conheceu".

Segundo Rüdiger, (2012)

...o casamento teve motivações predominantemente alheias ao amor, quando era o caso de ele, o amor, estar no horizonte do mundo histórico do casamento. No passado mais distante, seu propósito era reproduzir a espécie e constituir relações de aliança, além de reforçar a força de trabalho no âmbito doméstico. Com o tempo, chegada a era burguesa, tornou-se, para a mulher, a principal forma de sustentação financeira e, para o homem, a realização da fantasia de exercer o poder patriarcal. (p. 149)

O romance era encarado pela maioria das pessoas como uma utopia e a perspectiva de vivenciar-se "...um relacionamento erótico e sentimental só passou a ser vista de forma mais positiva após a Primeira Guerra Mundial". (Rüdiger, 2012, p. 150) E muitas vezes a escolha do marido "...era determinada, implicitamente, pela família, ou recaía nas possibilidades de conhecimentos do seu grupo social". (Mestre, 2004, p. 217)

Todos os entrevistados casaram por amor, exceto a Leonor, que confidenciou durante a entrevista que o marido "...era amigo, era mais amigo do que namorado".

3.2.1.7 Família (depois de casar)

Todos os entrevistados tiveram filhos. A Matilde teve as duas filhas já em Portugal. O Carlos teve uma filha. O Manuel teve um casal e a Gisela também. A Catarina teve em "...Angola três, e um cá". A Leonor teve quatro filhos, nascidos na Índia.

Nessa época era normal as pessoas terem ainda mais filhos do que os entrevistados tiveram, sendo que a "...introdução do primeiro contraceptivo hormonal" (Santos, 2010, p. 3) aconteceu na década de 60.

3.2.2 CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA

Nesta categoria procurou saber-se mais sobre como é que era a cidade onde cada entrevistado viveu, como era o país e qual foi a profissão apreendida por cada um deles.

3.2.2.1 Cidade

Sobre as cidades, cada entrevistado morou na sua, e a mais comum entre eles é Luanda, sendo que todos, exceto a Catarina, viveram nessa cidade. "Luanda era muito grande. (...) A cidade era boa. Com tudo, uma boa cidade, tomara eu que agora tivesse assim, que eu ia lá outra vez. (...) ...a praia do Sal, uma boa praia. Também tínhamos a praia da ilha do Mossulo, que apanhávamos um barco, era muito bonita..." (Matilde)

A Catarina viveu em duas cidades: Lobito e Silva Porto. Sobre o Lobito refere que "...é linda, ainda hoje é maravilhosa". Em Silva Porto foi onde ela começou "...a endireitar mais, hã... situação. (...)Tava bem de vida. Quando rebentou o...o 25 de abril, foi quando a guerra maior rebentou, pronto, tivemos que fugir novamente". (Catarina)

O Carlos viveu em Luanda, Lobito e São Filipe de Benguela. "A cidade que eu mais gostei em Angola foi Benguela (...) estive como civil ao serviço do Estado. (...) Dois anos... (...) E onde o relacionamento humano foi a melhor coisa de que conheci em toda a minha vida".

A Leonor viveu primeiramente na Índia primeiro em Pangim, "O meu pai era diretor da cadeia de Pangim" (Leonor). Depois "... a cadeia foi transferida para Reis Magos". Em Goa e Puna viveu já depois de casar. Goa era muito "...viçosa... Com muitas lojinhas.... (...) com muitas coisas. (...) Depois havia aquela grande festa de ganês". Em Puna "...morávamos mesmo na cidade, (...) cheia de gente, muito viçosa, muita população, de todas as raças". (Leonor) Depois em Angola viveu em Luanda. Era "...uma vida muito boa. Alegre. Os angolanos são muito alegres".

O Miguel viveu em Lobito, Cabinda e Luanda. Passou a adolescência no Lobito, considera que Cabinda é a cidade mais maravilhosa de Angola, mas "...Luanda era a minha terra".

A Gisela viveu em Luanda e Nova Lisboa. Ela viveu em Luanda desde pequena e viu a cidade crescer. Passou pouco tempo em Nova Lisboa, dois anos, pois "...o meu marido foi transferido pra lá. (...) Depois viemos pra Luanda outra vez, e foi sempre".

A Matilde viveu em Luanda e refere que a cidade tinha "...tudo, pronto, aeroporto, tinha porto, tinha transportes, tinha...supermercados, tinha escolas, tinha igrejas, (...) tudo o que uma cidade tem".

Ao ler os depoimentos dos entrevistados pode-se observar que Angola estava desenvolvida, principalmente a capital, Luanda.

3.2.2.2 País

O Carlos deu uma visão interessante sobre Angola, afirmando que

Angola é um território imenso, com uma potencialidade extraordinária, hum, só que...ainda está muito atrasado em termos de exploração. (...) Angola é catorze vezes e meia, catorze vezes e meia maior que toda a dimensão aqui de Portugal. (...) Banhada pelos rios de grande porte, grande volume...deixámos lá uma rede...rodoviária, ferroviárias, portos, caminho-de-ferro, universidades, liceus... (...) Tudo aquilo ficou feito, quando fui para lá aquilo era uma coisa muito pequenina, não em território e dimensão, mas em estruturas e infraestruturas (...) O comércio funcionava (...) todas as noites, 24 horas, em várias zonas. (...) ...tinha mar fantástico. (...) Os salários eram baixos, contrariando a ideia de muita gente que Angola que era a árvore das patacas... (...) ...o que contava é que dava para sobreviver perfeitamente. (...) A pesca era abundante, a vida era muitíssimo barata. (...) Os salários eram baixos, contrariando a ideia de muita gente que Angola que era a árvore das patacas, que aquilo era, que o dinheiro caía quase das árvores não era verdade... (...) A função pública tinha salários baixos, o comércio também tinham relativamente baixos, o que contava é que dava para sobreviver perfeitamente.

Assim sendo, percebe-se em grande parte o porquê de Salazar ter enviado colonos e não querer dar independência às colónias. e, tal como já foi afirmado no ponto 1.2 (Características sócio-históricas do império colonial português) a pobreza e o desemprego que se faziam sentir em Portugal levaram a que muitos portugueses emigrassem. (Mónica, 1978) Pretendia-se também que Luanda fosse "...a capital civilizadora de um futuro império africano", (Cirne, 1998, p. 501) enquanto Portugal teve o império colonial Luanda foi sempre aumentando as suas infraestruturas e evoluindo.

3.2.2.3 Profissão apreendida

O Miguel começou a trabalhar muito cedo. "Aos treze anos. Já era cobrador de autocarros...". Depois com 15 foi trabalhar para um bar. Passado uns anos foi para a função pública. "Fui funcionário público 9 anos...fui bancário 14 anos". (Miguel)

A Catarina quando casou abriu uma loja. "Vendia roupas e farinhas e peixe seco e óleos de palma e açúcares, vendia essas coisas todas. E vinhos e cervejas". Depois abriu uma fábrica de chouriças e alheiras e mais tarde começou a trabalhar na restauração. Sempre foi uma mulher empreendedora, e naquela altura era raro ver mulheres a trabalhar.

O Carlos prestou "...serviço para o Estado português, governo português, durante 14 anos, efetivos, depois dediquei-me à atividade privada..."

A Gisela não foi trabalhar, ficou a ajudar a mãe. O pai dela,

...pôs-me no...(...) sítio onde ele trabalhava, pra eu ir aprendendo pra ver se me arranjava emprego, e tar lá comecei a tirar o curso de tipografia... (...) de escrever à máquina, ainda aprendi, mas aquilo era por concursos, depois a gente ficava admitida, mas quem estivesse lá já tinha mais possibilidades quando houvesse concurso de...de ser chamada aquela pessoa que estava lá a aprender. A minha mãe como queria ajuda, eu larguei isso e fui ajudar a minha mãe. (...) Havia uma senhora que queria que eu fosse aprender de costura, o meu pai não me deixou.

A Matilde ainda era nova quando saiu de Angola, tinha 11 anos e portanto não aprendeu lá nenhuma profissão e a Leonor não aprendeu nenhuma profissão mas procurou sempre trabalhar.

No século XX o papel da mulher começou gradualmente a mudar, sendo que o século XX é considerado, para as mulheres, como "...um século de conquistas e de grande visibilidade". (Mestre, 2004, p. 12) Apesar disso, nessa altura era normal as mulheres só estudarem até à 4ª classe e depois de casarem ficarem em casa a tomar conta dos filhos, pois Salazar entendia que as mulheres deveriam ficar "...em casa a fim de educarem os seus filhos e de se consagrarem às tarefas domésticas". (Cova & Pinto, 1997, p. 72)

3.2.3 IMPÉRIO COLONIAL

Nesta categoria procurei perceber como é que era a vida em Angola, quais eram os conhecimentos dos entrevistados sobre o Estado Novo, o Império colonial e a Guerra Colonial, e qual a opinião dos mesmos sobre a Independência de Angola.

3.2.3.1 Vida em Angola

A vida em Angola foi, em geral, boa para todos. A Leonor é que se sente meio culpada por ter ido para lá.

Eu não devia ter ido. O meu sobrinho que estava cá disse "Oh tia não vá para Angola, fique aqui que eu arranjo um trabalho ao tio, arranjo uma casa, vocês ficam aqui, em Portugal...mas eu como tinha um irmão lá...ele disse-me que aquilo seria muito bom... (...) Fomos para Angola, infelizmente na rua onde nós vivíamos havia muitas acácias. E aquilo fazia muito mal ao meu marido, por causa da asma. Mas nós não sabíamos...ele

veio a falecer, três meses depois de chegar a Angola. Fiquei viúva com quatro filhos... (...)...infelizmente passado dois meses morreu o meu filho mais pequenino, com 1 ano e 10 meses, com uma meningite galopante...depois a vida tornou-se muito, muito difícil. Tive que meter a minha filha num Colégio de São Paulo...para estudar, ela tinha 8 aninhos...(...) lá em Luanda.

Estes acontecimentos fizeram com que o seu filho mais velho também começasse a trabalhar para ajudar a sustentar a família.

O Carlos fala de Angola quase como se fosse uma visão utópica:

Horizontes vastíssimos, o convívio com as pessoas era uma coisa franca, uma coisa aberta! Havia união, havia camaradagem, havia amizade, havia respeito, tudo isso havia e se fazia. O relacionamento entre a população europeia e os naturais de Angola, negros, não havia diferenças. Os hospitais eram iguais pra todos, partilhavam as mesmas enfermarias em casos de internamento, as escolas eram tudo em conjunto, e andava tudo em conjunto, tudo de mãos dadas.

A Matilde afirma que “A vida era boa, mas depois começou a complicar com a guerra... (...) Foi em 1974. Sim, 74, começaram os conflitos”.

A Catarina vai ao encontro do que foi dito pela Matilde: “...eu em Angola tinha uma vida linda, uma vida estável, pronto, antes da guerra e tive a vida, (...) foi maravilhosa”.

A Gisela diz que quando era pequena e foi para Angola a vida não era fácil, “...as pessoas lutaram muito. Depois é que aquilo foi crescendo, começou a ficar melhor a vida, os ordenados começaram a subir...já foi melhorzinho”.

Por fim, o Miguel diz que “...a vida era boa...era um sonho, não nos faltava nada. Não nos faltava nada, desde a boa carne, o peixe sempre fresco, os legumes ali...o nosso mercado lá era o mercado dos Lusíadas”.

Angola era realmente uma terra próspera, sendo que em 1975 tinha cerca de 1 247 000 km². A população vinda da Europa aumentara em cerca de meio milhão e a população africana era cerca de seis milhões.

A economia apresentava-se próspera, quer devido à existência de exportações consideráveis de produtos agrícolas (café, algodão, açúcar, sisal e outros provenientes de plantações; milho proveniente de explorações tradicionais) e minerais (diamantes, ferro e petróleo) e mesmo de serviços (particularmente através de trânsito para o Shaba, antigo Catanga, pelo caminho de ferro de Benguela), quer devido ao início de um processo de industrialização. (Valério e Fontoura, 1994, p. 1193)

Assim sendo, o que os entrevistados disseram vai de encontro ao que estes dois autores afirmam.

3.2.3.2 Estado Novo

Relativamente a esta subcategoria, muitos entrevistados não sabiam responder à mesma e os depoimentos são um pouco confusos.

O Miguel afirma que "Sim, sabíamos tudo, nós estávamos mais politizados do que muita gente pensa". Depois a seguir diz que "...sobre o Estado não se falava nada", mas logo a seguir diz que "Se havia qualquer coisa a gente estava atento".

A Gisela, Matilde e Leonor não sabiam nada sobre o Estado Novo.

O Carlos é que tem uma visão e uma opinião concreta sobre o Estado Novo.

...eu conhecia o Estado Novo, o meu pai ainda foi do tempo da monarquia. (...) ...para mim o Estado Novo existiu, e existiu muito bem, eu contrario a opinião sobre os que falam sobre o Estado Novo. O Estado que temos hoje deve-se à existência do Estado Novo. Se ele não tivesse

existido, hã, Portugal tinha sido extinto, tinha sido eliminado, Portugal antes do Estado Novo.

Ele defende também o Salazar e fala sobre como ele mudou o país. Afirma que viveu o Estado Novo tanto em Portugal como em Angola.

O Estado Novo dizem que foi muito mau porque houve muita gente que foi presa, claro que aqueles que atentaram contra a segurança do Estado, claro que esses indivíduos não podiam andar em liberdade. Então foram detidos. Vários foram detidos. Porque todos aqueles, que nunca atentaram contra a segurança do Estado nunca foram detidos, estavam à vontade. (...) Cá e lá.

Ele ainda afirma que “...esta gente aqui era muito fechada. Eu compreendo, nunca viveram, nunca saíram daqui deste bocadinho, os horizontes deles eram curtos. Não lhes permitia ver mais longe. E depois...o mais difícil e pior é que essas pessoas não se preocuparam em evoluir, em querer evoluir! (pausa) Só para ver, o jornal era baratíssimo quando cá cheguei, não custava quase nada. Ninguém comprava jornais, literatura, livros. (...) Não liam! (...) Isto aqui parou...esteve parado no tempo durante muitos anos. Precisamente porque as pessoas não tiveram interesse em evoluir”. Assim sendo, pode-se observar que na opinião dele a culpa nunca foi do regime e sim das pessoas.

3.2.3.3 Impérios coloniais

Sobre os impérios coloniais, a maior parte dos entrevistados não se lembram de ter aprendido alguma coisa sobre o assunto. Os únicos a dar a sua opinião foram o Miguel e o Carlos. O Miguel afirma que “O império colonial sustentava Portugal”. Já o Carlos diz que

... todo o território vasto território português além mar era designado por colónias. (...) Nós tínhamos lá uma moeda própria, a moeda de Angola. Era o angolar. (...) Salazar nunca quis que a moeda portuguesa se instalasse em Angola, que Angola tivesse moeda própria, porque ele tinha uma visão extraordinária para o futuro. (...) Ele sabia que se implantassem moeda única em Angola e Moçambique, o desastre, teria que acontecer muito mais cedo. Porque ia permitir que os povos, treinados e incitados lá pelo estrangeiro... (...) teriam poder de compra para adquirir armamento. (...) À partida o processo teria desencalhado mais cedo. E ele teve sempre essa visão que não queria isso.

Também diz que no início ele não deixava que todos fossem para Angola pois "...ele sabia que Angola e Moçambique não tinham infraestruturas e estruturas para receber pessoas vindas de cá". Então ele procurou começar a desenvolver as colónias para começarem a ir mais pessoas para lá.

3.2.3.4 Guerra colonial

Sobre a guerra colonial, a Matilde não tem nenhuma opinião formada sobre a mesma.

A Catarina recorda como é que as coisas começaram a mudar e o que e que os angolanos lhes começaram a chamar: "...vai embora branco pra a tua terra. Branco... Mas provocar mesmo palavrão. Vai para a tua terra branco, raio que te parta vai para a tua terra. Tudo assim... nós fomos obrigados a fugir!"

O Manuel afirma que "...se a gente viesse a saber que ia acontecer o que aconteceu, mais-valia não ter havido. Dizíamos "tenham calma que a gente vai embora, vocês ficam". Porque houve mortes inglórias".

O Carlos diz que dantes havia o terrorismo.

"...criaram um estado de terrorismo em Angola, terrorismo foi, eclodiu em Angola manobrado de fora para dentro. (...) Não nasceu espontaneamente,

não nasceu no interior de Angola, foi treinado de fora para dentro. (...) O terrorismo chamado terrorismo oficial... (...) surgiu no dia 4 de fevereiro de 1961”.

E quando deixou de haver terrorismo, "Quando se tinha aquilo dominado, quando já não havia terrorismo verdadeiramente, fizeram o 25 de Abril e... (...) Estragaram tudo...”

A Leonor e a Gisela recordam as mortes e a guerra entre o MPLA e o MFLA e UNITA.

"...no meio onde vivia haviam três...três partidos. Era o FMA, a UNITA e o MPLA. E todos eles queriam o seu poder e de vez em quando havia tiroteio de um lado para o outro e a minha casa estava mesmo no meio. E...havia confusão e... (...) houve lá ainda vários mortos, que apanhavam aqueles tiros e coiso. (Gisela)

"Já viu (...) tantas mães que perderam os seus filhos... tantos filhos que perderam os seus pais...tanta desgraça...tantos animais que morreram, tantas bombas que puseram (...)...e depois começou a guerra do MFLA e do MPLA...nós ficámos encurralados no meio...". (Leonor)

Da guerra resultaram, para o lado português, 90 mil mortos, 30 mil feridos evacuados, mais de 100 mil doentes e feridos e cerca de 14 mil doentes físicos. (Brandão, 2008) Infelizmente não se conseguem encontrar dados sobre quantos civis morreram realmente.

3.2.3.5 Independência

Quando a independência foi concedida os entrevistados não gostaram porque viram-se obrigados a irem-se embora.

Segundo Gisela, a "...independência muito mal feita, apesar de eles tinham direito, sim senhora, mas acho que se fosse um...umas belas conversações, um bom negócio, eles aceitavam. E que podíamos lá tar todos".

A Leonor também partilha em parte da opinião de Gisela.

Com Angola eles podiam ser...pelo menos dar a autonomia ou...sei lá, não sei, não percebo bem essas coisas... (...) ...mas eu acho que eles fizeram muito mal mesmo. Ao povo angolano também como que a nós todos. (...) E os imigrantes que foram lá todos...muita gente perdeu muito, muito, muito. Casas, terrenos e tudo...

O Carlos afirma que "...não houve descolonização, houve uma fuga para a frente, ninguém se preocupou cá com a população portuguesa, que estava em Angola, também não se preocuparam com Moçambique".

A Catarina fala em

...cambada de bandidos e ladrões. Não, não concordo. Não porque... nós estávamos bem de vida, se podiam dar a independência, como deram, né, mas davam uma independência a tudo viver em paz. Eu estava lá quando e continuava lá! (...) ...não tinham nada que deixar que houvesse aquela revolução que houve então não mandavam anteriormente tanto tropa para lá defender Angola, que era portuguesa para depois entregar assim tudo de mão beijada! Estes bandidos, estes governadores que estavam cá entregaram tudo de mão beijada!

O Miguel, que nasceu em Angola, salienta que "...se a gente viesse a saber que ia acontecer o que aconteceu, mais-valia não ter havido. Dizíamos “tenham calma que a gente vai embora, vocês ficam”. Porque houve mortes inglórias".

A Matilde era muito nova quando foi dada a independência, mas lembra-se das "...pontes aéreas que começaram a fazer para evacuar toda a gente...".

Segundo Murteira, (1986) Portugal não teve capacidade política nem condições para preparar uma "...metamorfose neocolonial". (p. 836)

3.2.4 RETORNO

Nesta categoria procurei entender como é que foi o retorno dos entrevistados. Procurei conhecer como é que foi a viagem para Portugal e se conseguiram trazer a bagagem, como é que foi a chegada ao país, as expectativas que tinham, se a família ficou toda junta ou não, se conseguiram arranjar trabalho e como é que foi, no caso da entrevistada Matilde, a integração na escola.

3.2.4.1 Viagem

A Catarina estava no Lobito quando houve a revolução e então teve que ir de barco desde o Lobito até Luanda. Não gostou da viagem de barco "...mas de avião foi ótima...". Ela trouxe apenas "...um carro (...) depois de ser roubada e saqueada de tudo...(.) um carrito, porque o meu irmão era polícia e tinha direito a despachar o carro e ele não queria o carro, então eu comprei-lhe o carro ao meu irmão e o meu irmão despachou para cá”.

O Carlos conseguiu trazer “...a mulher, (...) filha, (...) uma maleta na mão”.

Com a Matilde aprofundei não só a viagem para Angola mas sim também a viagem da Índia para Portugal, de Portugal para Angola e só depois é que falámos da viagem de Angola para Portugal. Nas primeiras duas viagens foi de barco, só de Angola para Portugal é que veio de avião, e nessa viagem trouxe "...roupas, (...) e eu estive lá um senhor que trazia muita coisa dele e então trouxe a minha máquina de costura. (...) E o frigorífico, mais nada”.

O Miguel diz que se não fosse ter mulher e filhos não tinha voltado, e no avião despediu-se de Angola.

"Quando vinha do...avião levantou, eu olhei e disse “Adeus Luanda, até nunca mais... (...) ...a viagem foi a beber (...) whisky. O whisky era barato a bordo dos aviões da TAP. Ah caneco, eu quando olho...e (...) “Meu Deus do céu, então mas eu estou...estou a chegar a Portugal. E estou com uma bebedeira...”.

Trouxe consigo dez caixas de pastilhas.

A Gisela não trouxe nada, mas tinha trazido anteriormente.

"...quando vim cá de férias é que trouxe um...uma malita com algumas roupas melhorzitas e loiças e deixei cá na casa da minha tia. (...) Sim, de férias. (...) 73. (...) ...nunca pensei que a gente viesse de vez, pensei sempre que ia ser uma independência e que a gente ia lá ficar".

Sobre a viagem, recorda que foi de avião e "...foi boa a viagem, só que às vezes o avião dava assim, apanhava aquelas... (...) Turbulências. E eu dava assim...tinha muito medo, ficava cheia de medo, mas foi boa. Foi...foi umas sete ou oito horas de viagem". (Gisela)

A Matilde recorda que veio de avião, sendo que "...houve família minha que veio de barco mas viemos de avião. (...) ...ainda dormimos uma noite no aeroporto...há espera da, de embarque. Depois lá viemos". Eles conseguiram trazer "...as malas com a roupa, e pouco mais. A minha mãe conseguiu trazer um fogão, que a minha tia veio de barco, conseguiu...trazer o fogão e lembro-me de ela meter dentro do fogão os meus livros da Anita". (Matilde)

Na altura que houberam as pontes aéreas era complicado conseguir sair de Angola com bens materiais. Muitas pessoas foram assaltadas, saqueadas, outras simplesmente para conseguirem fugir deixaram tudo para trás. Cerca 350 000 portugueses que na altura estavam em Angola foram para Portugal, África do Sul e Brasil. (Bender & Yonder, 1974)

3.2.4.2 Portugal

A Catarina foi "...bem acolhida quando cheguei a Portugal, a verdade tem que ser dita". Relembra que

...assim que a gente entrou no aeroporto fomos acolhidos, deram logo de comer à gente e às crianças e tudo, (...) depois foram os carros preparados para as pessoas ou iam para os hotéis ou iam pra...pra casas que eles

arranjaram ou iam para casas de família ou iam para as aldeias deles que tinham lá família à espera, eu não por acaso eu fui para um hotel, para Cascais.

Mas ela foi "...mal acolhida (...) quando fui para a aldeia do meu marido, ali é que eu fui mal recebida. (...) ...as velhotas, diziam que a gente veio estragar a vida delas e que viemos comer a comida delas". Custou-lhe imenso adaptar-se a Portugal e chegou a afirmar que o país era um atraso de vida e que os "Nós (...) retornados viemos dar vida a Portugal".

A Gisela quando chegou a Portugal foi "...pra casa de um tio meu, irmão da minha mãe. (...) Que me acolheu ali... (...)Tive lá um...quase dois meses". Para ela foi uma desilusão ter vindo para Portugal porque não gostou do ambiente porque em Angola era "...um ambiente muito familiar, muito coiso, e aqui achei assim muito coiso...". Notou também diferenças ao nível do clima.

O Carlos afirma que foram

...mal recebidos, muito mal recebidos. Os residentes cá...sabendo que nós éramos de cá! Também naturais de cá! Tínhamos ido para lá procurar uma vida melhor e era território nacional, território português. Receberam-nos com uma hostilidade tremenda, mesmo famílias que se recusaram a receber familiares! Que vinham apenas alguns com a maleta e com a roupa que tinham no corpo, uns com uma maleta na mão.

Ficou espantado por Portugal ser tão pouco desenvolvido em comparação a Angola. É interessante verificar as suas contradições nas suas perceções, dado que ele concordava com tudo o que Salazar fez e era a favor do Estado Novo, mas depois achava que a pessoas cá estavam atrasadas.

O Miguel diz que quando veio para Portugal teve "muita ajuda da família, da minha mulher sobretudo e dos meus filhos...". Considerou vir para Portugal como a experiência de viver no paraíso e ir para o inferno, começando pelo clima, depois queria que lhe dessem equivalência aos estudos em Angola mas não conseguia.

Aqui em Portugal não me quiseram considerar o curso comercial porque era de quatro anos lá, e aqui era de cinco já na altura (...) Eu ainda fui falar ao embaixador...ao consulado aqui português, mas ele disse que não valia a pena porque...tava tudo destruído, não valia a pena. Então uma certidão de casamento eu tive que pedir por intermédio do embaixador português! (...) E só assim é que me consegui naturalizar português, porque a minha mãe quando chegou a Portugal mudaram-lhe o nome. O meu pai já era falecido, eu não conhecia família nenhuma, tive que mandar vir, porque por ter casado com uma portuguesa é que eu sou português, senão não conseguia.

A Matilde lembra-se que o maior impacto que sentiu foi a diferença de clima e que a família passou "...muita necessidade quando a gente voltou porque...não tínhamos nada! Os meus pais vieram praticamente com a roupa que tinham no corpo, então foi construir tudo da estaca zero". Lembra-se de antes de ir para o bairro ter ficado na casa de um tio.

A Leonor afirma que nos primeiros tempos foi difícil, pois veio sozinha com três filhos. Gostava mais do ambiente em Goa, que era um ambiente com mais "...amizades, daquela vida franca...a vida sem maldades, sem...sei lá, uma vida muito simples, sabes? Aqui já é diferente, é mais evoluído...".

Todos os entrevistados não gostaram da mudança para Portugal e preferiam ter continuado a viver em Angola.

3.2.4.3 Família

Quando vieram para Portugal alguns entrevistados ficaram separados da família. Foi o que aconteceu com o Carlos, a Gisela e a Catarina. O Carlos conta que ficou num sítio com a mulher e a filha, os pais foram para o norte e também ficou separado do resto dos irmãos. "...meu pai e a minha mãe faleceram, o choque brutal da mudança... (...) fez com que eles não resistissem a isso". (Carlos)

A Gisela recorda que vinha um familiar de cada vez porque não dava para fazerem a viagem todos juntos., e "...depois encontrámo-nos cá, é que a gente encontrou-se, vieram todos cá pra Lisboa". Teve um irmão que só voltou cerca de cinco, seis anos depois de ser dada a independência.

A Catarina estava com o marido e os filhos quando fugiu do Lobito.

A minha mãe fugiu com a minha irmã mais velha não sei de aonde, do Lobito não sei para onde. Portanto quando eu cheguei a Portugal não sabia de família nenhuma. (...) o meu marido encontrou-os aí e...disseram onde moravam que era aqui. E deram-nos a direção e o meu marido quando chegou depois à terra dele disse "olha estive com a tua família". Nem sabia de nada da minha família, eu fiquei feliz. (...) Foi quando encontrei os meus pais, um irmão meu, duas irmãs e tal, encontrei quase toda a família aqui.

Uma das razões para eles procurarem separar os ex-colonos era para não haver ajuntamentos. Mesmo assim muitos deles procuraram juntar-se, como por exemplo no bairro do Fundo Fomento.

A Catarina também recorda que o marido adoeceu uns anos mais tarde, já ela tinha 63 anos, e ele acabou por falecer. "...eu depois fiquei foi uma dor muito grande. É assim a gente fica triste, ainda fui para a Irlanda, para poder desnortear a minha cabeça, e depois da Irlanda fui para a Inglaterra (...) e vim-me embora". Depois acabou por regressar para a sua casa no bairro, sendo que mais tarde conheceu o seu futuro marido.

3.2.4.4 Trabalho

Os entrevistados quando vieram para Portugal procuraram arranjar trabalho.

A Gisela conta que "...montámos um negociozito, montámos uma barraquita de madeira. E depois quando o meu marido começou a trabalhar, trespassámos e pronto".

O Carlos, como já tinha 43 anos quando voltou de Angola teve bastante dificuldade para arranjar trabalho.

"Tive muitas dificuldades para arranjar trabalho cá. Sujeitei-me a fazer trabalho que nunca tinha feito na minha vida. (...) Fui trabalhar para obras. (...) Tinha uma mulher e uma filha para sustentar e criar. Não podia parar. (...) Fui trabalhando nos sectores até que cheguei a um ponto que epá a idade já não permitia vai para a reforma”.

A Catarina continuou a ser empreendedora e então foi sempre tendo negócios ligados à área da restauração.

O Miguel esteve um ano parado e depois começou um negócio de venda de brindes e pastilhas elásticas. Depois foi trabalhar para a função pública.

A Leonor fazia comida para fora e começou a trabalhar em Lisboa, nas Finanças.

A Matilde, como era muito nova, não trabalhou nessa altura mas mais tarde trabalhou "...num escritório em Lisboa. Morava no Barreiro, e trabalhava num escritório em Lisboa".

3.2.4.5 Escola

A única entrevistada que ainda andou na escola após o retorno para Portugal foi a Matilde.

Quando fui para a escola depois chamavam-me “pula da mancueco”, chamavam “retornada, vai para a tua terra!” E depois uma vez na escola lembro-me que me disseram assim “Ah tu nem pareces que és retornada, és tão porreira!” (risos) Eram as mentalidades parvas mas pronto. Vá lá que depois começaram a gostar de mim.

A integração das pessoas vindas das ex-colónias na sociedade portuguesa foi muito complicada para a maior parte, sendo que segundo Faria & Pinto, (1996) "...após o retorno o sentimento que mais persiste na população é o sentimento de revolta e de desespero". (p. 87)

3.2.4.6 Escola/Trabalho

A Leonor conta que o filho mais velho começou a trabalhar e a estudar à noite. Já em Angola ele trabalhou para ajudar a família.

Tal aconteceu porque o marido dela tinha falecido e então a família passava por grandes dificuldades e o filho mais velho procurou sempre trabalhar para conseguir juntar dinheiro e assim pagar também os estudos dos outros dois irmãos mais novos. O trabalho infantil "...foi um fenómeno com grande expressão em Portugal até à década de 80". (Tomás, 2011, p. 7)

3.2.5 MEDIDAS DE POLÍTICA SOCIAL

Nesta categoria procurei perceber se eles tiveram alguma ajuda do Estado e como é que acabaram por ter a casa no bairro.

3.2.5.1 Ajuda do Estado

Relativamente à ajuda do Estado, alguns entrevistados dizem que obtiveram ajuda do Estado, outros dizem que não obtiveram ajuda.

A Catarina diz que "O IARN sim, a mim deu-me um subsidiuzito, que era (...) 12 euros por mês. (...) ainda entrou nesses cinco anitos nos descontos da reforma. Hã... e pronto quando a gente precisava de ir trocar dinheiro ela por ela o meu marido foi lá chegar a trocar, quando viemos no princípio. Depois nunca mais dão nada".

O Miguel refere que "Foram as mantas que fizeram jeito (...) ...e umas camas de encahadas assim da tropa".

O Carlos, a Leonor e a Gisela dizem que não foram ajudados.

O IARN foi uma organização que se criou para alguns indivíduos. (...) Aproveitaram-se do dinheiro para ajudar os retornados. Alguns poucos beneficiaram disso, a maior parte deles eram alojados e hotéis em Lisboa, uma família com seis, sete pessoas num quarto só para duas. (...) Não é viver. (...) Casais com filhos, com crianças pequenas, tudo num quarto só, num hotel em Lisboa.... (Carlos)

A Leonor durante a entrevista não se referiu ao IARN, mas referiu-se às assistentes sociais em três ocasiões diferentes:

“Quando chegámos a Lisboa estavam lá umas senhoras que vieram na...na, deviam ser assistentes sociais. (...) Que nos levaram para o hotel depois”.

“Depois deram-nos aqui, vinham umas senhoras, deviam ser assistentes sociais. (...) Pronto, deram o aspirador, deram coisinhas assim, e depois eu fui comprando!”.

“Eu não fui falar com ninguém...quando nós viemos (...) fomos à INATEL. (...) Ficámos lá. (...) Então eles, as assistentes sociais não é, começaram a ver onde nos devia alojar e dar casa...”.

De todas as ajudas, é curioso ter sido dado um aspirador, visto que nessa altura não era algo que se utilizasse muito e era bastante caro na época.

Assim pude compreender como é que o IARN conseguiu ajudar as pessoas e também constatar que existiam profissionais a ajudar na integração, nomeadamente assistentes sociais.

3.2.5.2 Casa

Sobre a vinda para o bairro, os entrevistados Matilde, Miguel, Gisela e Catarina ocuparam, cada um, uma casa do bairro.

...quando eu soube aqui do bairro e ocupei aqui este bairro. Vim, sabia que era um bairro que tava destinado pra PIDE e como ainda não estava acabado nós ocupámos, ainda tinham...alguns ainda não tinham janelas, não tínhamos água, não tínhamos luz, algumas não tinham portas. (...) A minha tinha porta.... (Gisela)

À Leonor e ao Carlos a casa foi dada. "...a tropa veio lá dizer que tinha habitação para nós". (Leonor) "Esta casa foi-me entregue pelas autoridades na altura, que era a autoridade militar". (Carlos)

O bairro acabou por se tornar um bairro multicultural.

3.2.6 INTEGRAÇÃO

Nesta categoria procurei entender como é que foi o processo de integração dos entrevistados em Portugal, qual foi a receção dos portugueses, como é que é o relacionamento com as pessoas que vieram das ex-colónias e o que acham do bairro.

3.2.6.1 Receção dos portugueses

Para todos, exceto para a Catarina, a receção foi má. Ela é a única que afirma "Foi bom, eu dei-me bem com toda a gente. Sempre. Pode haver um desentendimento às vezes, hã... epá, mas eu não tenho ódio a ninguém, não tenho raiva a ninguém, eu quero que toda a gente seja feliz, eu quero, dou-me bem com toda a gente".

O resto dos entrevistados afirma que

"...o meu relacionamento foi do...do piorio, porque o nosso regime faziam um "R" na testa. (...) Éramos os retornados, "vai pá tua terra, porque lá andavas a roubar aos pretos e não vais roubar aos brancos". (Miguel)

"As pessoas não gostaram muito porque diziam que os retornados vinham roubar os empregos que eram deles". (Matilde)

“Há certas pessoas que (...) ...sei lá, uma vez eu ia caindo de elétrico. (...) Eu ia descer, o homem arrancou... Começou a falar “Ai estes imigrantes”, mais não sei o quê, quase ia caindo”. (Leonor)

“...com as outras pessoas era um relacionamento com elas que não nos olhavam assim com bons olhos”. (Gisela)

“E outras coisas, faziam mal mesmo nos serviços. (...) Eu tinha o meu chefe que fazia tantas maldades...”. (Leonor)

“Nós retornados vínhamos para cá não éramos nacionais. Nós éramos as pessoas que vinham para cá para tentar roubar o posto de trabalho deles. A compreensão deles não dava para mais... (...) esta gente daqui era muito fechada”. (Carlos)

Apesar de tudo, atualmente já se dão bem com os portugueses e os portugueses com eles, pois como o Miguel afirma, "O tempo tudo esquece, hoje já não se fala em retornados, (...) somos todos amigos. É só o futebol, discute-se futebol, ameçassem com o futebol, bate-se por causa do futebol...”.

Todos os entrevistados tiveram uma mobilidade social descendente, ou seja, desceram da sua posição social que tinham em Angola. A entrevistada que menos sofreu essa questão foi a Leonor, que já tinha poucas posses em Angola.

A mobilidade social em Portugal não teve ainda a mesma atenção que tem tido nas sociedades industrializadas. (Cabral,1998)

3.2.6.2 Pessoas das ex-colónias

Relativamente ao relacionamento com as pessoas das ex-colónias, a Gisela afirma que o “Relacionamento que a gente tinha mais era com as pessoas retornadas”.

A Leonor ainda mantém o contato com uma amiga que tal como ela foi da Índia para Angola, e neste momento encontra-se em Goa.

A Matilde diz que no bairro eram quase todos vindos de Angola mas na escola era uma mistura.

A Catarina dá-se ainda bem atualmente com todas as pessoas que conhece e que vieram das ex-colónias e fala que “...as pessoas foram todas à luta, a maioria de Angola vinha toda habituada a trabalhar. (...) ...agora as que tavam cá os maridos é que trabalhavam para elas, a maioria”.

Após analisar os dados obtidos pelos entrevistados, procurei relacionar com o conceito de identidade grupal, pois esse conceito está relacionado "...com os interesses sociais pessoais e/ ou coletivos, de maneira que exista uma totalidade, uma unidade de conjunto, ao mesmo tempo em que ocorra uma diferenciação com outros grupos da mesma categoria". (Vieira-Silva & Miranda, 2013, p.644)

Os entrevistados também tiveram que (re) construir a sua identidade e cidadania, sendo que, tal como referi no capítulo 1.3, (Identidade, fluxos migratórios e cidadania) o conceito de cidadania é deveras importante para os indivíduos que vieram das ex-colónias.

3.2.6.3 Bairro

Por último, sobre viver no bairro, todos os entrevistados acabam conformados por viver lá, "...uma pessoa pode viver num...num bairro de luxo e se encontrar uma ovelha ranhosa ou qualquer problema. Não, isto aqui é sossegado e estamos contentes, ainda no outro dia, não podemos mudar com a idade que a gente tem...". (Miguel)

Que remédio. Comprei a porcaria da casa aqui que remédio tenho eu. Se eu pudesse já não vivia aqui há muito tempo. Eu mais dia menos dia devo fugir daqui. Deus me livre, isto é um "badangue". Não, sou sincera. Não é contra as pessoas, não é contra ninguém. Tou farta de viver aqui! (...) a ver se vejo um cantinho que me agrada, uma casinha térrea com quintal, com um jardim à frente, que é para eu poder cultivar, para eu poder ter galinhas para eu poder fazer chouriços para eu poder fazer alheiras, ainda agora fui para a minha sobrinha fazer alheiras e fazer chouriços. (..) Ou que venda esta ou que alugue saio daqui. (Catarina)

Se eu gosto? Não gosto. Vivi cá os anos difíceis que foi sem ter as condições básicas, lutei por elas para que elas fossem estabelecidas e concluídas, depois isto começou a degradar-se... (pausa) Salvo meia dúzia

de pessoas parece que são todos desconhecidos. O poder financeiro não me permite sair. (Carlos)

Apesar de falarem muito mal do bairro, nunca assisti a nada, dou-me bem com toda a gente e pronto, tou satisfeita, não posso dizer o contrário. Se pudesse mudar pra outro sítio, assim estar mais perto da minha filha e das minha netas, gostava, mas não quer dizer que, lá do bairro com...não tenho razão de queixa. (Gisela)

A Matilde atualmente vive no Algarve, pois depois de casar foi para lá viver, mas continua todos os anos a lá ir, com o marido e os filhos para visitar a família que ficou lá, tanto da parte dela como da parte do marido.

4 REFLEXÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação pretendi compreender como é que tinha sido a vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal e como é que foi a relação deles com a cidadania social. Para tal, passo a explicitar quais eram os meus objetivos e se os atingi ou não:

1 – Aprofundar os conhecimentos sobre o Império Colonial português e a sua posição no sistema mundo durante o século XX.

Este objetivo foi cumprido através da elaboração do capítulo 1 da presente dissertação, onde foi feita pesquisa bibliográfica para tentar compreender as características sócio históricas de Portugal enquanto país semiperiférico e as características sócio históricas do império colonial português. Através de diversos autores pude compreender que Portugal, durante o período colonial, era visto como um país semiperiférico, eminentemente rural e com elevadas taxas de analfabetismo. Durante o Estado Novo o Salazar divulga Portugal como sendo uma potência colonial, sendo que a pobreza e o desemprego levou a que muitos portugueses emigrassem para as colónias. (Mónica, 1978)

2 – Aprofundar os conhecimentos sobre a descolonização e o processo de retorno das ex-colónias.

Este objetivo foi cumprido durante a pesquisa e elaboração do ponto 1.2, sobre as características sócio históricas do império colonial, onde foi abordado o retorno dos portugueses e o facto de as autoridades portuguesas não preverem a saída massiva dos portugueses das ex-colónias. Isso levou a que existissem vários movimentos de libertação de Angola, sendo que os mais conhecidos são a UNITA, (União Nacional para a Independência Total de Angola) o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e o FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola). Para os portugueses conseguirem voltar foram realizadas várias pontes aéreas, acontecimento que os entrevistados lembram-se bem.

3 – Compreender quais eram as medidas de política social existentes na época para a integração dos ex-colonos no Portugal democrático.

Este objetivo foi cumprido e percebeu-se que na altura, devido ao súbito aumento da população portuguesa foram criadas novas medidas para ajudar as pessoas que tinham vindo das ex-colónias. As duas primeiras medidas criadas foram dois núcleos de apoio a desalojados em 1974. Como eram cada vez mais pessoas a pedir ajuda foi então criado o IARN, (Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais) que ajudou nomeadamente três entrevistados. Uma das entrevistadas que provém da Índia não se referiu ao IARN mas sim a assistentes sociais que a ajudaram, o que pode estar relacionado com o CAAD, (Comissão Administrativa e de Assistência a Desalojados) que foi criada para resolver problemas e assuntos de pessoas que provinham do Estado Português da Índia.

4 – Compreender como é que foi a integração das pessoas que vieram das ex-colónias em Portugal e averiguar relações com a (re) construção da cidadania e da identidade.

Este objetivo foi cumprido, em grande parte, através das entrevistas realizadas. Os entrevistados falaram todos sobre a sua integração em Portugal, nomeadamente no bairro e como é que era a sua relação com as pessoas. Acabaram por deixar uma vida em Angola e recomeçarem uma nova vida, construindo uma nova identidade e cidadania, pois a pátria era-lhes desconhecida e não sentiam Portugal como sendo a terra deles.

5 – Explorar a abordagem biográfica como dispositivo chave para auxiliar o papel da educação social.

Esse objetivo foi cumprido, pois procurei apreender mais conhecimentos sobre as narrativas biográficas e as suas perceções para a educação social. Ficou talvez a faltar entrevistar uma educadora social que trabalhasse diretamente com uma medida de apoio da época, nomeadamente o IARN.

Após a revolução de 25 de abril de 1974 procurou alterar-se a cultura política do país, apresentando programas de educação que tinham objetivos expandir a cultura, fazer com que todos os cidadãos tivessem direito a uma educação e mais solidariedade entre os sectores urbanos e rurais.

Dado que é neste período que se dá a vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal, procurei averiguar até que ponto as narrativas biográficas recolhidas se traduzem, ou não, esta abertura, solidariedade e espírito de inclusão e comunidade. E pude averiguar que de início isso não foi sentido pelos entrevistados. Sejam à chegada em Portugal, o terem ido para a aldeia ou para o bairro, o ser gozado na escola... nem os portugueses provenientes das ex-colónias estavam habituados a Portugal tal como os portugueses viram de repente chegar pessoas que lhes eram estranhas e ficarem a trabalhar com eles e fazerem parte da sociedade. Foi através dos relatos que tive acesso à memória histórica de cada um dos entrevistados e pude situar-se no tempo e no espaço em que se deram todos os acontecimentos.

A memória histórica permitiu portanto recuperar "...la verdad de lo sucedido...", (Monteagudo, 2009, p. 217) sendo que a memória coletiva promove "...el trabajo colectivo y la construcción del conocimiento a partir de situaciones, problemas y vivencias de gran significación social y personal". (Monteagudo, 2009, p. 217)

Os entrevistados tiveram várias transições ao longo da sua vida, sendo que a maior de todas foi quando tiveram que vir de Angola para Portugal, que foi uma "...transição para uma realidade totalmente nova". (Arco & Fragoso, 2015, p. 72) A transição não é apenas um evento, pois pressupõe que exista uma auto-redefinição e uma reorganização na vida da pessoa, de forma a incorporar as mudanças que acontecem na sua vida. (Magalhães, 2011)

Como futuro tema de investigação gostaria de aprofundar mais a história de vida de cada um dos entrevistados, entrevistando os familiares deles. Gostaria também de entrevistar técnicos da área social que tenham trabalhado ou feito voluntariado no IARN. Considero que apesar de se abordar muito o tema do 25 de abril de 1974 fala-se muito pouco de como é que foi a vinda dos portugueses das ex-colónias e como foi feita a integração dos mesmos. Por último, gostaria também de entrevistar mais portugueses que tenham vivido na Índia e como é que foi feita a descolonização lá, tema que é pouco abordado na história portuguesa.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, Luísa. (2015) *Paradigma Qualitativo e práticas de investigação educacional*.
Universidade Aberta
- Ander-Egg, Ezequiel. (1995) *Introdução ao Trabalho Social*. Petrópolis, Vozes
- Arco, Joaquim & Fragoso, António. (2015) *Biograficidade e Identidades de Aprendizagem - Educadoras de Adultos na Serra Algarvia*. *Omnia* nº 2, 65-77.
- Atkinson, Robert. (2002) *The Life Story Interview*, in Jaber F. Gubrium & Jaes A.Holstein (eds.), *Handbook of Interview Research*, Thousand Oaks, Sage.
- Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, Rosanna. (2013) *As políticas educativas para o sector da educação de adultos em Portugal: as novas instituições e processos educativos emergentes entre 1996-2006*. Chiado Editora
- Bender, Gerald & Yoder, Stanley. (1974) *Whites in Angola on the Eve of Independence: The Politics of Numbers*. *Africa Today*, 21, 22-37.
- Bogdan, Robert & Biklen, Sari. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora, Lda.
- Brandão, José. (2008) *Cronologia da Guerra Colonial Angola-Guiné-Moçambique 1961-1974*. Editora Prefácio.
- Cabral, Manuel Villaverde. (1998) *Mobilidade social e atitudes de classes em Portugal*. *Análise Social*, volume XXXIII, 381-414.
- Campos, Claudinei José Gomes. (2004) *Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde*. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 611-4.
- Carvalho, José Murilo de. (2008) *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

- Cirne, Maria Teresa Filipe. (1998) *Um projeto de colonização portuguesa em Angola nos finais do século XIX (1884)*. Revista da Faculdade de Letras, 497-534
- Coutinho, Clara Maria Gil Fernandes Pereira. (2005) *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: Uma abordagem Temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*, Braga, Universidade do Minho.
- Cova, Anne & Pinto, António Costa. (1997) *O Salazarismo e as mulheres - Uma abordagem comparativa*. Penélope 17, 71-94.
- Denzin, Norma & Lincoln, Yvonna. (1994) *Handbook of qualitative research*. Califórnia: Sage
- Dias, Iêda Maria Vargas & Santos, Rosângela da Silva. (2005) *Método História de Vida e sua aplicabilidade no mundo da enfermagem*. Esc Anna Nery R Enfermagem.
- Dias, Jill. (1991) *História da colonização – África (século XVII - XX)*, in Ler História, volume 21
- Faria, Susana & Pinto, Cláudia Sofia. (1996) *Retornados: Identidades de um Grupo (In)Conformado*. Seminário de Investigação em Sociologia da Cultura, Faculdade de Economia – Universidade de Coimbra
- Ferreira, José Miguel Moura. (2011) *A Restauração de 1640 e o Estado da Índia - Agentes, espaços e dinâmicas*. Dissertação em História Moderna e dos Descobrimentos. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Filomena, César Luciano & Cheron, Cibele (2008) *O antagonismo ao extremo: luta pela libertação colonial e guerra civil em Angola*, Porto Alegre, GT Organizações Internacionais.
- Filho, Cyro de Barros Resende & Neto, Isnard de Albuquerque Câmara. (s/d) *A evolução do conceito de cidadania*. Departamento de Ciências Sociais e Letras. Universidade de Taubaté.

- Flick, Uwe. (2002) *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Monitor – Projetos e Edições, Lda.
- Freire, Paulo. (1967) *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra.
- Gadotti, Moacir (s/d) *Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária – conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum*. Scielo.
- Gonçalves, António. (2000) *Gestão política das identidades culturais: desafios à democratização*. Africana Studia, nº 3, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Gonçalves, Cláudia. (2010) *Metodologias QQ – Quali X Quanti em Ciências Sociais Aplicadas, uma introdução*. Belo Horizonte.
- Gonçalves, José Luís de Almeida. (2006) *O educador social, desafiado pela diversidade cultural das sociedades contemporâneas*. ESE de Paula Frassinetti e Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Gussi, Alcides Fernandes (s/d) *Reflexões sobre os usos de narrativas biográficas e suas implicações epistemológicas entre a Antropologia e a Educação*. Porto Seguro, Bahia, Brasil.
- Guzman, Marta & Lund, Sting G. (s/d) *Transições, mudanças que fazem crescer*. Infância na Europa, nº 22.
- Haag, Carlos (2012) *Um imenso Portugal*. Pesquisa Fapesp 201.
- Holzmann, Liza. (2002) *Emancipação, Histórias de vida e depoimentos pessoais* 2(1): 43-56. Itamar Assumpção.

- INE – Instituto Nacional de Estatística. (2011) Acedido a 15 de julho de 2015, in https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrC od=0005889&contexto=pi&selTab=tab0
- INE – Instituto Nacional de Estatística. (1975) Acedido a 20 de maio de 2016, in <https://www.ine.pt/xportal/>.
- Jerónimo, Patrícia. (2015) *Cidadania e reconstrução da identidade nacional em contextos multiculturais*. Escola de Direito da Universidade do Minho.
- Leandro, J. M. Marques. (s/d) *A epopeia do retorno 20 anos depois*. Acedido a 11 de julho de 2015, in <http://www.espoliadosultramar.com/ip9.html>.
- Magalhães, Sandra Cristina Ribeiro da Silva. (2011) *A vivência de transições na parentalidade face ao evento hospitalização da criança*. Escola Superior de Enfermagem do Porto.
- Maia, Fernando. (1985) *Segurança Social em Portugal: evoluções e tendências*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Marinho, Havana Alicia de Moraes. (2010) *Estados Unidos: o contexto dos anos 1970 e as crises do petróleo*. Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 7 – UFGD - Dourados jan/jun 2010
- Melo, Alberto et al. (1998) *Uma proposta educativa na educação de todos. Documento de Estratégia para o Desenvolvimento da Educação de Adultos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Medeiros, António José. (2002) *Ideias e práticas da cidadania*. União: Cermo.
- Mestre, Marilza Bertassoni Alves. (2004) *Mulheres do século XX: memórias de trajetória de vida, suas representações (1936-2000)*. Curitiba.

- Mira, Maria do Rosário & Ramos, Adília Viana. (2013) *Modelos explicativos e paradigmas, investigação e intervenção em Turismo*. Revista Científica ESEC, Coimbra.
- Moço, Diogo Manuel Simões Roque. (2012) *Prisioneiros na Índia 1961-1962*. Mestrado em História Contemporânea, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História.
- Mónica, Maria Filomena. (1978) *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*. Editorial Presença/Gabinete de Investigações Sociais. Coleção Análise Social.
- Monteagudo, José González. (2010) *La entrevista en historia oral e historias de vida: Teoría, método y subjetividad*. Espanha.
- Monteagudo, José González. (2009) *Historias de Vida y teorías de la educación: tendiendo puentes*. Cuestiones Pedagógicas, 19, 207-232.
- Moraes, Ana Alcídia de Araújo. (2004) *Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente*. Pro-Posições. Volume 15, nº2.
- Murteira, Mário. (1986) *Crise mundial e revisão das estratégias de desenvolvimento no Terceiro Mundo*. Análise Social, volume XXII.
- Nóvoa, António & Finger, Mathias. (1988) *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Pena Pires, R. (2003) *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*. Celta Editora, Oeiras.
- Quivy, Raimond & Campenhoudt, Luc Van. (1995) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva – Publicações S.A.

- Rabelo, Amanda Oliveira (2011) *A importância das narrativas biográficas para a educação*, Educação Social, Campinas
- Ribeiro, Margarida Calafate (2004) *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*, Porto, Edições Afrontamento.
- Ribeiro, General Gonçalves. (2002) *A vertigem da descolonização*. Mem Martins: Editorial Inquérito.
- Rüdiger, Francisco. (2012) O amor no século XX - Romantismo democrático versus intimismo terapêutico. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.24, n. 2, 149-168.
- Saint-Georges, Pierre de. (1997) *Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económicos, social e político*. Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva Publicações Ltda.
- Salvadori, Massimo L. (2004). *História Universal, nº 18. Cronologia Universal 476-1975*. Babel Grafistes.
- Santos, Boaventura de Sousa. (1989) *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Acedido a 15 de setembro de 2015 in <http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/livros/introducao-a-uma-ciencia-pos-moderna.php>.
- Santos, Boaventura de Sousa. (1985) *Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português*. *Análise sociológica*, volume XXI (87-88-89), 869-901
- Santos, Boaventura de Sousa. (1993) *O estado, as relações salariais e o bem-estar social na semiperiferia: o caso português*, in Boaventura de Sousa Santos (org.) *Portugal: um retrato singular*. Porto, Afrontamento, 17-56.
- Santos, Joana Inês França dos. (2010) *Contraceção hormonal: evolução ao longo dos tempos*. Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

- Silva, Célia Maria Taborda da. (s/d) *A comunicação como estratégia política da Ditadura e da Democracia*. 6º Congresso SOPCOM.
- Silva, Jorge Pereira da. (2004) *Direitos de cidadania e direito à cidadania*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).
- Souza, Adriano Ibrahim e Ramos; Silva, Denio Flavio Garcia da; Dillman, Mariana; Guedes, Mauro Sergio; Leite, Sheila C. (2011) *Guerra Civil e o desenvolvimento econômico em Angola*. Revista Eletrônica de Economia da Universidade Estadual de Goiás – UEG.
- Souza, Cléia Renata Teixeira; Müller, Verônica Regina. (2009) *Educador Social: Conceitos Fundamentais para sua formação* IX Congresso Nacional de Educação.
- Spíndola, Thelma & Santos, Rosângela da Silva. (2003) *Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)*. Revista Escola de Enfermagem Universidade de São Paulo, 37 (2).
- Stoer, Stephen & Dale, Roger. (1999) *Apreciações políticas de Paulo Freire: um exemplo da Revolução Portuguesa*. Educação, Sociedade & Culturas, nº 11.
- Tomás, Catarina. (2011) *Direitos da criança em Portugal: os desassossegos dos riscos na/da infância*. IV Encontro de Maus-Tratos, Negligência e Risco na Infância e na Adolescência, Fórum da Maia.
- Tinoco, Rui. (2004) *Histórias de vida: um método qualitativo de investigação*. O portal dos psicólogos.
- Valério, Nuno & Fontoura, Maria Paula. (1994) *A evolução económica de Angola durante o segundo período colonial - uma tentativa de síntese*. Análise Social, volume XXIX, 1193-1208.

Vieira-Silva, Marcos & Miranda, Sheila Ferreira. (2013) *Poder e Identidade grupal: um estudo em corporações musicais da Região das vertentes*. Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei/MG, Brasil.

Vieira, Susana Patrícia de Oliveira. (2013) *Vindos de África: «Retornados» e «Desalojados» em Braga (1974-1977)*. Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais.

ANEXOS

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS

Categorias	Subcategorias	Entrevistas em que estas subcategorias foram definidas
Trajetória de vida	Família (antes de casar)	1-6
	Ida para Portugal	5
	Ida para Angola	1,3,4,5
	Infância	1,2,4,5,6
	Vida escolar	1-6
	Juventude	1-6
	Família (depois de casar)	1-5
Caracterização demográfica	Cidade	1-6
	País	3
	Profissão aprendida	1-4
Império colonial	Vida em Angola	1-6
	Estado Novo	2-6
	Impérios coloniais	1,2,3,4,6
	Guerra Colonial	1-6

	Independência	1-6
Retorno	Viagem	1-6
	Portugal	1-6
	Família	1,3-6
	Trabalho	1-6
	Escola/Trabalho	5
	Trabalho	6
Medidas de política social	Ajuda do Estado	1-6
	Casa	1-5
Integração	Receção portugueses	1-6
	Pessoas das ex-colónias	1,4,5,6
	Bairro	1-6

ANÁLISE CATEGORIAL DA ENTREVISTA Nº 1 – CATARINA

Tema : A vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal – contributos da educação social para compreender a cidadania utilizando narrativas biográficas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo (Significados)	Unidades de contexto (Citações)
Trajetória de vida	Família (antes de casar)	Nascimento e idade atual	“Em Portugal, Vila Flor (...) nasci em agosto de 1948. Tenho sessenta e sete anos”.
		Relacionamento pais	“Com os meus pais foi sempre muito bom. Maravilhosos”.
		Relacionamento irmãos	“...eramos oito”. “somos, ora, morreram dois, somos seis”. “...a mais nova. O mais novo morreu, sou a seguir do mais novo que morreu”.
		Situação financeira	“...situação financeira daquela altura...era a situação financeira de todos os pais. Eles foram para Angola, mandados pelo Salazar, como colonos. A trabalharem lá como colonos. Na agricultura. E

			pronto, um bocado difícil a vida da gente”.
		Religião	“Católicos todos (...) eu frequentei a catequese e a missa sempre na altura dos meus pais não podíamos falhar a nada, (...) o meu pai não se deitava sem os filhos rezarem o terço com ele, ali primeiro. Depois de rezar o terço, então quem quisesse ir dormir tinha que pedir a bênção aos pais e depois é que se iam deitar”.
		Casa	“Quando era pequena vivia na aldeia”. “Era uma casa razoável. Tinha três quartos, tinha uma bela sala, e tinha uma casa de banho, e depois tínhamos cá para cima muitas arrecadações, muitas salas, muita criação...”.
	Ida para Angola		“Quatro anos”. “A dificuldade cá era um pouco maior e o meu pai foi à procura de vida melhor (...) e tivemos uma vida razoável, uma vida melhorzita. Cá nunca passei fome, mas lá também não... porque sempre foram de luta”.

	Infância	Amizade	<p>“Tinha mais amigos do que inimigos”.</p> <p>“cada um fez as suas vidas, uns já morreram, outros não sei onde andam, portanto ainda tenho aí três pessoas que andaram comigo na escola ainda me contato com elas. Nesta coisa agora da internet foi assim que eu apanhei estas três colegas minhas (...) Através do facebook. Lá consegui contatar com elas. E falamos muito”.</p>
		Momentos	<p>“...os momentos da minha infância foram lindos, (...) foi uma infância muito simples, muito humilde, muito acarinhada, muito querida, (...) além das dificuldades, nunca passei fome, não posso dizer que passei fome, mas eu acho que era mais feliz no tempo em que fui criada do que sou hoje presentemente. Não quer dizer que não esteja feliz, mas éramos tão queridos, tão humildes uns para os outros que nós...</p> <p>“...vivíamos com uma simplicidade maravilhosa. Agora... o mundo está diferente, está muito egoísta. Está muito... não sei, não sei. Mas fui muito feliz”.</p> <p>“Menos bom não. (...) Só quando foi a guerra, não é. Era novita, quando houve a revolução do roubo do barco de Santa Maria e</p>

		<p>depois quando houve ali aquele terrorismo, a gente andou ali aterrorizados...”.</p> <p>“...houve esse barco, que foi roubado, (...) e arreventou a guerra em Angola. Derivado a esse barco que roubaram, não é... (...) os tropas começaram a ir daqui de Portugal para lá... para defender Angola, porque era portuguesa e... e depois eles começaram a malhar nas mulheres, nas filhas dos agricultores... os bandidos, os terroristas, a assassinar, a matar, a violar, e por aí fora, né, e aí vivemos uma fase um bocadinho difícil, com medo. Com medo, e o meu pai escondia-nos lá numa despensa e dormia toda a noite agarrado à caçadeira a ver... ora, se viesse algum terrorista levava-nos a todos não era com uma caçadeira que matava uma cambada de terroristas. (...) aí o meu pai resolveu fugir para o Lobito com as filhas que tinha e com o filho. Foi aí a fase um bocado mais difícil”.</p> <p>“Algum programa que fizessem que me lembro é o cruzeiro na escola com a professora. Reunia os alunos e íamos para o cruzeiro. Um cruzeiro que lá havia, só para irmos de carros íamos todos contentes. Era o único passeio que lá havia. E dali para onde íamos</p>
--	--	---

			os passeios? Quando não tínhamos escola íamos apanhar a batata, ou íamos apanhar o milho, ou íamos apanhar alfaces ou tomates para irmos vender para a vila”.
Vida escolar	Brincadeiras recreio		“...jogar à escondida, é jogar à macaca. É saltar à corda... (...) E era fazer barbaridades uns aos outros...”.
	Matérias dadas		“Eu o que aprendi na escola foi geografia, sobre os rios de Portugal, sobre, foi... a história dos reinados, D. Afonso Henriques e D. Sancho I, e D. Maria”.
	Percurso escolar		“...até à 4º classe”.
Juventude	Momento marcante		<p>“...fui para um casal amigo, de um amigo do meu pai, mandou-me para Nova Lisboa, vou para casa desse casal amigo a fazer companhia (...)a uma filha de uns médicos”.</p> <p>“...quando lá cheguei, apresentaram-me (...) a doutora e o médico e a filha e se eu estava contente de ir para ali estudar para ao pé da filha. E eu, feliz da vida porque o que eu queria fazer era o primeiro ano, chamava-se o primeiro ano naquele tempo. (...)”</p>

		<p>jantei no outro dia a doutora veio ter comigo e perguntou-me: “Sabe cozinhar?” E eu sabia, porque nós na aldeia aprendíamos logo cedo. (...) E eu disse que sim, que sabia. Olha, pôs-me um avental à frente, e fiquei foi a criada de servir. Em vez de estudar, fiquei ama da menina, ia, levava a menina à escola, trazia a menina, ia buscar a menina, e cozinha...”.</p> <p>“...eu escrevia aos meus pais a expor a minha situação. Ora, a patroa diz que ela levava a carta (...) ela em vez de meter as cartas no correio não metia, não lhe interessada porque tinha uma criada boa em casa”.</p> <p>“...o meu pai nunca recebeu correspondência minha. E o senhor que me trouxe foi um amigo do meu pai que não sabe onde me deixou, sabe que me deixou ali naquele sítio e eles é que me foram buscar, os doutores. (...)E eu muito triste, ainda chorei muito (...) não me deixaram estudar, nunca me deram um livro, era a criada. Os meus pais então... preocupadíssimos, não tinham notícias minhas nem eu tinha dos meus pais. Bom, ora, fui-me habituando, o tempo foi-se passando, foi-se passando, fui fazendo-me mulher. (...) Até que um belo dia passa um carro militar e quem lá ia: um</p>
--	--	--

		<p>irmão meu. E quando ele vinha a passar, (...) ele diz “Epá parem aí o carro, parece que vi a minha irmã!”. (...) assim parou o carro, e ele chamou “Carminda!” e eu vi logo que era a voz do meu irmão. Caraças! Agarrei-me ao meu irmão, já não o larguei mais. E então assim (...) o meu pai veio logo ele mais a minha irmã mais velha buscar-me, e foi assim, hã, os meus estudos... fiquei, fiquei uma criada de servir”.</p> <p>“Está a ver, ainda estive lá uns três anos. Onze, doze, treze, catorze. Ainda lá estive uns três anos”.</p>
	<p>Namoro</p>	<p>“...tive o homem com quem casei, esse foi o meu verdadeiro amor, mas tive muitos pretendentes e ainda namorei alguns. Então, juventude o que a gente fazia! Que bonita, toca a andar (risos). Tive muitos namorados, isso é o que eu tive mais. Mas não era doida”.</p> <p>“Muito respeito, muito respeito sim senhor. Não é como se é agora, toma lá um beijo e vem dormir comigo. Não, nesses tempos não havia nada disso. Se o faziam...podia haver, estava muito encoberto, não sei”.</p>

		Marido	<p>“Quando era pequenina e vivia na aldeia, ele foi lá trabalhar para lá de sapateiro mas eu nunca o conheci. Foi preciso ir para o Lobito, e ele vir da tropa de Luanda e conhece-lo no Lobito”.</p> <p>“...tinha 14, e casei com 18”.</p>
	Família (depois de casar)	Casamento	<p>“...foi lá que casei com ele, no Lobito”.</p> <p>“O marido era viajante andava em todas as terras, eu...eu quando queria, quando queria ia com ele, quando não tinha que fazer, não tinha lojas ou assim ia com ele”.</p>
		Filhos	<p>“Em Angola três, e um cá”.</p> <p>“Criar os filhos, vieram uns atrás dos outros... praticamente, tive-os seguidos, mais velho, depois veio passado pouco tempo veio o outro, passado pouco tempo veio outro, e depois era trabalhar”.</p>
Caracterização demográfica	Cidade	Lobito	<p>“...as casas eram muito boas, no Lobito eram melhores. Não faltava nada, tínhamos água e luz, na Cela não tínhamos, era a luz do candeeiro e água do poço e do rio”.</p> <p>“A cidade do Lobito é linda, ainda hoje é maravilhosa”.</p>

		<p>“...tem praia, uma praia mas uma bela praia, sim senhor, uma linda praia por acaso. Muito peixinho para se comer, muita fartura, muita fartura. Era uma cidade muito bonita e ainda é, eu gostei muito de lá viver”.</p> <p>“...a quantidade não lhe sei dizer, mas... para ser uma cidade... tinha de haver muitos habitantes”.</p> <p>“...o centro do Lobito. Era, a zona da restinga, da praia. Era a zona mais linda para mim”.</p>
	Silva Porto	<p>“...então ali é que eu comecei a endireitar mais, hã... situação. (...)Tava bem de vida. Quando rebentou o...o 25 de abril, foi quando a guerra maior rebentou, pronto, tivemos que fugir novamente”.</p>
Profissão aprendida	Trabalho	<p>“Quando casei, pus uma loja, lá chamavam a loja indígena”.</p> <p>“Vendia roupas e farinhas e peixe seco e óleos de palma e açúcares, vendia essas coisas todas. E vinhos e cervejas”.</p> <p>“Tinha bombas de gasolina, tinha padaria e tinha restauração. E então, lancei a fábrica, uma fábrica de chouriços e alheiras e então abastecia Silva Porto, Serva Pinto, Cachimbas, Fortal... hã</p>

			<p>abastecia aquilo tudo por ali fora com alheiras e chouriços e pão e por aí fora”.</p> <p>“Depois comecei a trabalhar na restauração até hoje”.</p>
Império colonial	Vida em Angola		<p>“...eu em Angola tinha uma vida linda, uma vida estável, pronto, antes da guerra e tive a vida, (...) foi maravilhosa”.</p>
	Impérios coloniais	Conhecimentos apreendidos	<p>“Quais é que são esses impérios?”</p> <p>“Era só sobre Portugal, não era sobre o mundo. Rios de Portugal e D. Sancho I e D. Sancho II, e D. Duarte e essa porcaria toda. Era só, nunca ouvi falar em Inglaterra, nem sabia que existia Alemanha, nem sabia França, nem sabia Japão. Não, nunca ouvi falar em nações estrangeiras”.</p>
	Guerra Colonial	25 de abril	<p>“...chegou lá informação que houve aqui o 25 de abril, então lá quando houve aqui o 25 de abril foi quando houve a maior guerra lá”.</p> <p>“Tava bem de vida. Quando rebentou o...o 25 de abril, foi quando a guerra maior rebentou, pronto, tivemos que fugir novamente”.</p> <p>“Nós não podíamos andar com uma faca na rua. E eles...vai</p>

		<p>embora branco pra a tua terra. Branco... Mas provocar mesmo palavrão. Vai para a tua terra branco, raio que te parta vai para a tua terra. Tudo assim...nós fomos obrigados a fugir!”</p> <p>“...como já tinha três filhos e também estava cheia de medo, viemos para o Lobito que era uma terra segura, que era terra de mais tropa e mais...pronto era uma cidade. E (...) vim para casa de uma irmã minha. E tudo o que trouxe de, de Silva Porto guardei em armazém para despacharmos para Portugal. Mas depois houve uma revolução muito grande lá no Lobito, a mudança de partidos, e...saquearam-nos tudo, roubaram-nos tudo quanto eu tinha, quanto a minha irmã tinha, ficámos a zeros. Pra onde é que a gente fugiu? Para o Quartel. Quem nos abrigou? Foram os militares. O meu marido, com aquela coisa de ir à procura dinheiro para poder trocar em Portugal, foi para África do Sul com um carro (...) E foi preso, (...) por o partido do MPLA ou o não-sei-quê. E quem ganhou foi a Unita. (...) depois acalmou a guerra, (...) aí foi quando o meu marido depois apareceu. Tinha estado preso para o matarem, ele e mais trinta, para matarem eles. Mas nós tivemos sorte, ele teve sorte, porque apareceram uns gajos que eram da MPLA, uns comandantes que era da MPLA, comeram muitas</p>
--	--	---

			vezes no meu restaurante, e o meu marido nunca lhes levou nada. E então assim que viram o meu marido preso foram logo ter com ele e mandaram soltar (...) E depois o meu marido com esse...com o conhecimento deles fez com que os outros também, (...) pronto foi assim, era a revolução que a gente teve”.
	Independência		<p>“...foram uma cambada de bandidos e ladrões. Não, não concordo. Não porque... nós estávamos bem de vida, se podiam dar a independência, como deram, né, mas davam uma independência a tudo viver em paz. Eu estava lá quando e continuava lá!”.</p> <p>“eu tinha mais anos de Angola do que tinha de Portugal. Eu fui para lá com quatro anos, portanto se eu tinha a minha vida formada em Angola, não tinham nada que deixar que houvesse aquela revolução que houve então não mandavam anteriormente tanto tropa para lá defender Angola, que era portuguesa para depois entregar assim tudo de mão beijada! Estes bandidos, estes governadores que estavam cá entregaram tudo de mão beijada!”</p>
Retorno	Viagem		“...estava no Lobito quando houve a revolução, e só havia avião em Luanda. Prá gente fugir para Portugal tivemos que apanhar um

			<p>barco de pesca dos pescadores (...) para Luanda, (...) para podermos apanhar o avião para fugirmos para Portugal”.</p> <p>“A de barco nem por isso mas de avião foi ótima e fui bem acolhida quando cheguei a Portugal, a verdade tem que ser dita”.</p>
		Bens materiais trazidos	<p>“Nada, um carro apenas, depois de ser roubada e saqueada de tudo...nem uma toalha para me limpar eu trouxe de lá. Nada. Hã...um carrito, porque o meu irmão era polícia e tinha direito a despachar o carro e ele não queria o carro, então eu comprei-lhe o carro ao meu irmão e o meu irmão despachou para cá”.</p>
	Portugal	Acolhimento	<p>“...logo assim que a gente entrou no aeroporto fomos acolhidos, deram logo de comer à gente e às crianças e tudo, sandes e sumos e tal e depois foram os carros preparados para as pessoas ou iam para os hotéis ou iam pra...pra casas que eles arranjaram ou iam para casas de família ou iam para as aldeias deles que tinham lá família à espera, eu não por acaso eu fui para um hotel, para Cascais (...) Fui mal acolhida foi (...) nas aldeias, quando fui para a aldeia do meu marido, ali é que eu fui mal recebida. Diz que a...as meninas lá da aldeia, as velhotas, diziam que a gente veio estragar a vida</p>

			<p>delas e que viemos comer a comida delas”.</p> <p>“E a gente quando chegou vim com uma mão à frente e outra atrás. Fui bem acolhida, fui, portanto vim refugiada...”.</p>
		Vida em Portugal	<p>“Quando a gente chegou a Portugal, era um atraso de vida. Nós é que viemos dar vida a Portugal. Nós além de retornados viemos dar vida a Portugal, viemos fazer que Portugal ganhasse dinheiro. Porque havia só miséria aqui. Nem sabiam vestir umas calças, nem sabiam vestir uma saia, nem sabiam vestir nada. Eram uns atrasos de vida. É verdade! E nós vínhamos habituados a ter tudo bom, comer bem, e sermos todos unidos e todos amigos uns dos outros. Nós chegámos aqui, eu estranhei muito as pessoas de cá e estranhei muito o ambiente de cá. Estranhei muito mesmo. Custou-me mesmo a adaptar a este ambiente mas pronto, hã, fomos à luta”.</p> <p>“A vinda para Portugal...a gente chega leva um embate, grande. Agora onde é que me vou agarrar? Do que é que eu vou viver, do que é que eu vou sobreviver, né, foi uma luta constante. Graças a deus conseguimos encaixar bem os trabalhos, e começámos a lutar pelo trabalho e começámos a viver o dia-a-dia e começámos a comer e a beber e a... e pronto, habituei-me rápido”.</p>

Família	Reencontro	<p>“...eu fugi com o meu marido e os meus filhos. A minha mãe fugiu com a minha irmã mais velha não sei de aonde, do Lobito não sei para onde. Portanto quando eu cheguei a Portugal não sabia de família nenhuma. Era eu, filhos e marido”.</p> <p>“...o meu marido encontrou-os aí e...disseram onde moravam que era aqui. E deram-nos a direção e o meu marido quando chegou depois à terra dele disse “olha estive com a tua família”. Nem sabia de nada da minha família, eu fiquei feliz”.</p> <p>“Foi quando encontrei os meus pais, um irmão meu, duas irmãs e tal, encontrei quase toda a família aqui”.</p>
	Morte do marido	<p>“...tinha 63 anos. Quando (...) morreu”.</p> <p>“...eu depois fiquei foi uma dor muito grande. É assim a gente fica triste, ainda fui para a Irlanda, para poder desnortear a minha cabeça, e depois da Irlanda fui para a Inglaterra, para ao pé do outro filho, (...) e vim-me embora”.</p>
	Segundo marido	<p>“ No bailarico, então ia às excursões, dançar e lá o conheci. Conheci esta prenda”.</p>

		Atual família	“ Tenho duas netas e um neto. E vou ser bisa”.
	Trabalho		<p>“O primeiro trabalho que eu tive foi uma taberna aqui de frente”.</p> <p>“Ali dei de comer aos trabalhadores, cozinhava para os trabalhadores que andavam a cavar os prédios e fiz chouriços e alheiras e vendia alheiras e vendia chouriços”.</p> <p>“Depois daqui, consegui arranjar uma casa na Costa da Caparica, um balneário”.</p> <p>“...montava barracas para as pessoas que iam para a praia e toldos e...restaurante, fazia restauração também, comida para as pessoas que passavam, churrascos, sardinhas assadas e feijoadas, era tudo”.</p> <p>“Depois arranjei um restaurante, uma casa aqui, que era o Central”.</p> <p>“..depois, hã, arranjámos uma pizzaria na Baixa da Banheira. Primeiro foi restaurante e depois é que o meu filho virou para pizzaria”.</p> <p>“Depois acabei por fechar a pizzaria mais tarde, porque o filho deixou-me, a nora deixou-me foi para a Irlanda, e o meu marido adoeceu nesse entretempo, eu também adoeci, tive três anos de</p>

			<p>baixa, com um esgotamento que ia ficando maluca, e então fui obrigada a fechar a casa porque não tinha quem trabalhasse a casa, hã a pizzaria. Quando o meu marido morreu foi quando eu trespassei a pizzaria”.</p> <p>“...depois na Inglaterra ainda lá trabalhei num lar de idosos. Porque eu já não queria vir para aqui. Ainda lá andei a trabalhar num lar de idosos e depois é que “ah então tou aqui a trabalhar pra os ingleses vou masé para a minha terra pra minha casa, vou trabalhar pra minha terra!” e vim-me embora. E cá, arranjei trabalho, primeiro trabalhei na casa de uma, de uma mulher a dias, uma casa de uma médica, da Dra Isabel Madaleno. Mas depois não gostei do, do ambiente deixei. E pedi trabalho na Misericórdia do Barreiro e fui trabalhar para a Misericórdia do Barreiro. E daí é que eu me reformei, da casa da Misericórdia”.</p>
Medidas de política social	Ajuda do estado	IARN	<p>“...o IARN. Que nos socorreu, era uma instituição que lhe chamavam IARN. Protegiam os retornados”.</p> <p>“Queríamos um cobertor, íamos ali, queríamos comida, íamos ali, queríamos dinheiro íamos ali”.</p> <p>“O IARN sim, a mim deu-me um subsidiuzito, que era (...) 12</p>

			euros por mês. (...) ainda entrou nesses cinco anitos nos descontos da reforma. Hã... e pronto quando a gente precisava de ir trocar dinheiro ela por ela o meu marido foi lá chegar a trocar, quando viemos no princípio. Depois nunca mais dão nada”.
	Casa		<p>“E eu quando vi que os meus pais tinham casa e eu não tinha casa, eu já não me fui embora sem arranjar casa”.</p> <p>“...nessa altura foi quando o um marido conheceu aqui (...) umas pessoas amigas e...que era da, como se chama aqui, a junta de freguesia daqui é que davam casas e tal. E o meu marido fez o pedido a eles (...) quando esta casa vagou esse tal sujeito disse ao meu marido “tá ali aquela casa, fica livre, eu digo-te e tu vais para lá às escondidas, escondes-te lá num canto, levas a fechadura e depois mudas a fechadura”. E foi assim que a gente apanhou esta casa.</p>
Integração	Receção portugueses	Relacionamento com portugueses	“Foi bom, eu dei-me bem com toda a gente. Sempre. Pode haver um desentendimento às vezes, hã... epá, mas eu não tenho ódio a ninguém, não tenho raiva a ninguém, eu quero que toda a gente seja feliz, eu quero, dou-me bem com toda a gente”.

	Pessoas das ex-colónias	Relacionamento com pessoas das ex-colónias	<p>“...as pessoas foram todas à luta, a maioria de Angola vinha toda habituada a trabalhar. Foi tudo à luta, eu penso que sim. Foi tudo à luta, agora as que tavam cá os maridos é que trabalhavam para elas, a maioria”.</p> <p>“Eu vi poucas mulheres aqui a trabalhar em fábricas, pouco mais. Porque de resto os maridos é que trabalhavam, elas eram as donas de casa. É verdade. Mas relacionava bem com todas, as pessoas que cá viviam e praticamente são as que cá vivem, que ainda não morreram. E depois dou-me bem com elas todas”.</p>
	Bairro	Construção	<p>“...diz-se que foi construído para a pide mas depois os retornados não tinham onde se meter e enfiaram-se aqui dentro. Não tinha janelas, não havia portas, não havia sanita prá gente se sentar, só havia o buraco! Não havia água, não havia luz e olha, e cá estivemos, e cá se foi arranjando tudo”.</p>

		<p>Vizinhança</p>	<p>“Muitas ainda aqui não, da ex-colónias não é, mas também muita malta de cá. Olha este bloco aqui é tudo malta de cá. Já morreu muita malta. Já veio muita malta de fora daqui, já não é como antigamente”.</p> <p>“Do ultramar. Ocupado quase tudo pelo ultramar e malta de cá que viviam nas casitas, nessas barraquitas e então ocuparam também”.</p>
		<p>Gostar de viver no bairro</p>	<p>“Que remédio. Comprei a porcaria da casa aqui que remédio tenho eu. Se eu pudesse já não vivia aqui há muito tempo. Eu mais dia menos dia devo fugir daqui. Deus me livre, isto é um “badangue”. Não, sou sincera. Não é contra as pessoas, não é contra ninguém. Tou farta de viver aqui! (...) a ver se vejo um cantinho que me agrade, uma casinha térrea com quintal, com um jardim à frente, que é para eu poder cultivar, para eu poder ter galinhas para eu poder fazer chouriços para eu poder fazer alheiras, ainda agora fui para a minha sobrinha fazer alheiras e fazer chouriços. (..) Ou que venda esta ou que alugue saio daqui”.</p>

ANÁLISE CATEGORIAL DA ENTREVISTA Nº 2 – MIGUEL

Tema : A vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal – contributos da educação social para compreender a cidadania utilizando narrativas biográficas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo (Significados)	Unidades de contexto (Citações)
Trajetória de vida	Família (antes de casar)	Nascimento e idade atual	“Nasci na cidade de São Paulo da Assunção de Luanda... descoberta por Diogo Cão e reconquistada aos holandeses por Salvador Correia de Saibravides. Nasci no hospital Maria Pia em Luanda”.
		Relacionamento pais	“...quer dizer era um relacionamento...normal. Normalíssimo, se a vida, se houvesse dinheiro era boa, se não houvesse dinheiro naqueles tempos a vida não podia ser boa.
		Relacionamento irmãos	“...dois irmãos. Uma rapariga e um rapaz”.
		Outros familiares	“Nem o avô, nem a avó, não os conheci ninguém da parte paterna, não sei se viveriam bem, se viveriam mal. Ou assim, assim. Mas o que é certo é que a parte materna, sim senhora viviam bem”.

			“...a minha família...materna era muito influente em Luanda”.
		Situação financeira	<p>“O meu pai era funcionário público e era servilheiro mecânico nas horas vagas”.</p> <p>“A minha mãe era doméstica”.</p> <p>“...a situação financeira nessa altura da parte materna era muito boa. Da parte paterna não sei porque nunca os conheci”.</p>
		Religião	<p>“Católica, sempre católica”.</p> <p>“Até ajudei na missa. Só não fui para padre porque não calhou”.</p> <p>“ Ia para o seminário em Cabinda, ia para o seminário em Cabinda ajudar os moços a...nas colheitas e no colher do gado para os currais”.</p>

		Casa	<p>“Na minha casa no Lobito na altura só havia vivendas, não havia apartamentos, era uma vivenda normal, com...corredor, era quarto de um lado, quarto do outro, depois havia o quintal e as capoeiras”.</p> <p>“Foi a casa dos meus avós até casar. (...) “A casa era, a casa era...uma casa normal, um grande quintal, nesse quintal moravam ali várias casas, umas mais pequenas, outras maiores e...viviam lá várias pessoas, dava-se tudo bem desde pedreiros a pianistas, a enfermeiros, a funcionários públicos e à noite fechava-se o portão e pronto, quem quisesse entrar à noite tinha a chave e não tínhamos problemas nenhuns”.</p>
	Infância	Amizade	<p>“Oh, muitos. Naquele tempo éramos mesmo amigos...”.</p> <p>“...em Angola tínhamos amizade que aquilo era mesmo chamado amigo do peito. Aqui não. Lá se fosse...preciso, “epá, empresta-me aí vinte escudos que eu amanhã...ou no fim-de-semana dou-te”, era logo. Aqui não”.</p>

		Momentos	<p>“O melhor momento da minha infância talvez tenha sido... não digo infância porque na infância há vários momentos bons e vários momentos maus, eu digo a adolescência, foi ter ido para Luanda. Eu estava no Lobito, vim para Luanda, deixei os meus pais... deixei os meus pais e vim trabalhar o... para Luanda porque a minha avó arranhou-me um emprego no estado”.</p> <p>“...isto em 1955! Eu tirava quarenta escudos de gorjeta. Comprava o meu livro, os meus livros, os livros da leitura, do Cavaleiro Andante, os meus cigarros, ainda dava algum ao meu irmão. O mais novo, para ele comprar as guloseimas que ele precisava ou que ele gostava”.</p>
	Vida escolar	Brincadeiras recreio	<p>“Eram jogos (...) Hã... era a macaca. Era a bota. Hã... não, quer dizer, não consigo explicar, porque era... era a cabra cega. Era o jogo do lenço (...) saltar à corda (...) ... mais... não sei, não me recordo de mais”.</p>
		Percurso escolar	<p>“...eu estudei na Escola Comercial”.</p> <p>“E... havia o Liceu. E havia muita rivalidade, na parte... sobretudo na parte desportiva. Não era nada de “ininimizades”, nem nada, era</p>

			<p>só na parte desportiva, ver quem fazia mais e quem fazia melhor. Se o Liceu fazia uma coisa, o...a malta do curso Comercial também tinha que tentar fazer ainda melhor. Os professores eram fantásticos...hã... a gente dizia para o professor de matemática que também era o professor de físico-química e dizíamos assim “Senhor engenheiro. Você tem uma cultura tremenda. Como é que nós podemos ter uma cultura igual à sua?” E ele diz assim “Leiam os jornais. Vocês têm que ler todos os dias os jornais”. E então nós íamos para as mercearias pedir emprestado aqueles bocados de jornais que embrulhavam o sabão”.</p> <p>“Fiz o curso comercial que era chamado dos antigos, era de quatro anos. Agora parece-me que são cinco”.</p>
	Juventude	Momentos marcantes	<p>“...fazer uma viagem de comboio, num comboio que saía sexta-feira do Lobito, até Vila Teixeira de Sousa, na fronteira do Congo belga, que depois mudava porque...nós tínhamos o...a linha de caminho-de-ferro a via larga, a do Congo belga era reduzida, então tinha-se que mudar, os passageiros tinham que mudar, e o comboio ia até Leopoldo Ville, era quase uma semana a viajar”.</p>

		Namoro	“Eu não tinha tempo para namorar, tinha tempo para trabalhar, então entrava às sete da manhã e saía à uma, ia namorar a que horas?”
		Esposa	<p>“...uma rapariga, olha... que foi na minha conversa e olha, hoje ainda estamos juntos passados cinquenta e...e...cinco anos”.</p> <p>“Conheci porque...quis tirar a cédula marítima para embarcar como marinheiro. E fui falar com um familiar influente. Quando olho para a janela e vejo aquela estampa, desisti. Desisti, voltei atrás e disse “Primo, já não quero embarcar, vou embarcar noutra barco”. Pronto embarquei naquele barco, que é aquela senhora”.</p> <p>“E conhecia no dia...não foi no dia da mulher, no dia internacional da mulher, foi no dia a seguir, 9 de março (...) de 1958”.</p>
	Família (depois de casar)	Casamento	“Oh namorámos! Aí três anos, parece-me, eu não sei se foi três anos (esposa faz indicação que foram dois). Se foi três anos, se foi quatro, se foi dois, não sei”.
		Filhos	“...o meu filho mais velho ia comigo à praça, naquela altura havia uma crise de carne, e nós tínhamos que...comer, tínhamos que

			<p>levantar às cinco da manhã pra tar lá no talho. Porque o talho abria às cinco, e passado uma hora já não havia carne! Eu abastecia-me de carne, deixava o miúdo, que era pequenito, na pastelaria, e dizia ao proprietário “Quero um bife com batata frita e ovo estrelado e um sumo”. Às seis da manhã. E ele...era o matabicho dele”.</p>
		Casa	<p>“A casa onde morei em Luanda já era um apartamento, era uma casa bonita (...) e depois mudámos para uns anexos que foram feitos por nós no quintal da casa dos meus sogros (...) vivemos ali muitos anos (...) até comprarmos casa”.</p>
		Férias	<p>“Nós em Luanda fazíamos cerca de três mil quilómetros em férias. Saíamos de Luanda”.</p> <p>“Íamos a Sá da Bandeira. As íamos por Benguela e Lobito. Depois voltávamos...”</p> <p>“ ...carro, carro. A gasolina era barata!”</p> <p>“Íamos por Luanda, íamos por...hã, eu não posso mencionar os nomes, mas depois íamos por...Novo Redondo, Lobito, hã...Lobito, Novo Redondo, Benguela, Novo Redondo”.</p> <p>“Depois era uma estrada que não era asfaltada, que ia dar à</p>

			<p>Cagonda”.</p> <p>“Depois chegávamos a Sá da Bandeira. Depois Sá da Bandeira, estávamos lá uns dias, regressávamos por...por Nova Lisboa, que já era um caminho diferente. Íamos a Malange ver as pedras negras, as pegadas da rainha Ginga...”</p> <p>“...eram umas pegadas que haviam lá nas pedras, diziam que eram da rainha Ginga. Pronto, era um mito, que aquilo não podia ser...hã não podiam ser...pegadas, que a rainha Ginga nunca deixaria pegada em cima de um calhau!”</p>
Caracterização demográfica	Cidade	Lobito	<p>“...naquela altura era uma cidade maravilhosa. Tinha...a minha adolescência foi lá vivida e...e tinha uma vida de liberdade...”</p>
		Cabinda	<p>“...Foi a cidade mais bonita que eu conheci em Angola, a coisa mais maravilhosa...”</p> <p>“Gostava de tudo, gostava de tudo, Cabinda era no seu todo...”</p>
		Luanda	<p>“...Luanda era a minha terra, era praia de manhã, de noite”.</p> <p>“Fim-de-semana. Lá se comprava um quilo de camarão, comprava-se um balde de camarão, não se comprava búzios ao quilo,</p>

			<p>era...eram aos baldes, cozia-se, levava-se para a praia, comia-se. Há noite íamos pós caranguejos, cozíamos, levávamos a noite toda a comer caranguejos”.</p>
	Profissão aprendida	Trabalho	<p>“Comecei a trabalhar muito cedo...”</p> <p>“Aos treze anos. Já era cobrador de autocarros, fazia a viagem Lobito-Benguela”.</p> <p>“... assim que eu comecei a trabalhar eu tirava quarenta angolares de gorjeta! Por dia, naquela altura...”</p> <p>“Depois fui trabalhar para o bar, gostei imenso. (...) Era um bar que estava aberto vinte e quatro horas aberto por dia. Eu entrava às sete da manhã e saía à uma da madrugada. Era o único empregado que tinha direito a pequeno-almoço e a ceia. Ia abrir o café, eu naquela idade talvez já teria uns quinze anos...”</p> <p>“Fui funcionário público 9 anos...fui bancário 14 anos”.</p>
Império colonial	Vida em Angola		<p>“...tive sempre carro para ir para a praia”.</p> <p>“...a vida era boa...era um sonho, não nos faltava nada. Não nos faltava nada, desde a boa carne, o peixe sempre fresco, os legumes</p>

			<p>ali...o nosso mercado lá era o mercado dos Lusíadas. Chamavam o...palácio das hortaliças, porque no rés-do-chão vendiam o peixe, no 1º andar vendia-se os legumes...”</p> <p>“...no 2º eram preços de revenda. Era para quem quisesse fazer negócio. Entravam os camiões dentro da própria praça. O homem que construiu o liceu nacional Salvador Correia fez uma coisa tão grande, tão grande, tão grande, que a imprensa angolana criticou. Criticou porque estavam a esbanjar os honorários públicos. Em 70, já não comportava os alunos que havia pra frequentar o liceu. Tiveram que fazer anexos pa receber os alunos. E o homem coitado...deu em doido”.</p> <p>“Eram o patrão ali de Angola, eram os diamantes de Angola, eu assisti ao embarque do...coiso, porque eu trabalhei no comércio externo e trabalhei no comércio interno. Eu sei como é que saía o...não era a gasolina, era o full...o fuel...pra vir aqui pá refinaria. Os diamantes era um servente dos caminhos-de-ferro do porto de Luanda que trazia às costas com um agente da polícia. O ouro era de Moçambique, oh isto era uma maravilha! Era uma maravilha”.</p> <p>“...nós às cinco da manhã víamos camiões e camiões carregados de</p>
--	--	--	--

			<p>peçoal pra ir trabalhar. Aqui...comércio abre às dez. Sim, comércio abre às dez...o clima não dá, o clima não dá”.</p>
	Estado Novo		<p>“Sim, sabíamos tudo, nós estávamos mais politizados do que muita gente pensa”.</p> <p>“...nós de...sobre o Estado não se falava nada”.</p> <p>“Se havia qualquer coisa a gente estava atento. Eu por exemplo fui à...fui ao comício do Humberto Delgado”.</p> <p>“A gente conhecia-se todos uns aos outros. Eu sabia quem eram os agentes da pida que estavam à porta, cumprimentei e coiso. E fui ao comício, ouvimos o comício do Humberto Delgado, ninguém nos incomodou. Acabou o comício e cada um regressou às suas casas, não tivemos problemas alguns”.</p>
	Impérios coloniais	Conhecimentos apreendidos	<p>“O império colonial sustentava Portugal”.</p>
	Guerra Colonial	25 de abril	<p>“...quando se deu o 25 de abril nós estávamos a ouvir a tentar ouvir um relato de um jogo de futebol. E um colega meu disse assim “Estamos tramados. Houve porcaria em Lisboa”. Um colega que é natural de cá!”</p>

			<p>“Que não quis vir. “Portugal vai vender a galinha dos ovos de ouro, estamos tramados. Os portugueses vão-se comer uns aos outros”. Isso palavra dele. Eu não conhecia Portugal, não sabia como era nem nada. Mas foram as palavras dele”.</p>
		<p>Mortes</p>	<p>“A guerra colonial, se...se a gente viesse a saber que ia acontecer o que aconteceu, mais-valia não ter havido. Dizíamos “tenham calma que a gente vai embora, vocês ficam”. Porque houve mortes inglórias. Houve muito bravo, muito valente, eu tenho na família, militares que acabaram por lá ficar, ficaram...a gostar mais daquilo do que da terra deles e ao fim ao cabo, se soubesse que e ia dar o que deu mais-valia não ter havido guerra colonial. (pausa) Foi...a guerra colonial deu um avanço...ai e a guerra colonial tava ganha. A guerra colonial tava ganha, isso não...não venham cá dizer que Portugal tinha perdido a guerra, não senhor. A guerra colonial tava ganha!”</p> <p>“Nós praticamente até 61 não tínhamos...não tínhamos...estradas asfaltadas, hã...quer dizer, teve uma evolução tão grande, tão grande, tão grande, que...até a gente pode dizer: lamentando os mortos que...que houve, a guerra colonial...acabou por ser um</p>

			bem pra Angola”.
	Independência		<p>“...aquilo não era nosso. (...) Nosso dos portugueses. E não era...era deles, agora a maneira como foi dada eu posso discordar”.</p> <p>“Fui forçado a regressar porque tive que mandar a mulher e os miúdos à frente, porque a filha já era crescida, e os movimentos passavam ali muito e gabavam muito a miúda. Pronto. Acontece que...por causa disso acabei por ir mais depressa do que eu contava porque o cargo que eu tinha era de...de...preservar”.</p>
Retorno	Viagem		<p>“Aos trinta e cinco anos de idade tive que vir para Portugal por força de uma descolonização que foi feita...”</p> <p>“É assim, nós não pudemos dizer nada...eu se não fosse a família, os filhos...eu não tinha vindo”.</p> <p>“Mas eu despedi-me. Quando vinha do...avião levantou, eu olhei e disse “Adeus Luanda, até nunca mais... (...) ...a viagem foi a beber (...) whisky. O whisky era barato a bordo dos aviões da TAP. Ah caneco, eu quando olho...e (...) “Meu Deus do céu, então</p>

			<p>mas eu estou...estou a chegar a Portugal. E estou com uma bebedeira...”</p> <p>“...5 de outubro (...) de 75”.</p>
		Bens materiais trazidos	“...trouxe as dez caixas de pastilhas no avião pa Portugal”.
	Portugal	Acolhimento	“Tive muita ajuda da família, da minha mulher sobretudo e dos meus filhos...”
		Expetativa	“A expetativa podia ser o futebol. Porque a gente lá nunca perdia um relato e futebol, um relato de hóquei em patins...”

		<p>Vida em Portugal</p>	<p>“...vim para Portugal com a mesma coisa que sair do paraíso e vir para o inferno. O clima...foi a coisa que a gente mais estranhou, foi a coisa que menos gostamos...”</p> <p>“Aqui em Portugal não me quiseram considerar o curso comercial porque era de quatro anos lá, e aqui era de cinco já na altura (...) eu nunca consegui arranjar uma declaração das habilitações porque...tava tudo destruído”.</p> <p>“Eu ainda fui falar ao embaixador...ao consulado aqui português, mas ele disse que não valia a pena porque...tava tudo destruído, não valia a pena. Então uma certidão de casamento eu tive que pedir por intermédio do embaixador português! (...) E só assim é que me consegui naturalizar português, porque a minha mãe quando chegou a Portugal mudaram-lhe o nome. O meu pai já era falecido, eu não conhecia família nenhuma, tive que mandar vir, porque por ter casado com uma portuguesa é que eu sou português, senão não conseguia”.</p> <p>“Para mim acho que foi o clima. Aqui uma pessoa tem roupa a montes. Lá era uma camisinha e chegava”.</p>
--	--	-------------------------	---

	Trabalho	<p>“Tive um ano parado. (...) ...disse ao meu filho “Ouve lá, em vez de andares aí a mastigar pastilhas, a dar cabo dos dentes”, porque eram fabricadas em Angola essas pastilhas, “tu vais ali, tem ali uns banquinhos, pões a caixinha, um escudo cada uma e tu vendes”. Num dia vendeu as cinco caixas. A cem, a cem...pastilhas cada caixa vê quanto é que ele fez, fez logo quinhentos escudos. (...) E foi ter à casa de uma tia que conhecia um fabricante desses brindes que se vendem aí que são os furos, os sorteiros... (...) Bem, aqui há entrada da...da escada, montámos um balcão, (...) compra aqui, compra ali, compra acolá, e isto, e o dinheiro foi sempre...estás a ver eu ganhava sete contos e duzentos, comprei uma mobília a pagar sete contos e quinhentos por mês! (...) Depois um indivíduo da Baixa da Banheira, fez-me uma barraquita de madeira. (...) E era lá que eu guardava as coisas. Um dia assaltaram-me, porque eu também vendia tabaco. Assaltaram-me e roubaram-me o tabaco. Eu passei a dormir lá. Comprámos um aquecedor, e eu passei a dormir lá, pra defender aquilo que era meu, pra não estar a trazer pra cá. (...) e olha foi assim que fui vivendo, ou que fomos vivendo, até ir trabalhar para o banco”.</p>
--	----------	--

			<p>“...aqui fui bancário 18 anos. Ou 16 anos...foi de 75 a 92. 17 anos”.</p> <p>“...reformei-me da função pública, e como eu disse atrás... nasci em 40 sobre a régide da bandeira portuguesa, e quando quis requer a reforma a que tinha direito...tive que me naturalizar português”.</p>
Medidas de política social	Ajuda do estado	IARN	“Foram as mantas que fizeram jeito (...) ...e umas camas de encalhadas assim da tropa”.
	Casa		“Esta foi ocupada pela minha mulher. (...) Comprou fechadura, meteu a fechadura nova pronto. Depois foi só legalizar. Porque na altura era assim que se fazia”.
Integração	Receção portugueses	Relacionamento com portugueses	<p>“...o meu relacionamento foi do...do piorio, porque o nosso regime faziam um “R” na testa. (...) Éramos os retornados, “vai pá tua terra, porque lá andavas a roubar aos pretos e não vais roubar aos brancos”. (...) nós lá estávamos habituados a trabalhar à vontade, aqui quando estava frio nós almoçávamos mesmo em frente, que era de pé, comíamos de pé e voltava para o banco, começava a trabalhar na máquina de...de somar. Começavam logo as piadas “pois, estás a agarrar isto, a dar graxa para aproveitar a</p>

		<p>promoção (...) ainda agora chegastes. Já estás a roubar o lugar...”</p> <p>(...) a gente não respondia porque não valia a pena, mas havia gajos, havia colegas que se zangavam e...mas não, não, eu não me zangava. Vi cenas caricatas, na Praça do Comércio havia um parque de estacionamento, aqui há muitos anos. (...) E um português de Portugal quis obrigar um retornado a tirar o carro porque aquele era o lugar dele, que ele estava habituado! Depois ele queria obrigar o retornado, e o retornado ia tirar. Se não aparecessem outros retornados, com uns cacetes, e o português de Portugal teve que...fugir, aquilo não sei...chovia “stickada”. (...) Mas claro que o tempo tudo cura.</p> <p>“O tempo tudo esquece, hoje já não se fala em retornados, (...) somos todos amigos. É só o futebol, discute-se futebol, ameaçasse com o futebol, bate-se por causa do futebol...”.</p>
Bairro	Vizinhança	<p>“...o bairro é sossegado, o bairro é misto, há...há todos os credos, todas as raças, mas temos noites tranquilas, não há...não há barulhos, não há...guerras, não há...lutas, não há nada. De resto...ao fim ao cabo, hã...bairros são todos bons consoante as pessoas que lá vivem”.</p>

		Gostar de viver no bairro	“...uma pessoa pode viver num...num bairro de luxo e se encontrar uma ovelha ranhosa ou qualquer problema. Não, isto aqui é sossegado e estamos contentes, ainda no outro dia, não podemos mudar com a idade que a gente tem...”
--	--	---------------------------	--

ANÁLISE CATEGORIAL DA ENTREVISTA Nº 3 – CARLOS

Tema : A vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal – contributos da educação social para compreender a cidadania utilizando narrativas biográficas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo (Significados)	Unidades de contexto (Citações)
Trajetória de vida	Família (antes de casar)	Nascimento e idade atual	<p>“Eu sou natural de Guimarães, nasci cá em Portugal...”</p> <p>“Hoje tenho 82 anos de idade”.</p>
		Relacionamento pais	<p>“Ótimo. Excelente”.</p> <p>“Fui pra lá, fui ter com o meu pai que estava lá. Depois de ter chegado a Angola, foi o resto da família, a minha mãe e os meus irmãos, e vivemos lá...”.</p>
		Situação financeira	<p>O meu pai quando foi pra...pra Angola, o meu pai tinha sido cá comerciante. (...) Entretanto as coisas correram mal, foi no pós-guerra. (...) Então ele foi para Angola. Dedicou-se a outras atividades, hum, ele esteve no comércio e...teve no ramo hoteleiro também. (...) Minha mãe não, foi sempre doméstica”.</p>

	Ida para Angola		<p>“...muito pequeno eu fui para Angola. (...) Onde vivi 30 anos. (...) Quando fui para Angola tinha...hã, 12 anos, vim de lá com 42”.</p>
	Vida escolar	Percurso escolar	<p>“...em Angola também fiz a escola comercial...”</p>
	Juventude	Esposa	<p>“Em Angola, em Luanda”.</p> <p>“Curiosamente, tinha lá um amigo meu, era quase um irmão, primeiro ele vivia na minha casa, era fotógrafo profissional. Tinha um estabelecimento de fotografia e a minha mulher era lá empregada. Trabalhava no balcão da fotografia. Um belo dia, liguei lá para o estabelecimento para falar com ele. Foi ela que me atendeu. Parece que a partir dai ela deve ter gostado da minha voz, não sei. (...) Até que passado pouco tempo conhecemo-nos. Eu vinha de uma missão de serviço no interior, de uma zona onde tinha havido um ataque terrorista. Estive ligado também ao combate antiterrorismo. Passei por lá, fui para ir cumprimentar e ela estava lá e conheceu-me. Passado pouco tempo O pai dela até era ligado ao ramo da restauração. Tinha um bom restaurante em Luanda. (...) Fui lá, encontrei a, falei com ela, pedi lhe em namoro. Acertemo-nos. Disse que não ia perder tempo com ela</p>

			nem ela comigo”.
	Família (depois de casar)	Casamento	“Se nos entendêssemos era muitíssimo bem, passado 3, 4 meses era suficiente casamo-nos. Então já fizemos 54 anos de casados”.
		Filhos	“A minha filha é natural de angola, nasceu em Luanda”.

		Casa	<p>“A minha mulher foi comigo para casa dos meus pais”.</p> <p>“Era uma vivenda, (...) rés-do-chão, quintal, três quartos, cozinha, sala, uma varanda, anexos no quintal, árvores de fruto, uma mangueira enorme que me cobria quase o telhado da vivenda, com mangas maravilhosas que dava e tencas, mamões, papaias...”</p>
--	--	------	---

<p>Caracterização demográfica</p>	<p>Cidade</p>	<p>Luanda</p>	<p>“...em Luanda principalmente, foi onde tive a residência oficial”.</p> <p>“Luanda, era uma coisa bastante antiga. Depois foi-se tudo modernizando, tudo desenvolvendo, as...hã as rodovias não existiam praticamente, era tudo...tudo antigo, tudo terrenos irregular”.</p> <p>Já naquela altura (...) era uma cidade extraordinária, já com um desenvolvimento fantástico. (...) ---tinha naquela altura certa de 800 mil habitantes brancos. (...) Com negros a cidade de Luanda tinha mais de 1 milhão de habitantes. Luanda tinha tudo, era uma cidade que tinha tudo (...) o que era necessário. Hospitais, escolas, Universidades, faculdades”.</p> <p>Quando eu fui para lá tinha dois cinemas. (...) Depois começaram a construir cinemas”.</p> <p>“O clima também era extraordinário sabe. Nesta altura do ano, Angola, Luanda está nesta altura durante o dia está na ordem dos 30° C. (...) E à noite baixam para os 22°, 23° à vontade, andar vestidos era à vontade. No tempo frio... (...) Que é chamada o chamado tempo do Cacimbo de três meses. (...) No tempo de calor que são 9 meses durante o ano de vez em quando aparece uma chuvada tremenda, torrencial, alaga aquilo tudo, passado duas horas já não é água que aquela terra quente absorve tudo rapidamente”.</p> <p>“Não havia praticamente classes sociais, havia respeito entre todos, chegava-se de manhã à pastelaria para tomar um café ou um bolo, juntavam-se doutores e engenheiros, empregados, gerentes, comerciais, proprietários de estabelecimento, comerciantes, toa a gente se juntava às mesmas mesas, todos conversavam, todos</p>
-----------------------------------	---------------	---------------	--

		São Filipe de Benguela	<p>A cidade que eu mais gostei em Angola foi Benguela. Em Benguela lá estive como civil ao serviço do Estado. (...) Dois anos...”</p> <p>“E onde o relacionamento humano foi a melhor coisa de que conheci em toda a minha vida. (...) Ao fim do horário de trabalho toda a gente se juntava, eram advogados, eram médicos, eram proprietários, eram empregados, todos se juntavam nas mesmas mesas, (...) havia respeito entre todos, havia amizade, a vida em Angola processava-se assim em praticamente todos os lados, todas as cidades, umas mais que outra...”</p>
		Nova Lisboa	<p>“...serviço militar fiz em Nova Lisboa, onde fiz o meu serviço militar. Onde fui fazer a minha recruta, depois a progressão na carreira, e pronto foi em Nova Lisboa. (...) Nova Lisboa era bastante snobe”.</p>
		Lobito	<p>“Lobito era uma cidade lindíssima, a 30km de Benguela, com excelente porto de mar, o Lobito, cidade linda, ligada por uma estrada alcatroada de Lobito até Benguela”.</p>

	País	Angola	<p>“Angola é um território imenso, com uma potencialidade extraordinária, hum, só que...ainda está muito atrasado em termos de exploração. (...) Em termo industrial. Que é o principal fator daquela...área, que é uma coisa fantástica. Angola é catorze vezes e meia, catorze vezes e meia maior que toda a dimensão aqui de Portugal. (...) Banhada pelos rios de grande porte, grande volume...deixámos lá uma rede...rodoviária, ferroviárias, portos, caminho-de-ferro, universidades, liceus... (...) Tudo aquilo ficou feito, quando fui para lá aquilo era uma coisa muito pequenina, não em território e dimensão, mas em estruturas e infraestruturas”.</p> <p>“O comércio funcionava que era uma coisa extraordinária, contrariamente cá, nós tínhamos comércio aberto todas as noites, 24 horas, em várias zonas, se passasse no interior, aquelas terras muito pequeninas, tinha sempre um comércio aberto 24 sobre 24 horas”.</p> <p>“Desenvolvimento começou a fazer-se verdadeiramente a partir de 1955, 54, 55, Angola começou-se a desenvolver, houve um fator importante que contribuiu para isso, foi o mercado de café internacionalmente subiu. E (...) o café era um dos grandes</p>
--	------	--------	---

			<p>produtos de transação pó mercado internacional (...). Não só vinha cá pa o continente, como pa vários países do mundo, Angola era um grande produtor de café. (...) Quando nós viemos em 74, Angola era o país africano com maior grau de desenvolvimento em toda a África”.</p> <p>“Cidades foram criadas, cidades excelentes, dotadas de todas as estruturas e infraestruturas, tínhamos hospitais nas principais cidades, toda a Angola estava coberta por postes sanitários, nos quais existiam um enfermeiro permanente, um médico a fazer as suas visitas de x em x dias, umas ou duas vis...ia fazer as visitas aos postos sanitários, se alguma pessoa ou tava necessitada, ou tava acamada, ver se tinha transporte pra ser colocado num hospital...imediatamente o enfermeiro era...cuidava do caso, falava com as autoridades, uma pessoa deslocada pra dar assistência...aquilo desenvolveu-se aeroportos, caminhos-de-ferro, teve sempre um desenvolvimento espetacular. Depois...a ambição pra muitas não tem limites. Os olhos de muitas potências estrangeiras tiveram sempre postos em Angola. Na potencialidade. (...) Não era só os produtos, não. Minérios, minérios de ferro, ouro, cobre, “manganer”, hã, petróleo, tinham lá jazidos, uma coisa</p>
--	--	--	---

		<p>espantosa, hum. A criação de bovinos estava com uma expansão extraordinária”.</p> <p>“Eu vivi em Luanda. (...) Que era a minha residência oficial. (...) Mas vivi fora de Luanda em outros tempos. Eu vivi no norte de Angola. (...) Eu vivi em Nova Lisboa durante dois anos. Eu vivi em Benguela. (...) Eu vivi em Angola inteira”.</p> <p>“...tinha um mar fantástico, uma zona de costa, uma linha de costa que é espetacular, praias maravilhosas, hum. Centenas de quilómetros de praias, praias maravilhosas, praias lindas. O mar com os recursos extraordinários mas com uma indústria pesqueira que ainda era incipiente. (...) Não havia aquele desenvolvimento que aquilo merecia. A pesca era abundante, a vida era muitíssimo barata”.</p> <p>“Os salários eram baixos, contrariando a ideia de muita gente que Angola que era a árvore das patacas, que aquilo era, que o dinheiro caía quase das árvores não era verdade... (...) A função pública tinha salários baixos, o comércio também tinham relativamente baixos, o que contava é que dava para sobreviver perfeitamente”.</p> <p>“...os primeiros anos em Angola, uma coisa curiosa que nós</p>
--	--	--

			<p>tínhamos, era uma coisa interessante, as portas de casa, tudo, estavam sempre abertas. (...) Ninguém lá ia, ninguém assaltava as casas. Havia um convívio extraordinário que havia hum, faziam se festas, todos os bairros tinham um clube. Juntavam se, havia festas, havia bailes havia tudo. Toda a gente se divertia, toda a gente brincava. Trabalhava se mas depois conviviam-se. A vontade, livremente. Para mim Angola, de outras terras que conheci. Angola foi o paraíso”.</p>
	Profissão aprendida	Trabalho	<p>“...prestei serviço para o estado português, governo português, durante 14 anos, efetivos, depois dediquei-me à atividade privada...”</p> <p>“Comecei a trabalhar. Fui para o estado. (...) Ingressei no estado. Fiz a vida militar em Angola depois também”.</p> <p>“Fazia vida quase de errante não é por obrigações oficiais. (...) Estava ligado à função pública e eu era deslocado com muita frequência. Consoante as necessidades de serviço se impunham eu ia. Fazia as fronteiras todas da parte da zona norte (...) Como fazia a zona centro e zona sul”.</p>

Império colonial	Vida em Angola		<p>“Horizontes vastíssimos, o convívio com as pessoas era uma coisa franca, uma coisa aberta! Havia união, havia camaradagem, havia amizade, havia respeito, tudo isso havia e se fazia. O relacionamento entre a população europeia e os naturais de Angola, negros, não havia diferenças. Os hospitais eram iguais pra todos, partilhavam as mesmas enfermarias em casos de internamento, as escolas eram tudo em conjunto, e andava tudo em conjunto, tudo de mãos dadas”.</p> <p>“O desporto era praticado por todas as cores, todas as raças. Havia uma união praticamente perfeita de todos os povos. Claro, havia classes, como há em todos os lados. Umas, com um determinado grau. (...) Umas mais superiores, mandavam nos outros mas independentemente da cor. Eram empregados, eram funcionários públicos, e...nas mais diversas especialidades todos trabalhavam”.</p> <p>“Vivi sempre com eles em Angola, vivemos sempre todos juntos, até a família começar-se a separar e a desmembrar-se em 75”.</p>
	Estado Novo		<p>“...eu conhecia o Estado Novo, o meu pai ainda foi do tempo da monarquia. Eu contrario a opinião sobre os que falam contra o</p>

			<p>Estado Novo”.</p> <p>“... para mim o Estado Novo existiu, e existiu muito bem, eu contrario a opinião sobre os que falam sobre o Estado Novo. O Estado que temos hoje deve-se à existência do Estado Novo. Se ele não tivesse existido, hã, Portugal tinha sido extinto, tinha sido eliminado, Portugal antes do Estado Novo, Portugal havia revoltas todas as semanas, cá no continente eram revoltas todas as semanas, até que apareceu, um homem chamado Oliveira Salazar, não foi ele que se impôs. (...) Foram convidá-lo a Coimbra. (...) Ele veio para Lisboa, chegou cá viu a situação disto, disse que se viesse a aceitar o cargo de presidente do conselho de ministros tinha impor regras, porque a situação que se vivia, Portugal tava... não tinha dinheiro. (...) Portugal tava na banca rota, quando o Estado Novo foi colocado. Eles não quiseram dar a Salazar as condições que ele tinham imposto, ele foi-se embora, disse “ Não aceito nada “. Passado um tempo foram busca-lo. Então Salazar criou o chamado Estado Novo. Portugal, que estava na banca rota...apontam para o Estado Novo, quanto a mim sem nenhuma razão para isso, crítico do chamado Estado Novo, foram não sei quantos anos de obscurantismo, não sei que mais, mas ninguém se calhar sabia a</p>
--	--	--	---

		<p>situação que era o país nessa altura. Não havia dinheiro, não havia nada, isto era subdesenvolvido. Não havia estruturas nem infraestruturas capazes. E quando o Salazar tomou conta do poder...ele apanhou o país nessa situação, uma Guerra Civil em Espanha. (...) A Guerra Civil tirou-nos uma data de potencialidades, e Espanha precisava do nosso auxílio e nós precisávamos do auxílio dos outros. (...) Não havia. Ainda não tinha saído da Guerra Civil espanhola e começou a 2ª Guerra Mundial. (...) Que durou até 1945. Portugal tinha que fazer negócio e cedências em vários lados, Salazar foi recuperando a credibilidade internacional e em vez de sermos já dependentes financeiro e economicamente, Portugal emprestou muito dinheiro a vários países da Europa”.</p> <p>“Hoje, se estes indivíduos que cá temos, a partir de 75...74, com os governos que cá tivemos, ainda ninguém governou o país como devia ser governado, se eles tivessem parado com essas dificuldades já não existiam. Porque além da 2ª Guerra, a 1ª Guerra acabou quando Portugal estava a subir, a endireitar a vida cá em Portugal, no continente... (pausa) começou a haver questões de terrorismo. Começou pela Índia. Tínhamos tropa na Índia. Goa,</p>
--	--	---

			<p>Damão e Diu era tudo território português. As forças armadas indianas tomaram de assalto os territórios portugueses da Índia. (pausa) Isso custou muito dinheiro ao país, havia muita gente envolvida nisso. (...) Estes indivíduos cá não passaram por nada disso. Depois da Índia, que é que aconteceu? Luanda, no Ultramar, o terrorismo em Angola e Moçambique. Primeiro em Angola, depois em Moçambique, depois na Guiné. A Guiné ainda hoje é um desastre que é o exemplo claro da chamada descolonização. A Guiné Bissau nunca mais teve estabilidade. (...) Quando os de Lisboa criticam um governo que entrou, um governo que saiu, culpam-se uns aos outros, a competência não existe, o patriotismo desapareceu, Portugal é uma nação com 900 anos de existência, tivemos cá uma terminologia em Portugal que se utilizava que era “Deus, Pátria e Família”. A partir do 25 de abril os políticos destruíram tudo. A pátria foi vendida, a retalho...a família separaram-se...as ideologias políticas destroçaram famílias aqui e a parte religiosa, então não se fala porque é um desastre, porque aparecem seitas religiosas quase todos os dias, e todos querem formar seitas religiosas, aquilo deve dar lucro para alguns. (pausa) Eu vivi o Estado Novo”.</p>
--	--	--	---

			<p>“Cá ainda vivi o Estado Novo. Em Angola, vivi com o Estado Novo. (pausa) Andava-se à vontade, falava-se livremente... (...) O Estado Novo dizem que foi muito mau porque houve muita gente que foi presa, claro que aqueles que atentaram contra a segurança do Estado, claro que esses indivíduos não podiam andar em liberdade. Então foram detidos. Vários foram detidos. Porque todos aqueles, que nunca atentaram contra a segurança do Estado nunca foram detidos, estavam à vontade. (...) Cá e lá. Mas...depois deu-se o 25 de abril e todos aqueles que eram o símbolo do Estado Novo, de repente todos deixaram de ser o Estado Novo. (...) Os interesses subiram mais alto que a razão. (...) Agarraram-se aos novos que entraram no poder, foram mudando de uns para os outros consoante iam caindo, outros vinham e eles agarravam-se vão sobrevivendo assim como os parasitas. É o que temos. Portanto no tempo do Salazar ele tinha uma honestidade, saiu pobre o governo, hoje...não posso dizer isso de nenhum. Infelizmente todos os que vão para lá têm um interesse único: resolver a sua situação financeira o mais rápido possível. O povo paga”.</p> <p>“Não tenho ideologia política, não estou ligado a nenhum partido político, não estive nem quero estar. Porque...tenho asco aos</p>
--	--	--	--

			partidos políticos. Considero-os associações de malfeitores, eles querem, os partidos formam-se com um único intuito: chegar ao poder. Chegando ao poder chegam ao cofre do tesouro, têm a vida deles resolvida”.
	Impérios coloniais	Conhecimentos apreendidos	Chamam-lhes impérios coloniais. (...) Efetivamente, em princípio, todo o território vasto território português além mar era designado por colónias. (...) Nós tínhamos lá uma moeda própria, a moeda de Angola. Era o angolar. (...) Salazar nunca quis que a moeda portuguesa se instalasse em Angola, que Angola tivesse moeda própria, porque ele tinha uma visão extraordinária para o futuro. Ele foi considerado internacionalmente como o maior estadista de todos os tempos, foi posto ao nível de Churchill e Roosevelt. Os três grandes estadistas. Há uns anos para cá desapareceram todos, não há nenhum. Ele sabia que se implantassem moeda única em Angola e Moçambique, o desastre, teria que acontecer muito mais cedo. Porque ia permitir que os povos, treinados e incitados lá pelo estrangeiro... (...) teriam poder de compra para adquirir armamento. (...) À partida o processo teria desencalhava mais cedo. E ele teve sempre essa visão que não queria isso. Muita gente

		<p>o critica por isso, e critica também por ter limitado a saída de portugueses para Angola e Moçambique. Ele sabia o que estava a fazer, ele sabia que Angola e Moçambique não tinham infraestruturas e estruturas para receber pessoas vindas de cá. Então iam, mas era em contingentes limitados. Começou a desenvolver-se para irem mais. Se ele fosse a abrir as portas de repente, muita gente, com a loucura, com a ideia de África, que era fantástico, que era a árvore das patacas, buscar dinheiro... não era verdade. (...) Ninguém ia beneficiar disso. Então limitou. E eu dei-lhe a razão e dou-lhe a razão pelas medidas que ele tomou, podem dizer que houve excessos aqui cometidos, houve, mas em contrapartida onde é que não há excessos. (...) Qual é o país que não o faz, qual é o país que não os comete? Qual é o país? A verdadeira democracia não existe em nenhuma parte do mundo. Nenhum país tem a verdadeira democracia, pois dizem que o significado da democracia é a voz do povo, o povo é que mandar. O povo é submergido, é dominado pelo grande capital que domina tudo. Os políticos fazem as guerras, e as guerras existem pela miséria, a fome é muito má conselheira, a miséria revolta as pessoas. (...) O dinheiro é o rei do mundo. Quem tem dinheiro vai a todo o lado. Quem não o tem, tem</p>
--	--	---

			<p>que se submeter aos interesses e desejos do grande capital. Principais governantes em todos os países não são os governos instaurados e escolhidos. Eles são mandados por todo o capital e eles submetem-se às ordens do grande capital. Estabelecem as leis consoante os seus interesses. (pausa) Houve há uns anos o dr. António Arnaut que criou o serviço nacional de saúde, para que toda a população tivesse acesso gratuito aos serviços de saúde. O serviço nacional de saúde já foi combatido diversas vezes. O governo que acabou as suas funções agora em novembro quis dismantelar o serviço de saúde e em certa parte ainda não o dismantelou totalmente...é um crime, é, porque os privados fazem parcerias com o governo.</p>
	Guerra Colonial	Terrorismo	<p>“...criaram um estado de terrorismo em Angola, terrorismo foi, eclodiu em Angola manobrado de fora para dentro. (...) Não nasceu espontaneamente, não nasceu no interior de Angola, foi treinado de fora para dentro. (...) O terrorismo chamado terrorismo oficial... (...) surgiu no dia 4 de fevereiro de 1961”.</p> <p>“...a capital foi a primeira vítima dos ataques terroristas. Houve ataques à prisão de Luanda, há esquadra, há sétima esquadra com</p>

		<p>mortes, houve guardas que foram abatidos...pelos terroristas. Há cadeia de São Paulo, com um carro de patrulha na zona chamada Casa Branca”.</p> <p>“Foi-se desenvolvendo...os primeiros tempos, para quem conhece, tar a fazer a defesa era os poucos militares que estavam em Angola, o corpo militar era pequeno, os civis é que tiveram que ser organizados em milícias pra começarem a fazer a defesa das cidades e das localidades onde estavam. Até que, o governo de Portugal da altura chegou a ministro o presidente do conselho que era o doutor António de Oliveira Salazar, que mandou para Angola forças militares, começaram a chegar lá forças militares dos vários ramos das forças armadas, e então começaram a entrar no patrulhamento e no combate ao terrorismo. Foi-se desenvolvendo o terror em Angola, uma fronteira enorme...impossível de controlar e fechar a fronteira toda, não havia a possibilidade nenh...a possibilidade humana não havia. O apoio logístico para os grupos terroristas eram diversos. Continuavam a fazer através das nossas fronteiras. Tinham as forças extraordinárias das autoridades, travar era possível... (...) mas era impossível estancar. Foi-se desenvolvendo. Entretanto quem? Portugal, aqui chamada</p>
--	--	---

			<p>retaguarda, começou...a haver formação de grupos...que eram contados à guerra do Ultramar”.</p> <p>“Suportei os anos todos de terrorismo, 14 anos”.</p> <p>“...terrorismo é a pior coisa que há, é o pior sistema que há é o terrorismo, porque eles não atacam em massa, eles atacam em pequenos grupos, eles fazem emboscadas, faziam isso, metiam armadilhas nos caminhos que a tropa tinha que percorrer a pé. Haviam baixas, uma pessoa quando saia consciente que a qualquer momento podia ficar”.</p>
		25 de abril	<p>“Quando se tinha aquilo dominado, quando já não havia terrorismo verdadeiramente, fizeram o 25 de Abril e... (...) Estragaram tudo...”.</p> <p>“...os restantes capitães fizeram cá o chamado Movimento do 25 de abril em 1974. Falo na Revolução de abril, na Revolução dos cravos”.</p> <p>“Nada mais errado, isto foi um golpe de estado, um golpe militar que derrubou o governo. Problemas de estruturas, a partir daí assistiu-se aqui uma época tremendamente difícil, não havia ordem,</p>

			não havia lei, não havia nada...foi instalado aquilo que eles chamavam o PREC – Processo revolucionário em curso. Houve pilhagens, assaltaram herdades, assaltaram fábricas, expulsaram os proprietários, enfim tudo isto aconteceu...cá, Portugal...”
		Mortes	“Portugal foi atacado...por ordens de indivíduos armados, que cometeram massacres fantásticos lá, horrores autênticos. Então cá teve que naturalmente surgir a defesa. Se Angola não tivesse sido atacada. (...) Os massacres que se deram...civis, homens, mulheres e crianças eram chacinados, mulheres grávidas foram esventradas e tiraram-lhes os fetos dentro delas, matavam-lhes atirando contra as paredes das casas...aquelas pequenas povoações... (...) Eram negros. Negros terroristas. Os terroristas eram negros. (...) Eles eram de lá, eram recrutados. Tinham formação, e juntavam as hostes dos terroristas. Eles mataram pretos e brancos! (...) Até porque não fomos nós que começámos o terrorismo, o terrorismo começou lá, alimentado de fora para dentro, pelos interesses das grandes potências de Angola. Um deles tenho-o aqui. Isto é sobre a ponte aérea, que se passou na ponte aérea”.

	Independência	<p>“Após a chamada independência que foi dada antes a Angola, o aeroporto internacional de Luanda, era atribuírem a designação a aeroporto 4 de fevereiro, em homenagem à noite que se iniciou o terrorismo”.</p> <p>“...cá, Angola ressentiu-se disso, porque após o 25 de abril, pouco tempo depois, os militares daqui tomaram conta do poder, então decretaram...(pausa) independência para as províncias ultramarinas. Em 75, isto foi em 74 e em 75, sendo que Moçambique foi o primeiro (...) a proclamar a sua independência, e em novembro, 11 de novembro de 75, Angola proclamou a sua independência. Contrariando aquilo que eles dizem, não houve uma transição, não houve uma entrega. Houve um abandono puro e simples do Ultramar. Em Luanda ninguém em representação do governo português estava presente pra fazer a entrega do poder. Eles tomaram de propósito conta daquilo. Livraram-se de todos, forçou-se a saída, não houve descolonização, houve uma fuga para a frente, ninguém se preocupou cá com a população portuguesa, que estava em Angola, também não se preocuparam com Moçambique”</p>
--	---------------	--

Retorno	Viagem	Bens materiais trazidos	“Trouxe a mulher, trouxe uma filha, trouxe uma maleta na mão”.
	Portugal	Acolhimento	<p>“...chegámos aqui...mal recebidos, muito mal recebidos. Os residentes cá...sabendo que nós éramos de cá! Também naturais de cá! Tínhamos ido para lá procurar uma vida melhor e era território nacional, território português. Receberam-nos com uma hostilidade tremenda, mesmo famílias que se recusaram a receber familiares! Que vinham apenas alguns com a maleta e com a roupa que tinham no corpo, uns com uma maleta na mão”.</p> <p>“Nós viemos para cá, também cheguei aqui mais a minha mulher e a minha filha, sem nada. (...) De 30 anos depois de uma vida lá feita tudo lá ficou, tive que recomeçar aqui outra vez depois dos 43, uma vida para nós. Duro, difícil, carências de toda a ordem, rejeições por todos os lados onde uma pessoa se dirigia. (...) Mas fomos sobrevivendo, e graças que ainda cá estamos”.</p>
		Vida em Portugal	Quando nós viemos de Angola para cá, quando cá cheguei em 75...eu...abri os olhos de espanto! Não via nada. (...) Viemos aqui para esta zona acredita, de manhã queria tomar um café não tinha um café aberto. Se fosse a um bar, calor, pedia uma cerveja fresca

			<p>não havia! (...) Isto praticamente era quase primitivo. As pessoas não conviviam, só um vizinho com o outro e nada mais. (pausa) Pessoas de cá que nunca saíram, muitas ainda vivem, elas iam ao lixo de manhã com o traje de noite ainda vestido. Com robe ou uma coisa qualquer. Estavam habituadas. Entrar num café?! Quando abriram um café, cá, os que daqui nunca saíram, não havia senhora que se atrevesse a entrar para beber um café ou um chá. Não iam. (...) Se vissem um jovem a fumar...Valha-me Deus! (pausa) Não aceitavam isso...as pessoas vinham de lá habituadas a uma vida muito diferente. (...) ...as pessoas vestiam-se bem, cá não... iam de qualquer maneira. Lá íamos ao café, ao cinema. Cá neste bairro, aqui, quando viemos diziam que as nossas mulheres eram prostitutas, “as retornadas são prostitutas, são como os homens, fumam, vão ao café...”.</p> <p>“...a partir do nosso regresso é que o comércio cá começou a desenvolver. Os próprios bancos cá eram uma miséria, uma desgraça. Começaram a trabalhar cá muitos trabalhadores bancários que vieram de Angola, a partir daí os bancos começaram a dinamizar-se. (...)Tudo...muito apertado, muito acanhado, muito estrangulado. Então o comércio começou a florescer, começou a</p>
--	--	--	--

			<p>haver comércio, começou a expandir-se. Hoje...claro que isto não é o que eu encontrei em 1975. (...)Está diferente. Muito diferente, muito para melhor graças aos chamados retornados. Que eles aqui disseram que nós íamos roubar os postos de trabalho aos que cá estavam. (...) O que não é verdade”.</p>
	Família	Separação	<p>Com o retorno...cá tiveram a preocupação, as autoridades, cá de nos separar a todos cá. (...) Aqui as pessoas que vieram de Angola eles não nos juntaram, nem em Lisboa pra não nos concentrarmos. A grande preocupação deles foi não haver concentrações com os retornados do Ultramar. Que eles tinham medo que os retornados do Ultramar formassem aqui uma força fortíssima política! (...) Eles não queriam que isso acontecesse, porque podiam ser perturbados nos seus intentos. Então começaram a espalhar gente por todo o lado, desde o Algarve ao Minho... (...) pessoas pa lugares onde não haviam condições praticamente nenhuma. Muitos foram pra lá. Eu não, fiquei aqui”.</p> <p>“Tinha cá pessoas amigas aqui. Receberam-me no aeroporto a mim e à minha mulher e filha, viemos pa casa deles, tivemos aqui e por aqui ficámos. Os meus pais quando vieram foram para o norte. (...)</p>

			Para a origem. Outros irmãos...ficámos separados. Nós éramos seis irmãos na altura”.
		Morte dos pais e irmãos	Vimos em 75, em princípios de 76 o meu pai e a minha mãe faleceram, o choque brutal da mudança... (...) fez com que eles não resistissem a isso. De seis irmãos estamos dois vivos hoje, os outros quatro irmãos também faleceram cá”.
		Atual família	<p>“Ela veio quando tinha 12 anos. Já estudava lá em Luanda, matriculei-a cá. (...) Tudo para cá, foi difícil para ela e para nós. Para nós ainda mais, porque elas são crianças, adaptam-se rapidamente”.</p> <p>“Casei, tive uma filha, tenho um neto, (...) deu-me um bisneto que faz hoje um mês...aquele menino, com 20 anos de idade, arranjou-me este problema, fez-me um bisneto. Fez de mim mais velho, um bisavô”.</p>
	Trabalho		Tive muitas dificuldades para arranjar trabalho cá. Sujeitei-me a fazer trabalho que nunca tinha feito na minha vida. (...) Fui trabalhar para obras. (...) Tinha uma mulher e uma filha para sustentar e criar. Não podia parar. (...) Fui trabalhando nos sectores

		<p>até que cheguei a um ponto que epá a idade já não permitia vai para a reforma”.</p> <p>“Eu tive que andar há procura de um posto de trabalho, há procura disto, há procura daquilo, com as necessidades, as dificuldades, hã, que a vida impunha a cada um. Mas tudo isto claro que fui obrigado a lutar contra isso”.</p> <p>“Fui para rececionista numa oficina de automóveis, reparações de automóveis e recolha de automóveis. (pausa) Tive lá, não chegou a 2 meses. O patrão quis dissolver-se daquilo tudo, fechou as portas, acabou. (...) Depois um rapaz amigo, através de outro, arranjou-me trabalho, fui trabalhar como servente...a construir a fábrica, as instalações da fábrica junto ao rio no Lavradio. (...) Depois, arranjei lugar...para ir vender. Vendas. Correr toda a área do Alentejo, a zona do oeste, de uma fábrica de confeção, fui vender confeção. Tinha que ser, tinha que fazer alguma coisa não podia estar parado. (...) Depois a fábrica fechou. (pausa) Tive que me voltar para outro lado. Apareceu um lugar numa firma de brindes publicitários...estive no gabinete jurídico e na expedição de encomendas para os clientes, hum, recebia-as da fábrica, mandava</p>
--	--	--

			<p>ir, e por aí fora. Zona do Ribatejo, Alentejo e por aí fora. Entretanto, nuns tempos conturbados ante disto, estive em Lisboa. (pausa) Fui o homem dos sete ofícios. (risos) Fui o homem dos sete ofícios, sabe. Depois tudo acabou, fui para a aposentação, e cá estamos".</p> <p>“Praticamente, nos primeiros lugares onde estive só encontrei pessoal de cá. (...) Ninguém de lá”.</p>
Medidas de política social	Ajuda do estado	IARN	<p>“Não autorizaram transferências de dinheiro...até que uma organização chamada IARN, que era o Instituto de apoio aos retornados nacionais, foi a designação que deram, vieram verbas volumosas da União Europeia pa cá, só que...houve muita gente que se aproveitou desses fundos e a maior parte dos retornados não eram”.</p> <p>“Do IARN não tive nada, (...) nem fui alojado pelo IARN nem nada. (...) O IARN foi uma organização que se criou para alguns indivíduos. (...) Aproveitaram-se do dinheiro para ajudar os retornados. Alguns poucos beneficiaram disso, a maior parte deles eram alojados e hotéis em Lisboa, uma família com seis, sete pessoas num quarto só para duas. (...) Não é viver. (...) Casais com</p>

			filhos, com crianças pequenas, tudo num quarto só, num hotel em Lisboa...”
	Casa		<p>“Muita gente veio aqui para este bairro acabou por vir para aqui voluntariamente. Grande parte das pessoas que vieram para aqui viver assaltaram as casas que aqui estão. (...) Esta casa foi-me entregue pelas autoridades na altura, que era a autoridade militar”.</p> <p>“Entretanto eu vivi primeiro na Baixa da Banheira. Até que depois arranjei aqui a casa. E viemos para cá”.</p>
Integração	Receção portugueses	Relacionamento com portugueses	<p>“Nós retornados vínhamos para cá não eramos nacionais. Nós éramos as pessoas que vinham para cá para tentar roubar o posto de trabalho deles. A compreensão deles não dava para mais sabe? Desculpe lá por isso, mas as pessoas não tinham o ensino básico. Tinha que procurar uma linguagem que eles compreendessem, hum. Tinha que fugir totalmente dos meus padrões. Tive que me ir adaptando”.</p> <p>“...esta gente aqui era muito fechada. Eu compreendo, nunca viveram, nunca saíram daqui deste bocadinho, os horizontes deles eram curtos. Não lhes permitia ver mais longe. E depois...o mais</p>

			<p>difícil e pior é que essas pessoas não se preocuparam em evoluir, em querer evoluir! (pausa) Só para ver, o jornal era baratíssimo quando cá cheguei, não custava quase nada. Ninguém comprava jornais, literatura, livros. (...) Não liam! (...) Isto aqui parou...esteve parado no tempo durante muitos anos. Precisamente porque as pessoas não tiveram interesse em evoluir. (pausa) E depois nós viemos e éramos diferentes, para ele éramos diferentes! Na espontaneidade, na forma de viver, éramos mais abertos! Falámos com toda a gente. Muitos não compreendiam e diziam “Vocês são diferentes de nós”. E eu dizia “Não, nós somos iguais...(...)...enquanto que nós, retornados, vivíamos noutra mundo, quisemos evoluir, quisemos aprender...vocês não quiseram! Se eu perguntasse se conhecem algum escritor português vocês não conhecem!” (...) Não conhecem, não conheciam, salvo raras exceções”.</p>
	Bairro	Construção	<p>“As condições aqui eram diferentes. Mas passamos aqui os primeiros 3, 4 anos sem saneamento básico nem complementar, não funcionavam, não estavam ligados. As casas estavam prontas, não havia água corrente em casa, aqui nos largos fizeram ali umas</p>

		<p>torneiras para sair água. Todas as necessidades que eram feitas, atrás havia um pinhal, a gente chegava lá, via um buraco e despejávamos”.</p> <p>“Entrei com o IGAP, o IGAP. O IGAP é que era o proprietário deste bairro e de outros que estão aí que era o Instituto de Gestão de Habitação do Estado. (...) Falei com eles, tive entrevistas com eles, difíceis, eles não queriam ceder ... Para regularizar aqui a situação das casas aqui no bairro, acabar as casas que não estavam acabadas, mesmo assim estavam ocupadas, não tinham portas nem janelas...”.</p> <p>“...dediquei-me também a isso, as casas fora concluídas com a condição que assim que concluídas eu assegurei e garanti que as pessoas saíam ordeiramente das casas. Alojiei-as em lojas aqui no largo onde param os autocarros. (...) Logo que os prédios eram concluídos eles regressavam às suas casas com um documento oficial. Tudo correu maravilhosamente”.</p> <p>“Resolvemos a situação, pus a água aqui e depois fui ter outra luta com a EDP para colocar aqui a eletricidade. Também não havia eletricidade entre nós. Resolvemos aqui praticamente o problema</p>
--	--	---

			aqui nosso, aqui o habitacional. Ficou concluído”.
		Comissão de retornados	“Depois aqui fui convidado, chamaram-me para eu fazer aqui uma comissão de retornados. Aqui no bairro. Bati me pela situação daqui. (...) Com a autarquia, tive vários debates com o presidente da câmara à altura para a ligação do saneamento dos coletores e para instalação de água nas casas, nos prédios”.
		Gostar de viver no bairro	Gosto...por uma razão também. (...) Vim para cá e pouco tempo vivi na Baixa da Banheira, vim para cá. Vim para aqui. A minha filha cresceu aqui, aqui casou, e então...adaptámo-nos a isto. Se eu tivesse possibilidades financeiras eu não viveria aqui de maneira nenhuma, ia-me embora, ia para outro lado, mas também não ia para Lisboa. (...) Não gosto da vida em Lisboa. (pausa) Respira-se indiferença. Não há empatia, convívio, não há. Muito individualismo. Lisboa está pior do que quando viemos, dantes falavam, agora existe individualismo. As pessoas que vieram para este bairro mudaram, começaram a fechar-se nas suas casas. E meteram cá pessoas que não deviam meter. Começaram a despejar cá pessoas que nunca deveriam vir. Portanto está diferente. Se eu gosto? Não gosto. Vivi cá os anos difíceis que foi sem ter as

			condições básicas, lutei por elas para que elas fossem estabelecidas e concluídas, depois isto começou a degradar-se... (pausa) Salvo meia dúzia de pessoas parece que são todos desconhecidos. O poder financeiro não me permite sair”.
--	--	--	--

ANÁLISE CATEGORIAL DA ENTREVISTA Nº 4 – GISELA

Tema : A vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal – contributos da educação social para compreender a cidadania utilizando narrativas biográficas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo (Significados)	Unidades de contexto (Citações)
Trajetória de vida	Família (antes de casar)	Nascimento e idade atual	<p>“Lisboa, vinte e três do seis de 1940”.</p> <p>“...aquela zona do Bairro Alto, Alfâma... (...) era na rua dos Remédios, aquelas zonas... (...) típicas, perto do castelo de São Jorge”.</p> <p>“Faço 76 este ano se Deus quiser”.</p>
		Relacionamento pais	<p>“Era bom...”.</p> <p>“Eu às vezes revoltava-me assim mais, ficava coiso porque...como era mais velha tive que tomar conta dos meus irmãos e sempre vivia a tomar conta deles e eu... (...) Às vezes aborrecia-me. Mas foram bons”.</p>
		Relacionamento irmãos	<p>“Eramos onze, sim. No total. (...) Onze irmãos”.</p>

		Outros familiares	<p>“Não me lembro dos meus avós nem nada... (...) “Os familiares que eu tinha lá eram só os meus irmãos não tinha familiares nenhuns”.</p>
		Situação financeira	<p>“A minha mãe era doméstica e o meu pai era linotipista. (...) É...trabalhava com aquelas máquinas que agora já...hã, do coiso, de fazer, hã,, que tinha umas barrinhas em ferro pra fazer os jornais. Trabalhava no jornal... (...) fazia o jornal”.</p> <p>“... viveram muitas dificuldades. Viviam num...a minha mãe vivia num quarto (...) e com dificuldades. E depois foi pra Angola, também passou dificuldades, derivado a ter, muitos filhos e só ser o meu pai a trabalhar”.</p> <p>“Nunca passamos fome nem nada, houve sempre comida, mas sempre às vezes muita...muita repetição sempre da...a comer a mesma coisa. Que era as coisas mais baratas mas...foi um...uma vida de trabalho e, e...e...com dificuldades, não vivíamos muito à...à grande, né”.</p>

		Religião	<p>“Fomos sempre católicos. (...) ...nunca fui à catequese. (...) Mas ia, às vezes, fui batizada pela igreja, casei pela igreja, e ia, e ia muitas vezes lá à igreja. Ia, até o padre que me casou era o padre Couto, que batizou meus irmãos e tudo. Ia lá, falava com ele, ia, freq...às vezes frequentava mas nunca fiz a comunhão. Mas frequentei assim o coiso mas nunca, nunca fiz”.</p>
	Ida para Angola		<p>“Ia fazer 5 anos”.</p> <p>“Fui com...a minha mãe. E com dois irmãos”.</p> <p>“No entanto ele, ele já...tinha estado em Angola, com o pai dele... (...) há muitos anos e depois veio. Foi para lá com 2 anos, veio com 29 anos, pa cá pa Portugal. (...) Depois foi quando conheceu a minha mãe, o meu pai casou-se com 30 anos, a minha mãe com 16, e depois foi quando ele teve sempre aquela ideia de ir pra, pra Angola, porque gostava muito de...de Angola. E então foi e depois antigamente chamavam as pessoas por carta de chamada e então depois mandou ir a mulher e os três filhos que ela tinha”.</p> <p>“Fui morar prá cidade Alta”.</p> <p>“...a Cidade Alta era o sítio onde a gente morava. Era dentro de</p>

			Luanda... (...) A Cidade Alta ficava ao pé mesmo do palácio de Luanda. (...) Chamava-se Cidade Alta àquela rua. Aquela avenida toda, aquela parte toda chamava-se Cidade Alta, como aqui, chama-se o...aqui, aqui não, que já não pertence a Lisboa é uma coisa, no meio Lisboa tem o bairro disto, o bairro daquilo”.
	Infância	Amizade	<p>“Tive poucos amigos. Não tive quase amigos nenhuns. Porque eu não saía”.</p> <p>“Era sempre em casa que estava, sempre a tomar conta dos meus irmãos e o meu pai não deixava...assim sair, e quando saía, ia pra um jardim, que era jardim perto de casa, e ia sempre acompanhada pelos meus irmãos todos. (...) Era, era sempre, sempre com eles. Nunca saía sozinha. Era sempre com os meus irmãos e hã...tive duas amigas mas elas, também não se sentiam bem de estar sempre ali, porque eu com os meus irmãos e então procuravam outras amigas...e eu nunca tive assim amigos”.</p>
		Momentos	“...tinha quatro anos, fui fazer os cinco cá, que lembro-me do meu pai, era uma casita assim baixa, e lembro-me de, do meu...de andar às cavalitas com o meu pai, a brincar com ele, mas pouco, pouco

		<p>mais me lembro”.</p> <p>“Era trabalhar dentro de casa, tomar conta dos meus irmãos e pois...mas era normal”.</p> <p>“...a minha mãe ficava em casa. Lidávamos o coiso. Quando ela estava doente, é que às vezes ia pó hospital, aos médicos, e eu ficava a tomar conta dos meus irmãos. Quando ela baixava a maternidade que...que estava oito dias lá internada, sempre era eu que ficava a tomar conta da casa e dos meus irmãos, que o meu pai ia para o trabalho. E era assim. E ia prá escola, depois comecei a andar na escola, ia e vinha, às vezes ajudava a minha mãe a cozinha e coiso, ia a pé, vinha a pé, e era assim”.</p> <p>“A minha infância foi sempre igual, não tenho assim momentos assim, que se diga assim melhores, melhores não. (...)Piores também não, foi sempre quase igual. Sempre a mesma coisa”.</p>
Vida escolar	Brincadeiras recreio	<p>“saltar à corda, era o jogo da macaca. (...) Era o jogo d lenço, era...da, das cores. Andarmos à roda, e era, fazíamos as cantigas...era...a triste viuvinha, era...o...várias canções que a gente tínhamos que andavam à roda e cantávamos “Ai, ai, minha machadinha”, aquelas canções assim, e era o jogo do coiso, e era o</p>

		jogo do ringue...e era o que a gente fazíamos no recreio”.
	Percurso escolar	<p>“ Até há 4ª classe”.</p> <p>“Não pude porque os meus pais não tinham dinheiro pra, pra isso. Pra pagar as propinas e pagavam...eu pa fazer a 4ª classe tive que pagar 100escudos. Pra fazer a 4º classe e a admissão no liceu. Fazíamos nessa altura, era a 1ª classe, 2ª classe, 3ª classe, 4ª classe depois da 4ª classe podíamos ir pra o liceu, tínhamos de fazer a admissão, se a gente chumbasse na admissão tínhamos de repetir o ano todo que já não entrávamos no liceu. E como tinha que pagar 100escudos pra ir fazer a admissão não fiz, os meus pais não tinham possibilidades pra me meter num liceu“.</p>
Juventude	Namoro	“Tive, um. Mas foi mais de brincadeira. Não foi nada a sério. Tinha 15 anos, era uma garotinha, era de brincadeira. A gente chamava de namorados mas não éramos namorados, era mais de brincadeira”.
	Marido	Olha, tinha eu 17 anos, foi uma vez, ele estava hã, a casa onde ele morava...que era o rés-do-chão, e tinha ao lado um 1º andar, mas aquele 1º andar, davam as janelas pró...o quintal que coiso...as janelas da cozinha de cima davam, via o nosso quintal. (...) E então

		<p>foi, ele...foi lá visitar, quem ainda era primo, 1º, 2º grau e isso, que era...que tinha ido lá visitar lá...os primos e eu tava no quintal, tínhamos muita roseiras e muitas flores e eu tava a varrer o quintal e ele olhou para mim, nós olhamos e...pronto. Foi assim e ele não me largou e foi assim que nós começámos a namorar”.</p> <p>“encontrávamo-nos às vezes na praia às escondidas mas hã, quer dizer, ele sabia pra onde eu ia pra praia, metia-se de conversa com os meus irmãos e távamos assim...mas não, pra namorar mesmo a sério teve que pedir autorização porque não...o meu pai não deixava”.</p>
	Família (depois de casar)	<p>Casamento</p> <p>“Primeiro quando pediu se podia namorar. (...) O meu pai disse que sim. Depois então aí sim, teve que pedir autorização depois, que eu era...naquela altura só casávamos se tivéssemos 21 anos que era a maioridade. Não podíamos casar sem a autorização dos pais”.</p> <p>“...não tinha ainda os vinte e um, tinha... (...) Fiz os vinte passado uns quatro meses”.</p>
		<p>Filhos</p> <p>“Tive dois. (...) Nasceram em Angola”.</p>

		Casa	<p>“...a gente foi pra um apartamento muito jeitozinho. Tínhamos a sala, a sala, um quarto, cozinha e casa-de-banho. E uma varanda, qe dava uma vista em frente mesmo ao mercado”.</p> <p>“mudei (...) pra vários bairros, aparecia umas casas mais bonitas, mudava pra outra, pra coiso...tive em vários bairros...”.</p>
		Férias	<p>“Íamos de carro, passávamos por uma cidadezita, parávamos, conhecíamos, íamos a outra...conheci várias cidades assim. Conheci Lobito, conheci Benguela, Nova Lisboa, Sá da Bandeira...gostei muito de Sá da Bandeira era uma cidade muito linda, todas elas muito lindas. Mas ainda de todas que visitei gostei muito da...da cidade de Sá da Bandeira”.</p>
Caracterização demográfica	Cidade	Luanda	<p>“Foi em Luanda (...) foi a cidade onde eu morei maior parte dos anos todos”.</p> <p>“...quando fui pra lá, em miúda ainda recordo não tínhamos luz, não tínhamos água, a água era a que saía da torneira era água barrenta, vinha parece toda cheia de terra. Luz não havia luz na ci...na cidade, não havia era tudo candeeiros de petróleo e quando nós íamos sair pras merceaias e coiso, íamos muitas vezes, íamos</p>

			<p>com o candeeiro e com lanternas. Depois ao fim de muitos poucos anos é que, é que houve eletricidade. Mas quando fui em 1944 não havia eletricidade”.</p> <p>“...era a cidade alta, foi o que eu mais gostei. Porque foi lá sempre...como fui com 4 anos, ia a fazer os cinco, fiz os cinco lá, até casar praticamente o que eu mais gostei foi aquela parte! Que era a parte mais antiga da...foi a primeira, mais antiga de Angola, é sempre a parte que eu mais gostei”.</p> <p>“Muitas praias. (...) Em miúda, onde eu morava, era só descer. Mas chamava, chamavam as barrocas, que era aqueles murozitos de terra a gente chamava as barrocas, descia, tínhamos logo a praia, o meu pai ia à pescazita, e pescava e coiso, e estávamos ali sempre. Todos os dias íamos à praia. Eu e os meus irmãos descíamos, era atravessar a rua, descíamos a...aqueles morrozitos, távamos na praia. E passávamos assim às vezes, quando não tínhamos a escola, depois às vezes quando íamos à escola já não íamos há praia, só ao fim-de-semana. Com os meus irmãos, íamos todos, era sempre com os meus irmãos”.</p>
		Nova Lisboa	“...tive dois anos na cidade de Nova Lisboa, que o meu marido foi

			transferido pra lá. (...) Depois viemos pra Luanda outra vez, e foi sempre”.
	Profissão aprendida	Trabalho	<p>"Fiquei a ajudar a minha mãe. Ainda o meu pai pôs-me no...nos lá...no sítio onde ele trabalhava, pra eu ir aprendendo pra ver se me arranjava emprego, e tar lá comecei a tirar o curso de tipografia... (...) de escrever à máquina, ainda aprendi, mas aquilo era por concursos, depois a gente ficava admitida, mas quem estivesse lá já tinha mais possibilidades quando houvesse concurso de...de ser chamada aquela pessoa que estava lá a aprender. A minha mãe como queria ajuda, eu larguei isso e fui ajudar a minha mãe”.</p> <p>“Havia uma senhora que queria que eu fosse aprender de costura, o meu pai não me deixou”.</p>
Império colonial	Vida em Angola		<p>“A vida em Angola quer dizer, pra muitas pessoas...na altura que eu era miúda...quer dizer, as pessoas lutaram muito. Depois é que aquilo foi crescendo, começou a ficar melhor a vida, os ordenados começaram a subir...já foi melhorzinho. Na altura em que casei já os meus pais viviam melhorzinhos, já não tinham tantas dificuldades, já começaram a viver melhorzinho. Mas não sei se foi</p>

			<p>derivado a sermos muitos e só o meu pai a trabalhar, éramos onze, na altura éramos (...) dez filhos, a criar dez filhos só ele a trabalhar era complicado. Depois quando os meus irmãos, os meus irmãos começaram a trabalhar muito cedo também, na mesma profissão, tipógrafos (...) e...quando eles começaram a trabalhar dava uma ajudinha pá casa e aí já começamos a viver melhorzinho...”.</p> <p>“Tava muito mais avançado do que aqui. Acho que sim. Lá tínhamos umas estradas, casas, lindos bairros, e isto e aquilo e aqui não notei assim muito, muito mais bonito, para mim Angola era muito mais bonito”.</p>
	Estado Novo		“Nunca soube”.
	Impérios coloniais	Conhecimentos apreendidos	“Não”.
	Guerra Colonial		“...num certo sentido acho que eles ao fazerem essa guerra até tiveram razão porque houve muitas senhoras que aqui não eram, que não eram senhoras, que eram condenadas algumas por pequenos delitos que faziam aqui. (...) Roubos...e até, hã, por matar. Eram colocadas, em vez de ficarem aqui na cadeia iam pra

			<p>Fortaleza, lá, presas. E como haviam poucas brancas, na altura, na altura que eu fui pra Angola, muito antes de eu ir para Angola, o meu pai esteve lá desde os 2 anos e então ele com 18 anos foi buscar uma condenada à Fortaleza. Que era uma branca. E esses que iam buscar essas condenadas se casassem com elas ou coiso que iam buscar eles responsabilizavam-se por elas e elas ficavam libertadas. E o meu pai foi ainda buscar uma senhora lá que teve a viver ainda com ela dois ou três anos com ela mas depois não se entenderam e ela casou com outro senhor”.</p> <p>“E ficaram libertadas. Essas senhoras, que não eram ninguém é que exigiam muito, tinham criados, iam buscar lá aos sipaios, lá ao coiso, pediam, e aqueles os sipaios arranjavam uma criada e elas abusavam muito da...das criadas. Abusar num certo sentido, faziam delas...umas escravas. E aí é que eles se revoltaram um pouco com isso. E muitas hoje que são umas senhoras, senhoras, que se fizeram, eram umas condenadas”.</p>
		Mortes	<p>“...a situação já estava muito complicada. Porque eu no meio onde vivia haviam três...três partidos. Era o FMA, a UNITA e o MPLA. E todos eles queriam o seu poder e de vez em quando havia tiroteio</p>

			<p>de um lado para o outro e a minha casa estava mesmo no meio. De um lado da rua era um partido, do outro lado da rua era outro. Havia três...ali uma rua, um partido, tal como agora estar aqui, ali naquele prédio (aponta para a janela) estar coiso e ali naquele prédio estar outro. (...) E era às vezes havia tiroteio e a gente era coiso nos escondermos debaixo das camas que havia muita confusão. E...havia confusão e...dentro da cidade havia aquela confusão assim e houve lá ainda vários mortos, que apanhavam aqueles tiros e coiso. Mas mais era mais para o mato que houve mais coiso...confusão. Depois foi quando começaram a ir as primeiras tropas para lá, aquilo...morreu muito tropa lá naqueles combates para o mato, que era lá onde eles viviam, que eram chamadas as sanzalas é claro depois a gente começou a ouvir muito e tudo começou a fugir, hã...comerciantes que viviam nas matas e começou tudo a querer fugir...vieram para Portugal todos, a gente começámos a ver aquilo e coiso e também me diziam “Vai para a tua terra, esta terra não é tua”, a gente viu aquilo coiso e viemos embora, com receio de...que acontecesse alguma coisa”.</p>
--	--	--	--

	Independência		<p>“Acho que aquilo foi muito mal feito. Porque Angola era um país muito grande e se fosse bem-feita a independência podíamos tar lá todos. Acho que foi uma independência muito mal feita, apesar de eles tinham direito, sim senhora, mas acho que se fosse um...umas belas conversações, um bom negócio, eles aceitavam. E que podíamos lá tar todos”.</p> <p>“...nós sabemos...lidar com eles. Mas houve muitas que não sabiam lidar com eles. Não concordo com a maneira como eles fizeram, não concordo podiam fazer de outra maneira...mas pronto foi assim”.</p>
Retorno	Viagem		<p>“Eu vim de avião. (...) ...foi boa a viagem, só que às vezes o avião dava assim, apanhava aquelas... (...) Turbulências. E eu dava assim...tinha muito medo, ficava cheia de medo, mas foi boa. Foi...foi umas sete ou oito horas de viagem”.</p> <p>“Foi dia vinte...eu saí de...fui para o aeroporto no dia dos meus anos, dia 23 de junho. E...há espera que conseguisse um avião, que a gente tínhamos de ir pra lá que eles vinham cheios, cheios. Dormi lá nessa noite e embarquei de madrugada. Hã...dia vinte e quatro. Cheguei cá dia...vinte e quatro ou vinte e cinco, já não me lembro,</p>

			isso é que já não sei bem. De junho. (...) 1975”.
		Bens materiais trazidos	“Não trouxe...quando vim cá de férias é que trouxe um...uma malita com algumas roupas melhorzitas e loiças e deixei cá na casa da minha tia. (...) Sim, de férias. (...) 73. Sim, pensávamos, nunca pensei que a gente viesse de vez, pensei sempre que ia ser uma independência e que a gente ia lá ficar”.
	Portugal	Acolhimento	“...fui pra casa de um tio meu, irmão da minha mãe. (...) Que me acolheu ali, porque eles tinham uma, uma casa e alugavam quartos. E então eu fui pra um quartinho com os meus dois filhos e um sobrinho. Tive lá um...quase dois meses”.
		Expetativa	“...não me lembro nada de Portugal, não fazia...fazia ideia que fosse igual ao que eu estava acostumada, mas...pra mim foi assim uma desilusão porque não vi aquele ambiente eu e estava habituada lá. Era um ambiente muito familiar, muito coiso, e aqui achei assim muito coiso, eu de família que tinha cá na altura só tinha, hã, um avô meu, materno, e um avô paterno, que depois mais tarde, não quando vim já não tinha o meu avô paterno. Tinha só o avô materno, quando vim em 75, não, eles já eram...não, eu estive cá

			em 73, de férias”.
		Vida em Portugal	<p>“...lá vivia muito melhor. A vida de lá do que aqui. Aqui notei muita diferença. Primeiro o clima. (...) Segundo o ambiente. Lá as pessoas eram muito dadas, convivíamos muito, era uma amizade, a gente convivia com as pessoas, parecíamos todos uma família. Entre colegas e tudo, do trabalho do meu marido e tudo, fazíamos piqueniques, juntávamo-nos ao fim-de-semana, na casa dum, fazíamos grandes almoços, havia muito convívio. Muita amizade, até mesmo eu antes de me casar, mesmo os amigos que a minha mãe tinha, as amigas, que tinha lá três amigas, que conheceu quando moravam ali, eu até aos fins-de-semana ia almoçar lá a casa delas, que me convidavam, porque eu gostava lá de um prato que elas faziam ao fim-de-semana, que era prato típico de lá, que era...hã...a muamba, e eles sabiam que eu gostava muito e convidavam-me. E eu dia todos os domingos, convivia lá com os filhos delas, das senhoras e tudo, havia muita convivência, muita amizade. Aqui, a gente chegou aqui, as pessoas de cá eram muito...não sei eram...e depois a gente estávamos habituados a</p>

			<p>vestir de uma maneira e elas aqui eram assim todas... iam ao pão de robe e chinelos e não, não gostavam da gente. A gente pra elas, nós a gente parece que vínhamos roubar qualquer coisa. Não, não nos aceitaram. E a vida lá sim, era muito diferente a vida lá. A gente, a roupa, o clima, a maneira de vestir, tínhamos que me meter muita roupa e ainda hoje, passados estes anos todos ainda não me consigo habituar-me muito a isto”.</p> <p>“Em 73, antes de vir, tive cá que vim com o meu marido e os meus filhos, viemos de férias e depois tornámos a voltar. Ai é que eu conheci... mas antes, antes tinha cá vindo com a minha mãe e com os meus irmãos cá, Portugal que a minha mãe veio cá de férias sozinha com os filhos e eu vim com ela, ainda era solteira. Vim, e foi aí que eu conheci os meus avós maternos”.</p> <p>“...a cidade achava muito mais bonito aquilo, as praias, magníficas, e aqui eram... não dava para ir, era muito fria a água, e foi... achei uma dificuldade, não me conseguia habituar. E lá não, a gente ia á água quente, clima quente, hã, pronto, era... achei uma estranheza disso”.</p>
	Família	Reencontro	“...ficou lá a minha mãe, o meu pai, ainda ficou lá, depois é que

		<p>veio o meu pai, e depois a minha mãe é que veio, não havia viagens pra todos virem juntos, e depois veio...eu ainda trouxe um sobrinho comigo, vim com os meus dois filhos, com um sobrinho meu. Que a minha irmã pediu-me, como eu estava a tomar conta dele, que ela trabalhava, eu tava a tomar conta dele, e ele dizia “Tia eu quero ir contigo tia! Tia, tia!” e eu trouxe um sobrinho meu, que a minha irmã passou-me uma...uma declaração que me...hã, pra eu trazer o miúdo. E então eu vim. Depois mais tarde é que veio a minha outra irmã, e depois é que veio a outra, e assim vieram aos bocadinhos. E viemos e então depois encontrámo-nos cá, é que a gente encontrou-se, vieram todos cá pra Lisboa”.</p> <p>“Ainda ficaram lá dois irmãos meus, hã...antes da, da independência. Um irmão meu veio e outro ficou lá mesmo, passou lá a independência e só, e teve lá muitos anos antes de vir. (...) Veio depois...olha, depois da independência...ao fim de cinco ou seis anos depois da independência“.</p>	
		Filhos	<p>“A minha filha tinha...12, 12 anos, e o meu filho tinha 14, 15...14 anos. E a minha filha ia fazer 12. Pois. Olha, estou cá há 41...sim, tinha 12 anos. E o meu filho tinha 14 a caminho dos 15”.</p>

			“Foram pró liceu. Andavam lá, chamavam o liceu, 1º ano, 2º, 3º ano, 4º ano, 9º ano...”.
	Trabalho		“...montámos um negociozito, montámos uma barraquita de madeira. E depois quando o meu marido começou a trabalhar, trespassámos e pronto”.
Medidas de política social	Ajuda do estado	IARN	“Nenhuma”.
	Casa		“...ora, eu ocupei esta casa dia 4 de setembro. De 75. Quando o meu marido veio em outubro ainda, ainda távamos nessa situação. Foi depois quando ele e outro vizinho que descobrimos que na porta de entrada tava, víamos molhada. E a gente disse “Mas aqui há água”. E que com uma chave e coiso a gente viu que era só abrir que eles, os próprios de cá, nunca quiseram nos dizer que ali havia água porque a gente podia ter água canalizada, eles é que nunca quiseram-nos abrir. E depois foi quando a gente coiso, mas tivemos ainda assim, hã...setembro, outubro...um mês e tal ainda a carregarmos água nessa situação. E a passar a ferro era, comprar carvão, comprei um ferro de carvão e era passar a ferro de carvão. E a lavar a roupa no tanque”.

Integração	Receção portugueses	Relacionamento com portugueses	“...o relacionamento, a gente começou a dar mas era um relacionamento assim, nós eramos um bairro ocupado por retornados. (...) Porque com as outras pessoas era um relacionamento com elas que não nos olhavam assim com bons olhos. Mas depois lá começaram a ver, e depois lá se encaminhou tudo, e o relacionamento é muito bom”.
	Pessoas das ex-colónias	Relacionamento com pessoas das ex-colónias	“Relacionamento que a gente tinha mais era com as pessoas retornadas”.
	Bairro	Construção	“...quando eu soube aqui do bairro e ocupei aqui este bairro. Vim, sabia que era um bairro que tava destinado pra PIDE e como ainda não estava acabado nós ocupámos, ainda tinham...alguns ainda não tinham janelas, não tínhamos água, não tínhamos luz, algumas não tinham portas. (...) A minha tinha porta, que eu ocupei tinha porta e janelas, só não tinha era...tava quase toda pronta, não tinha era água e luz e então a gente, hã, a luz eram os candeeiros, comprámos um petromax e era o candeeiro, luz de candeeiro. E a água era ali a tropa, que punha ali coiso e que abriu, um género de torneiras que eram pra coiso e a gente ia prá bicha, tínhamos que ir

			<p>muito cedo pra conseguirmos... (...) Tá vamos lá já, senão...as pessoas todas ali, e depois era aos bocadinhos enchia, tínhamos que ir e depois era outra vez para a bicha pra conseguirmos outra vez trazer outro garrafãozinho. E passávamos o dia todo praticamente a carregar água prá gente ter água em casa”.</p>
		<p>Vizinhança</p>	<p>“...não tenho razão de queixa, apesar de dizerem que é um bairro assim complicado mas eu não tenho razão de queixa. Dou-me bem com toda a gente, nunca ninguém e faltou ao respeito, dou-me bem com toda a gente. Quer dizer, como já são tantos anos aqui...gostava de viver noutro lado (risos) já estou cansada. Mas não é dizer que não goste. Porque não, não tenho razão de queixa do bairro, nunca ninguém me faltou ao respeito, aqui há muita raça agora, há muito, hã...gente que veio de lá que também quiseram a independência de lá, com os pais e tudo e acabaram por vir para cá, porque acharam que lá aquilo também estava mal. Indígena, hã raça negra, temos cá raça negra, ciganos, e tudo, mas dou-me bem com todos. Todos me cumprimentam, eu passo, brancos, negros, todas as raças aqui, temos aqui chineses. (...)Temos...coiso, paquistaneses. Dou-me, dou-me bem, até têm lojas aqui no centro,</p>

			do Paquistão, cumprimentam-me, dou-me bem, nunca ninguém me faltou ao respeito, não tenho razão de queixa”.
		Gostar de viver no bairro	“Apesar de falarem muito mal do bairro, nunca assisti a nada, dou-me bem com toda a gente e pronto, tou satisfeita, não posso dizer o contrário. Se pudesse mudar pra outro sítio, assim estar mais perto da minha filha e das minha netas, gostava, mas não quer dizer que, lá do bairro com...não tenho razão de queixa”.

ANÁLISE CATEGORIAL DA ENTREVISTA Nº 5 – LEONOR

Tema : A vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal – contributos da educação social para compreender a cidadania utilizando narrativas biográficas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo (Significados)	Unidades de contexto (Citações)
Trajetória de vida	Família (antes de casar)	Nascimento e idade atual	<p>“Nasci em Goa, em 1924. 6 de maio”.</p> <p>“...já tenho 91 anos...”.</p>
		Relacionamento pais	“Vivia com os meus pais, minha mãe, meu pai, e meus quatro irmãos”.
		Relacionamento irmãos	<p>“Dois mais velho, eu sou do meio, e dois mais pequeninos. Um dos mais pequeninos tinha 10 meses quando a minha mãe faleceu”.</p> <p>“Depois a minha madrasta teve uma menina, depois mais um menino, uma menina e um menino. Teve quatro, ao todo éramos nove”.</p>
		Origem pais	“A minha mãe era doméstica, e o meu pai era sargento de cavalaria. (...) Foi destacado de Portugal para Goa, trabalhava lá,

			era militar. (...) Nasceu em Aveiro. (...) A minha mãe em Pangim, Goa. (...) Também tem descendentes daqui de Portugal, das famílias dos Alvins, a minha avó era Ferreira Alvim. E a minha mãe tinha descendência daqui com mistura de Goa”.
		Morte mãe	“Quando a minha mãe faleceu nós éramos pequeninos, o meu irmãozinho tinha (...) dez meses, e o meu pai voltou a casar. No ano seguinte”.
		Madrasta	“...boa relação com os irmãos, meu pai, só a minha madrasta já sabe como é, não é? (...) Não era a mesma coisa. Às vezes fazia diferença dos filhos ela, connosco. Havia festas que ela fazia roupa nova prá, prá filhas e para mim não fazia. Então olhe foi assim, mas tive uma infância muito boa, muito boa mesmo”.
		Situação financeira	“...chamava-se Idalina. Era muito branquinha, tinha olhos azuis. Uma pele muito fina. (...) Parte da minha mãe. Famílias oriundas daqui, dos Alvins. (...) Eles têm até brasão. (...) Mas um tio meu, já sabe como é...irmão de minha avó, que era o último, passou a andar ali nas paródias, e a beber e tal, e um dia, como ele tinha aquele anel com o brasão... (...) teve uma discussão com...não sei

			quem, pegou no anel e deitou...olha nunca mais apanhou aquele anel. (...) E tinha o braço lá. “
		Religião	“Somos todos católicos. (...)...ia com a minha mãe, o mês de Maria, porque atravessar a rua era a capela da Nossa Senhora da Conceição. (...) E todos nós fazíamos o mês de Maria...eu ia com a minha mãe, e cantava a minha mãe tinha uma voz muito bonita. E no dia 6 de maio, como eu fazia anos, a minha mãe nesse dia é que fazia a novena, levava velas, e flores, e cantávamos, era muito bonito, lembro com saudades desses tempos. E sempre exerci, sempre ia à igreja, até depois de casada, só depois de vir para aqui é que desleixei um bocadinho”.
		Casa de outros familiares	“Sim, ia a casa do meu marido, que a mãe dele era minha tia não é, íamos lá muito brincar, íamos à praia, e depois...íamos, tínhamos a praia grande, que...a casa do meu marido era mesmo na praia, era uma casa boa, grande, e depois nós íamos à praia. E depois dali ao pé da praia do outro lado, havia uma fonte de água. Caía como se fosse uma cascata, mas de água doce. Nós saíamos dali da praia e depois íamos tomar banho ali na água doce. Era muito bom, muito bonito, era uma paisagem lindíssima aquela. Muito peixe, bom,

		<p>depois tínhamos a praia grande, onde arrastavam aquelas redes grandes, cheias de peixes! Era mesmo saudável. Peixe fresco, vivíamos bem”.</p> <p>“Gostava de todas. Mas...eu fui, também muito longe da minha casa, tínhamos que andar uma hora para ir a Fortaleza, onde meu tio era diretor. Cabo de rama. (...) Chamava-se assim, tinha um grande portão para entrar, nós entrávamos e fechavam o portão e mais ninguém podia entrar, era como se fosse...um castelo! (...) Mas não era um castelo, não era, era um forte. (...) E ali era muito bonito, muito mesmo. Uma vida saudável, depois íamos ao...ao cajual, onde havia árvores, plantas de caju, íamos lá comer o caju, apanhávamos aquilo, muita gente ia lá apanhar o caju fresquinho. Depois havia outra fruta que chamava-se galandas...galandas, parecia uva preta pequenina, mas doces, fazíamos muito doce daquilo também”.</p>
Ida para Portugal	Primeira vez que foi para Portugal	<p>“Aqui, em Lisboa. (...) ...o Estado é que nos deu alojamento.... (...) ficámos lá três meses”.</p> <p>“...viemos para Portugal, como o meu pai era de cá conseguiu o visto para vir para Portugal. Porque aquilo estava muito mau, não</p>

			<p>havia emprego, passávamos mal...chegámos cá, no dia que foi o primeiro homem à lua. Foi nesse dia. E o meu filho mais velho, o Francisco, ficou todo contente porque aquilo foi no dia dos anos dele. E...ficou feliz, porque foi a primeira vez que a gente viu a televisão. Porque em Goa não havia. E se houvesse só as famílias muito ricas, não é? Pois. Foi assim, viemos de Portugal, ficámos cá uns mezinhos, o meu marido não tinha muita saúde, era asmático...fomos para Angola”.</p>
	Ida para Angola		<p>“...fomos depois para Angola. (...) Em 70. (...) Fiquei pouco tempo, quatro anos, ou cinco anos”.</p> <p>“Eu comecei a trabalhar em coisas, olha fazia...chamuças, fazia comida para fora, comida goesa. Depois empreguei-me no hospital militar de Luanda. De onde fiquei lá dois anos a trabalhar, quando se deu o... (...) 25 de abril. (...) Viemos recambiados para Portugal”.</p>
	Infância	Amizade	<p>“Sim, tinha. (...) ...brincávamos na praia, eu já era uma mulher, com 18 anos, e ainda brincava na praia (risos) que todas nós, raparigas, os tempos eram outros, não era? Não era como agora,</p>

			não podíamos ter namorados e namorar”.
		Momentos	<p>“...íamos, brincávamos muito, morávamos mesmo à beira-mar, todos os dias íamos à praia. Tínhamos boa alimentação...”.</p> <p>“...depois merendávamos às quatro e meia, cinco horas...coisas típicas lá de Goa. Merendas feitas com feijão, e chá de groa, que é um produto da palmeira, do suco da palmeira, que se chama sura, e eles fazem do açúcar, do concentrado, dos quadrados, e eles faziam também os doces lá típicos da terra, para a gente comer, que era saudável, era tudo com feijões e lentilhas e essas coisas. E era mesmo, tínhamos mesmo o chá das cinco. Todos nos sentávamos na mesa, a minha avó, todos nós. Com um bolo muito grande, e as chávenas, beber o chá. Às vezes fazíamos bolos, a minha avó fazia. Mas depois ainda me lembro, coitada da minha avó, eu tinha 11 anos quando ela morreu. Foi muito triste para mim porque ela...dormia no quarto com ela e tudo...”.</p> <p>“...então eu ia passar lá com o meu tio e minha tia na praia eles não tinham filhos, íamos lá eu e eles levavam-me com eles. E também fazia praia com a minha avó antes de minha avó morrer</p>

		<p>quando era criança. A minha avó fazia, era...costume lá fazer-se dez dias de praia, ou...oito dias de praia...então tínhamos que acordar muito cedo! Cinco horas da manhã. (...) E vinha um carro buscar, de cavalos, que a minha avó pegava por todos aqueles dias. Ela levava dois ternos, um com café e outro com, com ovo maltine. Cheios, quentinhos. Então eu ia à praia sempre de manhã. Lá ia, tomava uns banhos, minha avó nadava muito bem. Depois sentávamo-nos, ela abria aquilo e dava-me a mim, ovo maltine quentinho e tudo (sorriso) ficava tão bom, coitadinha da minha avó, chamava-se Idalina. Era muito branquinha, tinha olhos azuis. Uma pele muito fina”.</p> <p>“...eu fui também, quando era mais novita fui com o meu pai à caça. E meu pai obrigava-me a...disse-me para eu dar um tiro, mas eu não consegui. (...) Não quis...peguei na arma, dei ao meu pai e disse “Eu não quero, não quero”. Mas era muito bom. Chovia, aquela chuva miudinha na floresta, a ver o...o barulho dos...dos galos a cantar de manhã...selvagens, tudo selvagem. Foi muito bonito. Passei mesmo uma boa infância”.</p>	
	Vida escolar	Brincadeiras recreio	“Era jogos, aqueles antigos, que fazíamos, já não me lembro do

			<p>nome daquele jogo que era um quadrado, e depois com a pedra empurrávamos com os pés, passávamos de um quadrado para o outro, e depois havia outro que ficávamos duas raparigas que faziam um quadrado muito grande, e depois cada canto ficava uma rapariga e depois tínhamos que correr, e dar uma palmada, corria e era outra e era assim e quem chegasse primeiro ganhava, era um jogo muito bonito. E depois jogávamos também em correr...fazíamos aquilo “um dó li tá” e depois jogávamos à cebra cega, muito! Fazíamos uma roda muito grande, depois tapávamos os olhos, pegava num pano, dava um nó e punha para trás da pessoa. A pessoa que apanhasse primeiro corria, punha depois a outra, e era assim, era muito giro. E só pensávamos na brincadeira...”.</p>
		Línguas aprendidas	<p>“...geralmente tínhamos criados que falavam português. (...) Mas nós na brincadeira, crianças e tudo falávamos com “camingue”, era com “camingue” e sabíamos muito bem. E depois quando casei e fui à União Indiana, aprendi outras línguas, que era marata e hindí, falava muito bem”.</p>
		Matérias dadas	<p>“Em Goa tínhamos que estudar tudo. (...) Tudo, tínhamos que</p>

			<p>saber a história toda de Portugal, tínhamos que saber, hã, papéis comerciais, rotas, as exportações e importações, os países, e...da Madeira e dos Açores, tudo. E de Portugal tínhamos que saber tudo, a história toda, a geografia toda, os rios todos de cor, senão ficávamos de castigo, eu sabia tudo de cor, os cognomes dos reis, e tudo, tudo, tudo. As conquistas de D. Afonso Henriques, depois os cognomes e tudo. Tínhamos de saber tudo! (...) E depois a gramática também. Os verbos, tínhamos que saber os verbos todos”.</p>
		<p>Percurso escolar</p>	<p>“...comecei a ir à escola aos sete aninhos...”.</p> <p>“Depois fiz a 4º classe, antigamente era assim, as raparigas só tinham até à 4º classe e os rapazes iam para o liceu. (pausa) Então o meu pai, os rapazes foram todos para o liceu e nós fomos estudar um bocado de inglês, porque antigamente os casamentos eram mais com os rapazes que viviam na Índia, na União Indiana, e tínhamos que saber inglês, não é, se casássemos com os rapazes de lá e tal. E era, era normal. Íamos todas para escolas aprender inglês. E costura e bordados, já sabe antigamente era assim”.</p>

	Juventude	Momento marcante	<p>“...eu chorei, chorei e chorei para vir de Pangim para ali, porque eu tinha 15 anos, 14-15 e tinha muitos amigos e amigas lá na escola... (...) Para mim aquilo foi...até na lancha eu a chorar e meus irmãos “então não chora pá, porquê que tás a chorar?” Eu chorei muito, muito, mesmo, porque tinha minhas amigas, e tudo, a filha de um sargento, chamada Lizete, era muito minha amiga. Infelizmente ela morrer cá coitada, com uma transfusão de sangue que lhe deram de sida. (...) ...mas depois, quando eu fui para lá fiz novas amigas e tinha uma prima que também morava lá...e é assim depois fui gostando e fiquei satisfeita depois”.</p>
		Namoro	<p>“...havia dois rapazes que gostavam, mas tive um que namorei quase sete anos por cartas, nunca tivemos contato nenhum, mas depois, depois eu fui para a União Indiana, e uma cunhada minha que estava lá também escreveu-me a dizer que ele andava com outras raparigas. E eu logo mandei uma carta descartando tudo, acabei com tudo”.</p>
		Marido	<p>“...depois casei, com o meu marido, que era meu primo também”.</p>
	Família (depois)	Casamento	<p>“Casei, fui para a União Indiana...tive os meus filhos, passei bons</p>

	de casar)		<p>e maus bocados...”.</p> <p>“...conhecia mas não era um trato assim...era amigo, era mais amigo do que namorado, como se fosse não é? Até casei e tudo, olha tive altos e baixos, não é em relação ao meu marido, em relação ao emprego dele, que foi a desvalorização de dólares, ele ficou sem emprego na União Indiana. E passámos maus bocados, mas lá se foi fazendo isto e aquilo, lá conseguimos...”.</p>
		Filhos	<p>“Os meus filhos foram bons filhos. Não me deram chatice nenhuma. Nem de, de drogas, nem bebidas, nem de nada graças a Deus. (...) Francisco nasceu em Pangim, Goa. (...) A Liana nasceu em Puna e o Alfredo nasceu em Puna e o mais novo também, o...o Salvio também nasceu em Puna”.</p>
		Casa	<p>“...era uma casa modesta. Tinha camas, tinha umas cadeiras daquelas antigas bonitas, uma mesa, uma cozinha pequena, uma casa pequena. Tinha água perto, tinha uma criada, que lá na Índia há muita gente pobre que vem trabalhar e não...não podemos dar grandes salários como aqui em Portugal. Vinha lá fazer as limpezas e lavar os tachos e tal que eu não tinha máquina de lavar</p>

			<p>loiça nem nada...isto apareceu só agora...e é assim, ajudava-me e depois ia-se embora. E levava os meus filhos pequeninos a passear no jardim, e trazia, ia às quatro e voltava às cinco, cinco e meia, porque depois ali na Índia escurece mais cedo”.</p>
		Férias família	<p>“Íamos geralmente sim. O...numa zona selvagem. (...) Até ouvíamos o roncar de tigre. (...) O meu marido ia à caça. (...) Mas nunca matou tigre. Tigre não, só matava assim javalis, essas coisas não é? Eu às vezes ficava sozinha na barraca grande, com Francisco, Francisco já era...só tinha ele, quando fui para férias lá...em Puna, ouvi roncar os tigres e eu disse “Francisco, eu vou-te pôr aqui em cima, se vier algum tigre, tu não faças nada, ficas caladinho” (risos) eu com medo, mas não havia esse perigo, mas eu pensava que havia, ficava com medo”.</p>
Caracterização demográfica	Cidade	Pangim	<p>“O meu pai era diretor da cadeia de Pangim”.</p> <p>“Em Pangim, que era Carasalém. Eles montavam, quer dizer eles fazia umas barracas grandes, com divisões e tudo lá dentro, cobertos com as folhas das palmeiras”.</p>

		<p>Reis Magos</p>	<p>“...depois a cadeia foi transferida para Reis Magos, tínhamos que atravessar o rio Tejo, de lancha, e depois tivemos a casa ali em cima era o forte. (...) E era cadeia e o meu pai era diretor e então viemos para aquela casa, era (...) grande, tinha quatro quartos, tínhamos uma varanda à frente, outra atrás, uma cozinha fora, não era dentro, e eu chorei, chorei e chorei para vir de Pangim para ali, porque eu tinha 15 anos, 14-15 e tinha muitos amigos e amigas lá na escola...”.</p> <p>“Até à noite íamos tomar banho à praia, no mar. (...) Porque com a lua cheia, lindíssimo. Depois também fazíamos uns piqueniques de noite, nos barcos. Grandes barcos de vela! Alugávamos o barco... (...) Depois fazíamos comida, levávamos vinho, garrafão de vinho, e os rapazes levavam guitarra, o meu pai também, tocava guitarra muito bem, bandolim, guitarra...cantava bem, depois nós cantávamos, dávamos a volta no rio Mandevim, comíamos e depois vínhamos”.</p>
		<p>Puna</p>	<p>“...morávamos mesmo na cidade, (...) cheia de gente, muito viçosa, muita população, de todas as raças. Eram muçulmanos, eram hindus, eram os persas, eram os...os sírios e muita gente.</p>

			<p>Mas muito boa gente. Eu morava num prédio dos muçulmanos mas fui sempre muito bem tratada, eu, como os meus filhos, sempre que houvesse festas eles mandavam comida para nós, pra casa, convidavam-nos a nós para jantar, (...) até roupa nova davam aos meus filhos. Fazia para eles, para os filhos deles, e fazia para os meus também. Gostavam muito do Francisco, havia uma criada minha que gostava tanto do meu filho mais velho, do Francisco, que no dia da festa deles comprava roupa nova para ele”.</p>
		Goa	<p>“Muito viçosa... Com muitas lojinhas... (...) com muitas coisas. Como se vê, com muitos carros a passar, muitos “rickshores”, que são aquelas motas que levam passageiros. (...) E depois haviam os carros de cavalo também com duas pessoas, chamava-se “tangá”. Íamos, gostava muito de ir naquele carro de cavalo. (risos) Pegava nos meus filhos, sentava lá e pegava com a Liana e o Francisco e lá íamos nós. Depois havia aquela grande festa de ganês. (...) É uma imagem que se vê com uma tromba de elefante, e com quatro mãos. (...) É o Ganê, e é uma grande festa que eles fazem! Aquilo é quase uma semana. (...) E cada um enfeitada como se fosse natal, nós fazíamos os presépios, e eles faziam o Ganês, depois nós</p>

			<p>íamos passear a cidade toda de carro, de cavalos maior, não é daquele que tem gás, noutra carro grande. Pra verem aquelas...aquelas imagens todas enfeitadas com frutos, muitos frutos de toda a espécie, côco e depois...leite, numas caçarolas pequeninas...muito bonito, muito bonito. E depois...foguetes, e...foguetes daqueles com um grande estrondo, que eu até estremecia, a casa. Aqueles dias para mim era um inferno. Eu estava grávida da Liana chorava mesmo, detestava, dizia “Não quero ficar aqui, não quero”. Cada vez que desse um daqueles eu tapava os ouvidos, sentia um estrondo grande, mas depois passava, mas era divertido. Nem tudo podemos ter de bom não é?”.</p>
		Luanda	<p>“Era boa. Quer dizer não havia chatices, íamos passear, os pretos, os brancos, os mestiços, todos nós juntávamos, não havia aquela, aquela...aquela, sei lá distinção entre raças. (...) Dávamo-nos todos bem, muito bem. E os meus filhos brincavam com todos os pretitos lá, eram muito amigos, vinham a casa, lanchavam connosco, era uma vida muito boa. Alegre. Os angolanos são muito alegres”.</p>
Império	Vida em Angola		<p>“Eu não devia ter ido. O meu sobrinho que estava cá disse “Oh tia</p>

colonial			<p>não vá para Angola, fique aqui que eu arranjo um trabalho ao tio, arranjo uma casa, vocês ficam aqui, em Portugal...mas eu como tinha um irmão lá...ele disse-me que aquilo seria muito bom, afinal...”.</p> <p>“...a minha cunhada era...era, tinha um génio terrível. Ficámos lá com eles uns dias, lá depois arranjámos uma casa muito...era uma cave. (...) Ficámos lá. Depois nesse ano choveu tanto, tanto, tanto, que a chuvada deu cabo de toda a minha roupa e fotografias e tudo...fiquei sem nada!”.</p> <p>“E depois olhe...fomos, comecei a trabalhar, o meu marido coitado não tinha trabalho e depois ficou doente logo e faleceu, é assim...”.</p>
	Estado Novo	Conhecimentos apreendidos	“Não”.
	Guerra Colonial	25 de abril	<p>Não devia haver. (...)É horrível. Já viu como a gente, tantas mães que perderam os seus filhos... tantos filhos que perderam os seus pais...tanta desgraça...tantos animais que morreram, tantas bombas que puseram. Tantas armadilhas...ah tudo foi muito, muito mau, principalmente para o animais selvagens, foi uma</p>

		<p>barbaridade. (...) Mataram aqueles animais todos...e, hã...com explosivos e tudo, foi horrível. Mataram as pessoas, as raparigas violadas, foi no dia...quando deu a independência, passados dois dias vimos um trator cheio de cadáveres a passar. Foi horrível, na casenga, onde eu morava...moravam muitos pretos e muitos brancos também, por acaso eu dava-me muito bem e eles gostavam de nós todos. Quando o meu filho mais novo, tinha então 10 anos, disse “Oh mãe, oh mãe, venha ver aquilo, está a passar um trator com pessoas mortas, com os braços a abanarem, com os braços de fora e coiso...”. (...) Outro dia veio para casa e disse “Oh mãe, ao pé dos bombeiros estão pendurados dois homens enforcados”. “E tu foste ver?” “Eu fui mãe! Fui com outros, fomos ver”. (...) E eu cheia de medo, podia matar a ele, mas eles eram crianças...”.</p> <p>“...e depois começou a guerra do MFLA e do MPLA...nós ficámos encurralados no meio...os do MPLA de um lado mandavam uma salva como tiroteio, depois paravam, depois eram os do MP...do MPLA do outro lado começavam o tiroteio, e nós no meio. Dormíamos com colchões no chão. Quando começava na frente íamos com os colchões para trás, quando começasse pra trás da casa, íamos com os colchões para a frente, era assim. (...) Foi</p>
--	--	--

			<p>horrível. (...) Era MPLA contra MFLA”.</p> <p>“...e depois não havia pão, nós comprávamos pão de manhã e há tarde já estava a cheirar mal, podre. (...) Foi horrível. Não havia comida boa, nem nada. Todos começaram a fugir, as lojas começaram a fechar...”.</p>
	Independência		<p>“Com Angola eles podiam ser...pelo menos dar a autonomia ou...sei lá, não sei, não percebo bem essas coisas... (...) ...mas eu acho que eles fizeram muito mal mesmo. Ao povo angolano também como que a nós todos. (...) E os imigrantes que foram lá todos...muita gente perdeu muito, muito, muito. Casas, terrenos e tudo...enquanto eu não tinha nada, não é, mas houveram pessoas que tinham grandes vivendas, bonitas... tudo muito bonito, o bairro de Alvalade era muito giro, com casas lindas... Era uma vida diferente, a gente ir à praia, voltávamos do serviço, só trabalhava da parte da manhã porque aquilo era muito calor, às duas horas já vinha para casa. Os miúdos também vinham para casa, lá íamos para a praia”.</p>
Retorno	Viagem	De Índia para Portugal	<p>"Primeiro fui de barco. (...) Fomos de barco até Karahi, de</p>

			<p>Bombaim a Karahi. (...) Apanhámos uma tempestade grande...o barco parecia que ia ao fundo, as ondas grandes, de 3 metros, batiam no barco, ficámos 3 dias naquele barco...o meu filho mais novo, o meu Alfredo, quase que ia morrendo coitado, de tanto vomitar...o comandante do barco levou-o para a cabine dele ali em cima e deixou-o com ele porque ele nem água conseguia beber. O Francisco não! Ele e o pai andavam de um lado para o outro, os homens vinham com bandeja com comida, comida no chão, ele corria de um lado para o outro, olhe ele deu-se bem sempre. Depois fomos a Karahi, chegámos lá, ficámos lá um dia e tal, num...num hotel. Depois viemos de avião italiano, de Itália, para Roma. (...) Mas para chegar a Roma fizemos muitas escalas. (...) De Karahi fomos a Kuwait, a Dubai, cada vez descíamos num porto. Tínhamos que sair do avião, e mais não sei o quê, íamos, depois de Roma fomos diretos para Lisboa”.</p>
		De Portugal para Angola	<p>"...toda a gente ia pra Angola, era o futuro. Prós meus filhos e tal e lá fui. (...)Fomos de barco. (...) Foi boa viagem, muito boa. O barco era grande, e não havia tempestade nem nada, fizemos uma boa viagem, 15 dias quase. (...) Depois descemos em Las Palmas,</p>

			<p>passamos e tal, onde comprei uma boneca à minha...o pai comprou uma boneca prá filha, para a minha Liana, que ela queria sempre uma boneca, uma boneca grande, e ela toda contente com aquela boneca...é...e vá lá, fomos para Angola”.</p>
		De Angola para Portugal	<p>“Viemos de avião”.</p>
		Bens materiais trazidos de Angola para Portugal	<p>“Trouxe roupas, (...) e eu estive lá um senhor que trazia muita coisa dele e então trouxe a minha máquina de costura. (...) E o frigorífico, mais nada”.</p>
	Portugal	Acolhimento	<p>“...em 75 viemos para cá. (...) Veio a minha família toda, os meus quatro filhos. Três! (...) Três filhos porque o outro morreu”.</p>
		Vida em Portugal	<p>“Viemos recambiados para Portugal. E cá está, vim cá, olha também foi muito difícil, os primeiros meses foi difícil, depois lá consegui empregar-me na função pública, comecei a trabalhar nas finanças...mesmo assim o que ganhava não chegava...fazia comidas para fora, os doces mais finos de Goa que é a bebinca”.</p> <p>“...em Goa era diferente, gostava daquele ambiente... (...) daquelas amizades, daquela vida franca...a vida sem maldades,</p>

			sem...sei lá, uma vida muito simples, sabes? Aqui já é diferente, é mais evoluído não é?”.
Família	Morte do marido		“Fomos para Angola, infelizmente na rua onde nós vivíamos havia muitas acácias. E aquilo fazia muito mal ao meu marido, por causa da asma. Mas nós não sabíamos...ele veio a falecer, três meses depois de chegar a Angola. Fiquei viúva com quatro filhos...”.
	Morte do filho		“...infelizmente passado dois meses morreu o meu filho mais pequenino, com 1 ano e 10 meses, com uma meningite galopante...depois a vida tornou-se muito, muito difícil. Tive que meter a minha filha num Colégio de São Paulo...para estudar, ela tinha 8 aninhos...e os outros, o outro estava na escola primária, o mais novito, lá em Luanda”.
	Atual família		“...até que o meu filho mais velho ajudou-me imenso, imenso, imenso. Porque ele fez tudo o que podia, coitado. Era pequenino, tinha 14 anos quando começou a trabalhar. E estudou, entrou num

			<p>curso comercial, mas depois deixou porque tinha que ir a Setúbal, tinha passes, tinha isto, tinha aquilo e começou a trabalhar. (pausa)</p> <p>A filha foi estudar em Lisboa, fez o 12º, e estudou...educação visual. Formou-se, o mais novo teve mais sorte porque eu já podia também...dar-lhe mais apoio em tudo. O meu mais velho, pois conheceu uma miúda cá, casou-se e foi para o Algarve. E começou a trabalhar, também teve uma vida muito difícil no princípio. A minha filha, passado algum tempo casou-se com um rapaz de cá, que veio também de Angola, trabalhava na função pública, depois ela começou a trabalhar, completou o curso, formou-se, foi professora da escola secundária aqui do Barreiro, onde até hoje ela exerce a sua profissão. Casou-se, tem dois rapazes, o meu filho tem duas meninas, que são muito espertas, muito bonitas, estudiosas, bem comportadas (risos) e gosto muito delas, adoro-as. E aos meus netos também, os filhos da minha filha também, são uns amores. Todos eles dão-me muito carinho”.</p>
--	--	--	---

	Trabalho	<p>“Trabalhava, fazia chamuças pra vender, fazia bebincas pra fora, e foi, lá começámos a comprar coisas”.</p> <p>“Depois comecei a trabalhar... (...) Lisboa... (...) daqui apanhar primeiro o autocarro. (...) E não tinha autocarro aqui no bairro, tinha que andar daqui pra Vila Chã. (...) Uns 20 minutos. (...) Lá ia andando, um...um trilho, todo com pedras e pedregulhos, lá ia. Depois apanhava o autocarro. (...) Dali íamos para o barco. Também no barco não havia esta estação. (...) Os autocarros paravam longe! Ainda tínhamos de andar aquilo a correr para apanhar o barco. Apanhava o barco, saía do barco, ia a pé até o metro. (...) Dali apanhava o metro, ia a 5 de outubro. Descia lá, porque era na Miguel Bombarda onde eu trabalhava, nas Finanças. (...) Levava mais de uma hora para chegar, uma hora e meia assim”.</p> <p>“Eu acordava às seis e meia, sete. (...) Nove horas tinha que entrar no serviço. A casa chegava às oito...”.</p> <p>“E quando houvesse, uma vez o barco parou no meio...e ficou subterrado na areia, ficamos ali quase onze horas da noite...depois veio outro barco, depois puseram uma prancha, pra gente passar de</p>
--	----------	---

			um barco para o outro. (...) Ainda lembro, eu cheguei a casa, o Francisco, Liana e Alfredo, todos os três no sofá, sentadinhos, coitados, sentados à espera da mãe. Ai meu Deus, passámos...muitas coisas boas, muitas coisas más e olhe é assim a vida”.
	Escola/trabalho	Filhos	“Foram estudar. A Liana acabou aqui no Alfredo Silva, o Alfredo também, o Francisco começou a estudar já tinha 17 anos. (...) Começou a estudar...em Setúbal, curso comercial, mas depois teve que ir trabalhar, tirou a carta de condução, dos pesados e ligeiros. (...) E eu...então falei a um diretor meu lá das Finanças, que conhecia alguém que desse emprego ao meu filho, então ele disse sim, que conhecia uma pessoa no Algarve que precisava de um rapaz que soubesse inglês e tudo...e assim o meu filho começou a trabalhar...hã, no Algarve”.
Medidas de política social	Ajuda do estado	Primeira vez que veio para Lisboa	“Quando chegámos a Lisboa estavam lá umas senhoras que vieram na...na, deviam ser assistentes sociais. (...) Que nos levaram para o hotel depois”. “Depois deram-nos aqui, vinham umas senhoras, deviam ser

			<p>assistentes sociais. (...)Pronto, deram o aspirador, deram coisinhas assim, e depois eu fui comprando!”.</p>
		Segunda vez que veio para Lisboa	<p>“Deram-me esta casa. (...) E então deram-nos mantas, e uns boliches...”.</p> <p>Eu não fui falar com ninguém...quando nós viemos (...) fomos à INATEL. (...) Ficámos lá. (...) Então eles, as assistentes sociais não é, começaram a ver onde nos devia alojar e dar casa...”.</p>
	Casa		<p>“...eu como fiquei aqui, deram esta casa aqui, no Barreiro (...) foi a tropa que...que deu essas casas, ainda não estavam prontas e não tinham portas nem nada (...) nós viemos cá...e depois eu tinha uma irmã que morava em Oeiras...os meus dois filhos mais novos foram ficar lá e eu fiquei com o meu filho mais velho nesta casa, sem portas nem janelas. (...) Porque vinham outros depois e...podiam ficar não é. Ficar, ficamos, não tínhamos comida, não tínhamos nada, vinha a tropa dar o café da manhã que parecia mais água do que café, enfim... foram dias...maus. Mas lá conseguimos safar”.</p>

Integração	Receção portugueses	Relacionamento com portugueses	<p>“Há certas pessoas que os...sei lá, uma vez eu ia caindo de elétrico. (...) Eu ia descer, o homem arrancou... Começou a falar “Ai estes imigrantes”, mais não sei o quê, quase ia caindo. Como eu era nova lá consegui safar-me. (...) Tivesse hoje idade morria mesmo, caía no passeio”.</p> <p>“E outras coisas, faziam mal mesmo nos serviços. (...) Eu tinha o meu chefe que fazia tantas maldades! Meu Deus! Mandava fazer uma coisa, mandava ir para o arquivo, mandava ir abaixo trazer o livro de...de ponto, pra outros assinarem. Oh! Mas depois tudo foi mudando”.</p> <p>“Mas dávamo-nos bem. Eu como tinha um génio muito pacato, não me metia em nada, nem nas conversas, nem...porque não sabia, tínhamos de estudar como comportar com...com as colegas”.</p>
	Pessoas das ex-colónias	Relacionamento com pessoas das ex-colónias	<p>“Ainda hoje tive contato com uma rapariga que veio pra Angola também....de, de Goa. Ela telefonou-me a dizer que ia pra Goa, se eu não queria ir com ela. (sorriso) Eu disse que não, já tenho 91 anos, custa-me agora fazer grandes viagens. “Ah mas pela sua voz o que está de jovem ainda!”. Ah mas eu estou jovem na voz e na aparência, mas já estou velha por dentro. Chama-se Carol ela,</p>

			<p>muito boa amiga minha”.</p>
	Bairro	Construção	<p>“Então a tropa veio lá dizer que tinha habitação para nós. Então eu e o meu filho mais velho viemos cá. O meu Francisco. Pra ver. E então vimos esta. O...o...o militar que vinha connosco disse “Olhe tome a chave, esta casa é pra vocês. Só têm de colocar a porta da frente, está ali a porta, mas têm de colocar”. E depois o meu filho mais velho colocou a porta. (...) Não tínhamos sanita, não tínhamos nada. (...) Banhos tínhamos de tomar ali fora...tinha uma torneira fora, o meu filho Francisco ia tomar banho gelado lá coitado, eu lavava roupa na rua, não tinha tanque. Não tinha água nem nada, mas passado 3 meses, depois é que nos puseram água...puseram janelas...”.</p>
		Vizinhança	<p>“...gosto, as pessoas respeitam-me, porque eu...é mais seguro quando uma pessoa é respeitada no bairro”.</p>
		Gostar de viver no bairro	<p>“Gosto. Agora não gosto muito porque há muita...fazem muita confusão, mas é raro também”.</p>

ANÁLISE CATEGORIAL DA ENTREVISTA Nº 6 – MATILDE

Tema : A vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal – contributos da educação social para compreender a cidadania utilizando narrativas biográficas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo (Significados)	Unidades de contexto (Citações)
Trajetória de vida	Família (antes de casar)	Nascimento e idade atual	“Nasci em Luanda”.
		Relacionamento pais	“Vivia com os meus pais”. “Era muito bom. Tinha lá a minha família toda da parte da minha mãe”. “A minha mãe não trabalhava, era doméstica e o meu pai era empregado bancário”.
		Relacionamento irmãos	“Tenho um. (...) Mais velho, também nasceu lá. Aliás, a minha mãe foi para lá com seis anos...e depois foi ela mais dois irmãos já nascidos com os meus avós e depois nasceram lá o resto dos irmãos. Ao total eram oito”.
		Situação financeira	“Era boa. Éramos da classe média, mas vivíamos bem. A vida

			também era fácil”.
		Religião	“...somos católicos. (...) Frequentava na escola, a gente tinha aulas, e era costume depois durante as aulas vínhamos para a cave, tinha lá uma capelinha e ali era a nossa catequese. Rezávamos e pronto, era assim a nossa catequese. Era mesmo dentro das aulas dentro da escola”.
		Casa	“os meus pais tinham sempre vivendas, morávamos em vivendas. Alugadas, mas eram vivendas”. “Mudei muitas vezes, mas nunca muito longe da casa da minha avó. Sempre ali dentro da cidade”.
	Infância	Amizade	“Tinha os amigos na escola, tinha os amigos na família, os meus primos, a vizinhança, brincávamos todos juntos, na rua...”.
		Momentos	“O meu pai ia para o trabalho, vinha a casa almoçar, e...nós íamos para a escola, depois pronto almoçávamos todos em casa, jantávamos em casa...os fins-de-semana íamos à praia...da parte da manhã, à tarde descansávamos”. “...tive muitos bons momentos. Muitos, não sei dizer o melhor de

		<p>todos, mas tive muitos bons momentos. Brincadeiras, que eu me lembre mais na casa da minha avó, porque nos juntávamos lá todos e ela tinha um quintal grande e juntava-se lá a família toda, os primos e os vizinhos, tudo. Depois o meu pai tinha...uma máquina de filmar e depois púnhamo-nos todos ali a ver os filmes do Bucha & Estica, aquilo era uma alegria enorme”.</p> <p>“...sei lá fazia traquinices levava no focinho, como se costuma dizer. Mas assim pior, pior não, graça a Deus nunca tive assim momentos maus mesmo”.</p> <p>“...nos juntávamos todos na minha avó, era raro nos...também nos juntávamos na família da parte do meu pai também, às vezes juntávamo-nos na casa da minha tia, da irmã do meu pai, mas mais era na casa da minha avó, porque era mais espaçosa e...não sei, a família toda juntava-se lá. Era perto da praia... e depois íamos à praia e depois as tardes era sempre lá. Ainda me lembro de ver o...as tardes eram passadas a brincar com os meus primos e os homens geralmente jogavam às cartas, as mulheres na conversa e pronto era assim a vida”.</p>
	Vida escolar	Brincadeiras recreio
		“Brincar na rua, jogar às escondidas, à cabra cega...sei lá, agora

			não me lembro do nome das brincadeiras mas era aquela que era um dois três... (...) Macaquinho do chinês! Essas brincadeiras de criança, a cabra cega e isso tudo. Eram as brincadeiras mais fáceis porque eram para tar mais à vontade nos quintais e o clima próprio também ajudava, a gente a brincarmos todos mais à vontade, em vez de estarmos enfiados dentro de casa”.
		Matérias dadas	“...a gente dava muita coisa, tínhamos de saber coisas de Angola e de Portugal, aqui em Portugal só aprendiam as coisas de Portugal, nós lá tínhamos de aprender sobre Angola e sobre Portugal, tínhamos que saber os caminhos-de-ferro de Angola e de Portugal, tínhamos de saber os distritos de Angola e de Portugal, tínhamos de saber tudo...mas era tudo mais decorado, naquela de decorar, porque se não souberes apanhas reguadas...mais naquela de decorar, de obrigação”.
		Percurso escolar	“Andei até...agora chamam o...quinto ano. Frequentei o 5º ano mas depois com a guerra vim-me embora e ficou por fazer”.
Juventude	Namoro		“Não”.

		Marido	<p>“O meu marido já conheci cá em Portugal. (...) ...era amigo do meu irmão, vivíamos...morávamos no mesmo bairro...pronto, depois ele frequentava a casa. E foi assim que a gente se conheceu”.</p>
Caracterização demográfica	Cidade	Luanda	<p>“Luanda era muito grande”.</p> <p>“A cidade era boa. Com tudo, uma boa cidade, tomara eu que agora tivesse assim, que eu ia lá outra vez”.</p> <p>“Tinha tudo, tinha...tudo, pronto, aeroporto, tinha porto, tinha transportes, tinha...supermercados, tinha escolas, tinha igrejas, tinha tudo pronto, tudo o que uma cidade tem”.</p> <p>“Também o cinema, (...) tinha um cinema chamado “Lá no Clube”, na praia do Bispo, e íamos lá ao cinema”.</p> <p>“...a praia do Sal, uma boa praia. Também tínhamos a praia da ilha do Mossulo, que apanhávamos um barco, era muito bonita...”.</p>
Império colonial	Vida em Angola		<p>“A vida era boa, mas depois começou a complicar com a guerra... (...) Foi em 1974. Sim, 74, começaram os conflitos”.</p>

	Estado Novo		“Não. Era muito criança”.
	Impérios coloniais	Conhecimentos apreendidos	“Já não me lembro...”.
	Guerra Colonial	Opinião formada	“Não”.
	Independência		“Nas pontes aéreas que começaram a fazer para evacuar toda a gente...”.
Retorno	Viagem		<p>“...em vim de Angola tinha 11 anos”.</p> <p>“Viemos de avião, houve família minha que veio de barco mas viemos de avião. (...) ...ainda dormimos uma noite no aeroporto...há espera da, de embarque. Depois lá viemos”.</p> <p>“A viagem propriamente não me lembro, mas lembro-me de dormir no aeroporto há espera de avião”.</p>
		Bens materiais trazidos	“Trouxemos as malas com a roupa, e pouco mais. A minha mãe conseguiu trazer um fogão, que a minha tia veio de barco, conseguiu...trazer o fogão e lembro-me de ela meter dentro do fogão os meus livros da Anita”.

	Portugal	Acolhimento	<p>“...lembro-me depois que fomos para a casa de um tio da minha mãe que vivia cá em Portugal e nos deu abrigo”.</p>
		Vida em Portugal	<p>“Nós, nós estávamos mais evoluídos que Portugal porque eu quando vim para cá fui dar matéria no 5º ano que eu já tinha dado na minha 4º classe. E sabia...fiz o 5º ano muito fácil e fiz logo, ainda estive um ano aqui sem estudar. E depois é que fui para a escola, ou seja já tinha passado dois anos e voltei a dar a matéria que tinha dado no meu 4º ano. 4º ano que era a 4º classe”.</p> <p>“...nós passamos muita necessidade quando a gente voltou porque...não tínhamos nada! Os meus pais vieram praticamente com a roupa que tinham no corpo, então foi construir tudo da estaca zero. Então pronto, não tinham as coisas que tinham lá em Angola não tinham aqui, pois aqueles dois meses em que o meu pai não tinha trabalho também foi complicado. Lembro-me do meu primeiro aniversário não ter prendas, não ter bolo não ter nada. Quando fiz os meus 12 anos, era assim a vida. Mas o que eu senti mais, mais, quando a gente chegou principalmente no primeiro ano foi o frio. Não estávamos habituados ao frio, foi muito frio. A gente sentiu muito frio, a adaptação do calor para o frio foi muito</p>

			difícil”.
	Família		“...o meu pai arranhou trabalho. (...) Nas obras. Enquanto que estava há espera que chamassem para ir trabalhar... Também acho que foi só um ou dois meses que isso aconteceu”.
	Escola		<p>“Não vim logo porque depois...mudámos de casa e o meu pai não sabia onde era a escola, aquilo pronto era tudo uma grande confusão na altura, e então ele optou por eu ficar, pronto não soube, não sabia, as pessoas na altura...era muita confusão, muita coisa para resolver, muito assunto, uma vida toda de início e depois é que começou a ver os miúdos a virem, e depois perguntou “então mas vocês vêm daonde?” “Ah, vimos dali”. “Ah então mas ali existe uma escola?” “Há”. E pronto nesse ano eu não fui mas fui no outro ano a seguir”.</p> <p>Não fui para o mesmo ano, que tinha deixado lá...embora houve</p>

			<p>muita gente que se aproveitou, como havia perdas de papéis, e aquela grande confusão, dizerem que andavam lá em Angola anos mais avançados, mas nós nunca fizemos nada disso. O que era, era e pronto. E não me arrependo disso”.</p> <p>“Depois andei...até casar, andei, fiz o 9ºano. Ainda frequentei o 10º, 11º mas sem acabar, depois comecei a trabalhar”.</p>
	Trabalho		<p>“Trabalhar num escritório em Lisboa. Morava no Barreiro, e trabalhava num escritório em Lisboa”.</p>
Medidas de política social	Ajuda do estado		<p>“Eu acho que não tiveram ajuda nenhuma”.</p>
Integração	Receção portugueses	Relacionamento com portugueses	<p>“Quando fui para a escola depois chamavam-se “pula da mancueco”, chamavam “retornada, vai para a tua terra!” As pessoas não gostaram muito porque diziam que os retornados vinham roubar os empregos que eram deles, porque foi tudo a enchente de repente tudo, pois as pessoas tinham que arranjar trabalhos, eles não gostaram muito de nós. E depois uma vez na</p>

			escola lembro-me que me disseram assim “Ah tu nem pareces que és retornada, és tão porreira!” (risos) Eram as mentalidades parvas mas pronto. Vá lá que depois começaram a gostar de mim”.
	Pessoas das ex-colónias	Relacionamento com pessoas das ex-colónias	“...ali o pessoal que morava no bairro, onde moram os meus pais, eram quase todos vindos de Angola. Mas...na escola tinha muitos colegas que eram de cá, de Portugal”.
	Bairro	Construção	“...era só casas, só casas. Não tinha lojas, não tinha nada. Umas barraquitas que se vendiam algumas coisas e pronto. Não tinha nada.“
		Gostar de viver no bairro	“...gostei, mas gostava de ter vivido noutra sítio, porque aquele bairro não tem nada, não tem umas lojas, agora há lá um centro comercial, mas aquilo não tinha nada, era um dormitório”.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 1 – CATARINA

DR – Boa tarde sou aluna do 2º ano de mestrado do curso de Educação Social da Universidade do Algarve, e estou aqui com o propósito de recolher informação sobre a sua vida em Angola, a fim de praticarmos a entrevista no âmbito da dissertação. Onde é que nasceu?

C – Em Portugal, Vila Flor.

DR – Então com que idade foi para Angola?

C – Quatro. Quatro anos.

DR – Com quem é que vivia?

C – Com os meus pais.

DR – E como era o seu relacionamento com eles?

C – Com os meus pais foi sempre muito bom. Maravilhosos.

DR – Tinha irmãos?

C – Sim, eramos oito.

DR – E atualmente ainda tem contacto com eles?

C – Sim... os que estão vivos. Os que morreram já não.

DR – São quantos agora?

C – Hã... somos, ora, morreram dois, somos seis.

DR – É a mais velha?

C – Não, a mais nova. O mais novo morreu, sou a seguir do mais novo que morreu.

DR – Como é que era a situação financeira da sua família?

C – Hã... qual é a situação financeira daquela altura... era a situação financeira de todos os pais. Pouco difícil não é (irónica). Eles foram para Angola, mandados pelo Salazar, como colonos. A trabalharem lá como colonos. Na agricultura. E pronto, um bocado

difícil a vida da gente. Mas olha, fomos pontapé daqui, pontapé dali a gente foi sobrevivendo (risos). Não é?

DR – Hã tinha amigos quando era criança?

C – Oh isso é o que não me faltava. Tinha mais amigos do que inimigos.

DR – Ainda bem.

C – E hoje presentemente acho que não tenho inimigos eu não considero ninguém meu inimigo. Portanto...

DR – E ainda tem contato com os amigos dessa altura?

C – Ah, alguns, poucos... cada um fez as suas vidas, uns já morreram, outros não sei onde andam, portanto ainda tenho aí três pessoas que andaram comigo na escola ainda me contato com elas.

DR – Pois porque atualmente nós temos a internet, antigamente era mais complicado...

C – Nesta coisa agora da internet foi assim que eu apanhei estas três colegas minhas. Através da internet.

DR – Ah pois, através do facebook.

C – Através do facebook. Lá consegui contatar com elas. E falamos muito através daqui (aponta para o computador portátil Toshiba). Portanto...

DR – Quais é que eram as brincadeiras que tinha com eles? Hã, quando era criança?

C – Oh filha, brincadeiras de criança. É jogar à escondida, é jogar à macaca. É saltar à corda... Ora, era assim. E era fazer barbaridades uns aos outros. Olhe (risos) a gente fazia... ai meu deus...

DR – Qual é que foi o melhor momento da sua infância?

C – Qual foi o quê?

DR – O melhor momento da sua infância.

C – Epá, eu... os momentos da minha infância foram lindos. Não, não posso dizer... foi uma infância muito simples, muito humilde, muito acarinhada, muito querida, hã não posso... além das dificuldades, nunca passei fome, não posso dizer que passei fome, mas eu acho que era mais feliz no tempo em que fui criada do que sou hoje presentemente. Não quer dizer que não esteja feliz, mas éramos tão queridos, tão

humildes uns para os outros que nós... vivíamos com uma simplicidade maravilhosa. Agora... o mundo está diferente, está muito egoísta. Está muito... não sei, não sei. Mas fui muito feliz.

DR – E lembra-se de algum momento que tenha sido assim menos bom?

C – Não... não vejo momentos... da minha infância?

DR – Sim.

C – Menos bom não. Não, não. Só quando foi a guerra, não é. Era novita, quando houve a revolução do roubo do barco de Santa Maria e depois quando houve ali aquele terrorismo, a gente andou ali aterrorizados, tanto que por causa disso é que o meu pai depois fugiu para o Lobito... com as filhas. Ele tinha quatro filhas em casa, a mais velha estava casada no Lobito, e agarrou connosco e foi depois para o Lobito. Foi hã... esta fase que a gente passou mais... mas nada de muito drama.

DR – Eu por acaso não conheço o roubo... do quê?

C – Hã... do barco de Santa Maria.

DR – E o que aconteceu nessa altura?

C – A guerra, a revolução.

DR – Mas... lá ou cá?

C – Lá, lá. Cá não sei. Portanto, houve esse barco, que foi roubado, né e arreventou... foi em 1962 e arreventou a guerra em Angola. Derivado a esse barco que roubaram, não é... é as minhas luzes que eu tenho, e depois havia... os tropas começaram a ir daqui de Portugal para lá... para defender Angola, porque era portuguesa e... e depois eles começaram a malhar nas mulheres, nas filhas dos agricultores... os bandidos, os terroristas, a assassinar, a matar, a violar, e por aí fora, né, e aí vivemos uma fase um bocadinho difícil, com medo. Com medo, e o meu pai escondia-nos lá numa despensa e dormia toda a noite agarrado à caçadeira a ver... ora, se viesse algum terrorista levava-nos a todos não era com uma caçadeira que matava uma cambada de terroristas. E pronto, e aí o meu pai resolveu fugir para o Lobito com as filhas que tinha e com o filho. Foi aí a fase um bocado mais difícil.

DR – Então vocês moravam aonde?

C – No Lobito?

DR – Antes do Lobito.

C – Antes do Lobito morava na Cela. Numa aldeia. Chamavam-na o aldeamento 2. Então era em Santa Comba Dão. Santa Comba Dão, não sei se já ouviu falar.

DR – Sim é a terra onde está sepultado Salazar.

C – Não, não. Salazar é cá.

DR – Sim, sim, cá. Mas...

C – Mas lá não. Lá havia o nome dessa terra, Santa Comba Dão.

DR – Se calhar foi em homenagem a ele, não sei...

C – Foi, foi capaz de ser porque ele é que mandou. A maioria dos portugueses que foram para lá foi ele que os enviou como colonados.

DR – Pois.

C – Lá o colonos. Trabalhar na agricultura, chegou lá já tinha casa, já tinha boi, já tinha galinhas, já tinha charrua já tinha tudo, foi só entrar para a casa e trabalhar.

DR – Então o seu pai foi praticamente obrigado por ele a ir.

C – Não... o Salazar... obrigado não foi. A dificuldade cá era um pouco maior e o meu pai foi à procura de vida melhor.

DR – Sim.

C – Pronto, e foi, e foi, e tivemos uma vida razoável, uma vida melhorzita. Cá nunca passei fome, mas lá também não... porque sempre foram de luta. (risos e momento de pausa).

DR – A sua família tinha alguma religião?

C – Católica. Católicos todos.

DR – E costumavam frequentar a catequese e a missa?

C – Sim, eu frequentei a catequese e a missa sempre na altura dos meus pais não podíamos falhar a nada, nada, agora é que estou a falhar muito (risos). É porque vejo muita falsidade... e então, o meu pai não se deitava sem os filhos rezarem o terço com ele, ali primeiro. Depois de rezar o terço, então quem quisesse ir dormir tinha que pedir a bênção aos pais e depois é que se iam deitar. A educação era lindíssima. Agora hoje nem netos nem pais, não querem saber dos avós, nem bênçãos nem benções, não

querem saber (risos). É diferente, a maioria é, a maioria é, são muitos desprendidos dos avós e dos pais... agora não, nós levámos uma educação lindíssima. E presentemente ainda é a que tenho, ainda ensinei aos meus filhos a minha educação e aos meus netos quando tiveram comigo também lhes ensinei e se quiserem seguir, seguem, se não quiserem é problema deles. Não é? Pronto, mas não quer dizer que eu não evoluí no tempo.

DR – Sim eu sei.

C – Há pessoas que nunca evoluíram no tempo. Mas eu tenho acompanhado mais ou menos os tempos. Pronto, não sei se estás a perceber...

DR – Sim, há coisas que continuam alguns valores.

C – Sim, há valores que a gente não esquece. Mas que também evoluímos um bocadinho, sim. É assim mesmo (risos).

DR – Teve algum namorado durante a sua juventude?

C – Oh então não tive! (risos) Eram resmas (risos) tive o homem com quem casei, esse foi o meu verdadeiro amor, mas tive muitos pretendentes e ainda namorei alguns. Então, juventude o que a gente fazia! Que bonita, toca a andar (risos). Tive muitos namorados, isso é o que eu tive mais. Mas não era doida.

DR – Sim.

C – Tudo dentro do respeito (risos), não podia, ali ninguém trepava (risos).

DR – E nessa altura também havia muito respeito.

C – Muito respeito, muito respeito sim senhor. Não é como se é agora, toma lá um beijo e vem dormir comigo. Não, nesses tempos não havia nada disso. Se o faziam...podia haver, estava muito encoberto, não sei.

DR – E como é que conheceu o seu marido?

C – Olha, por acaso é engraçado. Quando era pequenina e vivia na aldeia, ele foi lá trabalhar para lá de sapateiro mas eu nunca o conheci. Foi preciso ir para o Lobito, e ele vir da tropa de Luanda e conhece-lo no Lobito.

DR – Que giro.

C – E foi lá que casei com ele, no Lobito.

DR – Que idade é que tinha quando o conheceu?

C – Hã... tinha 14, e casei com 18.

DR – E os seus filhos nasceram em Angola ou em Portugal?

C – Em Angola três, e um cá. Portanto, nasceram... um nasceu na Cela, em Santa Comba Dão, foi no... no Hospital da Cela. E... outro nasceu em Nova Lisboa... ah, não. Dois nasceram em Nova Lisboa, um na Cela e um aqui, em Portugal. É assim.

DR – E como é que era a sua casa na altura?

C – A minha casa, qual? Antes de casada ou depois?

DR – Hum, comece com a de quando era pequena.

C – Quando era pequena vivia na aldeia.

DR – Lembra-se de alguma coisa nessa altura, de como era a casa?

C – Era uma casa razoável. Tinha três quartos, tinha uma bela sala, e tinha uma casa de banho, e depois tínhamos cá para cima muitas arrecadações, muitas salas, muita criação... era uma casa razoável.

DR – Sim. E quando foi para o Lobito a casa era fora da cidade ou era dentro da cidade?

C – No Lobito era... portanto, era a cidade, mas era num... como vamos dizer? As aldeias...os rebaldos, chamavam-lhe a caponta, outros chamavam-lhe a calumanda, a restimba, portanto eu vivi na calumanda e na caponte.

DR – Então era uma espécie de bairro que havia ou não?

C – Era ligado à cidade.

DR – Sim.

C – Portanto não era mesmo no centro mas era ao lado. Pronto.

DR – Ah então era como se fosse uma freguesia da cidade.

C – Era, era ali tudo, tudo dentro, pronto como nós aqui estamos no Vale da Amoreira e ali é a Baixa da Banheira.

DR – Ah sim.

C – Era esse género assim.

DR – Está bem.

C – Vivíamos assim, as casas eram muito boas, no Lobito eram melhores. Não faltava nada, tínhamos água e luz, na Cela não tínhamos, era a luz do candeeiro e água do poço e do rio.

DR – Pois, porque naquela altura só mais as grandes cidades é que tinham...

C – Sim, a aldeia não tinha água canalizada, não. A gente é que tinha que andar com ela à cabeça, ir buscar os cântaros de água. E ao poço, era assim.

DR – Então como é que era a cidade onde vivia, o Lobito?

C – Era lindo. A cidade do Lobito é linda, ainda hoje é maravilhosa.

DR – Como é que é, tem a praia ao pé?

C – Sim, tem praia, uma praia mas uma bela praia, sim senhor, uma linda praia por acaso. Muito peixinho para se comer, muita fartura, muita fartura. Era uma cidade muito bonita e ainda é, eu gostei muito de lá viver.

DR – Como é que era, tinha muitos habitantes, poucos...

C – Olha a quantidade não lhe sei dizer, mas... para ser uma cidade... tinha de haver muitos habitantes. Quem lhe conseguirá responder melhor será o seu sogro. Ai, o seu avô.

DR – Sim, eu percebi.

C – Ele tem mais capacidade do que eu (risos). Mas era uma cidade linda, cheia muito bem habitada.

DR – E...costumava ir a casa de outros familiares quando era pequena?

C – Hã... eu pequena não. Quer dizer... os familiares, o que vou dizer. Os irmãos estavam lá todos.

DR – Sim então quer dizer...

C – Na Cela, quando vivi na Cela não, no Lobito estávamos todos juntos. Quando houve a para aqui para Portugal e aqui juntámo-nos todos no mesmo...

DR – Pois.

C – ...ambiente. Visitamo-nos todos uns aos outros aqui, praticamente.

DR – Então e qual era o seu sítio preferido na cidade do Lobito?

C – Era mesmo o centro do Lobito. Era, a zona da restinga, da praia. Era a zona mais linda para mim (risos).

DR – Costumava ir de férias com a sua família quando era pequena?

C – Naquele tempo não havia férias. Algum programa que fizessem que me lembro é o cruzeiro na escola com a professora. Reunia os alunos e íamos para o cruzeiro. Um cruzeiro que lá havia, só para irmos de carros íamos todos contentes. Era o único passeio que lá havia. E dali para onde íamos os passeios? Quando não tínhamos escola íamos apanhar a batata, ou íamos apanhar o milho, ou íamos apanhar alfaces ou tomates para irmos vender para a vila.

DR – Pois.

C – Era a nossa infância. Estudar. Trabalhar e estudar. E guardar o gado.

DR – Pois

C – (risos).

DR – Então e costumava ir à praia do Lobito?

C – Sim, sim.

DR – E não precisava de apanhar nenhum transporte para lá chegar, ia a pé.

C – Ah, até chegávamos a ir a pé. Naquele tempo eram as nossas perninhas que andavam, então não. Mas tinha transporte, mas íamos a pé. É perto, de onde eu morava até à restinga é perto. Fazia-se bem, servia de passeio.

DR – Sim, é tipo antigamente as pessoas andavam mais a pé.

C – Sim, fartavam-se e não engordávamos tanto. Agora a gente não anda, só come (risos). Ai, olha vai ser bonita a entrevista vai.

DR – A sua casa fica muito longe da escola?

C – Hã... mas olha não. Portanto, olha... eu era na casa três... era mais o quê, umas cinco ou seis casas a mais. Depois era logo a escola.

DR – E...

C – Era perto. Era perto (risos).

DR – Até que ano andou na escola?

C – Eu até à 4ª classe. E depois, como eu era muito inteligente,

DR – Sim.

C – Dizia o meu pai, mas eu digo que sim, fiz com 10 anos já tinha a 4º classe feita, e fui para um casal amigo, de um amigo do meu pai, mandou-me para Nova Lisboa, vou para casa desse casal amigo a fazer companhia, só companhia a uma filha de uns médicos.

DR – Hum, hum.

C – Vou para Nova Lisboa, e quando lá cheguei, portanto o meu pai preparou-me a malinha, os sapatinhos de quanto era bom, os vestidinhos de quanto era lindo, de chita mas vestidos muita bonitos feitos pelas minhas irmãs. Essas coisas estão todas na minha mente. E quando lá cheguei, apresentaram-me os mé... a doutora e o médico e a filha e se eu estava contente de ir para ali estudar para ao pé da filha. E eu, feliz da vida porque o que eu queria fazer era o primeiro ano, chamava-se o primeiro ano naquele tempo. E então...tudo mito bem, fui acolhida, ia toda cheia de barro porque fui numa camionete, e as estradas era tudo barro, não era asfalto, eu ia toda vermelha, cheia de barro, a senhora mandou-me lá numa banheira, lá tomei o meu banhinho, mudei... jantei no outro dia a doutora veio ter comigo e perguntou-me: “Sabe cozinhar?” E eu sabia, porque nós na aldeia aprendíamos logo cedo. A cozinhar, e a fazer tudo! Uma dona de casa, que eu arrumava a casa que nem parecia eu, hoje sou mais aldrabona a arrumar (risos) que não tenho saúde, mas naquele tempo nada me metia medo. E eu disse que sim, que sabia. Olha, pôs-me um avental à frente, e fiquei foi a criada de servir. Em vez de estudar, fiquei ama da menina, ia, levava a menina à escola, trazia a menina, ia buscar a menina, e cozinhava, eu e uma rapariga preta que lá tinha como empregada e éramos as duas criadas. Foi o meu primeiro ano foi isso, pois, o que acontece. Não havia telefones para comunicar só cartas.

DR – Pois.

C – Hã... eu escrevia aos meus pais a expor a minha situação. Ora, a patroa diz que ela levava a carta. Nós, muito inocentes dávamos o correio para ela meter no correio, não é? O que é que acontece. Hã... as meninas, ela em vez de meter as cartas no correio não metia, não lhe interessada porque tinha uma criada boa em casa, não é?

DR – Pois.

C – E o meu pai nunca recebeu correspondência minha. E o senhor que me trouxe foi um amigo do meu pai que não sabe onde me deixou, sabe que me deixou ali naquele

sítio e eles é que me foram buscar, os doutores. Porque esse amigo do meu pai comunicava com esse casal. E depois gajo, esses médicos deixaram de comunicarem com esse amigo do meu pai também. Porque ficavam sem mim. Nunca receberam carta. E eu muito triste, ainda chorei muito porque não era vida para mim, eu estava melhor ao pé da minha família do que ali a servir, se eu nunca estudei... não me deixaram estudar, nunca me deram um livro, era a criada. Os meus pais então... preocupadíssimos, não tinham notícias minhas nem eu tinha dos meus pais. Bom, ora, fui-me habituando, o tempo foi-se passando, foi-se passando, fui fazendo-me mulher, começaram ali os militares a rondar ali e eu estava toda bonita e toda espigadota, os militares começaram a rondar ali as meninas, e eu o tempo foi-se passando assim... Até que um belo dia passa um carro militar e quem lá ia: um irmão meu. Um irmão meu que estava na tropa em Nova Lisboa. Tinha vindo para a tropa de Nova Lisboa. E quando ele vinha a passar, eu andava no jardim a compor lá as plantas e ele diz “Epá parem aí o carro, parece que vi a minha irmã!”. Porque ele também andava preocupado, disse ao meu pai “Pai eu agora vou para Nova Lisboa à tropa e eu vou fazer tudo por tudo para encontrar a minha irmã”. E assim parou o carro, e ele chamou “Carminda!” e eu vi logo que era a voz do meu irmão. Caraças! Agarrei-me ao meu irmão, já não o larguei mais. E ele disse, contei-lhe tudo o que se estava a passar, se o pai tinha recebido cartas minhas e que eu não estava a estudar, e que era uma criada de servir “O quê, puseram-te criada de servir?” “Sim, senhor”. Naquele tempo era para os processar, mas nós também não tínhamos dinheiro para advogados e ficámos por ali. Então o meu pai depois escreveu, o meu irmão escreveu os meus pais e disse “Venham buscar a minha irmã, passa-se isto, isto assim, já sei onde ela está, eu levo-vos lá”. E então assim que o meu pai recebeu a carta veio logo ele mais a minha irmã mais velha buscar-me, e foi assim, hã, os meus estudos... fiquei, fiquei uma criada de servir (risos).

DR – Essas pessoas deveriam ser processadas.

C – É.

DR – Então foi durante quanto tempo que ficou lá?

C – Olha, ainda lá fiquei...ora, tinha quê? Ia a fazer os dozes anitos.

DR – Sim.

C – E depois fui para o Lobito com catorze. Está a ver, ainda estive lá uns três anos. Onze, doze, treze, catorze. Ainda lá estive uns três anos.

DR – Então... hum a rapariga que tava a tomar conta era mais velha do que você ou era mais nova?

C – Era mais novita do que eu. Andava a estudar, andava na segunda classe, era miúda.

DR – Então e depois aprendeu alguma profissão?

C – A profissão? A profissão das panelas e limpar a casa. Eu?

DR – Sim mas na altura quando casou, continuava a trabalhar em casa ou em trabalhou em algum sítio?

C – Hã, portanto, aí foi...o trabalho que eu tive?

DR – Sim, sim.

C – Com os meus pais foi a agricultura, a lide de casa e era assim. Quando casei, pus uma loja, lá chamavam a loja indígena.

DR – Sim.

C – Pronto, pus uma loja, casei, pus uma loja e trabalhei numa loja. Depois comecei a trabalhar na restauração até hoje.

DR – Então na loja o que vendia... quais eram os produtos que vendia?

C – Vendia roupas e farinhas e peixe seco e óleos de palma e açúcares, vendia essas coisas todas. E vinhos e cervejas. Era o que havia.

DR – E depois de casar como é que era a sua vida?

C – Casar?

DR – Sim.

C – Olha, altos e baixos. Rindo e andando e trabalhando. Criar os filhos, vieram uns atrás dos outros... praticamente, tive-os seguidos, mais velho, depois veio passado pouco tempo veio o outro, passado pouco tempo veio outro, e depois era trabalhar.

DR – Pois.

C – O marido era viajante andava em todas as terras, eu...eu quando queria, quando queria ia com ele, quando não tinha que fazer, não tinha lojas ou assim ia com ele. Quando não tinha ficava com os filhos e a tomar conta das coisas. Foi sempre uma vida de luta de trabalho.

DR – E naquela altura sabia o que estava aqui a acontecer em Portugal sobre o Estado Novo? Não sei se lá a informação chegava muito...

C – Chegavam. Chegou, chegou lá informação que houve aqui o 25 de abril, então lá quando houve aqui o 25 de abril foi quando houve a maior guerra lá.

DR – Pois.

C – Mas eu já não estava na Cela. Já estava no Lobito.

DR – Sim.

C – Nessa altura.

DR – Sim.

C – Já estava mais resguardada. E depois hã...houve essa guerra, essa revolução, hã, que é que acontece. Eu depois de casar à Cela outra vez hã...dei um pontapé à vida no Lobito e fui para a Cela para compor melhor a vida. Não correu bem, fui para Nova Lisboa. O marido e aos filhos. Não correu bem, fui para Silva Porto. Entre Silva Porto e Serva Pinto.

DR – Sim.

C – Tive ali, então ali é que eu comecei a endireitar mais, hã... situação. Tinha bombas de gasolina, tinha padaria e tinha restauração. E então, lancei a fábrica, uma fábrica de chouriços e alheiras e então abastecia Silva Porto, Serva Pinto, Cachimbas, Fortal... hã abastecia aquilo tudo por ali fora com alheiras e chouriços e pão e por aí fora. Tava bem de vida. Quando rebentou o...o 25 de abril, foi quando a guerra maior rebentou, pronto, tivemos que fugir novamente. Eu como já tinha três filhos e também estava cheia de medo, viemos para o Lobito que era uma terra segura, que era terra de mais tropa e mais...pronto era uma cidade. E quando vim para o Lobito vim para casa de uma irmã minha. E tudo o que trouxe de, de Silva Porto guardei em armazém para despacharmos para Portugal. Mas depois houve uma revolução muito grande lá no Lobito, a mudança de partidos, e...saquearam-nos tudo, roubaram-nos tudo quanto eu tinha, quanto a minha irmã tinha, ficámos a zeros. Pra onde é que a gente fugiu? Para o Quartel. Quem nos abrigou? Foram os militares. O meu marido, com aquela coisa de ir à procura dinheiro para poder trocar em Portugal, foi para África do Sul com um carro que tínhamos acabado comprar há dois meses, uma camionete, foi para África do Sul trocar dinheiro português por rans, que o rans valiam muito em Portugal. E foi preso, foi preso

por o partido do MPLA ou o não-sei-quê. E quem ganhou foi a Unita. Nessa altura, naquela zona. Eu tava no Quartel, com três filhos, sem nada, e não sabia do marido. Pronto. Hã, passámos ali uma revolução muito grande, muito grande. Que é que acontece: hã depois acalmou a guerra, ali, o...vim para casa de uns familiares da minha irmã Palmira, uma irmã que eu tinha na Caponte, no Lobito, vim para casa de uma irmã minha e... e aí foi quando o meu marido depois apareceu. Tinha estado preso para o matarem, ele e mais trinta, para matarem eles. Mas nós tivemos sorte, ele teve sorte, porque apareceram uns gajos que eram da MPLA, uns comandantes que era da MPLA, comeram muitas vezes no meu restaurante, e o meu marido nunca lhes levou nada. E então assim que viram o meu marido preso foram logo ter com ele e mandaram soltar, porque ele já estava para ser varrido, se não fosse conhecido tinha sido varrido ele e trinta gajos que estavam lá presos já. Mas como eles o conheceram “vocês não fazem mal a este homem, que este homem deu-nos muitas vezes de comer”. E depois o meu marido com esse...com o conhecimento deles fez com que os outros também, os soltassem que eram amigos dele “olha também são meus amigos, não, não lhes façam mal. Levem-nos às famílias”. E eles depois eles formaram uma coluna militar e levaram aquelas trinta pessoas aos lugares deles e trouxeram o meu marido ao Lobito. Vê lá, pronto foi assim, era a revolução que a gente teve. (pausa)

DR – Hã... quando andava na escola, aprendeu sobre os impérios coloniais que existiam no século XX? Se falavam sobre isso na escola ou não, não sei se se lembra?

C – Quais é que são esses impérios?

DR – Era o império português, o império depois inglês que estava também noutras colónias...

C – Não, do inglês não. Eu o que aprendi na escola foi geografia, sobre os rios de Portugal, sobre, foi... a história dos reinados, D. Afonso Henriques e D. Sancho I, e D. Maria, olhe o raio que os parta para todos (risos) Foi...sem dizer que levei muitas reguadas à conta deles! (risos). Já estavam mortos e ainda levava reguadas à conta deles. Pronto para fixar aquilo tudo a gente tinha que estudar muito mas também trabalhava, não podia estudar muito não era? (risos) E à luz de um candeeiro a estudar, não é? Pronto, foi o que eu aprendi sobre isso, hã, essa pergunta que me fez.

DR – Então mas na escola aprendeu mais coisas sobre Portugal, não aprendeu muito sobre o mundo?

C – Não, não, não, não, não, não, não. Era só sobre Portugal, não era sobre o mundo. Rios de Portugal e D. Sancho I e D. Sancho II, e D. Duarte e essa porcaria toda. Era só, nunca ouvi falar em Inglaterra, nem sabia que existia Alemanha, nem sabia França, nem sabia Japão. Não, nunca ouvi falar em nações estrangeiras.

DR – Sim, e tinha aqueles manuais do tempo do Salazar, que era a 1ª classe, livro da 2ª classe...

C – Sim, sim, sim, sim.

DR – Iguais em Portugal.

C – Sim...

DR – O manuais que ainda hoje estão há venda. Aqueles livros antigos.

C – Sim, sim, sim, sim. Pois. (pausa)

DR – E considera que a vida em Portugal é diferente da vida em Angola? Naquela altura?

C – Epá...

DR – Dizem que às vezes Portugal, pelo menos já ouvi pessoas a dizer, que em Portugal estavam mais atrasados em relação a Angola. Lá tava mais desenvolvido.

C – Lindamente. Linda...Portugal?

DR – Sim.

C – Quando a gente chegou a Portugal, era um atraso de vida. Nós é que viemos dar vida a Portugal. Nós além de retornados viemos dar vida a Portugal, viemos fazer que Portugal ganhasse dinheiro. Porque havia só miséria aqui. Nem sabiam vestir umas calças, nem sabiam vestir uma saia, nem sabiam vestir nada. Eram uns atrasos de vida. É verdade! E nós vínhamos habituados a ter tudo...

DR – Sim.

C – ...bom, comer bem, e sermos todos unidos e todos amigos uns dos outros. Nós chegámos aqui, eu estranhei muito as pessoas de cá e estranhei muito o ambiente de cá. Estranhei muito mesmo. Custou-me mesmo a adaptar a este ambiente mas pronto, hã, fomos à luta.

DR – Hum, hum.

C – Para lá fui à luta, para cá vim à luta e continuamos a luta. Né, que a vida também não está fácil né?

DR – Pois.

C – E a gente quando chegou vim com uma mão à frente e outra atrás. Fui bem acolhida, fui, portanto vim refugiada... olha naquele tempo, se fosse hoje não me metia, hã... estava no Lobito quando houve a revolução, e só havia avião em Luanda. Prá gente fugir para Portugal tivemos que apanhar um barco de pesca dos pescadores, que hoje vejo esses desgraçados a fugirem da guerra, nesses barquitos, hã, e eu disse “Meu Deus, fomos muito bem guardadas. Fugimos do Lobito, num barco pequenino de pesca, para Luanda, e não nos acontecer nada, Deus foi mesmo connosco. Né? E... para podermos apanhar o avião para fugirmos para Portugal. Por causa da guerra. Porque nós não tínhamos nada, que é que lá távamos a fazer? O dinheiro, fecharam-no no banco ficou lá todo. Apenas trouxe cheques visados, tenho para aí abandonados, os cheques visados... não tínhamos dinheiro, não tínhamos onde cair mortos, tivemos que vir para a nossa terra. Ora, havia avião para chamar os retornados, a gente vai-se embora. Mas foi assim num barco que foi de Lobito para Luanda. Um barquinho de pesca.

DR – Lembra-se então...

C – Mais os filhos.

DR – Do Lobito a Luanda hum... a viagem de barco era quanto...?

C – Foi um dia, foi um dia...foi um dia, oh lá.

DR – Então ainda era longe do Lobito a...

C – ...pois amor, pois foi um dia.

DR – Eu não tenho noção de como era...

C – Olha, naquelas marés altas, ali aqui barquinho, a faz...ah eu nem quero que me lembre! Mas eu só, só...olhe nunca rezei tanto na minha vida, nunca rezei tanto na minha vida, sinceramente com três filhinhos, agarrada aos três filhos e o marido, e tudo ali à pinha, num barquito daqueles, foi horrível...

DR – Então e...concorda com a atitude que Portugal teve em relação a Angola, em começar a guerra colonial?

C – Hã... qual foi a atitude de Portugal?

DR – Sim. Mas concorda com a atitude que Portugal teve nessa...

C – ...Eu não, não concordo. Não, foram uma cambada de bandidos e ladrões. Não, não concordo. Não porque... nós estávamos bem de vida, se podiam dar a independência, como deram, né, mas davam uma independência a tudo viver em paz. Eu estava lá quando e continuava lá!

DR – Pois.

C – Porque eu tinha mais anos de Angola do que tinha de Portugal. Eu fui para lá com quatro anos, portanto se eu tinha a minha vida formada em Angola, não tinham nada que deixar que houvesse aquela revolução que houve então não mandavam anteriormente tanto tropa para lá defender Angola, que era portuguesa para depois entregar assim tudo de mão beijada! Estes bandidos, estes governadores que estavam cá entregaram tudo de mão beijada!

DR – Pois.

C – Hã... este Marcelo e o...o Boxexas, como é que se chama, o Mário Soares e essa porcaria toda, esses é que estragaram as nossas vidas.

DR – Pois, não foi com o Marcelo Caetano na altura, ele...

C – ...foi, foi.

DR – Ele ficou a substituir Salazar.

C – Pois. É complicado.

DR – Pois. E como é que foi a viagem de avião?

C – A viagem de avião foi ótima. A de barco nem por isso mas de avião foi ótima e fui bem acolhida quando cheguei a Portugal, a verdade tem que ser dita. Hã...já tínhamos pessoas à nossa espera, para levarem ou para levarem às nossas aldeias ou casas que a gente tivesse de familiares ou para hotéis. Eu como não tinha ninguém fui para um hotel. Fui para um hotel em Cascais, hã que fui muito bem acolhida, muito bem acolhida muito bem recebida e estive lá todo o tempo que foi preciso. Não estive mais tempo porque eu era uma pessoa que lutava muito e o meu marido pela vida e vi que o hotel não era vida para mim. Pronto. E então fui...logo assim que a gente entrou no aeroporto fomos acolhidos, deram logo de comer à gente e às crianças e tudo, sandes e sumos e tal e depois foram os carros preparados para as pessoas ou iam para os hotéis ou iam pra...pra casas que eles arranjam ou iam para casas de família ou iam para as

aldeias deles que tinham lá família à espera, eu não por acaso eu fui para um hotel, para Cascais e estava bem de vida, tava, olha fiz mal em sair ainda devia estar lá hoje, tava lá comigo de perna traçada e virada para o mar, tava lindamente! Nunca tinha visto um telefone na minha vida, foi ali que eu vi um telefone. Podia telefonar para toda a família. (risos) Tás a ver, fui bem acolhida por acaso. Fui mal acolhida foi na, nas aldeias, quando fui para a aldeia do meu marido, ali é que eu fui mal recebida. Diz que a...as meninas lá da aldeia, as velhotas, diziam que a gente veio estragar a vida delas e que viemos comer a comida delas. (risos)

DR – Qual é a aldeia do seu marido?

C – Foz do Sábor.

DR – Onde é que fica?

C – Em Moncorvo.

DR – Moncorvo?

C – Moncorvo.

DR – Hã...lembra-se do dia em que chegou a Portugal? O ano, o mês...

C – Ora foi no dia em que eu fazia anos de casada. Dezassete de setembro de dois mil e...quando é que foi a revolução de...pera lá.

DR – 1974?

C – Setenta e cinco! Foi, pois. Foi no ano de dois mil novecentos e setenta e cinco. E...foi dia 17 de novembro. Nunca mais me esqueço. (risos)

DR – Então, ainda ficou...

C – Foi a data que ficou na cabeça.

DR – Depois do 25 de abril ainda ficou lá algum tempo, as pessoas não voltaram logo, só voltaram passado um ano.

C – Sim. Nós tínhamos esperanças de não vir embora, não é? A gente continuou na luta, ter medo daqui, ter medo dali mas ninguém nos fazia mal íamos ficando né? Porque a minha esperança era não vir embora. Era ficar. Então se eu tinha a minha vida ali, com os meus filhos lá, tinham nascido, porquê que eu vinha para Portugal se não tinha cá nada, né?

DR – Hum, hum.

C – Nós viemos para Portugal porque fomos obrigados a vir! Porque ela mesmo, a malta lá indígena, eles é que andavam armados e não nós. Nós não tínhamos armamento.

DR – Pois.

C – Nós não podíamos andar com uma faca na rua. E eles...vai embora branco pra a tua terra. Branco... Mas provocar mesmo palavrão. Vai para a tua terra branco, raio que te parta vai para a tua terra. Tudo assim...nós fomos obrigados aa fugir!

DR – Pois... (pausa) e quando voltou a sua família voltou toda consigo ou ficou lá alguém?

C – Não, hã...uma irmã já tinha vindo na frente.

DR – Sim.

C – E ali eu fugi com o meu marido e os meus filhos. A minha mãe fugiu com a minha irmã mais velha não sei de aonde, do Lobito não sei para onde. Portanto quando eu cheguei a Portugal não sabia de família nenhuma. Era eu, filhos e marido. Não sabia de mais ninguém. (pausa) Depois de estar no hotel, do hotel eu fui para a terra do meu marido porque eu quis lançar-me à vida porque não gostava de tar ali parada. E lá na terra do meu marido fui viver para a casa que era da minha sogra mais a família toda, encontrei-me ali com a família do meu marido, na terra do meu marido e então fui para ali viver naquela casinha, que era uma casinha de pedras, que a gente estávamos deitadas no chão e rãs a passar pela ombreira da casa, água a correr, e as rãs a cantar, e a gente a ver aquela figura, e ratos a passarem. Foi ali que eu dormi. E depois o meu marido era muito furão vinha, veio muitas vezes a Lisboa trocar dinheiros portugueses por dinheiro...tínhamos as guias de marcha. Trocavam dinheiro ela por ela, portanto a gente dávamos 100 euros eles davam-nos 100 contos. Tás a ver?

DR – Sim, sim.

C – Portanto o meu marido aí juntou umas massas. Tás a ver, a gente trouxe algum dinheiro. Juntou um dinheirito. E depois numa vinda a Lisboa o meu marido encontrou o meu pai e...e uma irmã minha e um cunhado meu. Que estavam ali na, na...no IARN em Lisboa a pedir casacos e cobertores, como todos os...

DR – O que era o IARN?

C – Era o IARN. Que nos socorreu, era uma instituição que lhe chamavam IARN. Protegiam os retornados.

DR – Sim.

C – Queríamos um cobertor, íamos ali, queríamos comida, íamos ali, queríamos dinheiro íamos ali e então o meu pai...o meu marido encontrou-os aí e...disseram onde moravam que era aqui. E deram-nos a direção e o meu marido quando chegou depois à terra dele disse “olha estive com a tua família”. Nem sabia de nada da minha família, eu fiquei feliz.

DR – Ainda bem que...

C – ...felicíssima por ele encontrar a minha família. E então disse-lhe “Olha então tenho que ir ver onde tá a minha família” porque nós trouxemos um carrinho lá de Angola, ainda o comprámos lá e trouxemos e então eu disse “eu quero ir ver onde está a minha família” então deixei os meus filhos com a minha cunhada lá, na terra do meu marido e eu vim procurar os meus pais, a minha família aqui. Foi quando encontrei os meus pais, um irmão meu, duas irmãs e tal, encontrei quase toda a família aqui. E eu quando vi que os meus pais tinham casa e eu não tinha casa, eu já não me fui embora sem arranjar casa.

DR – Pois.

C – Eu disse para o meu marido “agora eu não me vou embora enquanto não arranjar uma casa pra ir buscar os meus filhos”. Então nessa altura foi quando o um marido conheceu aqui estes...não sei já como se chama este aqui da dona ali, era Alice não era? Hã... quando encontrou aqui umas pessoas amigas e...que era da, como se chama aqui, a junta de freguesia daqui é que davam casas e tal. E o meu marido fez o pedido a eles e depois levava-os a muitos sítios, o meu marido tinha carro e nunca lhes disse que não e então depois quando esta casa vagou, que era aqui que metiam muita coisa era uma casa de distribuição de coisas, quando esta casa vagou esse tal sujeito disse ao meu marido “tá ali aquela casa, fica livre, eu digo-te e tu vais para lá às escondidas, escondes-te lá num canto, levas a fechadura e depois mudas a fechadura”. E foi assim que a gente apanhou esta casa.

DR – Então...voltou em 75, foi para a aldeia...

C – Tive na aldeia.

DR – Em que altura veio para aqui?

C – Vim logo! Vim logo de seguida, tive pouco tempo na aldeia. Eu vim logo em dezembro de 76.

DR – Pois.

C – Isso deu-se tudo no prazo de novembro até dezembro. (pausa)

DR – Se pudesse voltar para Angola, voltava?

C – Não, não, nem...

DR – ...só se fosse como aquela altura...

C – ...nem, aquilo não tem altura mais.

DR – Pois.

C – Não, não para já não tenho idade. E mesmo que tivesse idade para ir fazer vida para Angola, não, nunca mais. Mas não que dizer que eu não gostasse de ir visitar o Lobito, que gostasse de ir ver essas terras, porque eu ainda hoje gosto de Angola, mas pra viver para lá não. Agora passear...mas vou passear, vou para hotéis, a gente tem medo de lá andar segundo dizem. Também não vale a pena, gastar tanto dinheiro para ir ver uma terra que a gente anda lá com medo.

DR – Então nunca mais voltou lá?

C – Não. (pausa)

DR – Hã...quando chegou a Portugal, hã...depois de já ter esta casa arranjou trabalho a seguir?

C – Quando cheguei a Portugal?

DR – Sim quando chegou a Portugal foi para a aldeia e depois veio para esta casa onde está neste momento.

C – Sim. O primeiro trabalho que eu tive foi uma taberna aqui de frente. Tava aqui uma tabernazita, aqui nesta, neste baixo, e a senhora passou-me essa dita taberna e foi aqui que eu principiei a minha vida.

DR – Ah havia aqui uma taberna, que giro.

C – É, foi aqui que eu principiei a minha vida. Ali dei de comer aos trabalhadores, cozinhou para os trabalhadores que andavam a cavar os prédios e fiz chouriças e alheiras e vendia alheiras e vendia chouriços.

DR – Então sempre foi uma mulher empreendedora?

C – Sim, sempre, sempre, a minha vida foi sempre trabalhar. E foi assim que eu consegui...depois vim para esta casa.

DR – Sim, sim.

C – Portanto assim que cheguei aqui a minha mãe vivia com uma irmã minha e assim que eu vim para aqui ela quis logo vir viver comigo, a minha mãe, o meu pai, um irmão meu e era eu, o meu marido e três filhos nesta casa. E eu sustentava tudo. Não precisava que o meu dai desse nem um “tusto” para aqui”.

DR – Pois. Por acaso naquela altura as pessoas tinham muitos filhos e sustentavam isso tudo. Hoje em dia dizem que não têm mais filhos porque não se consegue sustentar tudo.

C – Sustentava tudo. E depois de tar nessa porcaria, nessa miséria praticamente, alcancei o meu terceiro...o meu quarto filho. O meu mais novo.

DR – Que já nasceu estava já nesta casa.

C – Foi aqui, tava cá há um ano quando engravidei do meu filho. E apanhei ainda a taberna aqui. Tá a ver deu para tudo.

DR – Pois.

C – E foi um filho criado com muita fartura. Tá a ver. (risos) Portanto a gente sempre foi à luta, não é?

DR – Sim.

C – Depois daqui, consegui arranjar uma casa na Costa da Caparica, um balneário.

DR – Hum.

C – Que era o Traquinho. Um balneário na Costa da Caparica. Pronto, ainda tive a taberna e o balneário, trabalhava as duas coisas, né? Mas depois, ou tinha que pegar numa coisa ou pegar noutra. Então peguei no balneário, passei a taberna.

DR – O que é que fazia no balneário?

C – Hã... montava barracas para as pessoas que iam para a praia e toldos e... restaurante, fazia restauração também, comida para as pessoas que passavam, churrascos, sardinhas assadas e feijoadas, era tudo. Vendia lá tudo, fiz lá tudo, fazia ali o restaurante. Quando eu chegava tinha que lançar logo o comer e o beber. (risos) Não queria que ninguém morresse de fome. (risos)

DR – E trabalhou depois em mais algum sítio?

C – Hã?

DR – Trabalhou depois em mais algum sítio?

C – Sim então depois daí, hã, desse restaurante só trabalhava o verão, lá.

DR – Sim, sim.

C – Depois arranjei um restaurante, uma casa aqui, que era o Central.

DR – Sim.

C – Ali em cima o Central, arranjei ali aquela casa. Também a trabalhei e bem, mas fui obrigada a deixá-la porquê? Por causa da bandidagem que havia. Porque iam lá para dentro, partiam vidros, partiam garrafas, queriam comer e beber à conta! Os drogados, os bandidos.

DR – Sim, sim.

C – E faziam-nos esperas, às duas da manhã quando a gente vinha cansadinhos de trabalhar e de limpar aquela casa, pra vir descansar prás seis da manhã ir abrir novamente, faziam-nos espera para ir roubar o dinheiro. E o meu marido trazia uma pistola no bolso e ameaçava-os com a pistola. E eu então, antes que se desse uma desgraça, fiz com que ele passasse aquilo. E deixei aquilo novamente e continuámos com a casa da Costa da Caparica... e depois, hã, arranámos uma pizzaria na Baixa da Banheira. Primeiro foi restaurante e depois é que o meu filho virou para pizzaria. Ali continuei com uma pizzaria e foi bom, foi ótimo. Nessa entretempo que eu tinha a pizzaria, vendi a casa da... trespassei a casa do balneário. Porque depois começou também a vir muita bandidagem, lá na Costa da Caparica, e trespassei. Continuei então com a pizzaria. Pronto. Depois acabei por fechar a pizzaria mais tarde, porque o filho deixou-me, a nora deixou-me foi para a Irlanda, e o meu marido adoeceu nesse entretempo, eu também adoeci, tive três anos de baixa, com um esgotamento que ia ficando maluca, e então fui obrigada a fechar a casa porque não tinha quem trabalhasse

a casa, hã a pizzaria. Quando o meu marido morreu foi quando eu trespassei a pizzaria. Mas já tava fechada. É assim a minha vida. (risos)

DR – O seu... marido morreu então ainda era bastante novo.

C – Sim, tinha 63 anos. Quando ele morreu.

DR – Por acaso aquele senhor que passou nas escadas pensei que fosse o seu marido.

C – É o segundo.

DR – Ah.

C – É o meu marido segundo. (risos) Quando ele morrer vem o terceiro. (risos)

DR – (risos) Então uma pessoa tem que procurar a felicidade sempre.

C – Então eu sozinha, eu pra tar sozinha não sirvo. (risos)

DR – (momento de pausa) Hã... então como é que conheceu o seu segundo marido?

C – Oh filha! No bailarico! (risos)

DR – Então é bom.

C – No bailarico, então ia às excursões, dançar e lá o conheci. Conheci esta prenda (risos)

DR – Fez bem, é que às vezes à pessoas que ficam viúvas e então ficam em casa a lamentarem-se pela sua sorte...

C – ...ah lamentar para quê? Ele morreu sê honrado. Morreu, morreu, então e se fosse eu? Ele também ficava aí a lamentar-se?

DR – Pois.

C – Arranjava outra logo! Não, não, não, não, não sou desse tempo, por isso é que eu digo eu evolui um bocadinho no tempo, não senhor, é assim Deus entendeu eu deveria ir ele na frente. Deus levou-o, não tenho culpa. Eu fiz o que me era a minha obrigação, fiz o meu luto fiz tudo, enquanto foi doente e vivo estimei-o, não lhe faltou nada. Ora, eu depois fiquei foi uma dor muito grande. É assim a gente fica triste, ainda fui para a Irlanda, para poder desnortear a minha cabeça, e depois da Irlanda fui para a Inglaterra, para ao pé do outro filho, e depois na Inglaterra ainda lá trabalhei num lar de idosos. Porque eu já não queria vir para aqui. Ainda lá andei a trabalhar num lar de idosos e depois é que “ah então tou aqui a trabalhar pra os ingleses vou masé para a minha terra

pra minha casa, vou trabalhar pra minha terra!” e vim-me embora. E cá, arranjei trabalho, primeiro trabalhei na casa de uma, de uma mulher a dias, uma casa de uma médica, da Dra. Isabel Madaleno. Mas depois não gostei do, do ambiente deixei. E pedi trabalho na Misericórdia do Barreiro e fui trabalhar para a Misericórdia do Barreiro. E daí é que eu me reformei, da casa da Misericórdia. (pausa) Isto é um passado grande, oh a minha vida dava um livro, não tenho é paciência para o escrever. (risos)

DR – Então como é que foi o seu relacionamento com as pessoas quando veio para cá?

C – Foi bom, eu dei-me bem com toda a gente. Sempre. Pode haver um desentendimento às vezes, hã... epá, mas eu não tenho ódio a ninguém, não tenho raiva a ninguém, eu quero que toda a gente seja feliz, eu quero, dou-me bem com toda a gente.

DR – Estava a perguntar porque há pessoas que quando vieram para cá disseram logo que chamaram retornados e isso tudo, e...

C – Não, não, não, não. A gente foi, por muitas pessoas desta zona né, o nós vestirmos umas calças era uma ofensa, o nós pormos um batom era uma ofensa. O nós pintarmos o cabelo era uma ofensa. Porque elas não estavam habituadas à vida que a gente trouxe do ultramar, né mas foi uma ofensa tão grande que elas hoje usam batom, usam pinturas, usam calças, usam minissaia. Agora usam tudo, tá a ver?

DR – Pois.

C – Evoluíram. Portanto (risos), é isso que eu digo.

DR – E... com as pessoas que trabalhava, tinha alguém que vinha de Angola ou eram quase todas de cá? Ao longo dos seus trabalhos que teve

C – Não, trabalhava com pessoas de cá e pessoas que vieram de Angola, sim. Sim, sim. Por acaso as pessoas foram todas à luta, a maioria de Angola vinha toda habituada a trabalhar. Foi tudo à luta, eu penso que sim. Foi tudo à luta, agora as que tavam cá os maridos é que trabalhavam para elas, a maioria.

DR – Pois.

C – A maioria era. Eu vi poucas mulheres aqui a trabalhar em fábricas, pouco mais. Porque de resto os maridos é que trabalhavam, elas eram as donas de casa. É verdade. Mas relacionava bem com todas, as pessoas que cá viviam e praticamente são as que cá vivem, que ainda não morreram. E depois dou-me bem com elas todas.

DR – Então qual foi a maior diferença sentida entre a vida que tinha em Angola e a vida que tinha em Portugal?

C – Oh filha quer dizer, nós temos que nos habituar àquilo que temos.

DR – Sim.

C – Portanto eu em Angola tinha uma vida linda, uma vida estável, pronto, antes da guerra e tive a vida, a infância que te contei que também não posso, foi maravilhosa. A vinda para Portugal...a gente chega leva um embate, grande. Agora onde é que me vou agarrar? Do que é que eu vou viver, do que é que eu vou sobreviver, né, foi uma luta constante. Graças a deus conseguimos encaixar bem os trabalhos, e começámos a lutar pelo trabalho e começámos a viver o dia-a-dia e começámos a comer e a beber e a... e pronto, habituei-me rápido. Habituei-me. Hã...não estranho, às vezes já cheguei a dizer “Ora bendita a hora que vim de Angola pra Portugal”. Eu tou bem, também não tou mal. Pronto. Também não tou mal. Tenho saúde, tenho de comer, tou bem pronto. Acomodo-me com pouca coisa, não com muitos luxos, mas também, tudo me serve. Portanto...

DR – E gosta de viver neste bairro?

C – Que remédio. Comprei a porcaria da casa aqui que remédio tenho eu. Se eu pudesse já não vivia aqui há muito tempo. Eu mais dia menos dia devo fugir daqui. Deus me livre, isto é um “badangue”. Não, sou sincera. Não é contra as pessoas, não é contra ninguém. Tou farta de viver aqui! Eu sou daquelas galinhas que gosto de saltar de poleiro, não gosto de tar aqui. Eu ando a ver se vejo...tou farta de correr, a ver se vejo um cantinho que me agrada, uma casinha térrea com quintal, com um jardim à frente, que é para eu poder cultivar, para eu poder ter galinhas para eu poder fazer chouriços para eu poder fazer alheiras, ainda agora fui para a minha sobrinha fazer alheiras e fazer chouriços. Tive a fazer com a minha sobrinha, que ela tem um terreno, tá lá a viver a minha Beth, tem lá um terreno e então a gente junta-se e faz as nossas chouriças e as nossas alheiras, oh cada barrigada que até andas de lado. Gosto da vida de campo, gosto. E queria assim uma casinha térrea mas, só se for assim muito, que mexa mesmo o olho é que eu mudo, vá. Mas ando sempre a ver. Pra sair daqui. Ou que venda esta ou que alugue saio daqui.

DR – Pois porque este bairro é... maior parte das pessoas que tão, não sei se as pessoas que tão cá se são das ex-colónias, mas na altura eram...

C – Muitas ainda aqui não, da ex-colónias não é, mas também muita malta de cá. Olha este bloco aqui é tudo malta de cá. Já morreu muita malta. Já veio muita malta de fora daqui, já não é como antigamente.

DR – Então na altura muita gente que ocupou as casas tenha vindo de Angola...

C – Do ultramar. Ocupado quase tudo pelo ultramar e malta de cá que viviam nas casitas, nessas barraquitas e então ocuparam também.

DR – Então construíram mesmo o bairro para vocês, para as pessoas que tinham vindo do ultramar?

C – Não. Este bairro estava construído para a pide.

DR – Ai era para a pide?

C – Que segundo me disseram...diziam. Era pra pide. Por isso é que as pedras são duras como o raio que as parta, ia dizer outra coisa mas tá bem. Mas são duras. Hã...diz-se que foi construído para a pide mas depois os retornados não tinham onde se meter e enfiaram-se aqui dentro. Não tinha janelas, não havia portas, não havia sanita prá gente se sentar, só havia o buraco! Não havia água, não havia luz e olha, e cá estivemos, e cá se foi arranjando tudo.

DR – Então o Estado deu muita ajuda na altura ou nem por isso?

C – Ah, não.

DR – Só mesmo aquela instituição que era o IARN?

C – O IARN sim, a mim deu-me um subsidiuzito, que era... quanto é que era? 12 euros por mês. Deu-me um subsidiuzito que era 12 euros por mês, ainda entrou nesses cinco anitos nos descontos da reforma. Hã... e pronto quando a gente precisava de ir trocar dinheiro ela por ela o meu marido foi lá chegar a trocar, quando viemos no princípio. Depois nunca mais dão nada. Não...depois a gente começou a fazer vida e também já não foi...porque a maior rebaixessa para nós, pra muitos, há muita gente que não, mas eu e o meu marido, eu sentia-me vergonha de ir pedir. Eu preferia dar-me ao coiro a trabalhar para não pedir nada a ninguém. E nós vínhamos com esse orgulho de Angola, a maioria vinha com aquele orgulho, aquela vaidade. Meu Deus nunca precisamos de ninguém e agora temos que andar a mendigar? Vamos à luta!

DR – Pois.

C – E assim foi. Sempre fui á luta.

DR – E já agora, de Angola conseguiu trazer alguma coisa de lá?

C – Os filhos, o marido às costas.

DR – Sim, mas de bens materiais conseguiu trazer alguma coisa?

C – Nada, um carro apenas, depois de ser roubada e saqueada de tudo...nem uma toalha para me limpar eu trouxe de lá. Nada. Hã...um carrito, porque o meu irmão era polícia e tinha direito a despachar o carro e ele não queria o carro, então eu comprei-lhe o carro ao meu irmão e o meu irmão despachou para cá. E foi esse carro que veio. Mais nada.
(pausa)

DR – E entretanto atualmente está casada com este senhor, tem quatro filhos...

C – Não estou casada, estou junta.

DR – Sim, junta. Atualmente, é... quer dizer....

C – ...é uma companhia...

DR – ...é praticamente a mesma coisa. E tem netos?

C – Tenho. Tenho duas netas e um neto. E vou ser bisa.

DR – Ai é?

C – Vou ser bisa da minha Melissa. (risos)

DR – Este ano?

C – Sim, se Deus quiser. Já só vou ao nascimento.

DR – Menino ou menina?

C – Ainda não se sabe, vai agora fazer uma ecografia aos cinco meses, vai agora fazer cinco meses dia...dia 12 de fevereiro, e dia 22 vais fazer a ecografia e ela já fez duas ecografias e não deixou ver nada. Eu estou convencida que é uma menina.

DR – Ainda é nova para ser bisavó.

C – Eu? Não, não, já estou velhota.

DR – Então nasceu em que ano?

C – Eu nasci em agosto de 1948. Tenho sessenta e sete anos.

DR – Não parece.

C – Tenho sessenta e sete anos. E a minha neta tem vinte e quatro. Vai agora ser mãezinha.

DR – Bem, obrigada.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 2 – MIGUEL

DR – Boa tarde sou aluna do 2º ano de mestrado do curso de Educação Social da Universidade do Algarve, e estou aqui com o propósito de recolher informação sobre a sua vida em Angola, a fim de praticarmos a entrevista no âmbito da dissertação. Como é que se chama?

M – Chamo-me Miguel.

DR – Onde é que nasceu?

M – Nasci na cidade de São Paulo da Assunção de Luanda... descoberta por Diogo Cão e reconquistada aos holandeses por Salvador Correia de Saibravides. Nasci no hospital Maria Pia em Luanda. Devo o meu nome ao meu avô que exigiu que eu fosse Manecas. Aos trinta e cinco anos de idade tive que vir para Portugal por força de uma descolonização que foi feita mas que eu não vou entrar no campo político porque não me interessa. Hã... quem viveu em Portug... em Angola como eu vivi, eu vim para Portugal com a mesma coisa que sair do paraíso e vir para o inferno. O clima...foi a coisa que a gente mais estranhou, foi a coisa que menos gostamos, porque...não estávamos habilitados com roupa e apetrechos necessários a quem vinha, e regressou, por exemplo, em novembro de 75. Fui forçado a regressar porque tive que mandar a mulher e os miúdos à frente, porque a filha já era crescida, e os movimentos passavam ali muito e gabavam muito a miúda. Pronto. Acontece que...por causa disso acabei por ir mais depressa do que eu contava porque o cargo que eu tinha era de...de...preservar. Vim para Portugal, reformei-me da função pública, e como eu disse atrás... nasci em 40 sobre a régide da bandeira portuguesa, e quando quis requer a reforma a que tinha direito...tive que me naturalizar português (risos). É como agora, estou reformado e estou a descontar para a reforma, (risos) por isso não posso perceber. Mas não interessa. Adiante.

DR – Então e voltando um bocadinho atrás, nasceu, disse-me naquela altura, e com quem é que vivia?

M – Sempre com os meus pais.

DR – Sim. E com irmãos também?

M – Com dois irmãos. Uma rapariga e um rapaz.

DR – Como é que era o relacionamento com os seus pais?

M – Hã, eu praticamente... quer dizer era um relacionamento...normal. Normalíssimo, se a vida, se houvesse dinheiro era boa, se não houvesse dinheiro naqueles tempos a vida não podia ser boa. Comecei a trabalhar muito cedo...

DR – Com que idade?

M – Aos treze anos. Já era cobrador de autocarros, fazia a viagem Lobito-Benguela.

DR – Sim.

M – Depois fui trabalhar para o bar, gostei imenso. Era uma maravilha. Era um bar que estava aberto vinte e quatro horas aberto por dia. Eu entrava às sete da manhã e saía à uma da madrugada. Era o único empregado que tinha direito a pequeno-almoço e a ceia. Ia abrir o café, eu naquela idade talvez já teria uns quinze anos, eu e que ia abrir o café, porque o pessoal da noite saía e eu ia abrir a parte que me dizia respeito e o guarda noturno ia tomar a primeira bica do dia, para vigiar se estava tudo ok. Depois vim para Luanda e ingressei...para funcionário público...até o regresso, até a vinda para Portugal. Eu não sou retornado, posso quanto muito exilado político. Casei-me, dois filhos, hã...os nossos aquecedores aqui, quando me referia ao clima...

DR – Sim.

M – Era um fogareiro com carvão debaixo da mesa para aquecer os pés, porque nós não tínhamos nada. Da Cruz Vermelha não recebemos nada, nem um tostão. Hã...a Cáritas é que nos deu uns cobertores, aqueles cobertores da tropa, que era para fazer de alcatifas para o chão não ser tão frio. E pronto, assim se...se foi realizando, a vida foi passando, e hoje só queremos uma velhice tranquila se deixarem.

DR – Pois claro.

M – Sim.

DR – Então voltando um bocadinho atrás. Qual é que era a profissão dos seus pais?

M – O meu pai era funcionário público e era servilheiro mecânico nas horas vagas.

DR – Sim.

M – A minha mãe era doméstica.

DR – Hã... como é que era a situação financeira da sua família nessa altura?

M – Hã...a situação financeira nessa altura da parte materna era muito boa. Da parte paterna não sei porque nunca os conheci.

DR – Pois.

M – Nem o avô, nem a avó, não os conheci ninguém da parte paterna, não sei se viveriam bem, se viveriam mal. Ou assim, assim. Mas o que é certo é que a parte materna, sim senhora viviam bem.

DR – Então o seu avô, que queria que você tivesse o nome dele, é da parte da sua mãe?

M – Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim. O meu avô materno.

DR – E como é que era a sua rotina familiar, lembra-se como é que era?

M – Oh, lembro-me...era sair de manhã para entrar às oito na escola.

DR – Sim.

M – Sair ao meio-dia, entrar às duas, sair às seis. Como eu gostava muito do futebol... tinha que ir para o explicador para não jogar à bola.

DR – (risos).

M – Ia para o explicador, até... às oito.

DR – Sim.

M – Depois ainda tinha que aturar o meu pai com mais explicações até às dez da noite. Quando chegava à cama, tá quieta, aquilo nem...nem era preciso despir, era só deitar (risos).

DR – Hum, hum. E nessa altura tinha...tinha amigos? Eles viviam perto de si?

M – Oh, muitos. Naquele tempo éramos mesmo amigos, porque...eu estudei na Escola Comercial.

DR – Sim.

M – E... havia o Liceu. E havia muita rivalidade, na parte... sobretudo na parte desportiva. Não era nada de “inimizades”, nem nada, era só na parte desportiva, ver quem fazia mais e quem fazia melhor. Se o Liceu fazia uma coisa, o...a malta do curso Comercial também tinha que tentar fazer ainda melhor. Os professores eram fantásticos...hã... a gente dizia para o professor de matemática que também era o professor de físico-química e dizíamos assim “Senhor engenheiro. Você tem uma

cultura tremenda. Como é que nós podemos ter uma cultura igual à sua?” E ele diz assim “Leiam os jornais. Vocês têm que ler todos os dias os jornais”. E então nós íamos para as mercearias pedir emprestado aqueles bocados de jornais que embrulhavam o sabão.

DR – Sim.

M – Embrulhavam o sabão em jornais para vender ao público. E nós líamos esses bocaditos porque era assim que nós conseguíamos saber notícias para ter a tal cultura que o nosso professor dizia (pausa). Líamos muita banda desenhada, o Mundo das Aventuras, Cavaleiro Andante, que pena que isso tenha acabado, isso é que era uma verdadeira cultura. Coleção Manecas... aqui não vale a pena comprar jornais, é cada erro, de deitar as mãos à cabeça, erros gramaticais que não se admite.

DR – E...quais é que eram as brincadeiras no recreio da escola?

M – Eram jogos.

DR – Lembra-se do tipo de jogos que faziam?

M – Hã... era a macaca.

DR – Sim.

M – Era a bota. Hã... não, quer dizer, não consigo explicar, porque era... era a cabra cega.

DR – Hum,hum.

M – Era o jogo do lenço... Hã... epá, poderia haver mais jogos, mas assim também já vai muito ano....

DR – Pois.

M – Já vai muito ano... saltar à corda, por exemplo. Hã... mais... não sei, não me recordo de mais.

DR – Qual é que foi o melhor momento da sua infância?

M – O melhor momento da minha infância talvez tenha sido...não digo infância porque na infância há vários momentos bons e vários momentos maus, eu digo a adolescência, foi ter ido para Luanda. Eu estava no Lobito, vim para Luanda, deixei os meus pais... deixei os meus pais e vim trabalhar o... para Luanda porque a minha avó arranjou-me um emprego no estado.

DR – Sim.

M – Porque...a minha família...materna era muito influente em Luanda, muito influente. Tinha muita, digamos, muita...hã...muito conhecimento e era muito considerada. E então, dá-lhe a cunha e arranjei um emprego no estado.

DR – Hum, hum.

M – Depois foi só trabalhar e progredir na vida. Até encontrar... uma rapariga, olha... que foi na minha conversa e olha, hoje ainda estamos juntos passados cinquenta e...e...cinco anos.

DR – Então e a sua família tinha alguma religião?

M – Católica, sempre católica.

DR – E frequen...hã quando era pequeno frequentava a catequese e a missa?

M – Oh tudo, tudo Até ajudei na missa. Só não fui para padre porque não calhou.

DR – Ainda bem que não foi para padre.

M – Ia para o seminário em Cabinda, ia para o seminário em Cabinda ajudar os moços a...nas colheitas e no colher do gado para os currais.

DR – E teve, hã antes de conhecer a sua esposa teve alguma namorada?

M – Não, não, não, não, não. Eu não tinha tempo para namorar, tinha tempo para trabalhar, então entrava às sete da manhã e saía à uma, ia namorar a que horas? (risos)

DR – (risos) Pois. Então como é que conheceu a sua esposa?

M – Conheci porque...quis tirar a cédula marítima para embarcar como marinheiro. E fui falar com um familiar influente. Quando olho para a janela e vejo aquela estampa, desisti. Desisti, voltei atrás e disse “Primo, já não quero embarcar, vou embarcar noutra barco”. Pronto embarquei naquele barco, que é aquela senhora.

DR – Então e...namoraram ainda um tempo antes de casar?

M – Oh namorámos! Aí três anos, parece-me, eu não sei se foi três anos (esposa faz indicação que foram dois). Se foi três anos, se foi quatro, se foi dois, não sei.

DR – Pronto parece uma vida inteira não é?

M – E conhecia no dia... não foi no dia da mulher, no dia internacional da mulher, foi no dia a seguir, 9 de março. 9 de março, foi o dia que eu a conheci de 1958. Vê lá, 58. Há quanto tempo.

DR – Pois foi. E então depois tiveram filhos. Nasceram em Angola ou nasceram em Portugal?

M – Nasceram em Angola.

DR – Em que cidade?

M – Luanda.

DR – Então como é quer era... lembra-se da sua casa em Lobito como era?

M – Na minha casa no Lobito na altura só havia vivendas, não havia apartamentos, era uma vivenda normal, com...corredor, era quarto de um lado, quarto do outro, depois havia o quintal e as capoeiras. Porque nós não nos podíamos dar ao luxo de ir aos supermercados porque não havia. Então ovos, criação, era tudo das capoeiras.

DR – Hum, hum.

M – Tínhamos ovos, tínhamos... tínhamos um bom churrasco porque as aves eram criadas por nosso, por nosso cuidado e carinho, não havia cá nada de...hã, de coiso de...desses produtos novos que dão agora aos animais, para...para reproduzirem mais depressa... enfim, tínhamos muitos, tínhamos muita, graças a Deus que tínhamos muita fartura... Nunca, nunca comeste uma maçaroca ainda em rede?

DR – Não... ai, não, já, já.

M – A gente passava, passava pelas plantações, tirava uma maçaroca, descascávamos o...a maçaroca e comíamos aquilo cru com...o leite ainda do milho que não estava criado.

DR – Pois assim nunca provei.

M – Oh maravilha. Maravilha.

DR – Então...

M – ...vivi a vida em jovem, vivi a vida em adolescente também.

DR – Então e depois a sua casa, foi do Lobito para Luanda como era a casa que ficou em Luanda?

M – Foi a casa dos meus avós até casar.

DR – E como é que era essa casa?

M – A casa era, a casa era...uma casa normal, um grande quintal, nesse quintal moravam ali várias casas, umas mais pequenas, outras maiores e...viviavam lá várias pessoas, dava-se tudo bem desde pedreiros a pianistas, a enfermeiros, a funcionários públicos e à noite fechava-se o portão e pronto, quem quisesse entrar à noite tinha a chave e não tínhamos problemas nenhuns.

DR – Isso era bom.

M – E ainda se dormia de janela aberta.

DR – Pois.

M – Dormia-se de janela aberta para entrar o fresquinho. Porque nós tínhamos mosquiteiros, muita gente hoje em dia não sabe o que é o mosquiteiro, era para evitar o mosquito, era uma rede muito fina em tule, que era numa armação para nos proteger dos mosquitos.

DR – E depois quando casou como é que era a casa onde morou em Luanda?

M – A casa onde morei em Luanda já era um apartamento, era uma casa bonita, eu gostava muito tinha sol todo...todo o dia, e depois mudámos para uns anexos que foram feitos por nós no quintal da casa dos meus sogros. Pois ajudei e para dar valor àquele terreno que estava ali e não servia de nada vivemos ali muitos anos até...até comprarmos casa.

DR – Hum, hum.

M – Comprámos casa e depois... (pausa)

DR – E como é que era o Lobito nessa altura?

M – Era...o Lobito naquela altura era uma cidade maravilhosa. Tinha... a minha adolescência foi lá vivida e...e tinha uma vida de liberdade, pronto, os meus pais pra mim assim que eu comecei aa trabalhar, porque eu tirava quarenta angolares de gorjeta! Por dia, naquela altura. Ora isto em 1955! Eu tirava quarenta escudos de gorjeta. Comprava o meu livro, os meus livros, os livros da leitura, do Cavaleiro Andante, os meus cigarros, ainda dava algum ao meu irmão. O mais novo, para ele comprar as guloseimas que ele precisava ou que ele gostava. (pausa) Agora Cabinda foi a cidade mais bonita que eu conheci em Angola, a coisa mais maravilhosa, Cabinda.

DR – E morou lá?

M – Morei lá.

DR – Já casado?

M – Não, não.

DR – Solteiro?

M – Solteiro. Na adolescência. Cabinda maravilhoso.

DR – Qual era o seu sítio preferido da cidade?

M – Hã?

DR – Qual era o sítio preferido da cidade?

M – De Cabinda?

DR – Sim, do sítio que gostava mais.

M – De Cabinda era...era de tudo. Não posso dizer isto, aquilo ou aculoutro. Gostava de tudo, gostava de tudo, Cabinda era no seu todo...

DR – E Luanda? Gostava de...

M – ...Luanda era a minha terra, era praia de manhã, de noite?

DR – Era?

M – Era. Fim-de-semana. Lá se comprava um quilo de camarão, comprava-se um balde de camarão, não se comprava búzios ao quilo, era...eram aos baldes, cozia-se, levava-se para a praia, comia-se. Há noite íamos pós caranguejos, cozíamos, levávamos a noite toda a comer caranguejos. É por isso, vim para Portugal...

DR – Pois, é diferente.

M – Foi o maior castigo. Mas...está bem, a seu dono, aquilo era deles, aquilo era deles e...e deles ficará.

DR – Pois.

M – É assim, nós não pudemos dizer nada...eu se não fosse a família, os filhos...eu não tinha vindo.

DR – Hum, hum.

M – Mas eu despedi-me. Quando vinha do...avião levantou, eu olhei e disse “Adeus Luanda, até nunca mais...” (emocionado) E agora? E agora, fazer uma viagem de comboio, num comboio que saía sexta-feira do Lobito, até Vila Teixeira de Sousa, na fronteira do Congo belga, que depois mudava porque...nós tínhamos o...a linha de caminho-de-ferro a via larga, a do Congo belga era reduzida, então tinha-se que mudar, os passageiros tinham que mudar, e o comboio ia até Leopoldo Ville, era quase uma semana a viajar.

DR – Bem...

M – Comparado a isso, só o transiberiano, só o transiberiano pode ser comparado.

DR – O que é o transiberiano?

M – Não, o transiberiano é o comboio que sai da...da Rússia...

DR – Ah!

M – ...que vai à fronteira da...de uma cidade qualquer da China.

DR – Hum, hum.

M – Transiberiano.

DR – Pois, porque Angola nessa altura, quer dizer, Angola é um país grande.

M – A gente passava o comboio na...na região que produzia laranja, ofereciam laranjas.

DR – Hum, hum.

M – Na região...que forneciam...hum...café, ofereciam café aos passageiros.

DR – Isso é muito bom.

M – O meu filho...o meu filho mais velho ia comigo à praça, naquela altura havia uma crise de carne, e nós tínhamos que...comer, tínhamos que levantar às cinco da manhã pra tar lá no talho. Porque o talho abria às cinco, e passado uma hora já não havia carne! Eu abastecia-me de carne, deixava o miúdo, que era pequenito, na pastelaria, e dizia ao proprietário “Quero um bife com batata frita e ovo estrelado e um sumo”. Às seis da manhã. E ele...era o matabicho dele. Aqui, em Nisa, às dez da manhã, quis uma bifana, porque fomos numa excursão...não senhor, serviço de cozinha ainda não está aberto.

DR – Pois.

M – E claro, fomos...chegámos a Portugal, fomo-nos habituando, ora a idade não perdoa...as doenças também não...e...não vale a pena falar em doenças, a gente tem que falar em coisas alegres e coisas bonitas. Vai-se vivendo, até Deus querer. Quando Deus não quiser, olhe...

DR – Pois.

M – ...fecha a corda. E nós vamos para outro lado...

DR – Então e voltando um bocadinho atrás, quando já era casado com os seus filhos, hã...chegaram a tirar férias em família? Iam a algum sítio em especial?

M – Oh muito. Nós em Luanda fazíamos cerca de três mil quilómetros em férias. Saíamos de Luanda.

DR – Sim.

M – Íamos a Sá da Bandeira. As íamos por Benguela e Lobito. Depois voltávamos...

DR – De carro ou...

M – ...carro, carro. A gasolina era barata!

DR – Sim.

M – A gasolina era barata.

DR – Então ia de Luanda, passava...

M – Íamos por Luanda, íamos por...hã, eu não posso mencionar os nomes, mas depois íamos por...Novo Redondo, Lobito, hã...Lobito, Novo Redondo, Benguela, Novo Redondo.

DR – Hum, hum.

M – Depois era uma estrada que não era asfaltada, que ia dar à Cagonda.

DR – Sim.

M – Depois chegávamos a Sá da Bandeira. Depois Sá da Bandeira, estávamos lá uns dias, regressávamos por...por Nova Lisboa, que já era um caminho diferente. Íamos a Malange ver as pedras negras, as pegadas da rainha Ginga...

DR – O que é que são as pegadas?

M – Hã...eram umas pegadas que haviam lá nas pedras, diziam que eram da rainha Ginga. Pronto, era um mito, que aquilo não podia ser...hã não podiam ser...pegadas, que a rainha Ginga nunca deixaria pegada em cima de um calhau!

DR – E quem é que foi a rainha Ginga já agora? Não faço ideia...

M – A rainha Ginga...

DR – Sim.

M – Isso agora para te explicar só indo...só indo à internet. Metes lá rainha Ginga.

DR – Sim.

M – A rainha Ginga dizem que era...uma soberana de...de Angola ou que reinou em Angola, posta pelos portugueses, assim como o Unguiana de Moçambique.

DR – Sim.

M – Foi a mesma coisa. O Ungiana era de Moçambique, era, era. E...e tinha, tinha a irmã, a Campu. A rainha Ginga e a Campu.

DR – Sim. E, hã...costumava ir à praia em Angola?

M – Uh!

DR – Era perto, era muito longe da sua casa, tinha que apanhar transportes para lá chegar ou ia a pé?

M – Oh, era conforme as casas onde morávamos.

DR – Sim.

M – Na praia do Bispo era só descer o morro. (risos) Estávamos...estávamos na praia. Às cinco horas íamos pá a praia, depois do jantar íamos pá praia por causa do calor...

DR – E chegou a apanhar transportes para a praia? Nas outras casas?

M – Não, não, não, não, nunca apanhámos transportes...

DR – Hum, hum.

M – ...tive sempre carro para ir para a praia.

DR – E a sua casa ficava muito longe da escola onde andava?

M – Hã...em miúdo ficava. Ficava. Ficava muito longe porque...hã...nós morávamos, tínhamos que procurar casas económicas e as casas económicas eram...afastadas do

centro da cidade. Mas depois comprei uma bicicleta, aliás ofereceram-me uma bicicleta, pronto nunca mais tive problemas.

DR – Ai isso é bom.

M – Nunca mais tive problemas de transporte.

DR – Até que ano andou na escola?

M – Fiz o curso comercial que era chamado dos antigos, era de quatro anos. Agora parece-me que são cinco. Aqui em Portugal não me quiseram considerar o curso comercial porque era de quatro anos lá, e aqui era de cinco já na altura. Como eu estudei no BIE, e o BIE estava todo destruído, eu nunca consegui arranjar uma declaração das habilitações porque...tava tudo destruído.

DR – Pois.

M – Tudo destruído. Eu ainda fui falar ao embaixador...ao consulado aqui português, mas ele disse que não valia a pena porque...tava tudo destruído, não valia a pena. Então uma certidão de casamento eu tive que pedir por intermédio do embaixador português!

DR – Pois.

M – E só assim é que me consegui naturalizar português, porque a minha mãe quando chegou a Portugal mudaram-lhe o nome. O meu pai já era falecido, eu não conhecia família nenhuma, tive que mandar vir, porque por ter casado com uma portuguesa é que eu sou português, senão não conseguia.

DR – Então... sua mãe como é que se chamava antes de vir?

M – Hã...hã....eu queria omitir o nome...

DR – Ah, tá bem.

M – ...o nome da minha mãe porque ela tá internada num centro...

DR – Está bem.

M – ...num centro de recolha de coisas, não está em condições e eu queria omitir.

DR – Está bem, não há problema. Hã...então...fez até à 4º classe e depois da 4º classe foi para o curso comercial, era assim?

M – Exatamente! Depois íamos, não fazíamos a admissão pra o liceu.

DR – Hum, hum.

M – Era a vantagem.

DR – E qual foi a profissão que aprendeu? Nesse caso?

M – Fui funcionário público 9 anos...fui bancário 14 anos, e aqui fui bancário 18 anos. Ou 16 anos...foi de 75 a 92. 17 anos.

DR – Então e como é que era a vida em Angola nessa altura? Era uma vida boa?

M – Oh, se a vida era boa...era um sonho, não nos faltava nada. Não nos faltava nada, desde a boa carne, o peixe sempre fresco, os legumes ali...o nosso mercado lá era o mercado dos Lusíadas. Chamavam o...palácio das hortaliças, porque no rés-do-chão vendiam o peixe, no 1º andar vendia-se os legumes...

DR – Hum, hum.

M – ...no 2º eram preços de revenda. Era para quem quisesse fazer negócio. Entravam os camiões dentro da própria praça. O homem que construiu o liceu nacional Salvador Correia fez uma coisa tão grande, tão grande, tão grande, que a imprensa angolana criticou. Criticou porque estavam a esbanjar os honorários públicos. Em 70, já não comportava os alunos que havia pra frequentar o liceu. Tiveram que fazer anexos pa receber os alunos. E o homem coitado...deu em doido.

DR – Pois.

M – Com as críticas que lhe fizeram. Não sei o nome dele, nem o diria se o soubesse.

DR – Hum, hum.

M – E foi assim a vida.

DR – E...nessa altura sabia...chegavam informações a Angola sobre o Estado Novo? Vocês sabiam o que era o Estado Novo...

M – Sim. Sim, sabíamos tudo, nós estávamos mais politizados do que muita gente pensa.

DR – Hum, hum. E na escola...falavam sobre os impérios coloniais dessa altura? Ou só falavam mesmo sobre Portugal?

M – Não, não...nós de...sobre o Estado não se falava nada.

DR – Hum, hum.

M – Se havia qualquer coisa a gente estava atento. Eu por exemplo fui à...fui ao comício do Humberto Delgado.

DR – Sim.

M – A gente conhecia-se todos uns aos outros. Eu sabia quem eram os agentes da pida que estavam à porta, cumprimentei e coiso. E fui ao comício, ouvimos o comício do Humberto Delgado, ninguém nos incomodou. Acabou o comício e cada um regressou às suas casas, não tivemos problemas alguns.

DR – O que...pensa sobre o império colonial em Portugal?

M – Ah, é um império...o império colonial. O império colonial sustentava Portugal.

DR – Sim.

M – Era aquilo que sustentava. Porque quando se deu o 25 de abril nós estávamos a ouvir a tentar ouvir um relato de um jogo de futebol. E um colega meu disse assim “Estamos tramados. Houve porcaria em Lisboa”. Um colega que é natural de cá!

DR – Hum, hum.

M – Que não quis vir. “Portugal vai vender a galinha dos ovos de ouro, estamos tramados. Os portugueses vão-se comer uns aos outros”. Isso palavra dele. Eu não conhecia Portugal, não sabia como era nem nada. Mas foram as palavras dele.

DR – Hum, hum. Então...portanto, a vida em Portugal...

M – Eram o patrão ali de Angola, eram os diamantes de Angola, eu assisti ao embarque do...coiso, porque eu trabalhei no comércio externo e trabalhei no comércio interno. Eu sei como é que saía o...não era a gasolina, era o full...o fuel...pra vir aqui pá refinaria. Os diamantes era um servente dos caminhos-de-ferro do porto de Luanda que trazia às costas com um agente da polícia. O ouro era de Moçambique, oh isto era uma maravilha! Era uma maravilha.

DR – Pois.

M – Muita gente diz que não mas...quem tem conhecimento como eu, que trabalhei no comércio interno e no comércio externo...

DR – Pois.

M – Eu sei que é verdade.

DR – Então...

M – Aquilo é que sustentava isto. Foi pena, é com certeza terem...o dinheiro que realizaram, quer dizer...foi pra...não foi pó progresso.

DR – Pois...Então a vida em Portugal era diferente da vida em Angola?

M – Oh...oh...numa é dia, noutra é noite. Não...não dá. Não dá, isto aqui...cuidado

DR – Então concorda com a atitude que Portugal teve neste caso?

M – Ah neste caso tinha que ter...tinha que ter porque aquilo não era nosso.

DR – Pois.

M – Nosso dos portugueses. E não era...era deles, agora a maneira como foi dada eu posso discordar.

DR – Hum, hum.

M – A maneira como foi dada é que eu posso discordar. Não vou comentar porque não sou político.

DR – Então...não sei se quer responder à próxima questão, que é qual é a sua opinião em relação à guerra colonial.

M – A guerra colonial, se...se a gente viesse a saber que ia acontecer o que aconteceu, mais-valia não ter havido. Dizíamos “tenham calma que a gente vai embora, vocês ficam”. Porque houve mortes inglórias. Houve muito bravo, muito valente, eu tenho na família, militares que acabaram por lá ficar, ficaram...a gostar mais daquilo do que da terra deles e ao fim ao cabo, se soubesse que e ia dar o que deu mais-valia não ter havido guerra colonial. (pausa) Foi...a guerra colonial deu um avanço...ai e a guerra colonial tava ganha. A guerra colonial tava ganha, isso não...não venham cá dizer que Portugal tinha perdido a guerra, não senhor. A guerra colonial tava ganha! E...o coiso, teve um avanço, teve um crescimento...do...do oito para o oitenta.

DR – Quem é que teve um crescimento?

M – Angola.

DR – Ah.

M – Nós praticamente até 61 não tínhamos...não tínhamos...estradas asfaltadas, hã...quer dizer, teve uma evolução tão grande, tão grande, tão grande, que...até a gente pode dizer: lamentando os mortos que...que houve, a guerra colonial...acabou por ser um bem pra Angola.

DR – Pois.

M – Olha vai haver agora anos que houve o movimento da...do assalto às cadeias de São Paulo, em Luanda, dia 4 de fevereiro...dia 4 de fevereiro, o assalto às...cadeias de Luanda.

DR – O que é que houve, foi em que ano?

M – Em 61.

DR – Hum, hum. Então nesse caso voltou, hã...voltou quer dizer, veio para Portugal devido à situação que se estava a passar.

M – Sim, sim, sim, sim, sim.

DR – E como é que voltou, de avião ou de barco?

M – Avião.

DR – E lembra-se de como é que foi a viagem?

M – Oh, a viagem foi a beber, beber, beber, beber, beber.

DR – Água? (sorriso)

M – (sorriso) Não, whisky.

DR – Pronto.

M – O whisky era barato a bordo dos aviões da TAP. Ah caneco, eu quando olho...e tava o...anunciar “E tudo o vento levou” eu olho e começo a ver a coisa, os atores, duas atrizes, e “Meu Deus do céu, então mas eu estou...estou a chegar a Portugal. E estou com uma bebedeiras...” porque aquilo, quer dizer a gente trazia angolares.

DR – Sim.

M – E o...no bar do aeroporto recebiam em angolares.

DR – Hum.

M – Ah era, era as garrafinhas pequeninas que tinham, era beber, beber, beber, beber, ah e comer também, também se comia.

DR – Hum. Então foi uma viagem ainda longa não?

M – Hã.....não sei se, eu já não me recordo se foram 12 horas, porque...na altura, devido ao boicote...

DR – Hum, hum.

M – ...a TAP não podia hã...sobrevoar certos países africanos. Que era pra encurtar a viagem, tinha que vir sempre pelo mar.

DR – Hum, hum.

M – E tornava a viagem mais longa. Não sei se foi 12 ou 14 horas.

DR – E lembra-se do dia em que chegou a Portugal?

M – 5 de outubro.

DR – De que ano?

M – De 75.

DR – Hã...

M – 5 de outubro.

DR – ...quando voltou a sua família voltou toda consigo? Ou alguém ficou lá? Todos os familiares...

M – Houve um cunhado.

DR – Hum, hum.

M – Que está bastante arrependido de ter regressado a Portugal.

DR – Ah ele regressou mais tarde?

M – Regressou já depois da independência...muitos anos depois!

DR – O que é que esperava encontrar em Portugal?

M – Sinceramente?

DR – Tinha alguma expectativa?

M – Não. A expectativa podia ser o futebol. Porque a gente lá nunca perdia um relato e futebol, um relato de hóquei em patins, a gente chegava, quando...quando Portugal era campeão do mundo, havia aqueles jogos de Portugal jogava sei lá atrás do sol posto, nós ouvíamos os relatos de madrugada oh...ninguém falhava.

DR – Então qual é o seu clube?

M – Não tenho. Não, não tenho clube.

DR – Hum, hum. E nessa altura tinha?

M – Hã?

DR – Nessa altura tinha?

M – Era a seleção nacional.

DR – Hum.

M – Agora o futebol não presta.

DR – Pois.

M – O futebol agora foi vendido...

DR – E já conhecia Portugal antes?

M – Já, já. Tive cá em 73 e bastante arrependido fiquei de ter ca vindo gastar dinheiro porque eu podia ter feito umas férias melhores e mais baratas. Uma viagem a São Tomé.

DR – Sim.

M – A São Tomé. Na...no avião da DTA, que era Divisão dos Transportes Aéreos, custavam um conto e quinhentos ida e volta. Mil e quinhentos angolares. Os hotéis eram baratos, era ao preço da chuva. Eu tinha uns colegas que faziam isso.

DR – E era...

M – A gente comprava uma passagem de barco, o barco passava vinha de Portugal, ou de Lisboa como queiram chamar. Vinha, parava em Luanda. A gente embarcava, tinha dormida, tinha comida, e o barco atracava sempre 24 horas numa cidade qualquer. A gente saía de manhã, ia visitar e voltava pa o barco. Comia e dormia. Três contos e trezentos. Hã, já viste? E aqui...

DR – Então...

M – ...era um dinheirão.

DR – ...quando veio a Portugal veio com a sua família passar férias?

M – Vim, vim, vim, sim senhor.

DR – E...também de avião?

M – Também de avião. Também de avião sim senhor.

DR – Se pudesse voltar para Angola, voltava?

M – Não, não. Não. Porque a gente tem uma ideia duma coisa que viveu, e que já não vive mais.

DR – Hum, hum.

M – Se é bom, se é mau não sei. Mas...não, Angola já...já ficou para trás.

DR – Então só voltava para trás se tivesse como...

M – ...não, não, não.

DR – ...antigamente

M – Não, não, não, não. Mesmo assim não, não era possível, não é possível, não é possível...

DR – Então quando chegou a Portugal foi...começou logo a trabalhar?

M – Tive um ano parado.

DR – E depois nesse caso, foi como disse ao bocado, tornou-se banqueiro nessa altura.

M – Banqueiro? Era bom, era! Bancário.

DR – Bancário.

M – (riso)

DR – Sim, desculpe. Bancário.

M – Bancário.

DR – Então foi...

M – Foi a primeira coisa que me...que me disseram quando entrei para a banca. “Nunca se esqueça senhor Manecas, nós somos banqueiros e você é um bancário”. (pausa)

DR – Hum, hum.

M – “O banco nunca pode ter prejuízo. Se o banco, se você errar e o banco tiver prejuízo, o banco paga aquilo que você fez, mas depois você paga ao banco”.

DR – Pois...

M – É verdade...

DR – Então logo ao início nós estávamos a falar de...pronto, das ajudas que o estado lhe deu que não foram nenhuma, foi só ajudas da...

M – Não, não, não, não.

DR – ...hã foram só aquelas mantas que referiu...

M – Foram as mantas que fizeram jeito.

DR – Sim.

M – Ah e um...e umas camas de encalhadas assim da tropa. Oh pá. (riso)

DR – Então...deram-lhe alguma casa?

M – Não, ocupámos esta! Esta foi ocupada pela minha mulher.

DR – Hum, hum.

M – Ocupou-a. Comprou fechadura, meteu a fechadura nova pronto. Depois foi só legalizar. Porque na altura era assim que se fazia.

DR – E já estava cá nessa altura ou ainda estava lá em Angola?

M – Não, ainda estava em Angola. Ainda estava em Angola. Isto foi tudo obra da...e génio minha mulher.

DR – Então só de curiosidade, como é que vocês conseguiam comunicar um com o outro? Era através de carta?

M – Era. Era através de carta.

DR – Ela escreveu-lhe a dizer que já tinha uma casa cá e foi por isso...

M – Exatamente.

DR – E...não sei se pode responder a isto, mas porquê que não veio logo com ela, porquê que ficou lá?

M – Porque eu tinha um bom cargo bancário, eu era o único angolano que estava a ser prejudicado por um inspetor português.

DR – Hum, hum.

M – E quando se deu o 5 de abril, alguém falou da minha relação...e eu fui promovido a subdiretor. Eu na altura estava com trinta contos. Aliás trinta mil angolares.

DR – Hum, hum.

M – E eu não ia deixar aquilo de mão beijada.

DR – Pois.

M – Na altura já chamavam escudos, não eram angolares, eram trinta mil escudos. Eu quando cheguei a Portugal e disse que ganhava...ganhava trinta mil escudos não acreditaram. Aqui comecei a ganhar sete contos e trezentos. E era bom.

DR – Pois. Então...

M – Comíamos o bofe, íamos comprar carcaça de...de galinhas, que havia um talho em Vila Chã...olha foi-se vivendo. Foi-se vivendo, foi bom. Ah, foi-se vivendo, a idade não perdoa.

DR – Então quando veio tinha dinheiro pra comer?

M – Tinha, ainda tinha uns tostãonecos. Ainda tinha uns tostanecos sim senhor.

DR – E veio sem nada, ou conseguiu trazer alguma coisa consigo?

M – Não, não, nada, nada, nada, nada, nada, nada, nada, uma mão à frente, outra atrás.

DR – Então como é que conseguiu se desenrascar?

M – É uma história longa...é longa.

DR – Tenho tempo.

M – Tenho tempo, sim senhor. (sorriso) Nós em Angola tínhamos muitos amigos, era uma amizade muito grande. E havia lá um taberneiro que telefonava “epá tenho aqui dois barris de cerveja, por isso se vocês quiserem beber...” Oh caneco, a gente saía...aquilo na altura já não era trabalhar, a gente saía às cinco horas, ele abria a porta do cavalo, nós entrávamos, e começávamos a beber. E perguntávamos assim “Oh Fonseca, não há nada pra acompanhar não?” Eu olhei pra prateleira e vi lá as caixas de pastilhas. E disse “olha dá-me ali duas pastilhas”. E pego na pastilha e cerveja, pastilhas e cerveja. E de repente deu-me cá uma coisa. Comecei a contar, uma, duas, três, quatro, cinco...dez caixas de pastilha. “Fonseca, dê-me as dez caixas”. E trouxe as dez caixas de pastilhas no avião pa Portugal.

DR – Hum, hum.

M – Dei cinco há minha filha e dei cinco ao meu filho. E disse ao meu filho “Ouve lá, em vez de andares aí a mastigar pastilhas, a dar cabo dos dentes”, porque eram fabricadas em Angola essas pastilhas, “tu vais ali, tem ali uns banquinhos, pões a caixinha, um escudo cada uma e tu vendes”. Num dia vendeu as cinco caixas. A cem, a cem...pastilhas cada caixa vê quanto é que ele fez, fez logo quinhentos escudos. E eu disse “falas com a tua irmã, e compra, pede a ela pra fazer um descontozinho pra tu

ganhares algum...e ele chegou, no dia seguinte tinha um monte de dinheiro. E diz ele “vou passear para Lisboa vou estourar este dinheiro”. Mas o homem pensa mas Deus dá a volta. E foi ter à casa de uma tia que conhecia um fabricante desses brindes que se vendem aí que são os furos, os sorteiros...

DR – Sim.

M – ...os cromos da bola...

DR – Hum, hum.

M – E ele vem carregado, quer dizer os oitocentos escudos ou novecentos que ele levava não chegou pa pagar, ainda ficou a dever ao homem. Mas veio carregado e eu disse “Oh meu Deus eu tou desempregado e tu foste fazer despesa?” Bem, aqui há entrada da...da escada, montámos um balcão, era vender pastilhas, era vender cromos, era vender furos, era vender isto, era vender aquilo...mas sempre com seriedade.

DR – Hum, hum.

M – A bola saiu sempre, porque havia aí muitos indivíduos que a bola saía à casa. Não senhor. Quem levasse os últimos cromos tinha direito à bola e levava a bola. Hã...compra aqui, compra ali, compra acolá, e isto, e o dinheiro foi sempre...estás a ver eu ganhava sete contos e duzentos, comprei uma mobília a pagar sete contos e quinhentos por mês!

DR – Pois.

M – Depois um indivíduo da Baixa da Banheira, fez-me uma barraquita de madeira.

DR – Hum, hum.

M – E era lá que eu guardava as coisas. Um dia assaltaram-me, porque eu também vendia tabaco. Assaltaram-me e roubaram-me o tabaco. Eu passei a dormir lá. Comprámos um aquecedor, e eu passei a dormir lá, pra defender aquilo que era meu, pra não estar a trazer pra cá.

DR – Hum, hum.

M – E...mudando de sítio, não sei quê, depois apresentaram-me um indivíduo que vendia loiça, tinha um armazém de loiça, e olha foi assim que fui vivendo, ou que fomos vivendo, até ir trabalhar para o banco.

DR – Hum, hum.

M – Quando fui trabalhar para o banco trespassei a casa.

DR – Pois.

M – Tive muita ajuda da família, da minha mulher sobretudo e dos meus filhos...

DR – Então...como é que foi o seu relacionamento com as pessoas quando veio para cá?

M – Não, o meu relacionamento foi do...do piorio, porque o nosso regime faziam um “R” na testa.

DR – Pois.

M – Faziam um “R”, um “R” na testa. Éramos os retornados, “vai pá tua terra, porque lá andavas a roubar aos pretos e não vais roubar aos brancos”. Eu vi cenas caricatas, nós lá estávamos habituados a trabalhar à vontade, aqui quando estava frio nós almoçávamos mesmo em frente, que era de pé, comíamos de pé e voltava para o banco, começava a trabalhar na máquina de...de somar. Começavam logo as piadas “pois, estás a agarrar isto, a dar graxa para aproveitar a promoção. Já queres a promoção, ainda agora chegastes. Já estás a roubar o lugar...” Há um português...eu não, a gente não respondia porque não valia a pena, mas havia gajos, havia colegas que se zangavam e...mas não, não, eu não me zangava. Vi cenas caricatas, na Praça do Comércio havia um parque de estacionamento, aqui há muitos anos.

DR – Sim.

M – E um português de Portugal quis obrigar um retornado a tirar o carro porque aquele era o lugar dele, que ele estava habituado! O retornado tinha ido levantar o carro, ainda trazia a matrícula de Angola, e viu aquele lugar vago e meteu! Depois ele queria obrigar o retornado, e o retornado ia tirar. Se não aparecessem outros retornados, com uns cacetes, e o português de Portugal teve que...fugir, aquilo não sei...chovia “stickada”. (risos) Chovia “stickada”. Mas claro que o tempo tudo cura.

DR – Hum, hum.

M – O tempo tudo esquece, hoje já não se fala em retornados, já não se fala nada, somos todos amigos. É só o futebol, discute-se futebol, ameaçasse com o futebol, bate-se por causa do futebol, não tenho...não tenho clube.

DR – E fez alguma amizade quando veio pra cá?

M – Se?

DR – Fez alguma amizade quando veio para cá?

M – Não, assim amizade, amizade...

DR – Mais em Angola?

M – Sim, em Angola tínhamos amizade que aquilo era mesmo chamado amigo do peito. Aqui não. Lá se fosse...preciso, “epá, empresta-me aí vinte escudos que eu amanhã...ou no fim-de-semana dou-te”, era logo. Aqui não.

DR – Então, dessa altura em Angola tem contato com alguma pessoa que era sua amiga?

M – Não, o contatos, quer dizer...fazem-se quando há reuniões dos grupos que trabalharam em determinado sítio e reúnem-se no Pombal, reúnem-se no Algarve...e é aquele convívio, ainda fui duas vezes.

DR – Hum, hum.

M – Ou três. Com a minha mulher. Mas depois, só os novos é que apareciam porque os velhotes coitados ou eram doentes, ou já tinham falecido, e não...

DR – Pois.

M – ...e não apareciam. E como não apareciam a gente praticamente não tínhamos assim grande relacionamento.

DR – Pois, hoje em dia é que é mais fácil, né, com a internet e isso tudo, as pessoas têm mais contato, antigamente era mais por telefone, carta...

M – Sim, nós tínhamos telefone e...também quer dizer não tínhamos o telemóvel mas não tínhamos problemas.

DR – Pois.

M – Mas tínhamos telefone e falava-se mais por telefone.

DR – Então, hã...depois já aqui em Portugal, no seu trabalho, hã...os seus colegas eram de Angola ou eram portugueses?

M – Portugueses de Portugal e também havia os retornados.

DR – Hum, hum.

M – Os retornados.

DR – Lembra-se do seu primeiro dia de trabalho? (pausa) Como é que correu? Correu bem, nem por isso...

M – No meu primeiro dia de trabalho apresentei-me na...na secção de pessoal.

DR – Hum, hum.

M – E deram-me à escolha de quatro sítio pra ir. Eu como havia um sítio que eu nunca havia trabalhado, escolhi esse sítio, e até porque era o mais perto da estação dos barcos. Eu tinha que ir de barco.

DR – Sim.

M – Tinha que ir de barco e aquilo ficava logo ali na baixa.

DR – Então como é que era, acordava de manhã e tinha que ir de autocarro até ao barco?

M – Acordava às cinco menos dez.

DR – Sim.

M – Tinha que ir a Vila Chã apanhar o autocarro.

DR – Ia a pé até Vilã Chã.

M – Exatamente. À chuva. Depois apanhava o barco, depois vinha a pé.

DR – Sim.

M – Era assim.

DR – E saía do trabalho a que horas, mais ou menos?

M – Cinco, seis horas.

DR – E lembra-se mais ou menos a que horas conseguia chegar cá?

M – Era duas horas de transporte. (pausa) Transporte quer dizer, deslocação.

DR – Sim, sim.

M – Era a pé.

DR – Pois, e de autocarro e barco. Hã, qual é que foi a maior diferença sentida entre a vida que tinha em Angola e a vida que tem em Portugal? Qual é a maior diferença para si?

M – É o clima. É o...foi o clima. Para mim acho que foi o clima. Aqui uma pessoa tem roupa a montes. Lá era uma camisinha e chegava.

DR – Pois.

M – E uma “javecazita” no tempo do cacimbo e...oh, e chegava. Nem era preciso botas, aqui tem que ser botas, têm que ser forradas, olhe, para ficar quente (mostra as botas) pus cortiça.

DR – Hum, hum. Pois, assim tem os pés quentes.

M – Fica o pé mais quentinho.

DR – E...

M – Então é isto.

DR – ...só uma última pergunta. Gosta de viver neste bairro?

M – Sim, a gente acaba por...o bairro é sossegado, o bairro é misto, há...há todos os credos, todas as raças, mas temos noites tranquilas, não há...não há barulhos, não há...guerras, não há...lutas, não há nada. De resto...ao fim ao cabo, hã...bairros são todos bons consoante as pessoas que lá vivem.

DR – Sim.

M – Porque uma pessoa pode viver num...num bairro de luxo e se encontrar uma ovelha ranhosa ou qualquer problema.

DR – Claro.

M – Não, isto aqui é sossegado e estamos contentes, ainda no outro dia, não podemos mudar com a idade que a gente tem...

DR – Sim. Quer-me contar mais alguma coisa ou...

M – Não, está tudo dito, praticamente.

DR – Está bem.

M – Isto agora é deixar passar o tempo, a idade não perdoa, as doenças também não, e cá se vai vivendo.

DR – Tá bem. Então muito obrigada pela sua entrevista.

M – De nada, sempre às ordens minha senhora. Muito boa tarde.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº3 – CARLOS

DR – Boa tarde sou aluna do 2º ano de mestrado do curso de Educação Social da Universidade do Algarve, e estou aqui com o propósito de recolher informação sobre a sua vida em Angola, a fim de praticarmos a entrevista no âmbito da dissertação.

C – Correto. Faça favor, quando estiver disponível e queira, comece as suas perguntas.

DR – Sim. Hã...onde é que nasceu?

C – Eu sou natural de Guimarães, nasci cá em Portugal, muito pequeno eu fui para Angola.

DR – Hum, hum.

S – Onde vivi 30 anos.

DR – Que idade é que tinha quando foi para Angola?

C – Quando fui para Angola tinha...hã, 12 anos, vim de lá com 42.

DR – Hã, com quem é que vivia?

C – Fui pra lá, fui ter com o meu pai que estava lá. Depois de ter chegado a Angola, foi o resto da família, a minha mãe e os meus irmãos, e vivemos lá esses anos todos, em Luanda principalmente, foi onde tive a residência oficial.

DR – Sim.

C – Eu prestei serviço para o estado português, governo português, durante 14 anos, efetivos, depois dediquei-me à atividade privada, em Angola também fiz a escola comercial. (pausa) Percorri Angola, e países vizinhos. Angola é um território imenso, com uma potencialidade extraordinária, hum, só que...ainda está muito atrasado em termos de exploração.

DR – Sim.

C – Em termo industrial. (pausa) Que é o principal fator daquela...área, que é uma coisa fantástica. Angola é catorze vezes e meia, catorze vezes e meia maior que toda a dimensão aqui de Portugal. (pausa)

DR – Sim.

C – Banhada pelos rios de grande porte, grande volume...deixámos lá uma rede...rodoviária, ferroviárias, portos, caminho-de-ferro, universidades, liceus...

DR – Muita coisa.

C – Tudo aquilo ficou feito, quando fui para lá aquilo era uma coisa muito pequenina, não em território e dimensão, mas em estruturas e infraestruturas.

DR – Sim.

C – Era muito pequenino, muito pouco. A própria capital, Luanda, era uma coisa bastante antiga. (pausa) Depois foi-se tudo modernizando, tudo desenvolvendo, as...hã as rodovias não existiam praticamente, era tudo...tudo antigo, tudo terrenos irregular.

DR – Sim.

C – Memórias brutais no tempo das chuvas, que era uma coisa incrível, a vida...trabalhava-se muito, a vida em Angola era muito dura, foi muito dura, mas simultaneamente transmitia-nos uma liberdade.

DR – Hum, hum.

C – Horizontes vastíssimos, o convívio com as pessoas era uma coisa franca, uma coisa aberta! Havia união, havia camaradagem, havia amizade, havia respeito, tudo isso havia e se fazia. O relacionamento entre a população europeia e os naturais de Angola, negros, não havia diferenças. Os hospitais eram iguais pra todos, partilhavam as mesmas enfermarias em casos de internamento, as escolas eram tudo em conjunto, e andava tudo em conjunto, tudo de mãos dadas.

DR – Hum, hum.

C – O desporto era praticado por todas as cores, todas as raças. (pausa) Havia uma união praticamente perfeita de todos os povos. Claro, havia classes, como há em todos os lados. Umas, com um determinado grau.

DR – Sim.

C – Umas mais superiores, mandavam nos outros mas independentemente da cor. Eram empregados, eram funcionários públicos, e...nas mais diversas especialidades todos trabalhavam. O comércio funcionava que era uma coisa extraordinária, contrariamente cá, nós tínhamos comércio aberto todas as noites, 24 horas, em várias zonas, se passasse no interior, aquelas terras muito pequeninas, tinha sempre um comércio aberto 24 sobre 24 horas.

DR – Isso é bom.

C – Desenvolvimento começou a fazer-se verdadeiramente a partir de 1955, 54, 55, Angola começou-se a desenvolver, houve um fator importante que contribuiu para isso, foi o mercado de café internacionalmente subiu. (pausa)

DR – Pois, e exportavam.

C – E o café, que era gigante naquela altura, o café era um dos grandes produtos de transação pó mercado internacional, era o café. Não só vinha cá pa o continente, como pa vários países do mundo, Angola era um grande produtor de café. (pausa)

DR – Sim.

C – O milho, o algodão, também se produzia lá em grandessíssima escala.

DR – Hum.

C – E aquilo começou a desenvolver-se, a iniciativa privada começou a deitar mãos áquilo e começaram a instalar empresas, a construção civil começou a desenvolver extraordinariamente, hum, aquilo tornou-se imparável. Quando nós viemos em 74, Angola era o país africano com maior grau de desenvolvimento em toda a África.

DR – Pois.

C – Cidades foram criadas, cidades excelentes, dotadas de todas as estruturas e infraestruturas, tínhamos hospitais nas principais cidades, toda a Angola estava coberta por postes sanitários, nos quais existiam um enfermeiro permanente, um médico a fazer as suas visitas de x em x dias, umas ou duas vis...ia fazer as visitas aos postos sanitários, se alguma pessoa ou tava necessitada, ou tava acamada, ver se tinha transporte pra ser colocado num hospital...imediatamente o enfermeiro era...cuidava do caso, falava com as autoridades, uma pessoa deslocada pra dar assistência...aquilo desenvolveu-se aeroportos, caminhos-de-ferro, teve sempre um desenvolvimento espetacular. Depois...a ambição pra muitas não tem limites. Os olhos de muitas potências estrangeiras tiveram sempre postos em Angola. Na potencialidade.

DR – Hum, hum.

C – Não era só os produtos, não. Minérios, minérios de ferro, ouro, cobre, “manganer”, hã, petróleo, tinham lá jazidos, uma coisa espantosa, hum. A criação de bovinos estava com uma expansão extraordinária. Em certas zonas, era enorme, todos criam. Então criaram um estado de terrorismo em Angola, terrorismo foi, eclodiu em Angola manobrado de fora para dentro.

DR – Pois, isso foi...

C – Não nasceu espontaneamente, não nasceu no interior de Angola, foi treinado de fora para dentro.

DR – Isso foi em que altura mais ou menos?

C – O terrorismo chamado terrorismo oficial...

DR – Sim.

C – ...surgiu no dia 4 de fevereiro de 1961.

DR – Hum.

C – Lenda que a capital foi a primeira vítima dos ataques terroristas. Houve ataques à prisão de Luanda, há esquadra, há sétima esquadra com mortes, houve guardas que foram abatidos...pelos terroristas. Há cadeia de São Paulo, com um carro de patrulha na zona chamada Casa Branca. O terrorismo desencadeou-se a partir do dia 4 de fevereiro, que era a data oficial.

DR – Sim.

C – Após a chamada independência que foi dada antes a Angola, o aeroporto internacional de Luanda, era atribuírem a designação a aeroporto 4 de fevereiro, em homenagem à noite que se iniciou o terrorismo. (pausa) Foi-se desenvolvendo...os primeiros tempos, para quem conhece, tar a fazer a defesa era os poucos militares que estavam em Angola, o corpo militar era pequeno, os civis é que tiveram que ser organizados em milícias pra começarem a fazer a defesa das cidades e das localidades onde estavam. Até que, o governo de Portugal da altura chegou a ministro o presidente do conselho que era o doutor António de Oliveira Salazar, que mandou para Angola forças militares, começaram a chegar lá forças militares dos vários ramos das forças armadas, e então começaram a entrar no patrulhamento e no combate ao terrorismo. Foi-se desenvolvendo o terror em Angola, uma fronteira enorme...impossível de controlar e fechar a fronteira toda, não havia a possibilidade nenh...a possibilidade humana não havia. O apoio logístico para os grupos terroristas eram diversos. Continuavam a fazer através das nossas fronteiras. Tinham as forças extraordinárias das autoridades, travar era possível...

DR – Hum, hum.

C – ...mas era impossível estancar. Foi-se desenvolvendo. Entretanto quem? Portugal, aqui chamada retaguarda, começou...a haver formação de grupos...que eram contados à guerra do Ultramar. (pausa) Então os restantes capitães fizeram cá o chamado Movimento do 25 de abril em 1974. Falo na Revolução de abril, na Revolução dos cravos.

DR – Sim.

C – Nada mais errado, isto foi um golpe de estado, um golpe militar que derrubou o governo. (pausa) Problemas de estruturas, a partir daí assistiu-se aqui uma época tremendamente difícil, não havia ordem, não havia lei, não havia nada...foi instalado aquilo que eles chamavam o PREC – Processo revolucionário em curso. Houve pilhagens, assaltaram herdades, assaltaram fábricas, expulsaram os proprietários, enfim tudo isto aconteceu...cá, Portugal, cá, Angola ressentiu-se disso, porque após o 25 de abril, pouco tempo depois, os militares daqui tomaram conta do poder, então decretaram...(pausa) independência para as províncias ultramarinas. Em 74, isto foi em 74 e em 75, sendo que Moçambique foi o primeiro...

DR – Hum, hum.

C – ...a proclamar a sua independência, e em novembro, 11 de novembro de 75, Angola proclamou a sua independência. Contrariando aquilo que eles dizem, não houve uma transição, não houve uma entrega. Houve um abandono puro e simples do Ultramar. Em Luanda ninguém em representação do governo português estava presente pra fazer a entrega do poder. Eles tomaram de propósito conta daquilo. Livraram-se de todos, forçou-se a saída, não houve descolonização, houve uma fuga para a frente, ninguém se preocupou cá com a população portuguesa, que estava em Angola, também não se preocuparam com Moçambique, chegámos aqui...mal recebidos, muito mal recebidos. Os residentes cá...sabendo que nós éramos de cá! Também naturais de cá! Tínhamos ido para lá procurar uma vida melhor e era território nacional, território português. Receberam-nos com uma hostilidade tremenda, mesmo famílias que se recusaram a receber familiares! Que vinham apenas alguns com a maleta e com a roupa que tinham no corpo, uns com uma maleta na mão. Não autorizaram transferências de dinheiro...até que uma organização chamada IARN, que era o Instituto de apoio aos retornados nacionais, foi a designação que deram, vieram verbas volumosas da União Europeia pa cá, só que...houve muita gente que se aproveitou desses fundos e a maior parte dos retornados não eram. Hoje, ainda falam muito de 75, hã 74, da chamada Revolução dos

cravos. Claro que em todo o lado, em todos os tempos, houve sempre gente descontente, nós aqui assistimos a cenas de descontentamento, ainda não vai há 4 anos de um governo, que infelizmente massacrou muito o povo português, com medidas, hã, antipopulares de cortes em salários e pensões e congelamentos de... todos estavam contra eles, todos os dias quase, hoje alguns já têm saudades, foram embora há 2 meses, mas têm saudades deles. Mas o povo é assim, o ser humano é volúvel.

DR – Sim.

C – Nós viemos para cá, também cheguei aqui mais a minha mulher e a minha filha, sem nada.

DR – Pois.

C – De 30 anos depois de uma vida lá feita tudo lá ficou, tive que recomeçar aqui outra vez depois dos 43, uma vida para nós. Duro, difícil, carências de toda a ordem, rejeições por todos os lados onde uma pessoa se dirigia. (risos)

DR – Pois.

C – Mas fomos sobrevivendo, e graças que ainda cá estamos. (pausa) Mais alguma pergunta que queira colocar? Faça as que quiser e entender.

DR – Está bem. Hã, se calhar voltando um bocadinho atrás, à parte da sua infância, qual é que era a profissão que os seus pais tinham na altura?

C – O meu pai quando foi pra... pra Angola, o meu pai tinha sido cá comerciante.

DR – Sim.

C – Entretanto as coisas correram mal, foi no pós-guerra.

DR – Hum, hum.

C – Então ele foi para Angola. Dedicou-se a outras atividades, hum, ele esteve no comércio e... teve no ramo hoteleiro também.

DR – Sim.

C – Minha mãe não, foi sempre doméstica.

DR – Hum, hum.

C – Tanto que sei, casou... foi sempre doméstica toda a vida dela.

DR – Sim. Como é que era o seu relacionamento com eles?

C – Ótimo. Excelente.

DR – Hum, hum.

C – Vivi sempre com eles em Angola, vivemos sempre todos juntos, até a família começar-se a separar e a desmembrar-se em 75.

DR – Pois.

C – Com o retorno... cá tiveram a preocupação, as autoridades, cá de nos separar a todos cá.

DR – Ah separam quando chegaram cá?

C – Separaram. Aqui as pessoas que vieram de Angola eles não nos juntaram, nem em Lisboa pra não nos concentrarmos. A grande preocupação deles foi não haver concentrações com os retornados do Ultramar. Que eles tinham medo que os retornados do Ultramar formassem aqui uma força fortíssima política! Hum.

DR – Pois.

C – Eles não queriam que isso acontecesse, porque podiam ser perturbados nos seus intentos. Então começaram a espalhar gente por todo o lado, desde o Algarve ao Minho...

DR – Sim.

C – ...Trás-os-Montes, pessoas pa lugares onde não haviam condições praticamente nenhuma. Muitos foram pra lá. Eu não, fiquei aqui.

DR – Sim.

C – Tinha cá pessoas amigas aqui. Receberam-me no aeroporto a mim e à minha mulher e filha, viemos pa casa deles, tivemos aqui e por aqui ficámos. Os meus pais quando vieram foram para o norte.

DR – Pois.

C – Para a origem. Outros irmãos...ficámos separados. Nós éramos seis irmãos na altura.

DR – Hum, hum.

C – Viemos em 75, em princípios de 76 o meu pai e a minha mãe faleceram, o choque brutal da mudança...

DR – Sim, faz, pois...

C – ...fez com que eles não resistissem a isso. De seis irmãos estamos dois vivos hoje, os outros quatro irmãos também faleceram cá. Cá. Esta é um bocado da história da minha vida. (risos)

DR – Pois.

C – (risos)

DR – Mas eu por acaso tinha a noção que vos tinham posto todos no mesmo sítio, por exemplo aqui neste bairro sei que...

C – Não. Nós viemos separados.

DR – Sim.

C – Em datas separadas.

DR – Hum, hum.

C – Viemos em datas separadas. Muita gente veio aqui para este bairro acabou por vir para aqui voluntariamente. Grande parte das pessoas que vieram para aqui viver assaltaram as casas que aqui estão.

DR – Sim, sim.

C – Tomaram-nas de assalto. Esta casa foi-me entregue pelas autoridades na altura, que era a autoridade militar.

DR – Sim.

C – Entretanto eu vivi primeiro na Baixa da Banheira. Até que depois arranjei aqui a casa. E viemos para cá. As condições aqui eram diferentes mas passamos aqui os primeiros 3, 4 anos sem saneamento básico nem complementar. As casas estavam prontas, não havia água corrente em casa, aqui nos largos fizeram ali umas torneiras para sair água. Todas as necessidades que eram feitas, atrás havia um pinhal, agente chegava lá, via um buraco e despejava mos.

DR – Como se fossem latrinas, como se fossem latrinas mais ou menos?

C – Não eram bem latrinas, não havia nada disso.

DR – Não? Hã eram mesmo...

C – Não. Era mesmo ao natural.

DR – Sim.

C – Tínhamos um buraco na terra e despejávamos para lá as necessidades da noite. Depois aqui fui convidado, chamaram me para eu fazer aqui uma comissão de retornados.

DR – Hum, hum.

C – Aqui no bairro. (pausa) Bati-me pela situação daqui (pausa) Entrei com o IGAP, o IGAP. O IGAP é que era o proprietário deste bairro e de outros que estão aí que era o instituto de gestão de habitação do estado. O IGAP. (pausa) Falei com eles, tive entrevistas com eles, difíceis, eles não queriam ceder ... Para regularizar aqui a situação das casas aqui no bairro, acabar as casas que não estavam acabadas, mesmo assim estavam ocupadas, não tinham portas nem janelas...

DR – Pois.

C – Tive...Dediquei me também a isso, as casas fora concluídas com a condição que assim que concluídas eu assegurei e garanti que as pessoas saíam ordeiramente das casas. Alojéi as em lojas aqui no largo onde param os autocarros.

DR – Hum.

C – Logo que os prédios eram concluídos eles regressavam às suas casas com um documento oficial (pausa) Tudo correu maravilhosamente.

DR – Hum, hum.

C – Com a autarquia, tive vários debates com o presidente da câmara à altura (pausa) para a ligação do saneamento dos coletores e para instalação de água nas casas, nos prédios. Eles diziam que tínhamos 628 fogos e não tinham contadores para isso e eu dizia “Não há problema, eu resolvo a situação rapidamente”.

DR – Pois.

C – Ponho um contador em cada prédio, ao fim de cada mês, faz se a contagem e os moradores entre todos divide se o...

DR – Pois, a conta.

C – E todos pagamos o contador. Por isso tá a ver a má vontade é que não resolve essa situação. "Espero que me resolvam isto rapidamente". Resolvemos a situação, pus a

água aqui e depois fui ter outra luta com a EDP para colocar aqui a eletricidade. Também não havia eletricidade entre nós.

DR – Pois.

C – Trabalhávamos com um candeeiro Petromax ou com outras coisas mais ou com o que cada um tinha, era a nossa iluminação. Mas havia uma data de puxadas clandestinas que era da eletricidade dos postos de iluminação. E eu então convidei um dos engenheiros da EDP “Venha comigo faça favor (pausa) A EDP está a perder dinheiro mensalmente, uma coisa enorme, veja isto”.

DR – Pois.

C – São puxadas como pontos de energia.

DR – Ele depois instalou?

C – “Se o senhor colocar contadores nos prédios isto desaparece e a EDP vai cobrar o consumo de energia que se faz”. Como é certo instalaram isso. Pronto. Resolvemos aqui praticamente o problema aqui nosso, aqui o habitacional. Ficou concluído. Tive muitas dificuldades para arranjar trabalho cá (pausa). Sujeitei-me a fazer trabalho que nunca tinha feito na minha vida.

DR – Hum, hum.

C - Fui trabalhar para obras.

DR – Pois.

C – Tinha uma mulher e uma filha para sustentar e criar. Não podia parar.

DR – Pois.

C – Tinha que fazer. Até que depois fui melhorando. Fui trabalhando nos sectores até que cheguei a um ponto que até a idade já não permitia ir para a reforma. Hoje tenho 82 anos de idade.

DR – Pois, parece um bocadinho mais novo (risos)

C – Pareço mas não. Já lá vão 40 anos desde que cá cheguei. (risos)

DR – Pois. (risos)

C – (risos).

DR – Então e quando era pequeno e foi para a Angola ainda ficou lá a estudar na escola comercial ou?

C – Fiquei, foi lá que conclui a escola, fiquei lá na escola comercial

DR – E depois começou lá a trabalhar?

C – Comecei a trabalhar. Fui para o estado.

DR – Sim

C – Ingressei no estado. Fiz a vida militar em Angola depois também.

DR – Hum, hum.

C – Também estive na vida militar. Suportei os anos todos de terrorismo, 14 anos. (risos)

DR – Pois, não....Pois ainda foi bastante tempo.

C – Graças a Deus é o que eu digo. Trouxe a mulher, trouxe uma filha, trouxe uma maleta na mão.

DR – Hum, hum.

C – Vim, e ... e estamos vivos.

DR – Ainda bem. Então a sua filha nasceu em Angola?

C – A minha filha é natural de Angola, nasceu em Luanda.

DR – E como é que conheceu a sua esposa?

C – Em Angola, em Luanda.

DR – Hum.

C – Curiosamente, (pausa) tinha lá um amigo meu, era quase um irmão, primeiro ele vivia na minha casa, era fotógrafo profissional. Tinha um estabelecimento de fotografia e a minha mulher era lá empregada. Trabalhava no balcão da fotografia. Um belo dia, liguei lá para o estabelecimento para falar com ele.

DR – Hum, hum.

C – Foi ela que me atendeu. (pausa) Parece que a partir daí ela deve ter gostado da minha voz, não sei.

DR – (risos).

C – Até que passado pouco tempo conhecemo-nos. Eu vinha de uma missão de serviço no interior, de uma zona onde tinha havido um ataque terrorista. Estive ligado também ao combate antiterrorismo. Passei por lá, fui para ir cumprimentar e ela estava lá e conheceu-me. Passado pouco tempo O pai dela até era ligado ao ramo da restauração. Tinha um bom restaurante em Luanda.

DR – Hum, hum.

C – Fui lá, encontrei-a, falei com ela, pedi-lhe em namoro. Acertemo-nos. Disse que não ia perder tempo com ela nem ela comigo.

DR – Hum, hum.

C – Se nos entendêssemos era muitíssimo bem, passado 3, 4 meses era suficiente casamo-nos. Então já fizemos 54 anos de casados.

DR – Muito bom. (risos)

C – (risos). Diga mais.

DR – E como é que era a sua casa na altura? Depois de casado? Quando casou?

C – Ficamos juntos.

DR – Sim.

C – A minha mãe... fiquei com os meus pais. A minha mulher foi comigo para casa dos meus pais.

DR – E...

C – só nos separamos quando foi do 25 de Abril.

DR – Pois o 25 de Abril

C – Em 75 quando houve a separação e viemos para cá.

DR – E como é que era a casa onde morava?

C – Em Luanda?

DR – Sim.

C – Era uma vivenda,

DR – Hum, hum.

C - Rês do chão, quintal, três quartos, cozinha, sala, uma varanda, anexos no quintal, árvores de fruto, uma mangueira enorme que me cobria quase o telhado da vivenda, com mangas maravilhosas que dava e tencas, mamões, papaias hm

DR – Muito bom.

C – Era a nossa casa.

DR – E como é que era a cidade onde vivia?

C – Luanda?

DR – Sim. Na altura como é que era?

C – Já naquela altura Luanda era uma cidade extraordinária, já com um desenvolvimento fantástico. Luanda tinha naquela altura certa de 800 mil habitantes brancos.

DR – DR – Hum, hum. Sim.

C – Brancos. Com negros a cidade de Luanda tinha mais de 1 milhão de habitantes. Luanda tinha tudo, era uma cidade que tinha tudo, tudo, tudo, tudo o que era necessário. Hospitais, escolas, Universidades, faculdades.

DR – Sim. Tinha também cinema nessa altura?

C – Cinemas. Quando eu fui para lá tinha dois cinemas.

DR – Hum, hum.

C – Era o cinema na baixa que era o cinema nacional.

DR – Sim

C – E na zona alta de São Paulo era o cinema colonial. Um cinema antigo.

DR – Hum, hum.

C – Depois começaram a construir cinemas. Assisti à construção do primeiro grande cinema em Luanda, o cinema restauração. Depois outros se seguiram. Depois tínhamos o cinema Império, tínhamos, hum o Tivoli, tínhamos o Alvalade enfim, tínhamos o Miramar que era um espetáculo. O Miramar. O Miramar era um cinema descoberto, a céu aberto.

DR – Sim.

C – Num plano inclinado, extraordinário, tinha uma vista para a baía de Luanda espetacular e para o porto de Luanda ... hum.

DR – Que giro.

C – Só uma pequena parte era coberta.

DR – Hum, hum.

C – Tudo o resto era ao ar livre. O clima também era espetacular sabe. Nesta altura do ano, Angola, Luanda está nesta altura durante o dia está na ordem dos 30° C.

DR – Pois.

C – E à noite baixam para os 22°, 23° à vontade, andar vestidos era à vontade. Uma calça, uma camisa de manga curta, andava se assim. No tempo frio... Chamado tempo frio. Que é chamada o chamado tempo do Cacimbo de 3 meses. Vai de Maio até Agosto. De 15 de Maio a 15 de Agosto. Mas são 3 meses onde não chove.

DR – Hum, hum.

C – É o tempo preferido para os piqueniques.

DR – (risos) Pois é.

C – No tempo de calor que são 9 meses durante o ano de vez em quando aparece uma chuvada tremenda, torrencial, alaga aquilo tudo, passado duas horas já não é água que aquela terra quente absorve tudo rapidamente. (Pausa) O clima lá é variado, em Angola.

DR – Hum, hum.

C – Temos zonas mais quentes, temos zonas mais frias, mais frescas. A zona por exemplo da ... da Obila, já para o sul de Angola já é uma região mais fresca, é bastante mais fresca. Nova Lisboa é menos fresca que a Obila mas mais fresca, muito mais que Luanda. Hm

DR – Hum, hum.

C – Luanda é bastante quente. O norte de Angola é muito quente. Também o norte de Angola onde está concentrada, estão concentradas as plantações de café.

DR – Sim.

C – As grandes plantações de café estão no norte de Angola principalmente no distrito do Uige . Cada distrito lá é superior ao continente todo. (risos)

DR – Hum, hum. Pois é.

C – (risos).

DR – E costumava ir a casa de outros familiares na altura? Quando estava a morar em Luanda?

C – Sim tínhamos... tínhamos ... tínhamos. A minha família era grande.

DR – Sim.

C – Era grande. Estava dispersa. Tava em Luanda, em Nova Lisboa e eu também andei por vários lados sabe. Eu vivi em Luanda.

DR – Sim.

C – Que era a minha residência oficial.

DR – Hum, hum.

C – Mas vivi fora de Luanda em outros tempos. Eu vivi no norte de Angola.

DR – Hum, hum.

C – Eu vivi em Nova Lisboa durante dois anos. Eu vivi em Benguela.

DR – Hum, hum.

C – Eu vivi em Angola inteira.

DR – Sim.

C – Fazia vida quase de errante não é por obrigações oficiais.

DR – Hum, hum.

C – Estava ligado à função pública e eu era deslocado com muita frequência. Consoante as necessidades de serviço se impunham eu ia. Fazia as fronteiras todas da parte da zona norte, hum.

DR – Hum, hum.

C – Como fazia a zona centro e zona sul.

DR – E qual...

C – As potencialidades vá, tinha um mar fantástico, uma zona de costa, uma linha de costa que é espetacular, praias maravilhosas hum. Centenas de quilómetros de praias,

praias maravilhosas, praias lindas. O mar com os recursos extraordinários mas com uma indústria pesqueira que ainda era incipiente.

DR – Hum, hum.

C – Não havia aquele desenvolvimento que aquilo merecia. A pesca era abundante, a vida era muitíssimo barata.

DR – Hum, hum.

C – Os salários eram baixos, contrariando a ideia de muita gente que Angola que era a árvore das Patacas, que aquilo era, que o dinheiro caia quase das árvores não era verdade hum que...

DR – Pois a vida também era barata então os salários também não eram...

C – Sim os salários não eram altos não. A função pública tinha salários baixos, o comércio também tinham relativamente baixos, o que contava é que dava para sobreviver perfeitamente.

DR – Sim.

C – Pois os primeiros anos em Angola, uma coisa curiosa que nós tínhamos, era uma coisa interessante, as portas de casa, tudo, estavam sempre abertas.

DR – Hum, hum.

C – Não era preciso fechá-las. Ninguém lá ia.

DR – Pois.

C – Ninguém lá ia, ninguém assaltava as casas. Havia uma convívio extraordinário que havia hum, faziam se festas, todos os bairros tinham um clube. Juntavam se, havia festas, havia bailes havia tudo. Toda a gente se divertia, toda a gente brincava. Trabalhava se mas depois convivia-se. A vontade, livremente. Para mim Angola, de outras terras que conheci. Angola foi o paraíso.

DR – Hum, hum.

C – Saudades? Imensas.

DR – Hum, hum.

C – foram os melhores anos da minha vida. Mas foi um sonho lindo que eu vivi, não estou arrependido de ter vivido. Mas graças a deus que estão vivo.

DR – Mas se pudesse voltava para lá ?

C – Agora não. Agora não há possibilidade. Angola não tem estabilidade. Fala-se muito sobre aquilo, mas sabemos que os interesses económicos são imensos, não é ?

DR – Hum, hum.

C – Angola não tem indivíduos estrangeiros para trabalhar, temos milhares de operários a trabalhar que não recebem os seus salários, não transferir os seus salários para cá para as suas famílias. Eles fizeram loucuras entre loucuras, milhões desviados de Angola por elementos ligados à estrutura do governo. Depois têm cá grandes propriedades os senhores das forças armadas. (?)

DR – Pois, invés de ficar melhor, ficou pior.

C – Fica, por há uma coisa. Sabe? Aquilo foi criada uma nova sociedade.

DR – Hum, hum.

C – Indivíduos que pouco tinham e que repente querem ter tudo.

DR – Pois.

C – claro, os que atingem determinados postos, de alguma craveira, (?), e o desgraçado do povo não tem dinheiro para comprar uma aspirina.

DR – Hum, hum.

C – Nem para ter assistência médica razoável. Também não o têm. A cidade de Luanda hoje tem à volta de 5 milhões de habitantes

DR – Pois.

C – Não tem estruturas nem infraestruturas para isso. Aquela cidade é lixo por todo o lado

DR – Pois.

C – Eu tenho informações constantes de lá.

DR – Hum, hum.

C – Mas o que é que eu hei de fazer? Governo extremamente corrupto.

DR – Hum, hum.

C – A polícia, hum, não vou, não vale a pena falar da polícia.

DR – pois, está junta com o governo.

C – Não vale a pena com a policia, vão na estradas mandam parar as viaturas que têm brancos, têm que apanhar dinheiro aos indivíduos, porque têm falta disto, falta daquilo. Querem sobreviver!

DR – Pois é, e qual era o seu sitio preferido lá da cidade?

C – Em Luanda ?

DR – Sim.

C – Qual era o seu sitio preferido? Olhem em Luanda eu vou-lhe dizer. Para ir pro cinema, o meu sitio preferido era o Miramar, precisamente pelo espetáculo que nos era a dar a observar para alem de cinema, era o panorama que tínhamos por baixo quer era a via de Luanda e o Porto de Luanda. Miranmar

DR – Sim.

C – Praia, a ilha de Luanda e outra ainda melhor que a ilha de Luanda era a ilha de Mossulo.

DR – Sim.

C – Mossulo era uma coisa fora do comum, fazia-se a travessia de barco para lá, tinha muitos restaurantes, muitos coqueiros, muitas palmeiras, era uma beleza. Com um grupo de amigos e familiares, todo o ano tínhamos tendas montadas na ilha de Mossulo. Aos sábados arrancava-mos para Mossulo e só regressávamos a casa ao domingo á noite. Não levávamos rádios, não levávamos nada, não havia noticias. Pescava-se passeava-se pela ilha, era essa nossa vida.

DR – Então...

C – de resto tínhamos infraestruturas muitos boas, tínhamos lá um parque muito bonito, que era o Parque Heróis de Chaves.

DR – Sim

C – Na cidade de Luanda, boas avenidas hum ? Cafés, restaurantes por todo o lado, esplanadas extraordinárias. À noite estavam cheias, as pessoas iam ao cinema e do cinema iam para as esplanadas, era uma vida espantosa simples, muita simplicidade, o relacionamento humano era excelente, era intenso.

DR – Hum, hum.

C – não havia praticamente classes sociais, havia respeito entre todos, chegava-se de manhã à pastelaria para tomar um café ou um bolo, juntavam-se doutores e engenheiros, empregados , gerentes, comerciais, proprietários de estabelecimento, comerciantes, toa a gente se juntava às mesmas mesas, todos conversavam, todos estavam.

A cidade que eu mais gostei em Angola foi Benguela.

DR – Foi para lá de serviço militar ?

C – Estive em Benguela no serviço oficial, serviço militar fiz em Nova Lisboa, onde fiz o meu serviço militar. Onde fui fazer a minha recruta, progressão na carreira, e pronto foi em Nova Lisboa. Em Benguela já estive como civil ao serviço do estado.

DR – sim , teve lá quanto tempo ?

C – Em Benguela?

DR – Sim.

C – 2 anos, mas fui lá algumas vezes, Cidade San Filipe de Benguela.

DR – cidade quê, desculpe ?

C – Cidade San Filipe de Benguela.

DR – Ah.

C – É o nome dela. E onde o relacionamento humano foi a melhor coisa de que conheci em toda a minha vida.

DR – Hum, hum.

C – Ao fim do horário de trabalho toda a gente se juntava, eram advogados, eram médicos, eram proprietários, eram empregados, todos se juntavam nas mesmas mesas, todos conversavam abertamente uns com os outros, não havia (????), havia respeito entre todos, havia amizade, a vida em Angola processava-se assim em praticamente todos os lados, todas as cidades, umas mais que outra, porque havia cidades que eram um pouco mais snobs, Nova Lisboa era bastante snob.

DR – Hum, hum.

C – Nova Lisboa era bastante snob. Não haviam razões para isso mas eram, Silva Porto também.

DR – Hum, hum.

C – Eram umas cidades muito interessantes. Lobito era uma cidade lindíssima, a 30km de Benguela, com excelente porto de mar, o Lobito, cidade linda, ligada por uma estrada alcatroada de Lobito até Benguela.

DR – Hum, hum.

C - O alcatrão foi uma coisa que apareceu muito tarde em Angola.

DR – Foi?

C – Tínhamos Lobito Benguela. Nos primeiros anos que eu lá cheguei.

DR – Hum, hum.

C – E tinha entre Luanda e a povoação de Catete que ficava a 60km. Tudo o resto eram estradas primitivas, uma terra rebatida.

DR – Sim.

C – Era o que lá havia, depois aquilo começou a desenvolver-se tudo rapidamente, rapidamente, rapidamente, então a partir de 60 quando começou o terrorismo começou a desenvolver com mais intensidade.

DR – E não sentiu medo , nessa altura, com o terrorismo?

C – Se eu tinha medo ?

DR – Sim.

C – Olhe , iria mentir se dissesse que as pessoas não tinham medo.

DR – Hum, hum.

C – Não há ninguém que não tenha medo na vida

DR – Pois.

C – Por fatores diversos, , um bala é perdida não tem destino traçado e pode apanhar um qualquer e m qualquer altura, (risos)

DR – Pois.

C – Acontece a todos, a forças armadas, terrorismo, terrorismo é a pior coisa que há, é o pior sistema que há é o terrorismo, porque eles não atacam em massa, eles atacam em pequenos grupos, eles fazem emboscadas, faziam isso, metiam armadilhas nos caminhos que a tropa tinha que percorrer a pé. Haviam baixas, uma pessoa quando saia consciente que a qualquer momento podia ficar.

DR – Pois.

C – Mas tinha que ser, tinha-se de combater o inimigo. Fazia-se e fez-se. Quando se tinha aquilo dominado, veio o 25 de Abril e ...

DR – E estragaram ...

C – Estragaram tudo, quando já se percorria Angola a todos os sentidos à vontade de dia e noite, mesmo até à fronteira com a Africa do Sul, naquela altura, depois quilo passou para fronteira de Namibia. Formaram ali um novo país que era a Namibia, que era parte integrante da Africa do Sul, Angola fazia e faz fronteira com o Congo, a Republica do Zaire, com a Republica Popular do Congo, faz com a Namibia,

DR – Hum, hum.

C – Faz com Uganda, foram pais que cresceram e depois nasceram, o Congo já existia, um era belga e outro era francês, A Republica do Zaire era Francesa de origem Belga, a Republica Popular do Congo era francesa. Em Angola não havia televisão, o único país vizinho que havia televisão era a Republica Popular do Congo, que era francesa e a capital era Brazzaville. Esses é que tinha televisão, radio e televisão francesa. Radio tínhamos em Angola, havia estações de radio a transmitir.

DR – Apanhavam alguma coisa de Portugal ?

C – Tudo.

DR – Era?

C – Aqui os serviços da emissora nacional eram captados lá diariamente à vontade. Quem gostava de futebol havia lá os relatos ao domingo e tudo através da emissora nacional. Eles lá captavam isso com muita facilidade, muito a vontade. Não tínhamos nenhuma dificuldade a obter noticias daqui. Tivemos sempre, os jornais iram para lá também. Vendia-se lá jornais quer diários quer jornais desportivos, todos os dias chegavam a luanda de avião, a imprensa chegava lá.

DR – Interessante. O que sabia sobre o Estado Novo na altura?

C – Estado Novo?

DR –Se, Se na altura chegava informação sobre o Estado Novo.

C – Chegava eu conhecia o estado Novo, o meu pai ainda foi do tempo da anarquia. eu contrario a opinião sobre os que falam contra o estado novo.

DR – Sim.

C – Da transição que ele foi passou, para mim o Estado Novo existiu , e existiu muito bem, eu contrario a opinião sobre os que falam sobre o estado novo. O estado que temos hoje deve-se á existência do Estado Novo. Se ele não tivesse existido, hã, Portugal tinha sido extinto, tinha sido eliminado, Portugal antes do Estado Novo, Portugal havia revoltas todas as semanas, cá no continente era revoltas todas as semanas, até que apareceu, um homem chamado António Oliveira Salazar, não foi ele que se impôs.

DR – Hum, hum.

C – Foram convida-lo a Coimbra.

DR – Pois foi..

C – Ele veio para Lisboa, chegou cá viu a situação disto, disse que se viesse a aceitar o cargo de presidente do conselho de ministros tinha impor regras, porque a situação que se vivia, Portugal não tinha dinheiro.

DR – Sim

C - Portugal tava na banca rota.

DR – Hum, hum.

C – Quando o Estado Novo foi colocado. Eles não quiseram dar a Salazar as condições que ele tinham imposto, ele foi-se embora, disse “ Não aceito nada “. Passado um tempo foram buscá-lo. (pausa) Então Salazar criou o chamado Estado Novo. Portugal, que estava na banca rota...apontam para o Estado Novo, quanto a mim sem nenhuma razão para isso, crítico do chamado Estado Novo, foram não sei quantos anos de obscurantismo, não sei que mais, mas ninguém se calhar sabia a situação que era o país nessa altura. Não havia dinheiro, não havia nada, isto era subdesenvolvido. Não havia estruturas nem infraestruturas capazes. E quando o Salazar tomou conta do poder...ele apanhou o país nessa situação, uma Guerra Civil em Espanha. Com Franco. A Guerra Civil tirou-nos uma data de potencialidades, e Espanha precisava do nosso auxílio e nós precisávamos do auxílio dos outros.

DR – Hum, hum.

C – Não havia. Ainda não tinha saído da Guerra Civil espanhola e começou a 2ª Guerra Mundial.

DR – Pois.

C – Que durou até 1945. Portugal tinha que fazer negócio e cedências em vários lados, Salazar foi recuperando a credibilidade internacional e em vez de sermos já dependentes financeiro e economicamente, Portugal emprestou muito dinheiro a vários países da Europa.

DR – Pois.

C – Hoje, se estes indivíduos que cá temos, a partir de 75...74, com os governos que cá tivemos, ainda ninguém governou o país como devia ser governado, se eles tivessem parado com essas dificuldades já não existiam. Porque além da 2ª Guerra, a 1ª Guerra acabou quando Portugal estava a subir, a endireitar a vida cá em Portugal, no continente... (pausa) começou a haver questões de terrorismo. Começou pela Índia. Tínhamos tropa na Índia. Goa, Damão e Diu era tudo território português. As forças armadas indianas tomaram de assalto os territórios portugueses da Índia. (pausa) Isso custou muito dinheiro ao país, havia muita gente envolvida nisso. (...)

DR – Pois.

C – Estes indivíduos cá não passaram por nada disso. Depois da Índia, que é que aconteceu? Luanda, no Ultramar, o terrorismo em Angola e Moçambique. Primeiro em Angola, depois em Moçambique, depois na Guiné. A Guiné ainda hoje é um desastre que é o exemplo claro da chamada descolonização. A Guiné Bissau nunca mais teve sossego, estabilidade.

DR – Pois.

C – Quando os de Lisboa criticam um governo que entrou, um governo que saiu, culpam-se uns aos outros, a competência não existe, o patriotismo desapareceu, Portugal é uma nação com 900 anos de existência, tivemos cá uma terminologia em Portugal que se utilizava que era “Deus, Pátria e Família”. A partir do 25 de abril os políticos destruíram tudo. A pátria foi vendida, a retalho...a família separaram-se...as ideologias políticas destroçaram famílias aqui e a parte religiosa, então não se fala porque é um desastre, porque aparecem seitas religiosas quase todos os dias, e todos querem formar seitas religiosas, aquilo deve dar lucro para alguns. (pausa) Eu vivi o Estado Novo.

DR – Hum, hum.

C – Cá ainda vivi o Estado Novo. Em Angola, vivi com o Estado Novo. (pausa) Andava-se à vontade, falava-se livremente... (...) O Estado Novo dizem que foi muito

mau porque houve muita gente que foi presa, claro que aqueles que atentaram contra a segurança do Estado, claro que esses indivíduos não podiam andar em liberdade. Então foram detidos. Vários foram detidos. Porque todos aqueles, que nunca atentaram contra a segurança do Estado nunca foram detidos, estavam à vontade.

DR – Hum, hum.

C – Cá e lá. Mas...depois deu-se o 25 de abril e todos aqueles que eram o símbolo do Estado Novo, de repente todos deixaram de ser o Estado Novo.

DR – Pois

C – Os interesses subiram mais alto que a razão.

DR – Pois.

C – Agarraram-se aos novos que entraram no poder, foram mudando de uns para os outros consoante iam caindo, outros vinham e eles agarravam-se vão sobrevivendo assim como os parasitas. É o que temos. Portanto no tempo do Salazar ele tinha uma honestidade, saiu pobre o governo, hoje...não posso dizer isso de nenhum. Infelizmente todos os que vão para lá têm um interesse único: resolver a sua situação financeira o mais rápido possível. O povo paga.

DR – Pois.

C – Não tenho ideologia política, não estou ligado a nenhum partido político, não estive nem quero estar. Porque...tenho asco aos partidos políticos. Considero-os associações de malfeitores, eles querem, os partidos formam-se com um único intuito: chegar ao poder. Chegando ao poder chegam ao cofre do tesouro, têm a vida deles resolvida.

DR – Pois.

C – Mais.

DR – Na escola aprendeu sobre os impérios coloniais que existiam no século XX?

C – Chamam-lhes impérios coloniais. (...)

DR – Sim.

Efetivamente, em princípio, todo o território vasto território português além mar era designado por colónias.

DR – Sim.

C – Nós tínhamos lá uma moeda própria, a moeda de Angola. Era o angolar.

DR – Sim.

C – Salazar nunca quis que a moeda portuguesa se instalasse em Angola, que Angola tivesse moeda própria, porque ele tinha uma visão extraordinária para o futuro. Ele foi considerado internacionalmente como o maior estadista de todos os tempos, foi posto ao nível de Churchill e Roosevelt. Os três grandes estadistas. Há uns anos para cá desapareceram todos, não há nenhum. Ele sabia que se implantassem moeda única em Angola e Moçambique, o desastre, teria que acontecer muito mais cedo. Porque ia permitir que os povos, treinados e incitados lá pelo estrangeiro...

DR – Sim.

C – Teriam poder de compra para adquirir armamento.

DR – Ah, está bem.

C – À partida o processo teria desencalhava mais cedo. E ele teve sempre essa visão que não queria isso. Muita gente o critica por isso, e critica também por ter limitado a saída de portugueses para Angola e Moçambique. Ele sabia o que estava a fazer, ele sabia que Angola e Moçambique não tinham infraestruturas e estruturas para receber pessoas vindas de cá. Então iam, mas era em contingentes limitados. Começou a desenvolver-se para irem mais. Se ele fosse a abrir as portas de repente, muita gente, com a loucura, com a ideia de África, que era fantástico, que era a árvore das patacas, buscar dinheiro... não era verdade.

DR – Pois.

C – Ninguém ia beneficiar disso. Então limitou. E eu dei-lhe a razão e dou-lhe a razão pelas medidas que ele tomou, podem dizer que houve excessos aqui cometidos, houve, mas em contrapartida onde é que não há excessos.

DR – Pois.

C – Qual é o país que não o faz, qual é o país que não os comete? Qual é o país? A verdadeira democracia não existe em nenhuma parte do mundo. Nenhum país tem a verdadeira democracia, pois dizem que o significado da democracia é a voz do povo, o povo é que mandar. O povo é submergido, é dominado pelo grande capital que domina tudo. Os políticos fazem as guerras, e as guerras existem pela miséria, a fome é muito

má conselheira, a miséria revolta as pessoas. Revoltando, fazem os chamados gupos terroristas.

DR – Pois.

C – O dinheiro é o rei do mundo. Quem tem dinheiro vai a todo o lado. Quem não o tem, tem que se submeter aos interesses e desejos do grande capital. Principais governantes em todos os países não são os governos instaurados e escolhidos. Eles são mandados por todo o capital e eles submetem-se às ordens do grande capital. Estabelecem as leis consoante os seus interesses. (pausa) Houve há uns anos o dr. António Arnaut que criou o serviço nacional de saúde, para que toda a população tivesse acesso gratuito aos serviços de saúde. O serviço nacional de saúde já foi combatido diversas vezes. O governo que acabou as suas funções agora em novembro quis desmantelar o serviço de saúde e em certa parte ainda não o desmantelou totalmente...é um crime, é, porque os privados fazem parcerias com o governo. Mas os privados só servem para os lucros. O pobre contribuinte paga. (pausa) A vontade deles era desmantelar o serviço nacional de saúde, entregar tudo a privados.

DR – Pois.

C – O mesmo no ensino! Não se paga a escola pública mas pagasse aos privados!

DR – Hum, hum.

C – (pausa).

DR – Pagasse os manuais escolares e tudo.

C – Oh de que maneira, caríssimos. Mas antigamente, na escola

DR – Pois.

C – Mesmo nos livros da escola...os livros dava para a família toda, ia passando de irmão para irmão. Hoje não. Hoje acaba um ano, as editoras inventam que vão imprimir outros livros que já não servem para o ano seguinte.

DR – Pois e são diferentes de escola para escola.

C – Dantes era tudo uniformizado, era tudo igual. O primário tinha os livros todos iguais, o básico tinha tudo igual, a escola comercial era tudo igual. O governo devia criar um vínculo de X anos, mas ninguém tem interesse de o fazer.

DR – Pois, o monopólio das editoras é grande.

Quando nós viemos de Angola para cá, quando cá cheguei em 75...eu...abri os olhos de espanto! Não via nada. (...) Viemos aqui para esta zona acredita, de manhã queria tomar um café não tinha um café aberto. Se fosse a um bar, calor, pedia uma cerveja fresca não havia! (...) Isto praticamente era quase primitivo. As pessoas não conviviam, só um vizinho com o outro e nada mais. (pausa) Pessoas de cá que nunca saíram, muitas ainda vivem, elas iam ao lixo de manhã com o traje de noite ainda vestido. Com robe ou uma coisa qualquer. Estavam habituadas. Entrar num café?! Quando abriram um café, cá, os que daqui nunca saíram, não havia senhora que se atrevesse a entrar para beber um café ou um chá. Não iam. (...) Se vissem um jovem a fumar...Valha-me Deus! (pausa) Não aceitavam isso...as pessoas vinham de lá habituadas a uma vida muito diferente. (...) ...as pessoas vestiam-se bem, cá não...iam de qualquer maneira. Lá íamos ao café, ao cinema. Cá neste bairro, aqui, quando viemos diziam que as nossas mulheres eram prostitutas, “as retornadas são prostitutas, são como os homens, fumam, vão ao café...”.

C – Ora pois. É tudo capital...e os grandes governantes são geridos pelo grande capital. (pausa) Sobre Angola, mais.

DR – Considera que a vida em Portugal era diferente da vida em Angola?

C – Era completamente diferente.

DR – Para melhor ou para pior?

C – Para pior. Portugal tem ainda hoje em dia uma coisa que você sabe: a iliteracia ainda está muito elevada.

DR – Sim.

C – Naquele tempo era muito pior. Em Angola, aquilo era outro mundo... era uma sociedade aberta. Havia um relacionamento entre todos. Quando nós viemos de Angola para cá, quando cá cheguei em 75...eu...abri os olhos de espanto! Não via nada.

DR – Pois.

C – Viemos aqui para esta zona acredita, de manhã queria tomar um café não tinha um café aberto. Se fosse a um bar, calor, pedia uma cerveja fresca não havia!

DR – Pois.

C – Não havia! Isto praticamente era quase primitivo. As pessoas não conviviam, só um vizinho com o outro e nada mais. (pausa) Pessoas de cá que nunca saíram, muitas ainda vivem, elas iam ao lixo de manhã com o traje de noite ainda vestido. Com robe ou uma coisa qualquer. Estavam habituadas. Entrar num café?! Quando abriram um café, cá, os

que daqui nunca saíram, não havia senhora que se atrevesse a entrar para beber um café ou um chá. Não iam.

DR – A sério?

C – Se vissem um jovem a fumar...Valha-me Deus! (pausa) Não aceitavam isso...as pessoas vinham de lá habituadas a uma vida muito diferente.

DR – Pois.

C – As pessoas vestiam-se bem, cá não...iam de qualquer maneira. Lá íamos ao café, ao cinema. Cá neste bairro, aqui, quando viemos diziam que as nossas mulheres eram prostitutas, “as retornadas são prostitutas, são como os homens, fumam, vão ao café...”. Mas sempre foi assim. Lá não, não havia nada disso. Havia festas, todos conviviam uns com os outros com respeito. Juntavam-se, iam à praia, faziam piqueniques... Angola foi uma escola de vida.

DR – Sim.

C – A partir do nosso regresso é que o comércio cá começou a desenvolver. Os próprios bancos cá eram uma miséria, uma desgraça. Começaram a trabalhar cá muitos trabalhadores bancários que vieram de Angola, a partir daí os bancos começaram a dinamizar-se.

DR – Pois.

C – Tudo...muito apertado, muito acanhado, muito estrangulado. Então o comércio começou a florescer, começou a haver comércio, começou a expandir-se. Hoje...claro que isto não é o que eu encontrei em 1975.

DR – Hum, hum.

C – Está diferente. Muito diferente, muito para melhor graças aos chamados retornados. Que eles aqui disseram que nós íamos roubar os postos de trabalho aos que cá estavam.

DR – Pois.

C – O que não é verdade.

DR – Então... sendo assim qual é a sua opinião sobre a guerra colonial? Concorda que tenha havido guerra colonial?

C – Eu tenho que concordar por uma razão muito simples.

DR – Sim.

C – Não foi Portugal que desencadeou à guerra. (pausa) Portugal foi atacado...por ordens de indivíduos armados, que cometeram massacres fantásticos lá, horrores autênticos. Então cá teve que naturalmente surgir a defesa. Se a Índia não tivesse sido atacada e guerra em Angola não teria existido.

DR – Pois.

C – Os massacres que se deram...civis, homens, mulheres e crianças eram chacinados, mulheres grávidas foram esventradas e tiraram-lhes os fetos dentro delas, matavam-lhes atirando contra as paredes das casas...aquelas pequenas povoações...

DR – Isso foi mesmo feito por angolanos de lá? Pessoas de Angola?

C – A todos.

DR – Não, não, eram pessoas de Angola que estavam a atacar essas mulheres ou eram portugueses?

C – Ah não, portugueses não, nós fomos defender.

DR – Pois.

C – Eram negros. Negros terroristas. Os terroristas eram negros.

DR – Estavam a atacar o próprio país.

C – Eles eram de lá, eram recrutados. Tinham formação, e juntavam as hostes dos terroristas. Eles mataram pretos e brancos!

DR – Pois.

Até porque não fomos nós que começámos o terrorismo, o terrorismo começou lá, alimentado de fora para dentro, pelos interesses das grandes potências de Angola. Um deles tenho-o aqui. (levanta-se e trás um livro) Isto é sobre a ponte aérea, que se passou na ponte aérea. (mostra um livro).

DR – S.O.S. Angola, Os dias da ponte aérea, de Rita Garcia.

C – Deixe-me mostrar-lhe uma coisa... (levanta-se e vai à estante e trás uma pasta e volta-se a sentar e abre a pasta) Tenho aqui fotografias.

(Depois estive a mostrar fotos antigas e atuais de Angola, durante 15 minutos)

C – Esta era a igreja da Sagrada Família, em Luanda.

DR – A sua família era católica?

C – Exatamente. Fomos todos criados na religião católica.

DR – (depois de ver a última foto) Pensou alguma vez em lá voltar?

C – Não...creio que nem resistiria voltar nesta altura.

DR – Porquê que voltou para cá? Eles expulsaram as pessoas?

C – Nós tivemos que ir embora.

DR – Sim.

C – Criaram uma ponte aérea para nos retirarem de lá.

DR – Sim.

C – Eles não queriam a nossa permanência lá, da força política que podíamos formar lá.

DR – Pois.

C – Era tudo jogo de interesses.

DR – Então voltou de avião.

C – Sim. Mais coisas.

DR – Então quando chegou cá teve alguma ajuda do Estado? Do IARN?

C – Do IARN? Do IARN não tive nada, praticamente nada, nem fui alojado pelo IARN nem nada.

DR – Pois.

C – O IARN foi uma organização que se criou para alguns indivíduos.

DR – Pois.

C – Aproveitaram-se do dinheiro para ajudar os retornados. Alguns poucos beneficiaram disso, a maior parte deles eram alojados e hotéis em Lisboa, uma família com seis, sete pessoas num quarto só para duas.

DR – Pois.

C – Não é viver. Imagine casais com filhos, com crianças pequenas, tudo num quarto só, num hotel em Lisboa... Consegue imaginar?

DR – Imaginar sim, mas nunca passei...

C – Claro que não passou por isso e espero que nunca passe. Não é viver...com filhos pequenos...

DR – Que idade é que a sua filha tinha quando veio para cá?

C – A minha filha tinha 12 anos. Já estudava lá em Luanda, matriculei-a cá...

DR – Pois, veio numa idade difícil.

C – Pois, veio numa idade difícil, mas nós tivemos mais dificuldades para arranjar trabalho cá. Eu tive que andar há procura de um posto de trabalho, há procura disto, há procura daquilo, com as necessidades, as dificuldades, hã, que a vida impunha a cada um. Mas tudo isto claro que fui obrigado a lutar contra isso.

DR – Qual foi o seu primeiro trabalho?

C – Fui para rececionista numa oficina de automóveis, reparações de automóveis e recolha de automóveis. (pausa) Tive lá, não chegou a 2 meses. O patrão quis dissolver-se daquilo tudo, fechou as portas, acabou. E eu corria tudo, à procura de trabalho e não havia trabalho... Depois um rapaz amigo, através de outro, arranjou-me trabalho, fui trabalhar como servente...a construir a fábrica, as instalações da fábrica junto ao rio no Lavradio. Nunca passei tanto frio na vida. Clima agreste...passei tormentos nesse tempo. Depois acabou a obra. Podia ir para Sines mas só tinha alimentação, não tinha dormida nem alimentação. E então não fui para Sines.

DR – Pois.

C – Depois, arranjei lugar...para ir vender. Vendas. Correr toda a área do Alentejo, a zona do oeste, de uma fábrica de confeitaria, fui vender confeitaria. Tinha que ser, tinha que fazer alguma coisa não podia estar parado.

DR – Pois.

C – Depois a fábrica fechou. (pausa) Tive que me voltar para outro lado. Apareceu um lugar numa firma de brindes publicitários...estive no gabinete jurídico e na expedição de encomendas para os clientes, hum, recebia-as da fábrica, mandava ir, e por aí fora. Zona do Ribatejo, Alentejo e por aí fora. Entretanto, nuns tempos conturbados ante disto, estive em Lisboa. (pausa) Fui o homem dos sete ofícios. (risos) Fui o homem dos sete ofícios, sabe. Depois tudo acabou, fui para a aposentação, e cá estamos.

DR – E os seus colegas de trabalho eram de Angola, eram de cá, ou eram mistos?

Cá?

DR – Sim.

C – Praticamente, nos primeiros lugares onde estive só encontrei pessoal de cá.

DR – Sim.

Ninguém de lá, de Angola.

DR – E era bem recebido pelos colegas?

Não.

DR – Pois.

C – Nós retornados vínhamos para cá não eramos nacionais. Nós éramos as pessoas que vinham para cá para tentar roubar o posto de trabalho deles. A compreensão deles não dava para mais sabe? Desculpe lá por isso, mas as pessoas não tinham o ensino básico. Tinha que procurar uma linguagem que eles compreendessem, hum. Tinha que fugir totalmente dos meus padrões. Tive que me ir adaptando.

DR – Sim. Fez alguma amizade cá? Ou era mais fácil em Angola?

C – Já lhe expliquei que era muito mais fácil lá, era amizade genuína! Esta gente aqui era muito fechada. Eu compreendo, nunca viveram, nunca saíram daqui deste bocadinho, os horizontes deles eram curtos. Não lhes permitia ver mais longe. E depois...o mais difícil e pior é que essas pessoas não se preocuparam em evoluir, em querer evoluir! (pausa) Só para ver, o jornal era baratíssimo quando cá cheguei, não custava quase nada. Ninguém comprava jornais, literatura, livros.

DR – Pois.

C – Não liam!

DR – Sim.

C – Isto aqui parou...esteve parado no tempo durante muitos anos. Precisamente porque as pessoas não tiveram interesse em evoluir. (pausa) E depois nós viemos e éramos diferentes, para ele éramos diferentes! Na espontaneidade, na forma de viver, éramos mais abertos! Falámos com toda a gente. Muitos não compreendiam e diziam “Vocês são diferentes de nós”. E eu dizia “Não, nós somos iguais”...

DR – Pois.

C – Enquanto que nós, retornados, vivíamos noutra mundo, quisemos evoluir, quisemos aprender...você não quiseram! Se eu perguntasse se conhecem algum escritor português você não conhecem!

DR – Pois.

C – Não conhecem, não conheciam, salvo raras exceções.

DR – E existiam cá na zona hospital, cinema?

C – Sim, existia aqui perto.

DR – E livrarias existiam?

C – Sim. Mas as pessoas não liam e ainda hoje não leem. (pausa) Mais perguntas.

DR – Só tinha uma última pergunta...era se gosta de viver neste bairro.

C – Gosto. Gosto...por uma razão também.

DR – Hum, hum.

C – Vim para cá e pouco tempo vivi na Baixa da Banheira, vim para cá. Vim para aqui. A minha filha cresceu aqui, aqui casou, e então...adaptámo-nos a isto. Se eu tivesse possibilidades financeiras eu não viveria aqui de maneira nenhuma, ia-me embora, ia para outro lado, mas também não ia para Lisboa porque não gosto de Lisboa. Não gosto de Lisboa, só vou lá quando tenho algum assunto para tratar. Não gosto da vida em Lisboa. (pausa) Respira-se indiferença. Não há empatia, convívio, não há. Muito individualismo. Lisboa está pior do que quando viemos, dantes falavam, agora existe individualismo. As pessoas que vieram para este bairro mudaram, começaram a fechar-se nas suas casas. E meteram cá pessoas que não deviam meter. Começaram a despejar cá pessoas que nunca deveriam vir. Portanto está diferente. Se eu gosto? Não gosto. Vivi cá os anos difíceis que foi sem ter as condições básicas, lutei por elas para que elas fossem estabelecidas e concluídas, depois isto começou a degradar-se... (pausa) Salvo meia dúzia de pessoas parece que são todos desconhecidos. O poder financeiro não me permite sair.

DR – Pois, para outro sítio.

C – Pois, se encontrasse um sítio calmo, pequeno, gostaria de encontrar outro sítio. (pausa) Casei, tive uma filha, tive um neto, um bisneto, que faz hoje um mês... E cá estamos.

DR – Pois é. Bem, obrigada pelo seu tempo dispensado.

C – Obrigada eu.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº4 – GISELA

DR – Boa tarde sou aluna do 2º ano de mestrado do curso de Educação Social da Universidade do Algarve, e estou aqui com o propósito de recolher informação sobre a sua vida em Angola, a fim de praticar a entrevista no âmbito da dissertação. Então onde é que nasceu?

G – Em Lisboa.

DR – Sim.

G – Lisboa, 23 do seis de 1940.

DR – Com quem é que vivia?

G – Com os meus pais.

DR – E com que idade é que foi para Angola?

G – Ia fazer 5 anos.

DR – E foi com a sua mãe ou o seu pai?

G – Fui com...a minha mãe. E com dois irmãos.

DR – O seu pai já estava lá ou foi de...

G – Já estava lá. Foi, foi primeiro pra lá.

DR – Sim

G – E a minha mãe ficou cá, e depois fomos, fomos com ela. No entanto ele, ele já...tinha estado em Angola, com o pai dele...

DR – Sim.

G – ...há muitos anos e depois veio. Foi para lá com 2 anos, veio com 29 anos, pa cá pa Portugal.

DR – Sim.

G – E depois foi quando conheceu a minha mãe, o meu pai casou-se com 30 anos, a minha mãe com 16, e depois foi quando ele teve sempre aquela ideia de ir pra, pra Angola, porque gostava muito de...de Angola. E então foi e depois antigamente

chamavam as pessoas por carta de chamada e então depois mandou ir a mulher e os três filhos que ela tinha.

DR – Hum, hum. Como é que era o seu relacionamento com os seus pais?

G – Era bom, hã foram bons.

DR – Sim.

G – Algumas vezes assim mais inquieto, mas foram bons.

DR – Pois, naquela altura também era...

G – Sim.

DR – ...mais...

G – Eu às vezes revoltava-me assim mais, ficava coiso porque...como era mais velha tive que tomar conta dos meus irmãos e sempre vivia a tomar conta deles e eu...

DR – Pois.

G – Às vezes aborrecia-me. Mas foram bons.

DR – Qual é que era a profissão deles?

G – Hã, de... A minha mãe era doméstica e o meu pai era linotipista.

DR – Era o quê?

G – Linotipista.

DR – Isso é o quê?

G – É...trabalhava com aquelas máquinas que agora já...hã, do coiso, de fazer, hã,, que tinha umas barrinhas em ferro pra fazer os jornais. Trabalhava no jornal...

DR – Ah!

G – ...fazia o jornal.

DR – Interessante. Então, tinha irmãos, quantos irmãos é que tinha?

G – Na altura era eu.

DR – Sim.

G – Fomos três pra Angola.

DR – Sim.

G – E depois os outros nasceram todos lá. A minha mãe na altura que foi teve quatro filhos.

DR – Hum, hum.

G – Mas um nasceu e morreu logo.

DR – Sim.

G – Hã, depois fomos três pra Angola. E depois os outr...o resto nasceram lá.

DR – Sim.

G – E nasceram lá mais...olha, foram...eram oito...sete, nasceram sete em Angola.

DR – No total eram onze.

G – Eramos onze, sim. No total.

DR – Sim.

G – Onze irmãos.

DR – Como é que era a situação financeira da sua família?

G – Era muito...era fraca. Era fraca porque viveram muitas dificuldades. Viviam num...a minha mãe vivia num quarto.

DR – Hum.

G – Num quarto, e com dificuldades. E depois foi pra Angola, também passou dificuldades, derivado a ter, muitos filhos e só ser o meu pai a trabalhar.

DR – Pois.

G – Nunca passamos fome nem nada, houve sempre comida, mas sempre às vezes muita...muita repetição sempre da...a comer a mesma coisa. Que era as coisas mais baratas mas...foi um...uma vida de trabalho e, e...e...com dificuldades, não vivíamos muito à...à grande, né.

DR – Pois. Como é que era a sua rotina familiar?

G – Era o dia-a-dia era...bom. Era trabalhar dentro de casa, tomar conta dos meus irmãos e pois...mas era normal.

DR – Sim, e o seu pai ia trabalhar, a sua mãe...

G – ...a minha mãe ficava em casa. Lidávamos o coiso. Quando ela estava doente, é que às vezes ia pó hospital, aos médicos, e eu ficava a tomar conta dos meus irmãos. Quando ela baixava a maternidade que...que estava oito dias lá internada, sempre era eu que ficava a tomar conta da casa e dos meus irmãos, que o meu pai ia para o trabalho. E era assim. E ia prá escola, depois comecei a andar na escola, ia e vinha, às vezes ajudava a minha mãe a cozinha e coiso, ia a pé, vinha a pé, e era assim.

DR – A escola era perto da sua casa?

G – Não era assim muito perto, ainda andávamos, aí bem a pé, bem quinze minutos a pé.

DR – Por exemplo...pois é ir daqui do bairro até onde mais ou menos?

G – Olha até...até à Praça da Baixa da Banheira.

DR – Até à Praça?

G – Até à Praça ou até mais um bocado, indo até quando à igreja.

DR – Sim. Ainda era um esticãozinho...

G – Era um esticãozinhos, era, era.

DR – Tinha amigos na altura?

G – Tive poucos amigos. Não tive quase amigos nenhuns. Porque eu não saía.

DR – Pois, devido à situação...

G – Era sempre em casa que estava, sempre a tomar conta dos meus irmãos e o meu pai não deixava...assim sair, e quando saía, ia pra um jardim, que era jardim perto de casa, e ia sempre acompanhada pelos meus irmãos todos.

DR – Pois, quando se era rapariga nessa altura também devia ser complicado...

G – Era, era sempre, sempre com eles. Nunca saía sozinha. Era sempre com os meus irmãos e hã...tive duas amigas mas elas, também não se sentiam bem de estar sempre ali, porque eu com os meus irmãos e então procuravam outras amigas...e eu nunca tive assim amigos.

DR – E...antes de ir pra Angola lembra-se de alguma amizade que tinha?

G – Não, não me lembro. Só me lembro de...que vivia numa casinha, que me recordo porque eu tinha...tinha quatro anos, fui fazer os cinco cá, que lembro-me do meu pai,

era uma casita assim baixa, e lembro-me de, do meu...de andar às cavalitas com o meu pai, a brincar com ele, mas pouco, pouco mais me lembro. Não me lembro dos meus avós nem nada, nessa altura também tinha os meus avós lá perto mas não me recordo deles.

DR – Qual era a zona de Lisboa que dantes morava

G – Era...era o coiso...aquela zona do Bairro Alto, Alfama...

DR – Sim.

G – Foi aí no coiso...era na rua dos Remédios, aquelas zonas...

DR – Sim, sim.

G – ...típicas, perto do castelo de São Jorge.

DR – Sim.

G – Morávamos aí.

DR – E em Angola foi morar para que cidade?

G – Fui morar prá cidade Alta.

DR – Chama-se mesmo cidade Alta?

G – Chama-se cidade Alta. Até é onde tem o palácio do governo, e o jardim da cidade alta.

DR – Sim.

G – Que morava ali e depois morei numa casa que, descendo, era a fábrica da....da coca-cola. Subindo mais um bocadinho era a fortaleza.

DR – E...quando ia para a escola, lembra-se quais é que eram as brincadeiras que tinha no recreio?

G – Lembro-me, era saltar à corda, era o jogo da macaca.

DR – Sim.

G – Era o jogo d lenço, era...da, das cores. Andarmos à roda, e era, fazíamos as cantigas...era...a triste viuvinha, era...o...várias canções que a gente tínhamos que andavam à roda e cantávamos “Ai, ai, minha machadinha”, aquelas canções assim, e era o jogo do coiso, e era o jogo do ringue...e era o que a gente fazíamos no recreio.

DR – Hum. Qual foi o melhor momento da sua infância?

G – Hã...praticamente foi, foi tudo igual. A minha infância foi sempre igual, não tenho assim momentos assim, que se diga assim melhores, melhores não.

DR – E piores?

G – Piores também não, foi sempre quase igual. Sempre a mesma coisa.

DR – A sua família tinha alguma religião?

G – Tinha. Fomos sempre católicos.

DR – E frequentava a missa, a catequese...

G – Hã...a catequese, nunca fui à catequese.

DR – Hum, hum.

G – Mas ia, às vezes, fui batizada pela igreja, casei pela igreja, e ia, e ia muitas vezes lá à igreja. Ia, até o padre que me casou era o padre Couto, que batizou meus irmãos e tudo. Ia lá, falava com ele, ia, freq...às vezes frequentava mas nunca fiz a comunhão. Mas frequentei assim o coiso mas nunca, nunca fiz.

DR – Antes de casar teve algum namorado? Durante a juventude?

G – Tive, um. Mas foi mais de brincadeira. Não foi nada a sério. Tinha 15 anos, era uma garotinha, era de brincadeira. A gente chamava de namorados mas não éramos namorados, era mais de brincadeira.

DR – Sim. E como é que conheceu o seu marido?

G – Olha, tinha eu 17 anos, foi uma vez, ele estava hã, a casa onde ele morava...que era o rés-do-chão, e tinha ao lado um 1º andar, mas aquele 1º andar, davam as janelas pró...o quintal que coiso...as janelas da cozinha de cima davam, via o nosso quintal.

DR – Sim.

G – E então foi, ele...foi lá visitar, quem ainda era primo, 1º, 2º grau e isso, que era...que tinha ido lá visitar lá...os primos e eu tava no quintal, tínhamos muita roseiras e muitas flores e eu tava a varrer o quintal e ele olhou para mim, nós olhamos e...pronto. Foi assim e ele não me largou e foi assim que nós começámos a namorar.

DR – Ainda namoraram muito tempo?

G – Dois anos.

DR – E ele teve que fazer aquilo que se fazia antigamente, que era pedir a bênção ao seu pai?

G – Sim, sim, sim. Que o meu pai não, assim que coiso ele ainda foi três ou quatro dias, a falar assim, encontrávamo-nos às vezes na praia às escondidas mas hã, quer dizer, ele sabia pra onde eu ia pra praia, metia-se de conversa com os meus irmãos e távamos assim...mas não, pra namorar mesmo a sério teve que pedir autorização porque não...o meu pai não deixava.

DR – Tanto para namorar como para casar teve que pedir a mão.

G – Ah sim. Primeiro quando pediu se podia namorar.

DR – Hum, hum.

G – O meu pai disse que sim. Depois então aí sim, teve que pedir autorização depois, que eu era...naquela altura só casávamos se tivéssemos 21 anos que era a maioridade. Não podíamos casar sem a autorização dos pais.

DR – Ah então quando tivesse 21, se os seus pais não autorizassem podia casar.

G – Não, não podia casar.

DR – Não?

G – Não. Pela igreja ou por coiso não podia casar.

DR – Então era sempre com o consentimento dos pais.

G – Com consen...com autorização. Que a maio...hã, as pessoas naquela altura a maioridade era aos 21 anos.

DR – Sim.

G – Até para ir ao cinema...filme, eu já estava casada, e correu lá um filme pra maiores de 21 anos e não me deixaram entrar! Não tinha 21 anos não podia entrar.

DR – Pois.

G – E não entrei. Que era um filme que eu gostava muito que era sobre a maternidade.

DR – Sim.

G – De ter coisas, e eu disse “Mas eu sou casada”, e coiso, e isto e aquilo, “Não, não, não tem 21 anos não entra”. E não entrei! (risos)

DR – Bem...então casou com que idade?

G – Ia...não tinha ainda os vinte e um, tinha...tinha, olha, dezassete, dezoito, dezanove...vinte. Ia fazer vinte, o Xita nasceu ainda não 21 anos...com vinte...com dezanove, ainda não tinha os vinte, só passado quatro meses é que fiz os vinte. Pois. Eu faço cinquenta e seis...(um quanto tempo a pensar) Fiz os vinte passado uns quatro meses.

DR – Os seus filhos...hã, teve filhos?

G – Tive dois.

DR – E eles nasceram em Angola ou Portugal?

G – Nasceram em Angola.

DR – Então e...depois de casar como é que era a sua casa?

G – Quando me casei.

DR – Sim.

G – Fui logo viver para um apartamento.

DR – Sim.

G – Coiso, porque os meus pais, casou quem casa quer casa. E então, a gente foi pra um apartamento muito jeitozinho. Tínhamos a sala, a sala, um quarto, cozinha e casa-de-banho. E uma varanda, qe dava uma vista em frente mesmo ao mercado.

DR – E era na Cidade Alta nessa altura?

G – Não, não. Hã...era pero de...a rua já não sei como é, onde é ou como é que era o nome não sei, sei que ficava perto do mercado dos Lusíadas.

DR – Então...de todas as casas, hã, de todas as cidades, qual foi a cidade onde gostou mais de morar?

G – Foi em Luanda porque foi a cidade onde eu morei maior parte dos anos todos.

DR – Só foi para Luanda depois de casar?

G – Não. Tive em Luanda, quando saí daqui de Portugal fui para Luanda.

DR – Ah como disse ao bocado cidade alta.

G – Hã...hã, hã, a Cidade Alta era o sítio onde a gente morava.

DR – Ah, mas era...

G – Era dentro de Luanda pois.

DR – Sim.

G – A Cidade Alta ficava ao pé mesmo do palácio de Luanda.

DR – Sim.

G – Chamava-se Cidade Alta àquela rua. Aquela avenida toda, aquela parte toda chamava-se Cidade Alta, como aqui, chama-se o...aqui, aqui não, que já não pertence a Lisboa é uma coisa, no meio Lisboa tem o bairro disto, o bairro daquilo.

DR – Sim, sim.

G – Ali era mesmo em Luanda. O que é, é que se chamava assim. Cidade Alta que era onde eu morava.

DR – Como é que era a cidade de Luanda nessa altura?

G – Nessa altura, quando fui pra lá, em miúda ainda recorde não tínhamos luz, não tínhamos água, a água era a que saía da torneira era água barrenta, vinha parece toda cheia de terra. Luz não havia luz na ci...na cidade, não havia era tudo candeeiros de petróleo e quando nós íamos sair pras mercearias e coiso, íamos muitas vezes, íamos com o candeeiro e com lanternas. Depois ao fim de muitos poucos anos é que, é que houve eletricidade. Mas quando fui em 1944 não havia eletricidade.

DR – Então quando casou já foi para uma casa com condições.

G – Sim, sim,

DR – Saneamento básico.

G – Sim. Nessa altura já, já tinha tudo já, já tinha tudo coiso, na altura que eu fui miúda para lá é que não havia. Mas quando fui pra lá, quando casei já havia tudo.

DR – E costumava ir a casa de outros familiares?

G – Os familiares que eu tinha lá eram só os meus irmãos não tinha familiares nenhuns.

DR – Sim, costumava ir à casa deles, frequentar ou era mais...

G – Não, eles....a primeira que me casei, era sempre à casa dos meus pais. Depois quando eles, os meus irmãos que se casaram, só mais coiso era só quase a casa dos meus irmãos mais nada. E familiares era alguma tia do meu marido e mais nada.

DR – E tinha alguma casa onde gostasse de...ir, dos seus irmãos? Qual era a casa que mais gostava de frequentar?

G – Quase...eles é que frequentavam mais a minha do que eu a deles. Não, não, não frequentei assim muito a casa deles.

DR – Qual é que era o seu sítio preferido de Luanda?

G – Oh, foi onde mesmo fui quando comecei a ir em miúda, era a cidade alta, foi o que eu mais gostei. Porque foi lá sempre...como fui com 4 anos, ia a fazer os cinco, fiz os cinco lá, até casar praticamente o que eu mais gostei foi aquela parte! Que era a parte mais antiga da...foi a primeira, mais antiga de Angola, é sempre a parte que eu mais gostei.

DR – E...mudou de casa e de cidade depois de casar?

G – Ah, mudei de...de cidade não, mudei pra vários bairros, aparecia umas casas mais bonitas, mudava pra outra, pra coiso...tive em vários bairros, agora...cidade, cidade menos só foi...tive dois anos na cidade de Nova Lisboa, que o meu marido foi transferido pra lá.

DR – Hum, hum.

G – E tivemos dois anos na cidade de Nova Lisboa. Depois viemos pra Luanda outra vez, e foi sempre. Conheci outras cidades mas foi em férias. Fomos visitar...conheci outras cidades, mas viver foi sempre em Luanda e dois anos em Nova Lisboa, mais nada.

DR – Então quando ia de férias ia de carro, de comboio...

G – Ia de carro.

DR – Sim.

G – De carro. Íamos de carro, passávamos por uma cidadezita, parávamos, conhecíamos, íamos a outra...conheci várias cidades assim. Conheci Lobito, conheci Benguela, Nova Lisboa, Sá da Bandeira...gostei muito de Sá da Bandeira era uma cidade muito linda, todas elas muito lindas. Mas ainda de todas que visitei gostei muito da...da cidade de Sá da Bandeira.

DR – E...Luanda tinha praia?

G – Muitas praias.

DR – E costumava ir à praia?

G – Costumava, mesmo desde miúda.

DR – E ia a pé, de carro...

G – A pé. Em miúda, onde eu morava, era só descer. Mas chamava, chamavam as barrocas, que era aqueles murozitos de terra a gente chamava as barrocas, descia, tínhamos logo a praia, o meu pai ia à pescazita, e pescava e coiso, e estávamos ali sempre. Todos os dias íamos à praia. Eu e os meus irmãos descíamos, era atravessar a rua, descíamos a...aqueles morrozitos, távamos na praia. E passávamos assim às vezes, quando não tínhamos a escola, depois às vezes quando íamos à escola já não íamos há praia, só ao fim-de-semana. Com os meus irmãos, íamos todos, era sempre com os meus irmãos.

DR – Até que ano andou na escola?

G – Até há 4ª classe.

DR – E não pode continuar na altura?

G – Não. Não pude porque os meus pais não tinham dinheiro pra, pra isso. Pra pagar as propinas e pagavam...eu pa fazer a 4ª classe tive que pagar 100escudos. Pra fazer a 4º classe e a admissão no liceu. Fazíamos nessa altura, era a 1ª classe, 2ª classe, 3ª classe, 4ª classe depois da 4ª classe podíamos ir pra o liceu, tínhamos de fazer a admissão, se a gente chumbasse na admissão tínhamos de repetir o ano todo que já não entrávamos no liceu. E como tinha que pagar 100escudos pra ir fazer a admissão não fiz, os meus pais não tinham possibilidades pra me meter num liceu.

DR – Então depois quando acabou a 4ª classe, foi aprender alguma profissão ou...

G – Não.

DR – ...ficou a ajudar a sua mãe.

G – Fiquei a ajudar a minha mãe. Ainda o meu pai pôs-me no...nos lá...no sítio onde ele trabalhava, pra eu ir aprendendo pra ver se me arranjava emprego, e tar lá comecei a tirar o curso de tipografia...

DR – Sim.

G – ...de escrever à máquina, ainda aprendi, mas aquilo era por concursos, depois a gente ficava admitida, mas quem estivesse lá já tinha mais possibilidades quando

houvesse concurso de...de ser chamada aquela pessoa que estava lá a aprender. A minha mãe como queria ajuda, eu larguei isso e fui ajudar a minha mãe.

DR – Hum, hum.

G – Havia uma senhora que queria que eu fosse aprender de costura, o meu pai não me deixou. (riso e pausa)

DR – Como é que era a vida em Angola nessa altura?

G – A vida em Angola quer dizer, pra muitas pessoas...na altura que eu era miúda...quer dizer, as pessoas lutaram muito. Depois é que aquilo foi crescendo, começou a ficar melhor a vida, os ordenados começaram a subir...já foi melhorzinho. Na altura em que casei já os meus pais viviam melhorzinhos, já não tinham tantas dificuldades, já começaram a viver melhorzinho. Mas não sei se foi derivado a sermos muitos e só o meu pai a trabalhar, éramos onze, na altura éramos dez, dez filhos, a criar dez filhos só ele a trabalhar era complicado. Depois quando os meus irmãos, os meus irmãos começaram a trabalhar muito cedo também, na mesma profissão, tipógrafos.

DR – Sim.

G – Tipógrafos...e...quando eles começaram a trabalhar dava uma ajudinha pá casa e aí já começamos a viver melhorzinho, porque eles começaram a trabalhar muito novos, o meu irmão começou com 14 anos, o outro também com 14 ou 15 anos, começaram a trabalhar e quando começaram a trabalhar o rendimento já era...maior em casa e a gente já começámos a viver melhorzinhos.

DR – E nessa altura sabia o que era o Estado Novo?

G – Não. Nunca soube.

DR – Não conhecia os outros impérios coloniais que existiam?

G – Não.

DR – E...e acha que a vida em Portugal é diferente da vida em Angola?

G – Não sei, nunca falámos, nunca falei sobre isso, da vida de cá se era melhor ou não, mas acho que lá que a vida era muito melhor que aqui.

DR – Quando chegou cá notou muita diferença entre a vida que tinha lá e a vida de cá?

G – Quando vim?

DR – Sim.

G – Ah. Notei, lá vivia muito melhor. A vida de lá do que aqui. Aqui notei muita diferença. Primeiro o clima.

DR – Sim.

G – Segundo o ambiente. Lá as pessoas eram muito dadas, convivíamos muito, era uma amizade, a gente convivia com as pessoas, parecíamos todos uma família. Entre colegas e tudo, do trabalho do meu marido e tudo, fazíamos piqueniques, juntávamo-nos ao fim-de-semana, na casa dum, fazíamos grandes almoços, havia muito convívio. Muita amizade, até mesmo eu antes de me casar, mesmo os amigos que a minha mãe tinha, as amigas, que tinha lá três amigas, que conheceu quando moravam ali, eu até aos fins-de-semana ia almoçar lá a casa delas, que me convidavam, porque eu gostava lá de um prato que elas faziam ao fim-de-semana, que era prato típico de lá, que era...hã...a muamba, e eles sabiam que eu gostava muito e convidavam-me. E eu dia todos os domingos, convivia lá com os filhos delas, das senhoras e tudo, havia muita convivência, muita amizade. Aqui, a gente chegou aqui, as pessoas de cá eram muito...não sei eram...e depois a gente estávamos habituados a vestir de uma maneira e elas aqui eram assim todas...iam ao pão de robe e chinelos e não, não gostavam da gente. A gente pra elas, nós a gente parece que vínhamos roubar qualquer coisa. Não, não nos aceitaram. E a vida lá sim, era muito diferente a vida lá. A gente, a roupa, o clima, a maneira de vestir, tínhamos que me meter muita roupa e ainda hoje, passados estes anos todos ainda não me consigo habituar-me muito a isto.

DR – E...em termos de infraestruturas, Angola estava mais avançado?

G – Ah, estava.

DR – Estradas..

G – Tava, tava. Tava muito mais avançado do que aqui. Acho que sim. Lá tínhamos umas estradas, casas, lindos bairros, e isto e aquilo e aqui não notei assim muito, muito mais bonito, para mim Angola era muito mais bonito.

DR – E concorda com a atitude que Portugal teve em relação a Angola...

G – Não.

DR – ...naquela altura?

G – Não. Acho que aquilo foi muito mal feito. Porque Angola era um país muito grande e se fosse bem-feita a independência podíamos tar lá todos. Acho que foi uma

independência muito mal feita, apesar de eles tinham direito, sim senhora, mas acho que se fosse um...umas belas conversações, um bom negócio, eles aceitavam. E que podíamos lá tar todos.

DR – Qual é que é a sua opinião em relação à guerra colonial?

G – Quer dizer, num certo sentido acho que eles ao fazerem essa guerra até tiveram razão porque houve muitas senhoras que aqui não eram, que não eram senhoras, que eram condenadas algumas por pequenos delitos que faziam aqui.

DR – Hum, hum.

G – Roubos...e até, hã, por matar. Eram colocadas, em vez de ficarem aqui na cadeia iam pra Fortaleza, lá, presas. E como haviam poucas brancas, na altura, na altura que eu fui pra Angola, muito antes de eu ir para Angola, o meu pai esteve lá desde os 2 anos e então ele com 18 anos foi buscar uma condenada à Fortaleza. Que era uma branca. E esses que iam buscar essas condenadas se casassem com elas ou coiso que iam buscar eles responsabilizavam-se por elas e elas ficavam libertadas. E o meu pai foi ainda buscar uma senhora lá que teve a viver ainda com ela dois ou três anos com ela mas depois não se entenderam e ela casou com outro senhor.

DR – Hum.

G – E ficaram libertadas. Essas senhoras, que não eram ninguém é que exigiam muito, tinham criados, iam buscar lá aos sipaios, lá ao coiso, pediam, e aqueles os sipaios arranjavam uma criada e elas abusavam muito da...das criadas. Abusar num certo sentido, faziam delas...umas escravas. E aí é que eles se revoltaram um pouco com isso. E muitas hoje que são umas senhoras, senhoras, que se fizeram, eram umas condenadas.

DR – Pois.

G – E às vezes também há revolução nisso eles indignados porque houve muito branco que armavam-se em superiores a eles e...e muitas vezes não lhes pagavam nem nada. (pausa) A minha mãe teve algumas criadas mas nós sempre nos respeitámos. E alguns que eu tinha ainda...chegaram a dizer “Minha senhora, não vá embora. A gente gostamos muito de si, não vá embora senhora”.

DR – Hum.

G – Porque nós sabemos...lidar com eles. Mas houve muitas que não sabiam lidar com eles. Não concordo com a maneira como eles fizeram, não concordo podiam fazer de outra maneira...mas pronto foi assim. (pausa)

DR – Hum. (pausa) E porquê que voltou?

G – Porque...a situação já estava muito complicada. Porque eu no meio onde vivia haviam três...três partidos. Era o FMA, a UNITA e o MPLA. E todos eles queriam o seu poder e de vez em quando havia tiroteio de um lado para o outro e a minha casa estava mesmo no meio. De um lado da rua era um partido, do outro lado da rua era outro. Havia três...ali uma rua, um partido, tal como agora estar aqui, ali naquele prédio (aponta para a janela) estar coiso e ali naquele prédio estar outro.

DR – Hum.

G – E era às vezes havia tiroteio e a gente era coiso nos escondermos debaixo das camas que havia muita confusão. E...havia confusão e...dentro da cidade havia aquela confusão assim e houve lá ainda vários mortos, que apanhavam aqueles tiros e coiso. Mas mais era mais para o mato que houve mais coiso...confusão. Depois foi quando começaram a ir as primeiras tropas para lá, aquilo...morreu muito tropa lá naqueles combates para o mato, que era lá onde eles viviam, que eram chamadas as sanzalas é claro depois a gente começou a ouvir muito e tudo começou a fugir, hã...comerciantes que viviam nas matas e começou tudo a querer fugir...vieram para Portugal todos, a gente começámos a ver aquilo e coiso e também me diziam “Vai para a tua terra, esta terra não é tua”, a gente viu aquilo coiso e viemos embora, com receio de...que acontecesse alguma coisa.

DR – Como é que voltaram para Portugal?

G – Eu vim de avião.

DR – E como é que foi a viagem, lembra-se?

G – Hã...lembro-me, foi boa a viagem, só que às vezes o avião dava assim, apanhava aquelas...hã...

DR – Turbulências.

G – Turbulências. E eu dava assim...tinha muito medo, ficava cheia de medo, mas foi boa. Foi...foi umas sete ou oito horas de viagem.

DR – Lembra-se do dia em que chegou a Portugal?

G – Lembro-me. Foi dia vinte...eu saí de...fui para o aeroporto no dia dos meus anos, dia 23 de junho. E...há espera que conseguisse um avião, que a gente tínhamos de ir pra lá que eles vinham cheios, cheios. Dormi lá nessa noite e embarquei de madrugada. Hã...dia vinte e quatro. Cheguei cá dia...vinte e quatro ou vinte e cinco, já não me lembro, isso é que já não sei bem. De junho.

DR – De que ano?

G – 1975.

DR – A sua família voltou toda consigo ou ficou lá alguém?

G – Não, ficou lá a minha mãe, o meu pai, ainda ficou lá, depois é que veio o meu pai, e depois a minha mãe é que veio, não havia viagens pra todos virem juntos, e depois veio...eu ainda trouxe um sobrinho comigo, vim com os meus dois filhos, com um sobrinho meu. Que a minha irmã pediu-me, como eu estava a tomar conta dele, que ela trabalhava, eu tava a tomar conta dele, e ele dizia “Tia eu quero ir contigo tia! Tia, tia!”, e eu trouxe um sobrinho meu, que a minha irmã passou-me uma...uma declaração que me...hã, pra eu trazer o miúdo. E então eu vim. Depois mais tarde é que veio a minha outra irmã, e depois é que veio a outra, e assim vieram aos bocadinhos. E viemos e então depois encontrámo-nos cá, é que a gente encontrou-se, vieram todos cá pra Lisboa.

DR – Então...o seu marido veio logo consigo?

G – Não, não, ficou lá. Veio, ele só veio em outubro.

DR – O que é que esperava encontrar em Portugal?

G – Olha nem eu sei. Nunca...não me lembro nada de Portugal, não fazia...fazia ideia que fosse igual ao que eu estava acostumada, mas...pra mim foi assim uma desilusão porque não vi aquele ambiente eu e estava habituada lá. Era um ambiente muito familiar, muito coiso, e aqui achei assim muito coiso, eu de família que tinha cá na altura só tinha, hã, um avô meu, materno, e um avô paterno, que depois mais tarde, não quando vim já não tinha o meu avô paterno. Tinha só o avô materno, quando vim em 75, não, eles já eram...não, eu estive cá em 73, de férias.

DR – Hum, hum.

G – Em 73, antes de vir, tive cá que vim com o meu marido e os meus filhos, viemos de férias e depois tornámos a voltar. Ai é que eu conheci...mas antes, antes tinha cá vindo

com a minha mãe e com os meus irmãos cá, Portugal que a minha mãe veio cá de férias sozinha com os filhos e eu vim com ela, ainda era solteira. Vim, e foi aí que eu conheci os meus avós maternos.

DR – Hum.

G – E conheci o meu avô paterno, porque eu os conheci, quando eu vim de vez eles já não eram vivos. E então fui, fui pra casa de um tio meu, irmão da minha mãe.

DR – Hum, hum.

G – Que me acolheu ali, porque eles tinham uma, uma casa e alugavam quartos. E então eu fui pra um quartinho com os meus dois filhos e um sobrinho. Tive lá um...quase dois meses. E depois foi quando eu soube aqui do bairro e ocupei aqui este bairro. Vim, sabia que era um bairro que tava destinado pra PIDE e como ainda não estava acabado nós ocupámos, ainda tinham...alguns ainda não tinham janelas, não tínhamos água, não tínhamos luz, algumas não tinham portas.

DR – Hum.

G – A minha tinha porta, que eu ocupei tinha porta e janelas, só não tinha era...tava quase toda pronta, não tinha era água e luz e então a gente, hã, a luz eram os candeeiros, comprámos um petromax e era o candeeiro, luz de candeeiro. E a água era ali a tropa, que punha ali coiso e que abriu, um género de torneiras que eram pra coiso e a gente ia prá bicha, tínhamos que ir muito cedo pra conseguirmos, hã, compramos garrações, bacias, e então enchíamos tudo cheio de água, tinha um tanque aqui, a casa tinha um tanque, tanque de lavar a roupa, e a gente enchia tudo que pudesse encher de água, que íamos para a bicha logo às seis da manhã. Távamos lá já, senão...as pessoas todas ali, e depois era aos bocadinhos enchia, tínhamos que ir e depois era outra vez para a bicha pra conseguirmos outra vez trazer outro garraçãozito. E passávamos o dia todo praticamente a carregar água prá gente ter água em casa.

DR – Quanto tempo tiveram nessa situação?

G – Ainda tivemos até...ora, eu ocupei esta casa dia 4 de setembro. De 75. Quando o meu marido veio em outubro ainda, ainda távamos nessa situação. Foi depois quando ele e outro vizinho que descobrimos que na porta de entrada tava, víamos molhada. E a gente disse “Mas aqui há água”. E que com uma chave e coiso a gente viu que era só abrir que eles, os próprios de cá, nunca quiseram nos dizer que ali havia água porque a gente podia ter água canalizada, eles é que nunca quiseram-nos abrir. E depois foi

quando a gente coiso, mas tivemos ainda assim, hã...setembro, outubro...um mês e tal ainda a carregarmos água nessa situação. E a passar a ferro era, comprar carvão, comprei um ferro de carvão e era passar a ferro de carvão. E a lavar a roupa no tanque.

DR – E quando é que...quando é que começou a ter tudo, ou seja, luz, água canalizada...

G – Ainda foi um...

DR – E a casa arranjada...

G – Demorou o seu tempo, a casa arranjada foi aos bocadinhos.

DR – Não, mas as janelas e isso.

G – Ah as janelas já tinham. Tinham janelas, esta casa por acaso estava quase toda pronta porque eram dos primeiros blocos...

DR – Sim.

G – ...que eles começaram. Aqueles lá mais para cima é que eram mais coiso porque eles começaram daqui.

DR – Sim.

G – Estes foram os primeiros. Como foram estes os primeiros blocos, tavam mais avançadas.

DR – Então o que faltava, faltava só a água e a luz?

G – Era. Aqui era. Na minha era. (pausa)

DR – Se pudesse voltar para Angola, voltava?

G – Na situação que lá está, não. Mas se fosse como antigamente, era capaz.

DR – Sim.

G – Se fosse o mesmo ambiente de antigamente. Mas como não, nunca será, já por isso não penso. Mas se fosse o mesmo ambiente, como vivi antes de vir, ah isso gostava de voltar.

DR – Então...quando voltou foi para a casa desse tio. Onde é que ficava a casa?

G – Ficava na Graça.

DR – Em Lisboa?

G – Sim.

DR – E depois veio cá para o bairro. Então...depois o seu marido é que foi trabalhar e ficou em casa?

G – Não, ele ainda antes de o chamarem para trabalhar teve aqui, montámos um negociozito, montámos uma barraquita de madeira. E depois quando o meu marido começou a trabalhar, trespassámos e pronto.

DR – Teve alguma ajuda do Estado?

G – Nenhuma. Como fui para casa do...quando cheguei ao aeroporto estava lá esse meu tio há espera.

DR – Ele sabia que vocês vinham?

G – Sabia. Porque...a minha mãe tinha contacto com ele.

DR – Hum, hum.

G – E...e ele sabia que eu vinha e foi lá ao aeroporto esperar-me e fui para a casa dele.

DR – E lembra-se como é que a sua mãe o avisou? Foi através de carta?

G – Era de cartas.

DR – Sim.

G – Era através de cartas.

DR – Conseguiu trazer alguma coisa de Angola consigo?

G – Não, não. Não trouxe...quando vim cá de férias é que trouxe um...uma malita com algumas roupas melhorzitas e loiças e deixei cá na casa da minha tia.

DR – Ah, deixou logo quando veio...

G – Sim, de férias.

DR – Isso em 72. Mas pensavam que a situação ia piorar?

G – 73. Sim, pensávamos, nunca pensei que a gente viesse de vez, pensei sempre que ia ser uma independência e que a gente ia lá ficar.

DR – Hum, hum.

G – Mas como depois eu vi que não melhorava nem nada resolvi vir, antes da independência. Ainda ficaram lá dois irmãos meus, hã...antes da, da independência. Um

irmão meu veio e outro ficou lá mesmo, passou lá a independência e só, e teve lá muitos anos antes de vir.

DR – E veio quando?

G – Veio depois...olha, depois da independência...ao fim de cinco ou seis anos depois da independência.

DR – Então só o seu marido é que foi arranjar trabalho, os seus filhos eram pequenos na altura?

G – Eram pequenos, eram pequenos.

DR – Tinham que idade os seus filhos?

G – A minha filha tinha...12, 12 anos, e o meu filho tinha 14, 15...14 anos. E a minha filha ia fazer 12. Pois. Olha, estou cá há 41...sim, tinha 12 anos. E o meu filho tinha 14 a caminho dos 15.

DR – Sim eram pequenos. Então foram para a escola na altura?

G – Sim, foram. Foram pró liceu. Andavam lá, chamavam o liceu, 1º ano, 2º, 3º ano, 4º ano, 9º ano. Agora é que o...antigamente era a 1ª classe, 2ª classe, 3ª classe, 4ª classe, depois era 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano, que agora é chamado de 9º.

DR – Sim, sim.

G – E era assim. Eles depois estudaram aqui.

DR – Como é que foi o relacionamento com as pessoas quando veio para cá? No início foi complicado, foi fácil...

G – Não foi assim...o relacionamento, a gente começou a dar mas era um relacionamento assim, nós éramos um bairro ocupado por retornados. Relacionamento que a gente tinha mais era com as pessoas retornadas.

DR – Sim.

G – Porque com as outras pessoas era um relacionamento com elas que não nos olhavam assim com bons olhos. Mas depois lá começaram a ver, e depois lá se encaminhou tudo, e o relacionamento é muito bom.

DR – Fez alguma amizade quando veio para cá para o bairro?

G – Praticamente...com as pessoas que eu conhecia.

DR – Sim.

G – Depois fiz com pessoas que eram de cá.

DR – Hum, hum.

G – Que ainda hoje me dou bem com elas e tudo.

DR – Então a maior parte dos amigos que fez nessa altura vinham de Angola?

G – Sim, sim, sim, sim.

DR – Hum, hum.

G – E eram pessoas conhecidas e muitas até moravam no sítio onde a minha mãe morava. (pausa)

DR – Então a maior diferença sentida entre a vida que tinha em Angola e a vida que tem em Portugal eram as pessoas de lá eram mais dadas?

G – Hã, sim.

DR – E o clima também.

G – E o clima, sim, sim. E...a cidade achava muito mais bonito aquilo, as praias, magníficas, e aqui eram...não dava para ir, era muito fria a água, e foi...achei uma dificuldade, não me conseguia habituar. E lá não, a gente ia á água quente, clima quente, hã, pronto, era...achei uma estranheza disso.

DR – Gosta de viver aqui, neste bairro?

G – Dizer que...não gosto nem desgosto.

DR – Hum, hum.

G – Eu não...não tenho razão de queixa, apesar de dizerem que é um bairro assim complicado mas eu não tenho razão de queixa. Dou-me bem com toda a gente, nunca ninguém e faltou ao respeito, dou-me bem com toda a gente. Quer dizer, como já são tantos anos aqui...gostava de viver noutro lado (risos) já estou cansada. Mas não é dizer que não goste. Porque não, não tenho razão de queixa do bairro, nunca ninguém me faltou ao respeito, aqui há muita raça agora, há muito, hã...gente que veio de lá que também quiseram a independência de lá, com os pais e tudo e acabaram por vir para cá, porque acharam que lá aquilo também estava mal. Indígena, hã raça negra, temos cá raça negra, ciganos, e tudo, mas dou-me bem com todos. Todos me cumprimentam, eu passo, brancos, negros, todas as raças aqui, temos aqui chineses.

DR – Hum, hum.

G – Temos...coiso, paquistanesees. Dou-me, dou-me bem, até têm lojas aqui no centro, do Paquistão, cumprimentam-me, dou-me bem, nunca ninguém me faltou ao respeito, não tenho razão de queixa. (pausa) Apesar de falarem muito mal do bairro, nunca assisti a nada, dou-me bem com toda a gente e pronto, tou satisfeita, não posso dizer o contrário. Se pudesse mudar pra outro sítio, assim estar mais perto da minha filha e das minha netas, gostava, mas não quer dizer que, lá do bairro com...não tenho razão de queixa.

DR – Os seus filhos e netas não moram cá neste bairro.

G – Não, não moram, estão no Algarve. Por isso eu gostava, só pra estar mais perto delas, mas como não posso, a minha vida está aqui, paciência. Vou de vez em quando lá visitá-las.

DR – Nunca se sabe o futuro.

G – Pois, o futuro...olha dá muita volta, hoje estamos aqui, amanhã não sabemos. Pode ser que um dia, quem sabe, apesar da minha idade, vá pra lá, nunca se sabe.

DR – Sim, ainda é...tem setenta e?

G – Faço 76 este ano se Deus quiser.

DR – Bem, muito obrigada pela sua entrevista.

G – De nada, sempre às ordens.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 5 – LEONOR

DR – Boa tarde sou aluna do 2º ano de mestrado do curso de Educação Social da Universidade do Algarve, e estou aqui com o propósito de recolher informação sobre a sua vida em Angola, a fim de praticar a entrevista no âmbito da dissertação.

L – Muito bem.

DR – Então onde é que nasceu?

L – Nasci em Goa, em 1924. 6 de maio.

DR – Hum, hum. Como quem é que vivia?

L – Vivia com os meus pais, minha mãe, meu pai, e meus quatro irmãos.

DR – Mais novos ou mais velhos que você?

L – Dois mais velho, eu sou do meio, e dois mais pequeninos. Um dos mais pequeninos tinha 10 meses quando a minha mãe faleceu. (pausa)

DR – E como é que era o relacionamento com os seus pais?

L – Muito boa, muito boa, fui muito feliz.

DR – E qual é que era a profissão que eles tinham?

L – A minha mãe era doméstica, e o meu pai era sargento de cavalaria.

DR – Hum, hum.

L – Foi destacado de Portugal para Goa, trabalhava lá, era militar

DR – Ah, então o seu pai nasceu em Portugal?

L – Nasceu em Aveiro.

DR – E a sua mãe?

L – A minha mãe em Pangim, Goa.

DR – Hum, hum.

L – Também tem descendentes daqui de Portugal, das famílias dos Alvins, a minha avó era Ferreira Alvim. E a minha mãe tinha descendência daqui com mistura de Goa.

DR – E depois...hã quando a sua mãe faleceu o seu pai voltou a casar?

L – Quando a minha mãe faleceu nós éramos pequeninos, o meu irmãozinho tinha dez anos, há dez meses, e o meu pai voltou a casar. No ano seguinte.

DR – Então tem mais irmãos?

L – Depois a minha madrastra teve uma menina, depois mais um menino, uma menina e um menino. Teve quatro, ao todo éramos nove.

DR – Como é que era a sua rotina familiar?

L – Eu, que me lembro, comecei a ir à escola aos sete aninhos...íamos, brincávamos muito, morávamos mesmo à beira-mar, todos os dias íamos à praia. Tínhamos boa alimentação, boa relação com os irmãos, meu pai, só a minha madrastra já sabe como é, não é?

DR – Pois.

L – Não era a mesma coisa. Às vezes fazia diferença dos filhos ela, connosco. Havia festas que ela fazia roupa nova prá, prá filhas e para mim não fazia. Então olhe foi assim, mas tive uma infância muito boa, muito boa mesmo. Depois fiz a 4º classe, antigamente era assim, as raparigas só tinham até à 4º classe e os rapazes iam para o liceu. (pausa) Então o meu pai, os rapazes foram todos para o liceu e nós fomos estudar um bocado de inglês, porque antigamente os casamentos eram mais com os rapazes que viviam na Índia, na União Indiana, e tínhamos que saber inglês, não é, se casássemos com os rapazes de lá e tal. E era, era normal. Íamos todas para escolas aprender inglês. E costura e bordados, já sabe antigamente era assim.

DR – Pois.

L – Pois.

DR – Então...falava hindu lá?

L – Nós geralmente tínhamos criados que falavam português.

DR – Ah.

L – Mas nós na brincadeira, crianças e tudo falávamos com “camingue”, era com “camingue” e sabíamos muito bem. E depois quando casei e fui à União Indiana, aprendi outras línguas, que era marata e hindí, falava muito bem.

DR – Hum, hum.

L – Mas se eu agora falasse já não tinha aquela prática de falar fluentemente não é. Mas foi bom. Casei, fui para a União Indiana...tive os meus filhos, passei bons e maus bocados, depois fomos, viemos para Portugal, como o meu pai era de cá conseguiu o visto para vir para Portugal. Porque aquilo estava muito mau, não havia emprego, passávamos mal...chegámos cá, no dia que foi o primeiro homem à lua. Foi nesse dia. E o meu filho mais velho, o Francisco, ficou todo contente porque aquilo foi no dia dos anos dele. E...ficou feliz, porque foi a primeira vez que a gente viu a televisão. Porque em Goa não havia. E se houvesse só as famílias muito ricas, não é? Pois. Foi assim, viemos de Portugal, ficámos cá uns mezinhos, o meu marido não tinha muita saúde, era asmático...fomos para Angola. Fomos para Angola, infelizmente na rua onde nós vivíamos havia muitas acácias. E aquilo fazia muito mal ao meu marido, por causa da asma. Mas nós não sabíamos...ele veio a falecer, três meses depois de chegar a Angola. Fiquei viúva com quatro filhos, infelizmente passado dois meses morreu o meu filho mais pequenino, com 1 ano e 10 meses, com uma meningite galopante...depois a vida tornou-se muito, muito difícil. Tive que meter a minha filha num Colégio de São Paulo...para estudar, ela tinha 8 aninhos...e os outros, o outro estava na escola primária, o mais novito, lá em Luanda. Eu comecei a trabalhar em coisas, olha fazia...chamuças, fazia comida para fora, comida goesa. Depois empreguei-me no hospital militar de Luanda. De onde fiquei lá dois anos a trabalhar, quando se deu o...

DR – ...25 de abril.

L – 25 de abril. Viemos recambiados para Portugal. E cá está, vim cá, olha também foi muito difícil, os primeiros meses foi difícil, depois lá consegui empregar-me na função pública, comecei a trabalhar nas finanças...mesmo assim o que ganhava não chegava...fazia comidas para fora, os doces mais finos de Goa que é a bebinca. E assim foi, até que o meu filho mais velho ajudou-me imenso, imenso, imenso. Porque ele fez tudo o que podia, coitado. Era pequenino, tinha 14 anos quando começou a trabalhar. E estudou, entrou num curso comercial, mas depois deixou porque tinha que ir a Setúbal, tinha passes, tinha isto, tinha aquilo e começou a trabalhar. (pausa) A filha foi estudar em Lisboa, fez o 12º, e estudou...educação visual. Formou-se, o mais novo teve mais sorte porque eu já podia também...dar-lhe mais apoio em tudo. O meu mais velho, pois conheceu uma miúda cá, casou-se e foi para o Algarve. E começou a trabalhar, também teve uma vida muito difícil no princípio. A minha filha, passado algum tempo casou-se com um rapaz de cá, que veio também de Angola, trabalhava na função pública, depois

ela começou a trabalhar, completou o curso, formou-se, foi professora da escola secundária aqui do Barreiro, onde até hoje ela exerce a sua profissão. Casou-se, tem dois rapazes, o meu filho tem duas meninas, que são muito espertas, muito bonitas, estudiosas, bem comportadas (risos) e gosto muito delas, adoro-as. E aos meus netos também, os filhos da minha filha também, são uns amores. Todos eles dão-me muito carinho. Por isso que até hoje, que já tenho noventa...vou fazer 92 anos e estou muito bem, graças a Deus, porque tenho todo o amor e carinho da minha família. (pausa)

DR – Então e, voltando um bocadinho atrás, hã...a sua família tinha alguma religião?

L – Somos todos católicos.

DR – Sim, e quando era pequenina frequentava a missa, a catequese?

L – Muito, ia com a minha mãe, o mês de Maria, porque atravessar a rua era a capela da Nossa Senhora da Conceição.

DR – Sim.

L – E todos nós fazíamos o mês de Maria...eu ia com a minha mãe, e cantava a minha mãe tinha uma voz muito bonita. E no dia 6 de maio, como eu fazia anos, a minha mãe nesse dia é que fazia a novena, levava velas, e flores, e cantávamos, era muito...era muito bonito, lembro com saudades desses tempos. E sempre exerci, sempre ia à igreja, até depois de casada, só depois de vir para aqui é que desleixei um bocadinho.

DR – Hum. Tinha amigos quando era pequenina?

L – Sim, tinha.

DR – Eles viviam perto da sua casa?

L – Viviam sim. Assim um bocadinho como se fosse uns...cinquenta metros, não mais, uns quinhentos metros, vinha todos os dias à tarde, brincávamos na praia, eu já era uma mulher, com 18 anos, e ainda brincava na praia (risos) que todas nós, raparigas, os tempos eram outros, não era? Não era como agora, não podíamos ter namorados e namorar.

DR – Quais é que eram as brincadeiras que tinha?

L – Era jogos, aqueles antigos, que fazíamos, já não me lembro do nome daquele jogo que era um quadrado, e depois com a pedra empurrávamos com os pés, passávamos de um quadrado para o outro, e depois havia outro que ficávamos duas raparigas que faziam um quadrado muito grande, e depois cada canto ficava uma rapariga e depois

tínhamos que correr, e dar uma palmada, corria e era outra e era assim e quem chegasse primeiro ganhava, era um jogo muito bonito. E depois jogávamos também em correr...fazíamos aquilo “um dó li tá” e depois jogávamos à cabra cega, muito! Fazíamos uma roda muito grande, depois tapávamos os olhos, pegava num pano, dava um nó e punha para trás da pessoa. A pessoa que apanhasse primeiro corria, punha depois a outra, e era assim, era muito giro. E só pensávamos na brincadeira, depois merendávamos às quatro e meia, cinco horas...coisas típicas lá de Goa. Merendas feitas com feijão, e chá de groa, que é um produto da palmeira, do suco da palmeira, que se chama sura, e eles fazem do açúcar, do concentrado, dos quadrados, e eles faziam também os doces lá típicos da terra, para a gente comer, que era saudável, era tudo com feijões e lentilhas e essas coisas. E era mesmo, tínhamos mesmo o chá das cinco. Todos nos sentávamos na mesa, a minha avó, todos nós. Com um bolo muito grande, e as chávenas, beber o chá. Às vezes fazíamos bolos, a minha avó fazia. Mas depois ainda me lembro, coitada da minha avó, eu tinha 11 anos quando ela morreu. Foi muito triste para mim porque ela...dormia no quarto com ela e tudo... (pausa) e foi assim.

DR – Hã...teve algum namorado durante a juventude?

L – Tive...havia dois rapazes que gostavam, mas tive um que namorei quase sete anos por cartas, nunca tivemos contato nenhum, mas depois, depois eu fui para a União Indiana, e uma cunhada minha que estava lá também escreveu-me a dizer que ele andava com outras raparigas. E eu logo mandei uma carta descartando tudo, acabei com tudo. E passado três meses depois casei, com o meu marido, que era meu primo também.

DR – Ah então já o conhecia.

L – Sim, conhecia mas não era um trato assim...era amigo, era mais amigo do que namorado, como se fosse não é? Até casei e tudo, olha tive altos e baixos, não é em relação ao meu marido, em relação ao emprego dele, que foi a desvalorização de dólares, ele ficou sem emprego na União Indiana. E passámos maus bocados, mas lá se foi fazendo isto e aquilo, lá conseguimos e depois viemos para Portugal.

DR – Pois. Mas onde é que...não percebi, existia uma cidade e depois moravam na União Indiana?

L – Morávamos na cidade, depois fomos em Puna.

DR – Ah.

L – Puna...morávamos mesmo na cidade, que era uma cidade cheia de gente, muito viçosa, muita população, de todas as raças. Eram muçulmanos, eram hindus, eram os persas, eram os...os sírios e muita gente. Mas muito boa gente. Eu morava num prédio dos muçulmanos mas fui sempre muito bem tratada, eu, como os meus filhos, sempre que houvesse festas eles mandavam comida para nós, pra casa, convidavam-nos a nós para jantar, para comermos, até roupa nova davam aos meus filhos. Fazia para eles, para os filhos deles, e fazia para os meus também. Gostavam muito do Francisco, havia uma criada minha que gostava tanto do meu filho mais velho, do Francisco, que no dia da festa deles comprava roupa nova para ele.

DR – (sorriso)

L – Toda daquela brilhante, daquelas lá da Índia, com cores, e levava-me de manhã e trazia-me à tarde para casa, passear com ele e tudo. Fui muito bem, a minha vida não foi má, graças a Deus, foi só os altos e baixos, quando não tinha emprego, não tinha dinheiro, o resto...a família sempre houve união. Os meus filhos foram bons filhos. Não me deram chatice nenhuma. Nem de, de drogas, nem bebidas, nem de nada graças a Deus.

DR – Hã...então os seus filhos nasceram em que sítio?

L – Quem?

DR – Os seus filhos, onde é que nasceram?

L – Francisco nasceu em Pangim, Goa.

DR – Sim.

L – A Liana nasceu em Puna e o Alfredo nasceu em Puna e o mais novo também, o...o Sálvio também nasceu em Puna.

DR – E depois...como é que era a sua casa?

L – Era muito simples...era uma casa modesta. Tinha camas, tinha umas cadeiras daquelas antigas bonitas, uma mesa, uma cozinha pequena, uma casa pequena. Tinha água perto, tinha uma criada, que lá na Índia há muita gente pobre que vem trabalhar e não...não podemos dar grandes salários como aqui em Portugal. Vinha lá fazer as limpezas e lavar os tachos e tal que eu não tinha máquina de lavar loiça nem nada...isto apareceu só agora...e é assim, ajudava-me e depois ia-se embora. E levava os meus

filhos pequeninos a passear no jardim, e trazia, ia às quatro e voltava às cinco, cinco e meia, porque depois ali na Índia escurece mais cedo.

DR – Como é que era a cidade?

L – Muito viçosa... Com muitas lojinhas....

DR – Ai é?

L – ...com muitas coisas. Como se vê, com muitos carros a passar, muitos “rickshores”, que são aquelas motas que levam passageiros.

DR – Sim.

L – E depois haviam os carros de cavalo também com duas pessoas, chamava-se “tangá”. Íamos, gostava muito de ir naquele carro de cavalo. (risos) Pegava nos meus filhos, sentava lá e pegava com a Liana e o Francisco e lá íamos nós. Depois havia aquela grande festa de ganês. Lá...Deus deles, de Ganês.

DR – Sim.

L – Sabes, quem é?

DR – Não, não sei.

L – É uma imagem que se vê com uma tromba de elefante, e com quatro mãos.

DR – Sim.

L – É o Ganê, e é uma grande festa que eles fazem! Aquilo é quase uma semana.

DR – Ai é?

L – E cada um enfeitada como se fosse natal, nós fazíamos os presépios, e eles faziam o Ganês, depois nós íamos passear a cidade toda de carro, de cavalos maior, não é daquele que tem gás, noutra carro grande. Pra verem aquelas...aquelas imagens todas enfeitadas com frutos, muitos frutos de toda a espécie, coco e depois...leite, numas caçarolas pequeninas....muito bonito, muito bonito. E depois...foguetes, e...foguetes daqueles com um grande estrondo, que eu até estremecia, a casa. Aqueles dias para mim era um inferno. Eu estava grávida da Liana chorava mesmo, detestava, dizia “Não quero ficar aqui, não quero”. Cada vez que desse um daqueles eu tapava os ouvidos, sentia um estrondo grande, mas depois passava, mas era divertido. Nem tudo podemos ter de bom não é?

DR – Pois é. E tinha alguns familiares a morar nessa cidade?

L – Tinha minha irmã...longe, não perto.

DR – Hum, hum.

L – E mais...mais ninguém. Tinha familiares muito longe que...

DR – E quando...e quando era pequenina, costumava ir a casa de outros familiares?

L – Sim, ia a casa do meu marido, que a mãe dele era minha tia não é, íamos lá muito brincar, íamos à praia, e depois...íamos, tínhamos a praia grande, que...a casa do meu marido era mesmo na praia, era uma casa boa, grande, e depois nós íamos à praia. E depois dali ao pé da praia do outro lado, havia uma fonte de água. Caía como se fosse uma cascata, mas de água doce. Nós saíamos dali da praia e depois íamos tomar banho ali na água doce. Era muito bom, muito bonito, era uma paisagem lindíssima aquela. Muito peixe, bom, depois tínhamos a praia grande, onde arrastavam aquelas redes grandes, cheias de peixes! Cavalas e tudo, muito bom peixe. Era mesmo saudável. Peixe fresco, vivíamos bem.

DR – E...e qual era a casa que mais gostava de ir, assim dos seus familiares, qual era a sua casa preferida? Tinha alguma, ou gostava de todas?

L – Gostava de todas. Mas...eu fui, também muito longe da minha casa, tínhamos que andar uma hora para ir a Fortaleza, onde meu tio era diretor. Cabo de rama.

DR – Hum.

L – Chamava-se assim, tinha um grande portão para entrar, nós entrávamos e fechavam o portão e mais ninguém podia entrar, era como se fosse...um castelo!

DR – Sim.

L – Mas não era um castelo, não era, era um forte.

DR – Sim.

L – E ali era muito bonito, muito mesmo. Uma vida saudável, depois íamos ao...ao cajual, onde havia árvores, plantas de caju, íamos lá comer o caju, apanhávamos aquilo, muita gente ia lá apanhar o caju fresquinho. Depois havia outra fruta que chamava-se galandas...galandas, parecia uva preta pequenina, mas doces, fazíamos muito doce daquilo também. (pausa) Havia muita fruta boa, a papaia, comíamos todos os dias, as bananas... (pausa)

DR – E...qual era o seu sítio preferido, de todas as cidades que morou, qual era o seu sítio preferido? Tinha assim algum sítio preferido?

L – Eu primeiro morava em Pangim não é.

DR – Sim.

L – O meu pai era diretor da cadeia de Pangim. Mas depois a cadeia foi transferida para Reis Magos, tínhamos que atravessar o rio Tejo, de lancha, e depois tivemos a casa ali em cima era o forte.

DR – Hum, hum.

L – E era cadeia e o meu pai era diretor e então viemos para aquela casa, era uma casa grande, tinha quatro quartos, tínhamos uma varanda à frente, outra atrás, uma cozinha fora, não era dentro, e eu chorei, chorei e chorei para vir de Pangim para ali, porque eu tinha 15 anos, 14-15 e tinha muitos amigos e amigas lá na escola...

DR – Ah!

L – Para mim aquilo foi...até na lancha eu a chorar e meus irmãos “então não chora pá, porquê que tás a chorar?” Eu chorei muito, muito, mesmo, porque tinha minhas amigas, e tudo, a filha de um sargento, chamada Lizete, era muito minha amiga. Infelizmente ela morrer cá coitada, com uma transfusão de sangue que lhe deram de sida.

DR – Ah...

L – Coitadinha, toda bonitinha...

DR – Mas já aqui em Portugal?

L – Morreu aqui em Portugal, ela já tinha casado, ela casou antes de mim, e veio para Portugal. O marido, o marido também era militar...e ela teve o filho, depois teve que fazer uma operação qualquer cá em Portugal e fizeram uma transfusão mas deram transfusão o sangue tinha sida.

DR – Pois.

L – E ela coitada morreu. Era uma grande amiga minha. Então eu chorei, e chorei, e chorei...mas depois, quando eu fui para lá fiz novas amigas e tinha uma prima que também morava lá...e é assim depois fui gostando e fiquei satisfeita depois.

DR – E qual era o sítio que mais gostava de ir, era à praia...era a algum sítio da cidade...

L – Mais a praia.

DR – Hum, hum.

L – Até à noite íamos tomar banho à praia, no mar.

DR – Pois.

L – Porque com a lua cheia, lindíssimo. Depois também fazíamos uns piqueniques de noite, nos barcos. Grandes barcos de vela! Alugávamos o barco, eles alugavam não é.

DR – Sim.

L – Depois fazíamos comida, levávamos vinho, garrafão de vinho, e os rapazes levavam guitarra, o meu pai também, tocava guitarra muito bem, bandolim, guitarra...cantava bem, depois nós cantávamos, dávamos a volta no rio Mandevim, comíamos e depois vínhamos.

DR – Hum, hum.

L – Era muito bom. Tive uma...uma juventude muito boa.

DR – E costumava ir de férias? Com a família?

L – Estava sempre de férias. (risos) Às vezes ia para outra praia grande.

DR – Hum, hum.

L – Em Pangim, que era Carasalém. Eles montavam, quer dizer eles fazia umas barracas grandes, com divisões e tudo lá dentro, cobertos com as folhas das palmeiras. Um vento fresquinho, porque havia calor, então eu ia passar lá com o meu tio e minha tia na praia eles não tinham filhos, íamos lá eu e eles levavam-me com eles. E também fazia praia com a minha avó antes de minha avó morrer quando era criança. A minha avó fazia, era...costume lá fazer-se dez dias de praia, ou...oito dias de praia...então tínhamos que acordar muito cedo! Cinco horas da manhã.

DR – Eeee.

L – E vinha um carro buscar, de cavalos, que a minha avó pegava por todos aqueles dias. Ela levava dois ternos, um com café e outro com, com ovo maltine. Cheios, quentinhos. Então eu ia à praia sempre de manhã. Lá ia, tomava uns banhos, minha avó nadava muito bem. Depois sentávamo-nos, ela abria aquilo e dava-me a mim, ovo maltine quentinho e tudo (sorriso) ficava tão bom, coitadinha da minha avó, chamava-se Idalina. Era muito branquinha, tinha olhos azuis. Uma pele muito fina.

DR – Era mãe da sua mãe ou do seu pai?

L – Parte da minha mãe. Famílias oriundas daqui, dos Alvins.

DR – Sim.

L – Quando fores no coiso vais ver, as famílias Alvins. De quem são.

DR – É?

L – Eles têm até brasão.

DR – Sim.

L – Mas um tio meu, já sabe como é...irmão de minha avó, que era o último, passou a andar ali nas paródias, e a beber e tal, e um dia, como ele tinha aquele anel com o brasão...

DR – Hum, hum.

L – ...teve uma discussão com...não sei quem, pegou no anel e deitou...olha nunca mais apanhou aquele anel.

DR – Hum, hum.

L – E tinha o brasão lá.

DR – Olhe...então e depois de casar, costumava fazer férias com os filhos?

L – Sim!

DR – Onde é que...

L – ...íamos lá no mato.

DR – Hum, hum.

L – Íamos geralmente sim. O...numa zona selvagem.

DR – Sim.

L – Até ouvíamos o roncar de tigre.

DR – Ah, iam fazer também...iam à caça dos tigres e isso?

L – O meu marido ia à caça.

DR – É?

L – Mas nunca matou tigre. Tigre não, só matava assim javalis, essas coisas não é? Eu às vezes ficava sozinha na barraca grande, com Francisco, Francisco já era...só tinha ele, quando fui para férias lá...em Puna, ouvi roncar os tigres e eu disse “Francisco, eu vou-te pôr aqui em cima, se vier algum tigre, tu não faças nada, ficas caladinho” (risos) eu com medo, mas não havia esse perigo, mas eu pensava que havia, ficava com medo. Mas era bom, eu fui também, quando era mais novita fui com o meu pai à caça. E meu pai obrigava-me a...disse-me para eu dar um tiro, mas eu não consegui.

DR – Hum, hum.

L – Não quis...peguei na arma, dei ao meu pai e disse “Eu não quero, não quero”. Mas era muito bom. Chovia, aquela chuva miudinha na floresta, a ver o...o barulho dos...dos galos a cantar de manhã...selvagens, tudo selvagem. Foi muito bonito. Passei mesmo uma boa infância. (pausa)

DR – E depois quando foi da Índia para Portugal, não é, qual é que foi a terra que ficou em Portugal? (pausa) Quando foi da Índia para Portugal, qual é que foi a terra onde ficou?

L – Aqui, em Lisboa.

DR – Em Lisboa mesmo?

L – Em Lisboa.

DR – Sim. Em casa de algum familiar?

L – Não, o Estado é que nos deu alojamento....

DR – Ah.

L – ...no...ah já não me lembro do nome. Alojamento, ficámos lá três meses.

DR – E depois foram então de...

L – ...de ali fomos depois para Angola.

DR – Angola. E em que ano é que isso foi? Lembra-se mais ou menos?

L – Em 70. Acho que foi em 70.

DR – Ah então ainda viveram uns quantos anos em Angola?

L – Fiquei pouco tempo, quatro anos, ou cinco anos.

DR – Sim. Qual é que foi a cidade de Angola onde morou?

L – Luanda.

DR – Como é que era a vida nessa altura em Angola?

L – Era boa. Quer dizer não havia chatices, íamos passear, os pretos, os brancos, os mestiços, todos nós juntávamos, não havia aquela, aquela...aquela, sei lá distinção entre raças.

DR – Sim.

L – Dávamo-nos todos bem, muito bem. E os meus filhos brincavam com todos os pretitos lá, eram muito amigos, vinham a casa, lanchavam connosco, era uma vida muito boa. Alegre. Os angolanos são muito alegres.

DR – Então e...já agora, quando foi da Índia para Portugal, foi como, foi de avião, foi de barco...

L – De avião.

DR – De avião?

L – Primeiro fui de barco.

DR – Sim.

L – Fomos de barco até Karahi, de Bombaim a Karahi.

DR – Sim.

L – Apanhámos uma tempestade grande...o barco parecia que ia ao fundo, as ondas grandes, de 3 metros, batiam no barco, ficámos 3 dias naquele barco...o meu filho mais novo, o meu Alfredo, quase que ia morrendo coitado, de tanto vomitar...o comandante do barco levou-o para a cabine dele ali em cima e deixou-o com ele porque ele nem água conseguia beber. O Francisco não! Ele e o pai andavam de um lado para o outro, os homens vinham com bandeja com comida, comida no chão, ele corria de um lado para o outro, olhe ele deu-se bem sempre. Depois fomos a Karahi, chegámos lá, ficámos lá um dia e tal, num...num hotel. Depois viemos de avião italiano, de Itália, para Roma.

DR – Hum, hum.

L – Mas para chegar a Roma fizemos muitas escalas.

DR – Pois.

L – De Karahi fomos a Kuwait, a Dubai, cada vez descíamos num porto. Tínhamos que sair do avião, e mais não sei o quê, íamos, depois de Roma fomos diretos para Lisboa. Quando chegámos a Lisboa estavam lá umas senhoras que vieram na...na, deviam ser assistentes sociais.

DR – Sim.

L – Que nos levaram para o hotel depois.

DR – Hum. E depois porquê que foram de Lisboa para Angola?

L – Sim, porque aqui não havia, hã como em Angola então estava muito bem...

DR – Sim.

L – ...e toda a gente ia pra Angola, era o futuro. Prós meus filhos e tal e lá fui.

DR – E foi como, foi de avião?

L – Fomos de barco.

DR – De barco? Foi melhor do que a outra viagem?

L – Foi boa viagem, muito boa. O barco era grande, e não havia tempestade nem nada, fizemos uma boa viagem, 15 dias quase.

DR – Eeee....

L – Depois descemos em Las Palmas, passeamos e tal, onde comprei uma boneca à minha...o pai comprou uma boneca prá filha, para a minha Liana, que ela queria sempre uma boneca, uma boneca grande, e ela toda contente com aquela boneca...é...e vá lá, fomos para Angola.

DR – E foram para que cidade de Angola?

L – Eu não devia ter ido. O meu sobrinho que estava cá disse “Oh tia não vá para Angola, fique aqui que eu arranjo um trabalho ao tio, arranjo uma casa, vocês ficam aqui, em Portugal...mas eu como tinha um irmão lá...ele disse-me que aquilo seria muito bom, afinal...

DR – Ah tinha um irmão em Angola.

L – Sim, em Angola. Mas a minha cunhada era...era, tinha um génio terrível. Ficámos lá com eles uns dias, lá depois arranjámos uma casa muito...era uma cave.

DR – Hum, hum.

L – Ficámos lá. Depois nesse ano choveu tanto, tanto, tanto, que a chuvada deu cabo de toda a minha roupa e fotografias e tudo... fiquei sem nada!

DR – Oh. (pausa)

L – E depois olhe... fomos, comecei a trabalhar, o meu marido coitado não tinha trabalho e depois ficou doente logo e faleceu, é assim...

DR – Qual era a cidade?

L – Luanda.

DR – Ah. (pausa) E sabia alguma coisa sobre o Estado Novo? (L olha sem perceber) Se havia informação sobre o Estado Novo, de Salazar.

L – Não.

DR – E na escola, quando estava na escola, na Índia, aprendeu alguma coisa sobre os impérios coloniais ou não?

L – Nós em Goa sim.

DR – Sim.

L – Em Goa tínhamos que estudar tudo.

DR – Hum, hum.

L – Tudo, tínhamos que saber a história toda de Portugal, tínhamos que saber, hã, papéis comerciais, rotas, as exportações e importações, os países, e... da Madeira e dos Açores, tudo. E de Portugal tínhamos que saber tudo, a história toda, a geografia toda, os rios todos de cor, senão ficávamos de castigo, eu sabia tudo de cor, os cognomes dos reis, e tudo, tudo, tudo. As conquistas de D. Afonso Henriques, depois os cognomes e tudo. Tínhamos de saber tudo!

DR – Pois. Porque quando era... na Índia aquilo ainda era uma colónia de Portugal.

L – Pois. E depois a gramática também. Os verbos, tínhamos que saber os verbos todos.

DR – Quando é que a Índia deixou de ser colónia de Portugal, foi mais ou menos quando?

L – Em 61.

DR – Ainda estava lá.

L – Eu estava em Puna. Comecei a chorar até.

DR – Pois.

L – Porque Goa era diferente, depois já sabe toda a gente que era, gente que era mais sem cultura, sem nada...

DR – Hum, hum.

L – ...infiltravam-se todos em Goa!

DR – Pois.

L – Como eles fizeram em Luanda também.

DR – Sim.

L – Quando foi a coisa vieram todos do mato pra lá.

DR – Pois.

L – E agora está aquilo com uma população horrível.

DR – Pois.

L – É que sucedeu a mesma coisa em Goa, começaram a vir aqueles todos forasteiros lá do norte da Índia, dormiam no chão, faziam porc...aquilo era tudo limpinho, era duma maneira diferente, era como se fosse uma maneira de viver europeia.

DR – Sim.

L – E depois...Goa foi um país muito rico.

DR – Hum, hum.

L – Digo mesmo, havia muito ouro, muitas pedras preciosas. As senhoras andavam de palaquins.

DR – Hum, hum.

L – No tempo da minha avó claro, não é.

DR – Sim, sim.

L – E foi assim. Mas quando deu a invasão de Goa....perdeu, perdeu aquela coisa, não sei diz que agora está melhor. Já fizeram muita coisa boa, muitas estradas... (pausa) é que o nosso governo de cá, não importaram muito, logo no princípio deviam fazer qualquer coisa, não é.

DR – Sim.

L – Dar autonomia aos goeses, e fazer mais estradas e...ir de cidade pra outras terras...não, pararam, pararam no tempo.

DR – Pois.

L – E já sabe que a Índia é um país grande que tem não sei quanta tropa, e nós não tínhamos tropa nenhuma quase. Eles tinham não sei quantos mil soldados a entrar pra Goa e nós tínhamos uma minoria (riso) tão poucos. Ficaram presos, todos.

DR – Pois.

L – Pois. (pausa) Mas não maltrataram.

DR – Ainda bem.

L – Davam comida e tudo...mas só de estarem ali presos, para eles foi uma humilhação. (pausa)

DR – Acha que a vida em Portugal era diferente da vida que tinha lá?

L – Muito diferente.

DR – Para melhor ou para pior?

L – Eu acho que agora é para melhor.

DR – Hum, hum.

L – Aquilo não tinha evolução nenhuma. Porque se não tivesse dado a independência também não devia ser um bom futuro para...para os...para os filhos né?

DR – Sim.

L – Tinha que ir para a União Indiana, para Bombaim, daí trabalhar para ali, era uma vida muito, muito, muito, muito, muito puxada.

DR – Hum. (pausa) E da vida que tinha em Angola, também é diferente?

L – Angola sim. Um país quente, já sabe como é.

DR – Hum.

L – Era vida diferente. Mas tinha boas escolas, bons professores. (pausa)

DR – Concorda com a atitude que Portugal teve em relação a Angola, a dar assim a independência? (L fica a olhar) Da atitude, acha que devia ter sido diferente o que Portugal fez ou...

L – Eu acho que fez...Angola?

DR – Sim.

L – Eu acho que sim. Eles deviam estar preparados há muito tempo....

DR – Hum, hum.

L – ...que isto podia acontecer.

DR – Sim.

L – E podia ser outra coisa melhor.

DR – Pois, porque como aconteceu com a Índia não podia acontecer com Angola.

L – Pois! Com Angola eles podiam ser...pelo menos dar a autonomia ou...sei lá, não sei, não percebo bem essas coisas...

DR – Hum, hum.

L – Hã...coiso mas eu acho que eles fizeram muito mal mesmo. Ao povo angolano também como que a nós todos.

DR – Sim.

L – E os imigrantes que foram lá todos...muita gente perdeu muito, muito, muito. Casas, terrenos e tudo...enquanto eu não tinha nada, não é, mas houveram pessoas que tinham grandes vivendas, bonitas... tudo muito bonito, o bairro de Alvalade era muito gito, com casas lindas... Era uma vida diferente, a gente ir à praia, voltávamos do serviço, só trabalhava da parte da manhã porque aquilo era muito calor, às duas horas já vinha para casa. Os miúdos também vinham para casa, lá íamos para a praia. (sorriso)

DR – Qual é a sua opinião em relação à guerra colonial? Concorda que tenha havido guerra colonial, não?

L – Não devia haver.

DR – Pois...

L – É horrível. Já viu como a gente, tantas mães que perderam os seus filhos... tantos filhos que perderam os seus pais...tanta desgraça...tantos animais que morreram, tantas bombas que puseram. Tantas armadilhas...ah tudo foi muito, muito mau, principalmente para o animais selvagens, foi uma barbaridade.

DR – É?

L – Mataram aqueles animais todos...e, hã...com explosivos e tudo, foi horrível. Mataram as pessoas, as raparigas violadas, foi no dia...quando deu a independência, passados dois dias vimos um trator cheio de cadáveres a passar. Foi horrível, na casenga, onde eu morava...moravam muitos pretos e muitos brancos também, por acaso eu dava-me muito bem e eles gostavam de nós todos. Quando o meu filho mais novo, tinha então 10 anos, disse “Oh mãe, oh mãe, venha ver aquilo, está a passar um trator com pessoas mortas, com os braços a abanarem, com os braços de fora e coiso...”.

DR – Pois.

L – Outro dia veio para casa e disse “Oh mãe, ao pé dos bombeiros estão pendurados dois homens enforcados”. “E tu foste ver?” “Eu fui mãe! Fui com outros, fomos ver”.

DR – Pois.

L – E eu cheia de medo, podia matar a ele, mas eles eram crianças, e depois começou a guerra do MFLA e do MPLA...nós ficámos encurralados no meio...os do MPLA de um lado mandavam uma salva como tiroteio, depois paravam, depois eram os do MP...do MPLA do outro lado começavam o tiroteio, e nós no meio. Dormíamos com colchões no chão. Quando começava na frente íamos com os colchões para trás, quando começasse pra trás da casa, íamos com os colchões para a frente, era assim.

DR – Então...

L – Foi horrível.

DR – ...era o MPLA contra quem?

L – Era MPLA contra MFLA.

DR – Ah.

L – Pois...e depois não havia pão, nós comprávamos pão de manhã e há tarde já estava a cheirar mal, podre.

DR – Pois.

L – Foi horrível. Não havia comida boa, nem nada. Todos começaram a fugir, as lojas começaram a fechar...

DR – Então foi nessa altura que decidiu voltar...decidiu vir para Portugal?

L – Pois, decidi vir para Portugal.

DR – E como é que foi, foi de...

L – Viemos de avião.

DR – Sim. E lembra-se de qual foi o dia que chegou a Portugal? (pausa) Em que dia é que chegou a Portugal, lembra-se?

L – Em maio, mas não me lembro bem do dia...

DR – De que ano? (pausa) De que ano?

L – 75 não foi?

DR – 75...

L – 76. Foi em 75 que se deu o coiso não é? Ou 74?

DR – 74 deu-se o 25 de abril.

L – Pois em 75 viemos para cá

DR – Em 75. Pois. Quando voltou, a sua família voltou toda consigo?

L – Não.

DR – E quem veio consigo?

L – Veio a minha família toda, os meus quatro filhos. Três!

DR – Sim.

L – Três filhos porque o outro morreu.

DR – Sim. E então estava a dizer que o seu irmão continua lá a morar?

L – Aonde?

DR – O seu... não tinha um irmão que morava...

L – Sim, ele ficou, mas depois foi, foi longe daqui de Lisboa.

DR – Ah.

L – E eu como fiquei aqui, deram esta casa aqui, no Barreiro...

DR – Sim.

L – ...foi a tropa que...que deu essas casas, ainda não estavam prontas e não tinham portas nem nada...

DR – Sim.

L – ...nós viemos cá...e depois eu tinha uma irmã que morava em Oeiras...os meus dois filhos mais novos foram ficar lá e eu fiquei com o meu filho mais velho nesta casa, sem portas nem janelas.

DR – Sim.

L – Porque vinham outros depois e...podiam ficar não é. Ficar, ficamos, não tínhamos comida, não tínhamos nada, vinha a tropa dar o café da manhã que parecia mais água do que café, enfim... foram dias...maus. Mas lá conseguimos safar.

DR – O que é que esperava encontrar em Portugal? Esperava alguma coisa? Ou não?

L – Quando voltei de Luanda?

DR – Sim. Hã, esperava encontrar alguma coisa em Portugal? Ou alguma...

L – Não, esperava trabalhar em Portugal...

DR – Sim.

L – ...como eu trabalhava pró Estado.

DR – Sim.

L – Pois.

DR – Então teve ajuda do Estado, deram-lhe a casa? Deram-lhe mais alguma coisa?

L – Deram-me esta casa.

DR – Sim, como é que foi?

L – E então deram-nos mantas, e uns boliches...

DR – Não, mas como é que foi? Foi falar com quem para lhe darem a casa?

L – Eu não fui falar com ninguém...quando nós viemos...

DR – Sim.

L – ...fomos à INATEL.

DR – Ah, sim.

L – Ficámos lá.

DR – Hum, hum.

L – Então eles, as assistentes sociais não é, começaram a ver onde nos devia alojar e dar casa...

DR – Sim, sim.

L – ...habitação. Então a tropa veio lá dizer que tinha habitação para nós. Então eu e o meu filho mais velho viemos cá. O meu Francisco. Pra ver. E então vimos esta. O...o...o militar que vinha connosco disse “Olhe tome a chave, esta casa é pra vocês. Só têm de colocar a porta da frente, está ali a porta, mas têm de colocar”. E depois o meu filho mais velho colocou a porta.

DR – Hum, hum.

L – Não tínhamos sanita, não tínhamos nada.

DR – Pois.

L – Banhos tínhamos de tomar ali fora...tinha uma torneira fora, o meu filho Francisco ia tomar banho gelado lá coitado, eu lavava roupa na rua, não tinha tanque. Não tinha água nem nada, mas passado 3 meses, depois é que nos puseram água...puseram janelas...

DR – Sim.

L – Essas coisas, e a sanita começou a funcionar... (pausa)

DR – E no início conseguiu trazer algum dinheiro de lá?

L – Não.

DR – Não?

L – Nós não tínhamos, o dinheiro era...não trouxe dinheiro nenhum.

DR – E conseguiu trazer alguma coisa consigo, de bagagem, ou também não?

L – Sim, trouxe. Trouxe roupas...

DR – Hum, hum.

L – ...e tudo, e eu estive lá um senhor que trazia muita coisa dele e então trouxe a minha máquina de costura.

DR – Ah.

L – E o frigorífico, mais nada. (pausa) Depois deram-nos aqui, vinham umas senhoras, deviam ser assistentes sociais.

DR – Sim.

L – Pronto, deram o aspirador, deram coisinhas assim, e depois eu fui comprando! Trabalhava, fazia chamuças pra vender, fazia bebincas pra fora, e foi, lá começámos a comprar coisas.

DR – Pois então quando chegou cá, vocês foi trabalhar...

L – Depois comecei a trabalhar....

DR – ...o seu filho mais velho...

L – ...Lisboa...

DR – ...o seu filho mais velho também foi trabalhar, e os outros dois filhos foram estudar?

L – Sim. Foram estudar. A Liana acabou aqui no Alfredo Silva, o Alfredo também, o Francisco começou a estudar já tinha 17 anos.

DR – Hum, hum.

L – Começou a estudar...em Setúbal, curso comercial, mas depois teve que ir trabalhar, tirou a carta de condução, dos pesados e ligeiros.

DR – Sim.

L – E eu...então falei a um diretor meu lá das Finanças, que conhecia alguém que desse emprego ao meu filho, então ele disse sim, que conhecia uma pessoa no Algarve que precisava de um rapaz que soubesse inglês e tudo...e assim o meu filho começou a trabalhar...hã, no Algarve.

DR – No Algarve. (pausa) Como é que foi o relacionamento com as pessoas quando veio para cá? Correu bem?

L – Foi bom, foi bom. Mas não, foi bom em certos sentidos.

DR – Sim.

L – Há certas pessoas que os...sei lá, uma vez eu ia caindo de elétrico.

DR – Ai é?

L – Eu ia descer, o homem arrancou... Começou a falar “Ai estes imigrantes”, mais não sei o quê, quase ia caindo. Como eu era nova lá consegui safar-me.

DR – Pois.

L – Tivesse hoje idade morria mesmo, caía no passeio. E outras coisas, faziam mal mesmo nos serviços.

DR – Hum.

L – Eu tinha o meu chefe que fazia tantas maldades! Meu Deus! Mandava fazer uma coisa, mandava ir para o arquivo, mandava ir abaixo trazer o livro de...de ponto, pra outros assinarem. Oh! Mas depois tudo foi mudando.

DR – Ainda bem. E fez alguma amizade cá, alguma amiga cá ou amigo?

L – Não. Assim amiga, amiga não. Só de pessoas que vieram de lá e estão cá.

DR – Sim. Ainda tem contato com essas pessoas?

L – Ainda hoje tive contato com uma rapariga que veio pra Angola também....de, de Goa. Ela telefonou-me a dizer que ia pra Goa, se eu não queria ir com ela. (sorriso) Eu disse que não, já tenho 91 anos, custa-me agora fazer grandes viagens. “Ah mas pela sua voz o que está de jovem ainda!”. Ah mas eu estou jovem na voz e na aparência, mas já estou velha por dentro. (risos) Chama-se Carol ela, muito boa amiga minha.

DR – Então e os seus colegas de trabalho, eles eram, vinham todos de Angola, eram quase todos portugueses?

L – Uns vinham de Angola, outros eram de cá.

DR – Sim.

L – Mas dávamo-nos bem. Eu como tinha um génio muito pacato, não me metia em nada, nem nas conversas, nem...porque não sabia, tínhamos de estudar como comportar com...com as colegas.

DR – E como foi o seu primeiro dia de trabalho, lembra-se?

L – Foi, mandaram-me pra o arquivo.

DR – Não, mas como é que foi, teve que vir daqui apanhar o...o barco não é?

L – Sim, daqui apanhar primeiro o autocarro.

DR – Sim.

L – E não tinha autocarro aqui no bairro, tinha que andar daqui pra Vila Chã.

DR – Vila Chã fica mais ou menos a quanto tempo de distância?

L – Como se fosse daqui para a Baixa da Banheira.

DR – Mas a pé é mais ou menos quanto tempo? Meia hora, menos...

L – Uns 20 minutos.

DR – 20 minutos?

L – Sim. Lá ia andando, um...um trilho, todo com pedras e pedregulhos, lá ia. Depois apanhava o autocarro.

DR – Sim.

L – Dali íamos para o barco. Também no barco não havia esta estação.

DR – Ah.

L – Os autocarros paravam longe! Ainda tínhamos de andar aquilo a correr para apanhar o barco. Apanhava o barco, saía do barco, ia a pé até o metro.

DR – Sim.

L – Dali apanhava o metro, ia a 5 de outubro. Descia lá, porque era na Miguel Bombarda onde eu trabalhava, nas Finanças.

DR – Então acordava...

L – Levava mais de uma hora para chegar, uma hora e meia assim.

DR – Pois, então acordava a que horas de manhã mais ou menos?

L – Eu acordava às seis e meia, sete.

DR – E chegava a que horas a casa?

L – Nove horas tinha que entrar no serviço. A casa chegava às oito...

DR – Hum, hum.

L – E quando houvesse, uma vez o barco parou no meio...e ficou subterrado na areia, ficamos ali quase onze horas da noite...depois veio outro barco, depois puseram uma prancha, pra gente passar de um barco para o outro.

DR – E naquela altura não existiam telemóveis pra avisar.

L – Nada! Ainda lembro, eu cheguei a casa, o Francisco, Liana e Alfredo, todos os três no sofá, sentadinhos, coitados, sentados à espera da mãe. (risos) Ai meu Deus, passámos...muitas coisas boas, muitas coisas más e olhe é assim a vida.

DR – Qual é a maior diferença que sentiu entre a vida que tinha dantes e a vida que teve depois em Portugal? (pausa) Sentiu assim alguma diferença grande?

L – Sim, em Goa era diferente, gostava daquele ambiente...

DR – Hum, hum.

L – ...daquelas amizades, daquela vida franca...a vida sem maldades, sem...sei lá, uma vida muito simples, sabes? Aqui já é diferente, é mais evoluído não é?

DR – E...gosta de viver neste bairro?

L – Gosto. Agora não gosto muito porque há muita...fazem muita confusão, mas é raro também.

DR – Hum, hum.

L – Mas gosto, as pessoas respeitam-me, porque eu...é mais seguro quando uma pessoa é respeitada no bairro.

DR – (pausa) Está tudo, obrigada.

L – Obrigada eu.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 6 - MATILDE

DR – Boa tarde sou aluna do 2º ano de mestrado do curso de Educação Social da Universidade do Algarve, e estou aqui com o propósito de recolher informação sobre a sua vida em Angola, a fim de praticar a entrevista no âmbito da dissertação. Então onde é que nasceu?

M – Nasci em Luanda.

DR – Com quem é que vivia?

M – Vivia com os meus pais.

DR – E como é que era o relacionamento com eles?

M – Era muito bom. Tinha lá a minha família toda da parte da minha mãe.

DR – E qual é que era a profissão dos seus pais?

M – A minha mãe não trabalhava, era doméstica e o meu pai era empregado bancário.

DR – Tinha irmãos?

M – Tenho um.

DR – Mais velho ou mais novo?

M – Mais velho, também nasceu lá. Aliás, a minha mãe foi para lá com seis anos...e depois foi ela mais dois irmãos já nascidos com os meus avós e depois nasceram lá o resto dos irmãos. Ao total eram oito.

DR – Como é que era a situação financeira da sua família?

M – Era boa. Éramos da classe média, mas vivíamos bem. A vida também era fácil.

DR – E lembra-se como é que era a sua rotina familiar?

M – Sim, era de trabalho. O meu pai ia para o trabalho, vinha a casa almoçar, e...nós íamos para a escola, depois pronto almoçávamos todos em casa, jantávamos em casa...os fins-de-semana íamos à praia...da parte da manhã, à tarde descansávamos. Era boa.

DR – Tinha amigos?

M – Tinha os amigos na escola, tinha os amigos na família, os meus primos, a vizinhança, brincávamos todos juntos, na rua...

DR – E quais é que eram as brincadeiras que costumavam fazer?

M – Ah aquelas brincadeiras da época. Brincar na rua, jogar às escondidas, à cabra cega...sei lá, agora não me lembro do nome das brincadeiras mas era aquela que era um dois três... madame... já não me lembro do nome. Como é que era?

DR – Macaquinho do chinês?

M – Macaquinho do chinês! Essas brincadeiras de Miança, a cabra cega e isso tudo. Eram as brincadeiras mais fáceis porque eram para tar mais à vontade nos quintais e o clima próprio também ajudava, a gente a brincarmos todos mais à vontade, em vez de estarmos enfiados dentro de casa.

DR – Qual foi o melhor momento da sua infância?

M – Ah, tive muitos bons momentos. Muitos, não sei dizer o melhor de todos, mas tive muitos bons momentos. Brincadeiras, que eu me lembre mais na casa da minha avó, porque nos juntávamos lá todos e ela tinha um quintal grande e juntava-se lá a família toda, os primos e os vizinhos, tudo. Depois o meu pai tinha...uma máquina de filmar e depois púnhamo-nos todos ali a ver os filmes do Bucha & Estica, aquilo era uma alegria enorme.

DR – E teve algum momento que assim pior na infância?

M – Hã, sei lá fazia traquinices levava no focinho, como se costuma dizer. Mas assim pior, pior não, graça a Deus nunca tive assim momentos maus mesmo. (pausa)

DR – A sua família tinha alguma religião?

M – Sim, somos católicos.

DR – E frequentava a catequese e a missa?

M – Frequentava na escola, a gente tinha aulas, e era costume depois durante as aulas vínhamos para a cave, tinha lá uma capelinha e ali era a nossa catequese. Rezávamos e pronto, era assim a nossa catequese. Era mesmo dentro das aulas dentro da escola.

DR – Hum, hum. E teve algum namorado durante a juventude?

M – Não.

DR – E como é que conheceu o seu marido?

M – O meu marido já conheci cá em Portugal.

DR – E como é que foi?

M – Foi...era amigo do meu irmão, vivíamos...morávamos no mesmo bairro...pronto, depois ele frequentava a casa. E foi assim que a gente se conheceu.

DR – E os seus filhos nasceram cá ou Port...em Portugal ou nasceram em Angola?

M – Em Portugal, então em vim de Angola tinha 11 anos.

DR – Hum, hum. E quando era pequena como é que era a sua casa lá em Angola?

M – A minha mãe tinha...os meus pais tinham sempre vivendas, morávamos em vivendas. Alugadas, mas eram vivendas. (pausa)

DR – E como é que era a cidade onde vivia?

M – A cidade era boa. Com tudo, uma boa cidade, tomara eu que agora tivesse assim, que eu ia lá outra vez.

DR – Quando disse que tinha tudo, tinha o quê a cidade?

M – Então era uma cidade. Tinha tudo, tinha...tudo, pronto, aeroporto, tinha porto, tinha transportes, tinha...supermercados, tinha escolas, tinha igrejas, tinha tudo pronto, tudo o que uma cidade tem.

DR – E era muito grande?

M – Luanda era muito grande. (pausa)

DR – E disse que costumava ir à casa da sua avó, era a casa preferida dos seus familiares que costumava ir?

M – Sim, porque nos juntávamos todos na minha avó, era raro nos...também nos juntávamos na família da parte do meu pai também, às vezes juntávamo-nos na casa da minha tia, da irmã do meu pai, mas mais era na casa da minha avó, porque era mais espaçosa e...não sei, a família toda juntava-se lá. Era perto da praia... e depois íamos à praia e depois as tardes era sempre lá. Ainda me lembro de ver o...as tardes eram passadas a brincar com os meus primos e os homens geralmente jogavam às cartas, as mulheres na conversa e pronto era assim a vida.

DR – Qual era o seu sítio preferido na cidade?

M – Ah, era sempre a casa da minha avó. Também o cinema, ela morava num bairro que tinha um cinema chamado “Lá no Clube”, na praia do Bispo, e íamos lá ao cinema.

DR – E mudou de casa durante a infância?

M – Mudei muitas vezes, mas nunca muito longe da casa da minha avó. Sempre ali dentro da cidade.

DR – Quando ia de férias com a sua família, qual era o meio de transporte que utilizavam?

M – Era o carro.

DR – E como é que era a praia onde costumavam ir?

M – Era boa, era a praia do Sal, uma boa praia. Também tínhamos a praia da ilha do Mossulo, que apanhávamos um barco, era muito bonita... (pausa)

DR – A sua casa ficava muito longe da sua escola naquela altura?

M – Não, até ia para a escola a pé e vinha.

DR – E em Angola até que ano andou na escola?

M – Andei até... agora chamam o...quinto ano. Frequentei o 5º ano mas depois com a guerra vim-me embora e ficou por fazer.

DR – Como é que era a vida em Angola nessa altura?

M – A vida era boa, mas depois começou a complicar com a guerra...

DR – Em que altura mais ou menos é que foi a guerra?

M – Foi em 1974. Sim, 74, começaram os conflitos.

DR – Sabia alguma coisa sobre o Estado Novo na altura?

M – Não. Era muito Miança.

DR – E na escola aprendiam sobre os impérios coloniais que existiam no século XX?

M – Sim, a gente dava muita coisa, tínhamos de saber coisas de Angola e de Portugal, aqui em Portugal só aprendiam as coisas de Portugal, nós lá tínhamos de aprender sobre Angola e sobre Portugal, tínhamos que saber os caminhos-de-ferro de Angola e de Portugal, tínhamos de saber os distritos de Angola e de Portugal, tínhamos de saber tudo...mas era tudo mais decorado, naquela de decorar, porque se não souberes apanhas reguadas...mais naquela de decorar, de obrigação.

DR – Então mas sabiam também sobre os outros países da Europa ou era mais sobre Portugal?

M – Já não me lembro... (pausa)

DR – Considera que a vida em Portugal é diferente da vida em Angola?

M – Naquela altura era. Nós, nós estávamos mais evoluídos que Portugal porque eu quando vim para cá fui dar matéria no 5º ano que eu já tinha dado na minha 4º classe. E sabia...fiz o 5º ano muito fácil e fiz logo, ainda estive um ano aqui sem estudar. E depois é que fui para a escola, ou seja já tinha passado dois anos e voltei a dar a matéria que tinha dado no meu 4º ano. 4º ano que era a 4º classe.

DR – E concorda com a atitude que Portugal teve em relação a Angola, naquela altura?

M – Acerca de quê?

DR – De...hã, da independência e da guerra colonial.

M – Sei lá, eu...não sei muito bem. (risos)

DR – E tem alguma opinião formada em relação à guerra colonial?

M – Não.

DR – Então e porquê que veio para Portugal com a sua família?

M – Vim porque os meus pais vieram-se embora porque estavam muitos conflitos, e pronto, tiveram medo e viemos embora... (pausa)

DR – E como é que voltou, de avião ou de barco?

M – Viemos de avião, houve família minha que veio de barco mas viemos de avião. Nas pontes aéreas que começaram a fazer para evacuar toda a gente, ainda dormimos uma noite no aeroporto...há espera da, de embarque. Depois lá viemos.

DR – Lembra-se de como foi a viagem?

M – A viagem propriamente não me lembro, mas lembro-me de dormir no aeroporto há espera de avião. (pausa)

DR – Lembra-se do dia em que chegou a Portugal?

M – Lembro-me mais ou menos, não me lembro propriamente, mas lembro-me depois que fomos para a casa de um tio da minha mãe que vivia cá em Portugal e nos deu abrigo.

DR – E quando voltou para Portugal, a família veio toda consigo ou ficou alguém?

M – Ficou o meu pai, ainda durante ainda...quatro meses, depois acabou por vir embora.

DR – O que esperava encontrar em Portugal?

M – Eu não sei, eu era muito Miança! Eu por exemplo vinha cá muitas vezes a Portugal e já conhecia muito bem Portugal e vivia cá muito tempo, às vezes passava aqui meses com familiares meus...

DR – E ao bocado estava-me a dizer que quando voltou para Portugal não voltou logo para a escola.

M – Não.

DR – Ainda ficou um ano parada.

M – Não vim logo porque depois...mudámos de casa e o meu pai não sabia onde era a escola, aquilo pronto era tudo uma grande confusão na altura, e então ele optou por eu ficar, pronto não soube, não sabia, as pessoas na altura...era muita confusão, muita coisa para resolver, muito assunto, uma vida toda de início e depois é que começou a ver os miúdos a virem, e depois perguntou “então mas vocês vêm daonde?” “Ah, vimos dali”. “Ah então mas ali existe uma escola?” “Há”. E pronto nesse ano eu não fui mas fui no outro ano a seguir.

DR – E quando voltou para a escola foi para o mesmo ano que estava em Angola ou teve que voltar atrás na escola?

M – Não fui para o mesmo ano, que tinha deixado lá...embora houve muita gente que se aproveitou, como havia perdas de papéis, e aquela grande confusão, dizerem que andavam lá em Angola anos mais avançados, mas nós nunca fizemos nada disso. O que era, era e pronto. E não me arrependo disso.

DR – E depois andou na escola até que ano?

M – Depois andei...até casar, andei, fiz o 9ºano. Ainda frequentei o 10º, 11º mas sem acabar, depois comecei a trabalhar. (pausa)

DR – E começou a trabalhar em quê e em que sítio?

M – Trabalhar num escritório em Lisboa. Morava no Barreiro, e trabalhava num escritório em Lisboa.

DR – E quando veio para Portugal lembra-se se os seus pais tiveram alguma ajuda do Estado?

M – Eu acho que não tiveram ajuda nenhuma.

DR – E quando vieram de lá conseguiram trazer alguma coisa com vocês?

M – Trouxemos as malas com a roupa, e pouco mais. A minha mãe conseguiu trazer um fogão, que a minha tia veio de barco, conseguiu...trazer o fogão e lembro-me de ela meter dentro do fogão os meus livros da Anita. (risos)

DR – Quem é que depois da sua família foi arranjar trabalho?

M – Foi arranjar trabalho como?

DR – Quando vieram cá para Portugal, né e ficaram no...

M – ...o meu pai arranjou trabalho.

DR – Sim.

M – Nas obras. Enquanto que estava há espera que chamassem para ir trabalhar... Também acho que foi só um ou dois meses que isso aconteceu. (pausa)

DR – E como é que foi o seu relacionamento com as pessoas quando veio para cá?

M – Oh, isso aí já foi pior. Quando fui para a escola depois chamavam-se “pula da mancueco”, chamavam “retornada, vai para a tua terra!” As pessoas não gostaram muito porque diziam que os retornados vinham roubar os empregos que eram deles, porque foi tudo a enchente de repente tudo, pois as pessoas tinham que arranjar trabalhos, eles não gostaram muito de nós. E depois uma vez na escola lembro-me que me disseram assim “Ah tu nem pareces que és retornada, és tão porreira!” (risos) Eram as mentalidades parvas mas pronto. Vá lá que depois começaram a gostar de mim.

DR – E lembra-se depois de, já cá em Portugal, como é que se chamava o seu primeiro amigo ou amiga, depois cá?

M – Lembro-me de colegas da escola, lembro-me de uma que se chamava Elisabete, lembro-me da Rita...

DR – Ainda mantém o contato com essas pessoas?

M – Não...

DR – E os seus amigos e colegas da escola vinham de Angola ou eram portugueses?

M – Alg...ali o pessoal que morava no bairro, onde moram os meus pais, eram quase todos vindos de Angola. Mas...na escola tinha muitos colegas que eram de cá, de Portugal. (pausa)

DR – Qual foi a maior diferença que sentiu entre a vida que tinha em Angola e a vida que tinha em Portugal?

M – Ah, nós passamos muita necessidade quando a gente voltou porque...não tínhamos nada! Os meus pais vieram praticamente com a roupa que tinham no corpo, então foi construir tudo da estaca zero. Então pronto, não tinham as coisas que tinham lá em Angola não tinham aqui, pois aqueles dois meses em que o meu pai não tinha trabalho também foi complicado. Lembro-me do meu primeiro aniversário não ter prendas, não ter bolo não ter nada. Quando fiz os meus 12 anos, era assim a vida. Mas o que eu senti mais, mais, quando a gente chegou principalmente no primeiro ano foi o frio. Não estávamos habituados ao frio, foi muito frio. A gente sentiu muito frio, a adaptação do calor para o frio foi muito difícil.

DR – E gostou de viver no bairro?

M – Hã, gostei, mas gostava de ter vivido noutra sítio, porque aquele bairro não tem nada, não tem umas lojas, agora há lá um centro comercial, mas aquilo não tinha nada, era um dormitório.

DR – Como é que era o bairro onde vocês foram...

M – ...era só casas, só casas. Não tinha lojas, não tinha nada. Umas barraquitas que se vendiam algumas coisas e pronto. Não tinha nada.

DR – E se pudesse voltar para Angola, voltava?

M – Se pudesse voltar para Angola como ela era antes, agora já não. Não acho que Angola esteja com capacidade de uma pessoa viver lá.

DR – Obrigada pela sua entrevista, é tudo.

M – Obrigada.